



HO LIVRO PRIMEIRO dos dez da historia do descobri-

mento & conquista da India pelos Portugueses. Agora emmédado & acrecentado. E nestes dez liuros se conté todas as milagrosas façanhas que os Portugueses fizeram em Ethiopia, Arabia, Persia, E nas Indias, dentro do Ganges & fora dele, & na China & nas Ilhas de Maluco, do tempo q̃ dom Vasco da Gama conde da Vidigueira & almirante do Mar Indico descobrio as Indias, ate a morte de dom Ioão de Castro que la foy gouernador & visorey. Em que se contem espaço de cinquenta annos,

¶ Priuilegio que ho muyto alto, & muyto poderoso Rey dó Ioão ho terceiro deste nome deu a Fernão lopez de Castanheda pera os liuros da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses.



V el Rey faço saber a quãto este meu Aluaravirẽ q Fernão lopez de castanheda, Bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me euiou dizer q ele tinha feytos dez liuros da historia da India, q começauão do descobrimẽto dela: dos qes tinha impressos à sua custa ho primeyro liuro, & queria imprimir os outros. E porq auia mais de vinte annos q andaua ocupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazenda me pedia q ouesse por bẽ, q pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros senão ele Fernão lopez, nẽ os vender, nẽ trazer de fora do reyno polo tempo, & sob as penas q me bem parecesse. E visto seu requerimento, & auẽdo respeyto ao trabalho q tem leuado em fazer os ditos liuros, & a despesa q nisso tẽ feyta, me praz q por tẽpo de dez annos q se começarão da feytura deste em adiante, pessoa algũa de qualqẽr qualidade que seja, não possa imprimir, nẽ mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, nẽ cada hũ deles: nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas q os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vèder, ou teuer e sua casa, ou trouuer imprimidos de fora do reyno, perder os volumes q lhe forem achados & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a outra metade pera quẽ os acusar. E este se imprimira no principio de cada hum dos ditos liuros. Pelo qual mado a todos os corregedores, iuyzes, & justiças, officiaes & pessoas de meu reynos & senhorios q a si ho cūprão & goardem, & fação inteiramente cūprir & goardar, porq a si ho ey por bẽ. E este me praz q valha, & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta e meu nome por mim assinada & passada por minha chãcelaria: posto q este não seja passado pola minha chãcelaria, sem eẽbargo das ordenações do segũdo liuro, q ho contraio dispõe. Ioão de seyxas ho fez e Almerim, a quatorze dias de Junho de. M. D. L I I, Manuel da costa ho fez escreuer,

Prologo no primeiro liuro dos

dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dō Ioão

nosso Senhor deste nome ho terceiro Rey de Portugal & dos

Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de

Guiné, Da conquista, nauegação & comer

cio de Ethiopia, Persia, Arabia,

& da India.

Per Fernão Lopez de Castanheda.



M grande obrigação somos homēs aos historiadores muito alto & muito poderoso Rey nosso Senhor, principalmente os principes pera quem parece que é especial se fez a historia, cousa tão proueitosa pera a vida humana q̃ insina o q̃ façamos & do q̃ auemos de fugir, o q̃ conuē muito mais aos principes q̃ aos outros homēs, porq̃ qualq̃r homē priuado q̃ faça hũ erro não he nada pois não dana mais q̃ a si mesmo, & hũ princepe se ho faz dana a todos os q̃ té debaixo de sua governança, porq̃ dela ser boa ou má depēde ho bem & mal de todos os de sua Republica. Pelo q̃ he muito necessario ser ho princepe mais virtuoso, mais sabedor & mais prudente que todos, & pera que aprenda estas cousas não té melhor preceitor q̃ a historia, porque que doutrina q̃ discrição q̃ prudēcia ha pera boa governança da Republica assi na paz como na guerra que a historia não insine com experiēcia de exemplos, que sam muito mais do que hũ homē pode ver em sua vida por mais comprida q̃ seja, & por isso todos esses principes famosos assi Barbaros como Gregos & Latinos forão tão dados a ler historias. E por a historia ser tão necessaria aos principes especial as de seus antecessores de q̃ muito melhor hão de tomar exemplo q̃ dos estrangeiros foy instituido q̃ nos reynos ouuesse cronistas que fiel & particularmente screuessem os feitos dos Reis assi na paz como na guerra & os costumes & qualidades que teuerão, pera que ficassem por regimēto de seus subcesores que vissem no q̃ os auião de seguir & do que se auião de goardar. No q̃ eles se deuião ocupar algũas oras do dia pois tão importa a sua boa governança, & sem duuida q̃ isso abastaua pera per si se conselharem melhor do que muitas vezes são conselhados, porque hi & nas historias acharão casos conformes aos em que se conselham, em que elas como pessoas desapassionadas dão mais verdadeiros cōselhos que os conselheiros, que muitas vezes errão como humanos. Do que verdadeiramente se pode colegir que a historia he muyto mais proueitosa & necessaria pera os principes que pera os homens priuados, & conhecendo eu estes seus proueitos, por servir a. V. Alteza tomei ho trabalho de fazer esta, do descobrimento & conquista da India que os Portugueses fizerão, assi por mandado do muito famoso & bem afortunado Rey dom Manuel vosso pay, como pelo de. V. A. & pera serem diuulgadas pelo mundo as notaveis façanhas que fizerão com ajuda de nosso Senhor neste descobrimento & conquista, de que não auia nhũ lembrança se não em quatro pessoas, com cuja morte se acabaria, & sendo scritas durarão pera sempre como as dos Gregos & Romãos que ho forão, a que estas dos Portugueses & as dos Barbaros tem grande & conhecida auantagem, porque as suas cōquistas forão todas per terra, assi como a de Semiramis, de Ciro, de Xerxes do grande Alexandre, de Iulio Cesar & doutros Barbaros, Gregos & Latinos & indo eles cō suas gentes. E a da India foy feita por mar & por vossos capitães, & cō nauegação dũ anno & doito meses & de seis ao menos: & não avista de terra senão afastados trezentas & seiscentas leguas partindo do fim do Occidente & nauegando a

te ho do Oriente sem verem mais que agoa & ceo, rodeando toda a Sphera, cousa nunca cometida dos mortais, nem imaginada pera se fazer. Com imensos trabalhos de fome, de sede, de doenças & de perigos de morte, com a furia & impeto dos vêtos, & passados estes se vem na India em outros despatosas & crueis baralhas com a mais feroz gente & mais sabedor na guerra & abastada das munições parela, qoutra nhũa Dastia. No que també inuictissimo Principe se conhece a muito grãde prosperidade del Rey vossô pay & vossa, que sem vos bolir de vossas casas descobristes & conquistastes per vossos capitães o quenhũs Principes poderão per si descobrir nem conquistar. E sintindo eu tamanha perda como fora perderse a memoria de feitos tão notauéis que os Portugueses fizeram, & pelas mais razões que digo me dispus a tamanho trabalho como leuey e afazer, pera o que me ajudou muito ir à India, onde fuy cõ Nuno da cunha em companhia do licenciado Lopo Fernandez de Castanheda meu pay, que por mandado de V. Alteza foy ho primeiro ouuidor da Cidade de Goa. Ea riqueza que lâ trabalhey por alcãçar, foy saber muyto particularmente o que ate aquele tempo fizeram os Portugueses no descobrimento & conquista da India, & isto não de pessoas quãeifquer, senão de Capitães & Fidalgos que ho sabião muyto bem por serem presentes nos conselhos das cousas & na execução delas, & per cartas & summarios que examiney cœstas testemunhas. E assi vij os lugares em q se fizeram as cousas que auia descreuer pera que fossem mais certas: porq muitos scritores fizeram grandes erros no que screuerão por não saber em os lugares de que screuião. E não somente fiz esta diligência na India, mas ainda despois em Portugal, por não achar nela quem me disesse tanta diuersidade de cousas & tão particularmente como queria saber. E alê de me todos affirmarẽ cõ juramento o q me disserão me derão licença pera os alegar por testemunhas. E estas pessoas com que faley em Portugal andey buscãdo per diuerlas partes, com muito trabalho de minha pessoa & gasto disso pouco que tinha: no que gastei vinte ãnos, que foy ho melhor tempo de minha idade, & nele fuy tão perseguido da fortuna & fiquy tão doête & pobre, que por não ter outro remedio com que me mantiuessẽ aceitei servir hũs officios na vniuersidade de Coimbra, onde no tempo que me ficaua desocupado do seruiço deles com assaz fadiga do corpo & do spirito acabey de compoer esta historia, que reparti em dez liuros que offrego a V. Alteza, aque Deos nosso Senhor despois de muytos & prosperos annos ficando em seu lugar ho Principe nosso Senhor, leue do senhorio da terra ao do ceo.

Ho primeiro liuro da historia do

descobrimento z conquista da Índia pelos Portugueses. Per mandado do inuictissimo Rey dom Manuel de Portugal de gloriosa memoria deste nome ho primeyro: em que se contem ho descobrimento da Índia per dom Vasco da Gama côde da Vidigueira z almirante do mar Indico. E a guerra que fizeram os Portugueses a el rey de Calicut no tempo que forão capitães môres Francisco dalbuquerque z Duarte pacheco.

Feyto per Fernão lopez de Castanheda.

Capitolo. i. De como el Rey dom João de Portugal ho segundo deste nome mandou descobrir a Índia per mar z despois por terra.



Antes que a Índia fosse descuberta pelos Portugueses, a mayor parte da especiaría, droga z pedraria dela se vazaua pelo mar roxo donde ya ter á cidade de Alexandria/ z ali a compra uão os Venezianos que a espalhauão pela Europa, de que ho reyno de Portugal auia seu quinhão, que os Venezianos leuauão a Lisboa em galés/ principalmente reynado nos reynos de Portugal el Rey dō João ho segundo deste nome: que como fosse de muyto altos pensamentos/ z deseioso da crecentar seus senhorios z em nobrecelos a seruiço de nosso seño/ determinou de proseguir ho descobrimento da costa dō Guiné que seus antecessores tinhão começado: porque por aquela costa lhe parecia q̃ descobriria ho senhorio do Preste João das Índias de que tinha fama: pera que por ali podesse entrar na Índia, donde per seus capitães podesse mandar leuar aquelas riquezas q̃ os Venezianos lhe yão vender. E coesta determina

ção mandou nouamente continuar este descobrimento per mar / per hū Bertolameu diaz que foy almorari fe dos almazẽs de Lisboa/ que mandou por capitão môra este descobrimento/ em que descobrio aq̃le muyto grande z espantoso cabo dos antigos não conhecido: que agora se chama Cabo de boa Esperança/ z passou auante cento z corêta legoas ate ho rio do Infante/ z da hi se tornou pera Portugal sem achar nouas do Preste João nem da Índia: z naquela viagem pos em certos lugares algũs padroẽs q̃ leuaua com cruces z as armas reaes de Portugal. E ho derradeyro foy ê hū ilheo perto da terra firme quinze legoas atras desterio do Infante / a q̃ pos nome ho ilheo da Cruz. E despois da partida deste Bertolameu diaz, como el Rey tinha muytos grãdes desejos de descobrir ho Preste João das Índias pera ho conhecer por amigo/ z por sua causa ter êtrada na Índia/ determinou de ho mandar descobrir por terra: por onde ja tinha mandado hū frey Antonio de Lisboa frade de sam Francisco z hū

leygo q̄ chegarão ate Jerusalê z da
li se tornarão por não saberê a lígoa
Arabica. E pera este descobrímêto
da terra escolheo hū criado seu que
auia nome Afonso de payua natu-
ral de Castelo branco / z outro cha-
mado Pero de couilhaã natural de
hūa villa deste nome: z a este disse em
segredo q̄ esperaua dele hū grande
seruiço / porq̄ sempre ho achara bõ
seruidor z leal, z muyto ditoso nos
seruiços q̄ lhe tinha feytos. E ho é
q̄ queria q̄ ho seruisse, era irê ele z
Afonso de payua descobrir z saber
do Preste João / z onde achauão a
canela z a especiaria q̄ ya da Índia
a Genezá por terra de mouros: ro-
gãdo lhe muyto q̄ lhe fizesse este ser-
uiço / q̄ ele disse q̄ faria / z forão am-
bos despachados em Santarê aos
sete dias de Mayo / de mil z. cccc
lxxxvij. perante el Rey dō Manuel
q̄ então era duq̄ de Beja: z deu lhes
el Rey hūa carta de marear q̄ fora ti-
rada de hū Mapamundi, pera que
possem nela os lugares do senho-
rio do Preste, z assi o caminho por
õde fossem. E pera sua despesa lhes
deu el Rey quatro cêtos cruzados
da arca das despesas da oita Dal-
meirim: z tomãdo deles o q̄ podessẽ
gastar / foy posto horelsto no banco
de Bertolameu florêtim, z assi lhes
deu el Rey hūa carta de crêça pera
serẽ socorridos em perigo ou necessi-
dadeẽ quacsquer reynos q̄ se achas-
sem, porq̄ em todos era el Rey co-
nhecido. E partidos Pero de coui-
lhaã z Afonso de payua de Santarê
chegarão a Barcelona e dia de cor-
po de Deos, dõde lheicãharão ho
cambo pera Napoles, a q̄ chegarão

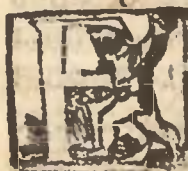
dia de sam João: z sendo lhes da do
seu caminho pelos filhos dō Lõmo
de medicis forão ter a Rhedes, em
cuja religião não aua ainda mais
de deus Portugueses / hū chama-
do frey Gonçalo z outro frey Fer-
nãdo com quẽ poufarão, z da hi pas-
sarão a Alexandria como mercado-
res, z dali se forão ao Cayro / z da
hi em companhia de meuros de fez
z de Tremecê em trajos de mouros
forão ter ao lugar do Tozo ao pé de
monte Sinay na costa Darabia no
mar roxo: dõde per mar se forão a
quaquẽna costa da beria, z despois
a Adê. E sabendo ja bẽ que aquelle
rey Chriştão q̄ el Rey dō João cuy-
daua q̄ era ho Preste João das In-
dias era senhor de Ethiópia, cõcer-
tarão q̄ lhe leuasse Afonso de payua
hūa carta del Rey dō João z se vis-
se coele E por ser a moução pera a
Índia de q̄ sabião a verdade õdesta
ua, q̄ fosse lá Pero de couilhaã / z q̄
a certo tempo se ajutassẽ an bos
no Cairo. E partidos cada hū pera
sua parte / Pero de couilhaã q̄ ya è
hūa nao de mouros: foy ter a Lana-
nor / z dahi a Calicut / q̄ vio q̄ era
naq̄le tempo a principal escala da co-
sta da Índia / z dahi foy ver a ilha
de Goa. z foy a çofala z á ilha que a
gora chamão de sam Lourêço q̄ os
mouros chamauão dalua, z despo-
is á Dormuz. E tornado ao Cairo
achou noua q̄ Afonso de payua era
morto: z querêdo se tornar pa Por-
tugal cõ tão boas nouas como leua-
ua / soube como hi andauão em sua
busca deus judeus Portugueses,
hū chamado Rabi habraão mora-
dor è Beja, z outro Joseph morador

em Zamego e capateiro / q̄ esteuera em Babilonia e soubera nouas da ilha Dormuz / e do seu trato dōde fora ter a Portugal algũs dias depois da partida de Pero de couilhaã e Alfonso de payua. E cōtōu isto a el Rey dom João, quelogo ho tornou a mandar cō cartas a Pero de couilhaã, e coele Rabi habrã por seu companheiro: e dizia nelas que se Pero de couilhaã tinha visto e sabido tudo aquilo a q̄ ho mādaua q̄ se tornasse a Portugal e q̄ lhe faria merce. E se não tinha tudo visto e sabido q̄ lhe escreuesse o que tinha feyto / e principalmente fosse ver ho Preste João. E alē desta carta requererão os dous judeus estreitamente a Pero de couilhaã da parte del rey dō João q̄ fosse ver ho Preste João, e mostrasse Dormuz a Rabi habrã. E logo Pero dō couilhaã escreueo a el Rey tudo o q̄ tinha sabido do Preste / e dōde era seu senorio, e assio q̄ vira da Índia e Dormuz: e a carregaçõ q̄ se fazia e Calicut despeciaria / Droga e pedraria: e q̄ Calicut e Cananor estauão e costa, e podia se nauegar pera lá pela sua costa e mar de Guiné, indo demandar çofala: dōde podião ir tomar a costa de Calicut. E mādada esta carta per Joseph, partio se cō Rabi habrã pera Adē, donde foy a Dormuz, e bi ho deixou pera se ir a Portugal cō outra tal carta sua pera el Rey dō João como leuara Joseph. E determinãdo dir á corte do Preste João, foy ver a cidade dō Judá no estreito de Beça: e Beça, e Almedina e mōte Sinay. E embarcado no Toio foy ate a cidade de Zeila

na costa da Abertia: e dahi tomou seu caminbo pera a corte do Preste João, q̄ becomo disse senhor da Ethiopia. E chegado á corte deu a carta del Rey dō João a Alexãdre q̄então senhoreaua a Ethiopia / q̄a recebeu cō muyto prazer por ser de rey Chriştão, e disse a Pero de couilhaã q̄ ho mandaria a sua terra cō muyta hōrra. E neste tēpo morreo Alexãdre e reynou Bahu seu irmão que não quis dar licença a Pero de couilhaã pera se ir, nē menos seu filho Dauit q̄ depois reynou, em cujo tempo lá foy dō Rodrigo dō lima por ebaixador, como direy no quinto liuro q̄ achou ainda Pero de couilhaã viu de quē se tudo isto soube. E se el Rey dō João ouue as cartas q̄ lhe Pero de couilhaã mādou pelos judeus eu ho não soube. E passados algũs meses depois da partida dō Pero de couilhaã, el Rey dom João falou cō hū frade daterara do Preste q̄ lhe foy mandado de Roma, de quē se enformou largamente do senorio do Preste, e per ele lhe escreueo. E tambe quasi neste tēpo chegou a Lisboa Bertolameu diáz do seu descobrimento: q̄ contou a el Rey ate dōde chegara e o q̄ vira. E determinando de prosseguir este descobrimento / pera o q̄ ordenou de mandar fazer dous nauos: e a madeira de q̄ se auião dō fazer foy mādada cortar per hū João de Bragãça moço do mōte q̄ foy vedor desta obra / e foy leuada a Lisboa no anno de mil e ccccxciiij. E querendo el Rey dom João mādar fazer os nauos, sobreueolhe a morte no anno de mil e quatrocentos e nouēta e cinco a

vinte e cinco Doutubro na vila Dal
uor / e succedeo lhe el Rey dom Ma-
nuel de glorioza memoria o primey-
ro deste nome: a que parece que a di-
uina prouidêcia tinha escolhido pe-
ra este descobrimento, com q a fé ca-
tholica foy tão exalçada / e a real ca-
sa de Portugal ganhou tãta fama
e honrra.

Capit. 11. De como Vasco da ga-
ma com outros capitães foy des-
cobrir a Índia.



Como quer que el Rey
dō Manuel assi como
sucdeo nos reynos a
el Rey dō João / assi tã
bêlhe sucdeo nos desejos q tinha
de descobrir a Índia: logo aos dous
annos de seu reynado entendeo no
seu descobrimento / pera q lhe apro-
ueitou muyto as instruções q lhe fi-
carão del Rey dō João / e seus regi-
mêtos pera esta navegação: e mã-
dou fazer dous navios da madeira
q el Rey dō João mandara cortar.
E hũ q era de cêto e vite toneladas
ouue nome sam Gabriel: e outro de
cento sam Rafael: e comprou pe-
ra ir coestes navios hũ carauela
de cinquenta toneladas a hũ piloto
chamado Sirriõ de q a carauela to-
mou bo nome. Estes tres navios
auia de mandar a este descobrimento
e cõ a capitania mór deles cometeo
hũ Paulo da gama caualeyro de
sua casa filho q fora Desteuão da ga-
ma alcaide mór da vila de Sinis no
campo donriq, em q tinha grande
confiança por ele ser pera isso. Do
q se ele escusou por hũa doença que

tinha com q não poderia sofrer os
trabalhos de capitão mór. pedindo
a el rey q fizesse merce daqle cargo a
hũ seu irmão mais moço chamado
Vasco da gama q bo saberia muy-
bêseruir / e q ele iria tambẽ na ar-
mada por capitão pera o acõselhar
e ajudar. Do q el Rey foy contente
por saber q era assi, e que era Vasco
da gama espremetado nas cousas
do mar em q tinha feyto muyto ser-
uiço a el Rey dom João: e q era ho-
mẽ de grandes espiritos: e muyto
proprio pera dar fim a este descobri-
mento / e assi lho disse quãdo lhe deu
este cargo / encomendãdolhe muyto
q satisfizesse ao credito q tinha nele,
porq se assi bo fizesse lhe faria por
isso muyto grandes merces, que
lhe logo começou de fazer de bũ
comêda / e de dinheiro pera o aper-
cebinẽto de sua viagẽ. E pera irem
coele despachou tambẽ a Paulo da
gama e a hũ Riculao coelho ambos
criados del Rey e homẽs pera qual-
quer grande feyto. E por quanto
nos navios da armada não podião
ir mantimẽtos q abastassem a gẽte
dela ate tres annos / cõprou el Rey
hũa nao a hũ Ayres correa de Lis-
boa q era de duzentos tonéis / pera
q fosse carregada de mantimẽtos ate
a agoada de sam Brãs, e ali se despe-
saria e a queymarião. Despachado
Vasco da gama em mõte mór bo no-
uo onde el Rey estava / partio se cõ
seus capitães pera Lisboa: õde fey-
ta sua armada embarcou se a gente
dela / q forão cento e veynta e oytos
pessoas: e Restelo, q sera hũa legoa
de Lisboa / hũ sabado oytos dias de
Julho do anno de mil e ccccxxv.

E ao embarcar sayrão todos e pro-
cissam de nossa senhora de Belê: que
he agora hũ mosteiro da ordẽ d sam
Wieronimo / e hião em pelote e ci-
rios acesos nas mãos, e os frades
rezando: e ya coeles a mayor parte
da gête de Lisboa, e a mais dela cho-
raua compiedade dos q se yão em-
barcar crêdo q auião todos de mor-
rer. Embarcados todos e Vasco
da gama cõ os outros capitães, lo-
go derão às velas e se partirão de
foz e fora. E Vasco da gama ya na
nao sam Gabriel / e leuaua por seu
piloto a hũ Pero Dalâquer q fora
piloto de Bertolameu diaz quãdo
foza descobrir ho rio do Yfante: e
Paulo da gama ya em sam Rafael,
e Miculao coelho na carauela ber-
rio: e hũ Gonçalo nunez criado de
Vasco da gama ya por capitão da
nao dos mantimêtos. E na sua cõ-
panhia ya Bertolameu diaz e hũa
carauela ate a ilha do cabo verde /
e dahi auia dir á mina. E Vasco da
gama mandou a todos q sendo calo
q se perdessem hũ dos outros que fi-
zesse seu caminho pera as ilhas do
cabo verde / e ali se ajuntarião. E se-
guindo sua viagẽ dali a oyto dias
ouue vista das Canarias. E indo
hũa noyte atraues do rio do ouro
foy de noyte a çarração tamanha e
a tormenta, q se perderão os navios
hũs dos outros, e assi apartados
seguirão a rota das ilhas do cabo
verde per espaço de oyto dias. E se-
do ja jutos Paulo da gama / Micu-
lao coelho, Bertolameu diaz, e Go-
ncalo nunez a hũa q rta feyza a tarde
toparão cõ Vasco da gama, e saluã-
do bo cõ muytos tiros d artelharía

e trôbetas lhe falarão. E ao outro
dia que forão .xxviii. de Julho che-
garão todos á ilha de Santiago: e
surgirão na praya de santa Maria,
onde fizerão agoada em sete dias, e
forão cõcertadas as vergas dos na-
uios do dãnõ q receberão na tormẽ-
ta passada / e hũa quinta feyza que
forão tres Agosto se partio Vas-
co da gama despedindose primeyro
de Bertolameu diaz: q dali se foy
caminho da mina. E Vasco da ga-
ma seguiu por sua nauegação indo
caminho do cabo d boa Esperança,
e cõ todas as naos de sua cõserua se
engolfou no mar, per õde nauegou
Agosto, Setembro, e Outubro cõ
muytas tormẽtas de vêtos, chunas
e çarrações com q se todos virão e
assaz de perigo, vendo a morte diã-
te muytas vezes. E sendo ja tempo
de Vasco da gama ir demãdar a ter-
ra, ido na volta dela hũ sabado qua-
tro dias de Novembro às noue ho-
ras foy vista, de q todos forão muy-
to ledos. E juntos os capitães sal-
uarão Vasco da gama vestidos to-
dos de festa / e os navios embãdei-
rados / e chegarão bẽ juto cõ terra
e porque a não conhecerão mãdou
Vasco da gama q tornassem a virar
na volta do mar / e forão nela ate a
terça feyza seguinte q virarão pera
terra ate q a virão / e forã ter a hũa
grande baya q por ter bõ pouso sur-
girão nela pera fazer e agoada, e po-
seran lhenome a angra de santa Ele-
na. E segundo os nossos despois a-
charão, os homens q morauão no fer-
tão da qlla angra: sam peqños de cor-
po, e feos de rosto, de coor baça, e
qndo falauão parecia q saluçauão:

seus vestidos sam de peles dalimarias, feytos como capas francezas. Trazê por armas bûas varas dazã buço tostadas, e nos cabos metidos bûs cornos dalimarias tostados, q̃ lhes seruê de ferros, e ferem coeles. Dantese esta gente de rayzes de uas, e de lobos marinhos, e baleas, de que aq̃la angra he muyto abastada, e assi de coruos marinhos e galuotas, e tambẽ comẽ gazelas, e rolas, e corouias, e outras alimarias e aues que ha na terra em que tambẽ ha cães como os d̃ Portugal. Surta a armada mãdou Vasco da gama rodear a âgra pera ver se se metia nela algũ rio dagoa doce e achando que não mãdou Alculao coelho no seu batel ao longo da costa pera diante que ho fosse buscar, e achou hũ dali a quatro legoas a q̃ pos nome Santiago, e dele se proueo a frota dagoa. Ao outro dia sayo Vasco da gama em terra cõ os outros capitães e algũa gente pera ver que gente era a que moraua naquella terra, e sepoderia saber quanto aueria dali ao cabo de boa Esperança, porque ho não sabia que se não affirmaua ho piloto mór na certeza do q̃ seria, porque quando foy com Bertolameu diaz não ouue visto do cabo se não tornando se pera Portugal, e da ida fora de largo, e por isso nã conhecia a terra. E com tudo faziãse trinta legoas do cabo ao mais. Assim q̃ desembarcado Vasco da gama, e andando pela terra tomarão os nossos hũ homem dos seus moradores, que andaua apañhando mel aos pés das montas, õde ho as abelhas fazião sem mais

cortiços. E coele se tornou Vasco da gama muyto ledo às naos cuidando que teria lingoã nele, mas não foy assi, que nenhũ dos lingoas que leuaua ho pode entender, e mãdou lhe dar de comer, e comeo, e bebo de tudo o que lhe derão. E vindo Vasco da gama que se não entendia, ao outro dia ho mandou poer em terra bem vestido, o que parece q̃ ele foy mostrar aos outros, por q̃ ao outro dia vierão obra de quinze onde estaua a nossa frota, e Vasco da gama lhes mostrou especiaria, ouro, e aliofar pera ver se teria aq̃la gente conhecimento dalgũa daquelas cousas. E na pouca conta que fizeram delas conheceo q̃ não tínhão nenhum, e etão lhes deu cascaueis, aneis de estanho, e ceitis, e coisto folgarão muyto. E dali por diante ate ho sabado seguinte vinhão muytos onde estaua a nossa frota, e recolhe dole a gente da terra pera suas pouações, hũ dos nossos chamado Fernão veloso, que desejava muyto de ver a sua maneyra de vida pediu licença a Vasco da gama pera ir em sua companhia: que lhe ele deu mais por importunação que por vôtade. E indo Fernão veloso com eles tomarão hũ lobo marinho, que logo assarão ao pee de hũa serra, e ho cearão todos. E segundo despois pareceo a gente da terra tinha ordenada treycão aos nossos, porque aq̃la com que Fernão veloso ceou, tanto que teue acabado de cear ho fez tornar pera a nossa frota q̃ estaua perto. E despois de partido forã a pos ele de vagar, e quando Fernão veloso chegou a borda dagoa estauão

os nossos ceado, e ouuindo ho **Uasco** da gama bradar / e vêdo a gente da terra que ho seguia / pareceolhe quelhe queria fazer mal, deixou de cear e cõ os d'sua nao se mereo logo no batel e foy se a terra, e ho mesmo fizerã os outros capitães, e todos yão desarmados parecêdolhes que os negros não farião o que fizerão: e eles em aparecendo os nossos batéis deitarão a correr com grande grita, e assi sayrão outros que estavam escondidos no mato. E em os nossos desembarcando derão sobre les tirandolhes cõ suas azagayas: de maneyra que aos nossos lbe foy forçado tornar se a embarcar com muyta pressa, recolhendo todavia farnaveloso. E vêdo os os negros embarcados tornar anse, mas **Uasco** da gama foy ferido e assi tres ho mēs. E ainda que os nossos ali estiverão despois quatro dias não tornarão mais os negros: e por isso não se pode **Uasco** da gama vigar d'les.

Capit. liij. De como Uasco da gama dobrou ho cabo de boa Esperança, e do quelhe aconteceu ate passar ho rio do Iffante.



Esta agoada e carnajem, partiose **Uasco** da gama bũa quinta feyza pela menhaã que forão dezaseys de Houembro e fez seu caminho na volta do mar com sul susueste. E ao sabado a tarde ouue vista do cabo de boa Esperança / e por lbe ser ho vento contrayzo que era susueste / e o cabo jaz nordeste sudueste tornou

a virar na volta do mar em quanto durou ho dia / e de noyte na volta da terra: e ho mesmo lbe aconteceu ate a quarta feyza seguinte q forão vinte de Houembro, em q dobrou este cabo / indo ao longo da costa cõ vêto a popa / com muyto prazer de folias e tanger de trombetas em toda a frota, porque todos esperauão em nossosenhos de acharem o q buscão. E indo assi ao logo da terra vião andar nela muyto gado grosso e meudo, e todo muyto grande e gordo: e não parecã nenhũas pouoações, porque por esta terra não as ha ao longo do mar / se não metidas pelo sertão, e sam tudo casas d'terra e palhaças, e a gente he baça: e vestele como a da angra de sancta Elena / e assi falão e da mesma maneyra usam azagayas, e tem mais outras armas. A terra he muyto viçosa dar uoredos e dagoas, e junto com este cabo da banda do sul se faz hũa angra muyto grande que entra pela terra bem seys legoas. e na bocatera bê outras tantas. Do brado ho cabo de boa Esperança / logo ao domingo seguinte que foy dia d'santa Catherina chegou **Uasco** da gama a agoada de sam Bras / que he sessenta legoas auante do cabo. He bũa baya muyto grande a brigada de todos os ventos somete do norte: a gente he baça e cobreie com peles / peleião com azagayas de paos tostados / e cornos e ossos dalimarias por ferros e cõ pedras. A terra ha muytos alifâtes e muy grandes / e assi boys que sam muyto mansos e gordos em estremo / e sam capados / e deles nã tẽ cornos.

// E dos mais gordos se seruê os negros pera andar neles, e trazênos albardados cō albardas castelhanas de tabua e sobrelas hũs paos q̃ fazê feyção dādilhas e nelas adão. E aos q̃ querê resgatar metêlhe hũ pao destuca pelas vêtas. Nesta angra está em mar tres tiros de bēsta hũ ilheo em q̃ ha muytos lobos marinhos / e deles sam tamanhos como vños muyto grandes / e sam muyto temerosos e tē grandes dentes / e sam tão brauos q̃ se vão aos homens; e tē a peletã dura q̃ nenbũa lãça os pōde passar por grãde força q̃ leue, testes dā burros como liões e os peq̃nos berrã como cabritos: e sam tãtos q̃ indo os nossos folgar hũ dia a este ilheo virã obra de tres mil atre grãdes e peq̃nos. Ha tãbē hũas aues a q̃ chamão sotilicayros q̃ sam tamanhas como patos e não voão porq̃ não tē penas nas alas e azurrão como asnos. Surto Alasco da gama nesta angra, fez despejar a nao dos mantimētos nas outras naos e mandouha queimar como leuaua por regimēto. Enisto e em outras cousas se detue aqui treze dias. E logo a festa feyza seguite despois q̃ a armada chegou / estãdo os nossos nos nãulos aparecerã obra de noueta homens hũs ao logo da praia / outros pelos oyteiros. E vêdo os Alasco da gama se foy a terra cō os outros capitães / e toda a gēte e a armada / e os bateys com tiros d'artelharía, porq̃ lhes nã acōtecesse como na angra de santa Elena: e chegados os bateis jũto cō terra / lançaua Alasco da gama nela cascaueis, e os negros os tomãdo / e

lheyão tomar da mão outros q̃ lhebãdo: do q̃ se ele espantaua por saber d' Bertolameu diaz q̃ quãdo all esteuera fugião dele. E vêdo a mansidão dos negros sayo em terra cō os seus, e fez cories relgate de barretes vermelhos por manilhas de marfim. E logo ao sabado vierã obra de duzentos negros antre homens e moços que trouuerã doze boys e quatro carneyros: e como os nossos forã a terra comegarã eles de tãger q̃tro frantas acordadas a q̃tro vozes da musica, q̃ pera negros cōcertauão bē o q̃ ouuindo Alasco da gama, mãdou tanger as trôbetas e ballaua cō os nossos. E nesta festa e no resgate dos boys e carneyros se gastou aq̃le dia: e ho mesmo fizerã ao domingo em que veomuyto mais gēte q̃ dantes / assí homens como molheres, e trounerã muyto gado vacũ / e tẽdo resgato hũ boy virã os nossos algũs negros peq̃nos q̃ estauão escondidos no mato e tĩhãas armas aos grãdes, q̃ parecendo treição mãdou Alasco da gama recolher os nossos e foyse a outro lugar mais seguro q̃ aq̃le / e os negros forã ate lá emparelhados coeles: e ali desembarcou Alasco da gama cō os nossos q̃ yão armados. E os negros se começãrã logo dajutar como pera pelejar: o q̃ entẽdendo Alasco da gama porq̃ lhes nã q̃ria fazer mal se tornou a ebarcar, e por os espatar lhes mãdou tirar cō dous berços, e eles fugirã tão desacordados q̃ deixãrã as armas: despois disto mãdou meter em terra hũ padrão cō as armas de Portugal e hũa cruz, que

os negros tornarão a derribar esta do ainda ali os nossos. Passados estes dias q Vasco da gama aqui esteve / partiose caminbo do rio do Ifante hũa festa feyza oyto dias de Dezembro, q foy dia de .A. S. da conceição. E indo por sua viagẽ dia de santa Luzia lhe deu hũa grãde tormenta de vëto a popa com q coireo a frota todo o dia cõ os traqtes muyto baixos. E nesta rota se pdeo Alculao coelho da conserua / e na noyte seguinte tornou a ajutar. Passada esta bozriscada aos .xvi. de Dezembro / ouue Vasco da gama vista õ terra õde se chamão os ilheos cbãos / q estão .lx. legoas da angra de sam Bras / e cinco alem do ilheo da Cruz / õde Bertolameu diaz pos ho derradeyro padrãõ, e dele ao rio do Ifante auia .xv. legoas / e a terra era muyto graciosa / e bẽ assombrada. e auia nela muyto gado, e de cada vez era melhor, e õ mais altos aruozedos, e yão os nossos tão perto dela q tudo isto vião. E ao sabado passará a vista do ilheo da Cruz e por serẽ tanto auãte como ho rio do Ifante estuerão á corda a noyte seguinte, por q ho nã escorressem. E ao domingo forão perlõgando a costa cõ vëto a popa ate oras de vespera / q lbes saltou ho vëto ao leuante q era pelo olho / e por isso se fizerã na volta do mar, e andarã assi payrãdo hũa volta ao mar / outra a terra ate a terça feyza q forão .xx. de dezembro, q ao sol posto lbes tornou ponẽte q era a popa. E pa reconhecere a terra estuerã a q la noyte á corda / e ao outro dia ás dez horas chegarão ao ilheo da Cruz / q era sessenta legoas a rẽ do q se fazião, e disto fo

rão causa as grãdes corrêtes q aliba. E neste mesmo dia tornou a frota a passar a mesma carreira q tinha passada leuãdo muyto vëto a popa q lbe durou tres ou qtro dias com q rõpeo as corrêtes q auiaõ grãde medo de nã poderẽ passar e assi yã todos muyto alegres por passarem donde Bertolameu diaz tinha chegado, e Vasco da gama os esforçaua / dizẽdo q assi quereria Deos q achassem a India.

Cap. liij. Decomo Vasco da gama chegou a terra da boa gẽte, e depois foy ter ao rio dos bõs finaes.



Prosseguindo por sua rota / achou dia de Natal q tinha descoberto por costa setẽta legoas êleste, q era ho rumo a q leuaua em regimẽto q a India jazia / e daqui andou tãto pelo mar sêtomar terra q lbes falecia a agoa pera beber, e fazia se de comer cõ agoa salgada. E sêdo ja a regra da agoa no mais q a qrttilho por dia, hũa quinta feyza dez dias de Janeiro do año de mil ccccxcviii. foy nos bateis ao longo da terra pa auer vista dela. E adãdo assi virão muytos negros ãtre ho mës e molheres e todos de grãdes corpos q andauã ao lõgo da praya. E vëdo Vasco da gama q mostrauã ser gẽte mãsa mãdou sair e terra hũ dos nossos chamado Martim afonso q sabia muytas ligoas de negros e coele outro homẽ / e forão ambos bem agasalhados da q la gẽte / e assi do senhor dela que ali andaua: a que Vasco da gama mandou hũa saqueta, calças e carapuças vermelhas / e hũa manilha de cobre com que fol

gou muyto: e disse que daria da sua terra q̃nto Vasco da gama quisesse. Cõ cuja licença Bartim afonso por que entendia a lingua / foy aq̃la noyte á pouoação deste senhor acompa nhando ho: e ele ya arrayado com a jaqueta, calças e carapuça: o que mostrava a muytos dos seus q̃ ho sayrão a receber / e eles batião as palmas por cortesia: e isto por tres ou quatro vezes. E assi andou pola pouoação de casa em casa mostrando aquelas peças cõ grande prazer, e por derradeyro mandou agasalhar os Portugueses muyto bem, e deu // lhes hũa galinha pera cearem e papas de milho. E despois d̃ cea muytos do lugar os forão ver como a cousa noua. E ao outro dia mādou com os Portugueses muytas galinhas a Vasco da gama, mādādolhe dizer que ya mostrar as peças que lhe dera ao senhor daquela terra, cujo vassallo era. Aqui se detene Vasco da gama cinco dias: e a terra era muyto pouoada de gente / e a mais dela molheres / e os homẽs trazião arcos compridos / e frechas / e azagayas com os ferros de ferro, e punhais com goarnições de stanbo e os baínhas de marfim, e nos braços e pernas manilhas de cobre, de que trazião pedaços depẽdurados nos cabelos: pelo que parecia auer ali abastança de cobre e de stanbo. Prezava esta gente tanto ho pano de linho que dauão por hũa camisa muyto cobre: e por esta gẽte ser muyto domestica com os Portugueses e lhes fazer agoada lhe foy posto no meo agoada da boa gente, e a hũ rio onde fez agoada ho rio do co

bac. E partio-se daqui aos quinze de Janeiro, e nauegou ao longo da costa ate os vinte quatro que surgiu na boca dũ rio muyto largo. Entrado neste rio pera saber nouas da India achou que de cada vez era mais cuberto de basto aruoredo. E indo assi, ex que apparece certas almadias pelo rio abaixo carregadas de gente negra, e tudo homens de bõs corpos sem outra cobertura mais de hũs panos de algodão cingidos. E chegados aos nauios entrãoneles s̃ medo como q̃ conbecião os Portugueses, porẽ não falauão le não por acenos, por não entenderem nenhũ dos lingoas que Vasco da gama leuaua: que lhes fez bõ galbado, dandolhes cascaueis / manilhas e outras cousas com q̃ mostrauão folgar. E estes idos derão tão boa noua da conuersação dos Portugueses que ya muyta gente velos, assi por mar como por terra de que os nauios estauão perto. E auendo tres dias que estauão neste rio / forão dous negros ver Vasco da gama, q̃ no aparato que leuauão parecião ser senhores: e os panos q̃ cingião erão mayores q̃ os dos outros e hũ d̃les leuaua na cabeça hũa touca cõ hũs vinhos de seda, e o outro hũa carapuça de ceti verde. De q̃ Vasco da gama ficou muyto ledo vêdo q̃ aq̃les vsauão algũa policia / e agasalhou os muyto bẽ, e mādou lhes dar de comer / e deulhes de vestir, e outras cousas: mas eles parecia q̃ não estimauão cousa algũa: e hũ pedaço q̃ estauerão na capitaina. Disse hũ dos negros q̃ yão coeles per acenos a Vasco da gama que

em sua terra / que era dali lōge vira
 nauios grandes como os nossos,
 com q̃ se acrecentou muyto bo pra-
 zer de Vasco da gama z de todos /
 parecendolhes q̃ se chegauão á In-
 dia: z muyto mais lho pareceo / por
 q̃ despois q̃ se estes dous senhores
 fo:ão pera terra mandauão resga-
 tar á frota būs panos dalgodão q̃
 tinbão hūs marcas dalmagra. E
 por estas nouas que Vasco da ga-
 ma achou neste rio lhe pos nome ho-
 rio dos bōs finaes: z mādou meter
 em terra hū padrão a q̃ pos nome
 sam rrafael, porque se chamaua assi
 bonauio q̃ houleuaua. E parecēdo-
 lhe a ele por todos estes finaes que
 digo que ainda a India estaua dali
 longe / ouue por bem com conselho
 dos outros capitães que tirassem
 os nauios a monte, o que foy feyto
 em trinta z dous dias / z os concer-
 tarão muyto bē: z neste tempo pas-
 sarão os nossos assaz de trabalho
 com hūa doença que lhes sobreueo,
 (parece que do ar daquela região)
 que a maytos lhes inchauão as m̃-
 os, z as pernas z os pees. E coisto
 lhes crecião tão as genginas sobre
 os dentes que não podião comer z
 apodreciālhe, de maneyra que não
 auia quem soportasse bo fedor da
 boca / z coestes males padecião do-
 res muy grādes / z morrerā algũs:
 o que pos a gente em grāde deima-
 yo. E em muyto mayor a posera se
 não fora por Paulo da gama q̃ era
 de tão boa condição que de noyte z
 de dia visitaua todos / z os consola-
 ua z curaua / z repartia coeles muy
 largamente dessas cousas de doen-
 ças que leuaua pera sua pessoa.

Capit. v. De como Vasco da ga-
 ma cō toda a frota foy ter aa ilha
 de Moçambique.



Concertadas as naos de
 todo o necessario Vasco
 da gama tornou a seu des-
 cobrimēto: z partiose hū
 sabado vinte q̃tro de Feuereyro, z a
 quele dia foy na volta do mar: z assi
 a noyte seguinte por se afastar da co-
 sta que toda era muy graciosa / z ao
 domingo a horas de vespera apare-
 cerão tres ilhas ao mar, z todas pe-
 quenas, z aueria d̃ hūa a outra qua-
 tro legoas z em duas auia grandes
 aruozedos / z a outra era calua: z
 Vasco da gama não quis que as to-
 massem, por não auer d̃isso necessi-
 dade / z foy sena volta do mar, z co-
 mo foy noyte payrou, z assi bo fez
 seys dias. E hūa quinta feyr a tar-
 de que foy ho primeyro de Março
 vio quatro ilhas / duas perto da co-
 sta z duas ao mar / z por não ir de
 noyte dar nelas se fez na volta do
 mar, porque determinaua de ir por
 antrelas, como foy / mandando diã
 te Miculao coelho, por ser ho seu na-
 uio mais pequeno que os outros: z
 ido ele a festa feyr a por dētro de hūa
 angra q̃ se fazia antre a terra z hūa
 das ilhas, errou ho canal / z achou
 baixo / o q̃ foy causa de virar atras
 pera os outros nauios que yão a-
 pos ele / z em virando vio que sayão
 daquela ilha sete ou oyto barcos á
 vela, z aueria deles ao nauio de Mi-
 culao coelho hūa grāde legoa: z os
 nossos que yão cō Miculao coelho
 derão hūa grāde grita cō prazer de
 ver aq̃les barcos, z forā saluar Vas-
 co da gama dizēdo Miculao coelho.

Que vos parece senhor ja esta beoutra gente. E ele lhe respondeo muyto ledo, que se deixassem ir na volta do mar, pera que podessem aferrar aquela ilha donde sayrao os barcos, e que surgiria ali pera saberẽ que terra era/ou se achariao entre a quella gente novas da India. E com tudo os barcos os seguião sempre capeando lhez a gẽte deles q os esperassem. E nisto surgio Vasco da gama com os outros capitães: e tãto que forão surtos chegarão os barcos a eles: e quãto mais se chegauã soauão neles atabales como q bião de festa. A gente q vinha dentro erã homens baços e de bõs corpos, vestidos de panos dalgodão listrados e de muytas cores/hũs cingidos ate ho giolho, e outros sobraçados como capas: e nas cabeças fotas cõ viuos de seda laurados de fio dourado, e trazião terçados mouriscos e adagas. Estes homens como chegarão aos uauios entrarã dẽtro muy seguramẽte como q conhecerão os Portugueses/ e assi cõuersarão logo coeles, e falauão arauia: no q se conheceo q erão mouros. Vasco da gama lhez mandou logo dar de comer: e eles comerão e beberã: e perguntados per bũ Fernão martinz q sabia arauia/que terra era aq̃la: disserão que era hũa ilha do senhorio dũ grãderey q estava a diãte: e chamauase a ilha *Mocãbi* que pouoadade de mercatores q tratauã com mouros da India, que lhe trazião prata/panos/crauo, pimenta/genibre, aney de prata, com muytas perlas, aliofar/ e rubis. E q doutra terra q ficaua a tras lhez trazião ou

ro: e q se ele quisesse entrar pera dentro do porto q eles ho meterião, e lá veria mais largamente o q lhez dezião. Ouuido isto por Vasco da gama/ouue conselho cõ os outros capitães q seria bõ que entrassem: assi pera verẽ se era verdade o q aqueles mouros dizião/ como pera tomarẽ pilotos q os guiassem dali por diante/ pois os não tinbão: e q Miculao coelho fosse sondar a barra: e assi se fez. E indo ele pera êtrar foy dar na ponta da ilha, e quebrou ho leme: e quis nosso seõor q assi como deu na ponta, assi tornou a sair pera o alto e não perigou: e achando que a bar era boa pa entrar foy surgir dous tiros de besta da pouoação da ilha: que como digo se chama *Mocãbi* e esta em quinze graos da banda do sul, e tem muy bõ porto: e he abastada dos mantimẽtos da terra. A pouoação he de casas palhaças/ pouoadade de mouros, que tratauã dali pera çofala em grandes naos/ e sem cuberta nẽ pregadura, cosidas cõ capro: e as velas erão desteiras d palma: e algũas trazião agulhas genuiscas, porque se região por quadrãtes e cartas de marear. Coestes mouros vinhão tratar mouros da India e do mar roxo, por amor do ouro q ali achauão. E quando eles virão os nossos cuydarão que erã tarcos por a notícia que tinbão de Turquia pelos mouros do mar roxo: e aqueles que forão primeiro a nossa frota ho forão dizer ao çoltão, que assi chamauão ao gouernador do lugar, que ho gouernaua por el rey de Quiloa/ de cujo senhorio era esta ilha.

Capitolo. vi. De como ho çoltão de Moçambique fez paz cō Alasco da gama cuidando que fosse Turco.

Sabido pelo çoltã a vida dos nossos: e como Miculao coelho estava surto no porto/ crêdo q fossem turcos ou mouros doutra parte/ ho foy logo ver ao nauio acõpanhado de muyta gente / e ele ataviado de panos de seda. E Miculao coelho ho recebeo cõ grãde hõrra: e como não aua lingua por cujo meo se podessem falar/ não fez ho çoltão muyta detença no nauio. Porẽ bem entẽdo Miculao coelho que cuidaua ele q os nossos erã mouros, e deu-lhe hũ capuz vermelho de q ho çoltão não fez muyta cõta / e ele deu a Miculao coelho hũas cõtas pretas q leuaua na mão: e isto por seguro. E quando se ouue de ir pedir-lhe ho seu batel pera ir nele: e ele lho deu/ e mandou coele algũs dos nossos q ho çoltão leuou a sua casa, e os cõuidou cõ tamaras e outras coufas / e mãdou a Miculao coelho hũa jarra de tamaras em conserua/ com q despois cõuidou Alasco da gama, e seu irmão, a quẽ ho çoltão mãdou logo visitar crêdo q fossem turcos / e lhe mandou muyto refresco / e pedir licença pera ho ir ver. E Alasco da gama lhe mandou hũ presente de chapões, marlotas vermelhas / cora-ys / bacias de latão, cascanets e outras coufas muytas, q segũdo disse o quelhas leuou não teue em conta dizẽdo/ que pera q era aquilo boõ, que porqẽ benão mandaua ezcarlata/ que isso era o q queria. E cõ tudo

foy ver Alasco da gama, que sabẽdo que ele auia de ir / mandou embãdeirar e toldar a frota e escõder os doentes q leuaua, e passar á sua nao todos os sãos: e todos armados secretamente pera estarẽ prestes se os mouros quisessem fazer algũa treição. Estando assi chegou ho çoltão acõpanhado de muyta gente e toda bẽ ataviada de panos de seda: e tangtãlhe muytas trõbetas de marfim e assi outros instrumẽtos. Ele era homẽ de bõ corpo e magro/ leuaua vestida hũa cabaya de pano dalgodão branco, que he hũa roupa apertada no corpo: e cõprida ate ho artelho: e em cima desta outra d veludo de Becas: e na cabeça hũa fota de seda de veludo d muytas cores e douro/ e cingido hũ terçado rico e hũa adaga: e nos pes hũas alparcas de seda. Alasco da gama ho recebeo ao portalõ da nao/ e dali ho leuou para tolda: onde se lhe desculpou de lho não mandar ezcarlata/ porqẽ a não trazia: se não coufas q desse por mãtimentos quando deles teuesse necessidade. E disse-lhe q ya descobriu a Índia por mandado de hũ grãde rey/ cujo vassallo era. E isto lhe dizia pelo lingua Fernão martinz: e a pos isto lhe mandou dar muy bẽ de comer dessas conseruas q leuaua: e do vinho: e ele comeo e bebeo de boa võtade: e assi os q hã coele/ q todos forão cõuidados: e mostrauão grãde amor aos nossos. Ho çoltão perguntou a Alasco da gama se vinha de Turquia/ porqẽ ouuira dizer q erão brãcos assi como os nossos / e dizialhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra / e os liuros

de sua ley. Ele lhe disse q̃ não era de Turquia senão dū grande reyno q̃ confinava coela: e q̃ os seus arcos e armas lhe mostraria, e os liuros de sua ley não os trazia / porq̃ no mar não tinhão necessidade deles, e mostrou lhe algũas bēstas com q̃ mandou tirar. De q̃ ho çoltão ficou espantado, e assi dalguas couraças q̃ lhe forão mostradas. E nesta vista soube Vasco da gama q̃ dali a Calicut auia noue cētas legoas, e q̃ lhe era necessario piloto da terra: porq̃ auia dachar muytos baixos, e q̃ ao lōgo da costa auia muytas cidades. E mais soube q̃ ho Preste João estava dali lōge pelo sertão: e sabēdo q̃ tinha necessidade de piloto pedio ao çoltão q̃ lhe desse dous / porq̃ se hū morresse ficasse outro: e ele lhos prometeo / cō condiçāo q̃ os contētaffe. E outra vez q̃ ho çoltão ho tornou a ver lhe leuou os dous pilotos q̃ lhe prometeo, e ele deu a cada hū trita miticaes, q̃ he hū peso douro q̃ na terra serue por moeda, e pesa vinte hū vintēs: e marlotas. E isto cō condiçāo q̃ daq̃lle dia por dia te auião de star coele na nao / e quando quisessem ir a terra sempre ficasse hū na nao / porq̃ auia aida ō fazer algũa detença naquele porto.

Capit. viij. De como o çoltão de Moçambique quis fazer treição a Vasco da gama: e do que succedeo sobrisso.



Eyto este concerto: auendo muyta communicaçāo antre os nossos e os mouros vierão eles a enten-

der que os nossos erāo Chriſtãos / pelo qual toda a amizade que tinhão coeles se lhe tornou em odio e desejo de os matarem / e de lhes tomarem as naos. E isto concertaua ho çoltão de fazer / o q̃ quis nosso senhor que hum dos pilotos mouros descobrio a Vasco da gama sendo ho outro em terra. Sabendo ele isto / e receandose q̃ ho possessem os mouros em afronta por serē muytos e eleter pouca gēte, não se quis mais deter / e partioſe logo hū sabado dez de Março / auēdo se tedias que chegara. E partido foy surgir cō toda a frota junto cō hūa ilha q̃ estava em mar hūa legoa da de Moçambique. E isto pera q̃ ao domingo se dissesse missa em terra, e se confessassem e comūgassem os nossos / porq̃ despois q̃ partirā de Lisboa nūca o mais fizerão. E despois desurta a frota / vēdo Vasco da gama q̃ a tinha segura delha não quei marē os mouros / q̃ era o q̃ tambem receaua: determinou de tornar a Moçambi q̃ nos bateys a pedir ho piloto mouro q̃ lhe ficaua em terra: e deixando na frota seu irmão com recado pera lhe acodir se disſo teuesse necessidade, partioſe leuādo Alcolao coelho no seu batel / e leuaua tãbē ho outro piloto mouro. E indo assi vio vir cōtreleſeys barcos com muytos mouros armados darcos, frechas muyto cōpidas, e escudos e lâças / q̃ como virão os nossos, começaram delhes capear q̃ se tornasse pera ho porto da vila. E ho piloto mouro dizia a Vasco da gama q̃ querião dizer os acenos q̃ os mouros fazião / e conselhaua lhe q̃ se tor-

nasse: porq̃ doutra maneyra nã lhe auia ho çoltão de var ho piloto que ficaua e terra: do q̃ ele ouue grande menêcoria, parecêdo-lhe q̃ ho piloto lhe acôselhaua aquilo pa lhe fugir/ e porisso ho mandou logo prêdar: e mādou tirar cō as bōbardas q̃ hão nos batris aos daa barcas. E ouu do paulo da gama as bōbardas na frota/ cuy dādo q̃ fosse outra coisa acodio logo no nauio berrio em q̃ se fez á vela: e vêdo os mouros vir/ como ja dātes fugiāo fugirāo muyto mais/ e acolherāse a terra: e nã os podêdo Alasco da gama alcāçar tornouse cō seu irmão onde as naos estauāo furtas: e ao outro dia sayo cō a gēte em terra e ouuio missa: e to dos comulgarāo cō muyta deuacā estādo cōfessados da noite passada. E feito isto se embarcarāo e partirā no mesmo dia: porq̃ Alasco da gama desesperou de poder auer ho piloto q̃ lhe ficaua em Moçābique/ e mandou soltar o outro q̃ leuaua, q̃ parece q̃ por se vingar dele, determinou de ho leuar á ilha de Quiloa q̃ era d̃ mouros/ e dizer ao rey dela como a quella frota era de christãos/ pera q̃ os matasse todos: e disse a Alasco da gama q̃ se não agastasse por ho outro piloto porq̃ ele ho leuaria a bũa grāde ilha q̃ estaua dali cē legoas, q̃ era pouuada a metade de mouros a metade d̃ Christãos, q̃ tinbão guerra būs cō outros, e q̃ ali tomariā pilotos q̃ ho leuassem a Calecut: e ele lhe prometeo grādes merces se ho leuasse onde dizia. E seguido por sua viagē cō vêto muyto escasso á terça feira seguinte q̃ forã treze de março a vista de terra vinte legoas donde

partira lhe deu calmaria, q̃ durou a terça e q̃rta feira. E na noite seguinte tecō vento leuante e pouco se fez na volta do mar: e q̃ndo veo á quinta feira pola menbaã achouse cō toda frota a ré de Moçābiq̃ quatro legoas: e aq̃le dia adou ate a tarde q̃ foy surgir iũto da ilha onde ouuira missa ho domingo passado: e por lhe ser ho tēpo por dauāte pera sua nauegação esteue ali esperādo por vento oytodias/ e neles veo ter á frota bũ mouro branco q̃ era caciz dos mouros, q̃ em nossa lingoa quer dizer clérigo, e disse a Alasco da gama q̃ ho çoltão estaua muyto arrepedido da paz q̃ quebrara coele, e q̃ tornaria de muyto boa vōtade a confirmala e ser seu amigo. E ele lhe mādou dizer q̃ não faria paz coele, nẽ seria seu amigo ate lhenã tornar ho piloto q̃ lhe tinha: e coesta reposta se foy ho Caciz e nũca mais tornou. E despois de ido este Caciz veo bũ mouro q̃ trazia consigo bũ menino seu filho, e disse a Alasco da gama q̃ se ho quisesse leuar na frota q̃ iria coele ate a cidade d̃ Belinde q̃ auia da char na q̃lla rota q̃ leuaua, porq̃ ele se queria tornar pera sua terra q̃ era iũto de Becca dōde viera por piloto e bũa nao a Moçābiq̃/ e disse-lhe q̃ não esperasse reposta do çoltão/ q̃ nã auia d̃ fazer paz coele/ porq̃ era christão. E Alasco da gama folgou muyto coeste mouro, porq̃ ho eiozinasse do estreito do mar roxo/ e alli dos lugares q̃ auia pola costa por d̃de auia de nauegar ate Belinde: e mādou ho agasalhar na sua nao. E por quãto o tēpo tardaua pa fazer viagē, e a agoa da frota faltaua determinou

com os outros capitães dêtrar no porto de Moçambique pera fazer agoada / e que estaria com grande vigia, porque lhe não possessem os mouros ho fogo á frota. Isto determinado entrarão no porto a bũa quinta feyza / e como foy noyte forão os bateys lançados fora pera irem por agoa / que ho piloto mouro de Moçambique disse q̃ estava na terra firme / e que ele a iria mostrar: e por isso Alasco da gama ho leuou, e partio aa mea noyte indo coele Miculao coelho, e Paulo da gama ficou na frota. E chegado onde ho piloto dizia que estava a agoa nunca a pode achar: porque ho piloto como andaua mais pera ver se podia fugir q̃ pera mostrar a agoa, enleou se de maneyra que nunca poder dar coela, (ou não quis) em todo aquele espaço que estava por passar da noyte. E vinda a manhaã vendo Alasco da gama q̃ nã achaua agoa / não quis mais esperar porque leuaua pouca gente / e temeo se q̃ dessem os mouros sobre ele, e quis se ir reforçar de mais gente á frota pera poder pelejar com os inimigos selhe quisessem defender a agoa / porque fez cõta que melhora acharia de dia que de noyte. E tornandose a reforçar á frota, tornou coele Miculao coelho a fazer agoada: e levando tã bem ho piloto mouro, que vendo q̃ não podia fugir, mostrou logo ho lugar onde estava a agoa / que era jũto da praya: na qual andauão obra de vinte mouros escaramuçando a pé com azagayyas, e fazêdo mostra de quererem defender a agoa: e Alasco da gama lhes mandou tirar tres

bombardadas pera darem lugar que os nossos podessem saltar fora. E espantados os mouros das bombardas se embrenharão logo no mato, e os nossos fizeram agoada pacificamẽte / e q̃si sol posto se recolherã á frota, õde acharão q̃ fugira pera os mouros hũ negro de João de Coimbra piloto de Paulo da gama. E ao sabado que forão vinte quatro de Março, vespera da Annũciação de nossa senhora, logo pela manhaã appareceo hũ mouro em terra bem defronte da frota: e disse em voz alta / que se os nossos quisessem agoa que fossem por ela: e isto com hũ som que estava lá quem os faria tornar. E com a menencoria q̃ Alasco da gama ouue deste desprezo selhe acrecentou a quetinha da fúgida do negro do piloto: de maneyra que determinou de esbõbardear a pouoação dos mouros por vingança. E dizendo ho a seus capitães se embarcarão todos nos bateys armados / e coessa gente q̃ tinhão forão cõtra a pouoação / õde os mouros ao longo da praya tinhão feyta bũa paliçada de tauoado tam basto que se não podião ver os que estue sem detras dela: e por fora desta paliçada antrela e ho mar andauão obra de cem mouros armados de escudos, agomias, azagayyas / arcos, frechas / e fundas. E sendo os nossos bateys a tiro de funda lhe começaram de tirar ás pedradas: e os nossos lhe responderão logo com muytas bombardadas / com cujo medo os inimigos deixarão a praya / e se recolherão pera dentro da paliçada que com as bombardadas foy

toda desfeyta/ fugindo os inimigos
pera a pouoação, de q ficarão dous
mortos na praya. Desfeyta a paliça
da z despejada, Vasco da gama se
tornou com os seus, z por ver q os
mouros fugião daquela pouoação
com medo que auião dos nossos z
seyão por mar pera outra que esta-
ua da outra banda, z despois de sã-
tar sefoy nos bateys com seus ca-
pitães pera ver se podia tomar al-
gũs mouros, cuydando que to-
mando os aueria por eles ho negro
do piloto, z assi dous Indios que
lhe disse ho piloto mouro que esta-
uão catiuos em Moçambique. E
nesta ida só Paulo da gama tomou
quatro mouros em bũa almadia/ z
posto que muytas leuauão outros
muytos/ vararão em terra/ z fugi-
rão, sem os nossos os poderem to-
mar, z nas almadias acharão muy-
tos panos finos dalgodão z liuros
do alcorão de Afamede. E com
quanto andou aquele dia ao longo
da pouoação/ nunca pode auer fala
de nenbũ mouro / z não ousou de
sayr em terra porque tinha pouca
gente. E determinando ja dese par-
tir sem ho negro nem os Indios, ao
outro dia fez agoada sê lba ninguẽ
contrariar, z a segũa feyza seguin-
te tornou a esbombardear a pouoa-
ção dos mouros z destruyoha de
maneyra que eles se recolherão por
dentro da ilha. E a terça feyza vin-
te z setede Março se partio do por-
to de Moçambique / z foy surgir
junto dos ilheos de sam Jorge, que
assi lhepos nome qndo ali chegou,
onde ainda se detene por lhe ser ho
vento contraço pera sua viagem/

z despois de partido por ser ho vè-
to fraco z as correntes serem gran-
des tornou atras.

Capit. viif. De como Vasco da
gama se partio de Moçambiç, z
ho nauio sam Rafael deu eos bai-
ros / q agora tẽ ho mesmo nome.



Proseguindo sua
viagem muyto le-
do porque achara
que hũ dos quatro
mouros q Paulo
da gama tomara
era piloto q no iabera levar a Cali-
cut, hũ domingo primeyro Dabril
foy ter a hũas ilhas que estauão bẽ
junto da costa/ z a primeyra foy pos-
to nome a ilha do açoutado. E a
causa foy porque foy nela açoutado
ho piloto mouro de Moçambique
por dizer q aquelas ilhas erão ter-
ra firme. z como ja Vasco da gama
ya inchado dele de quando lhe não
quisera mostrar a agoada de Mo-
çambique/ como ho acolheo na mẽ
tira das ilhas / parecendo lhe que
o leuana ali pera se perderẽ as naos
antrelas, mandouho açoutar muy-
cruamente/ z ho mouro confessou q
pera se pder ho leuaua. E as ilhas
erão tantas z tão juntas que se não
podião estreimar hũas das outras.
E visto como erão ilhas fez se Vas-
co da gama a lamar delas, z assi foy
z a quarta feyza que forão quatro
Dabril fez sua rota ao noroeste: z an-
tes do meo dia ouue vista d hũa ter-
ra grossa, z de duas ilhas que esta-
uão junto coela/ z derredor delas a-
uia muytos baixos: z chegado juto

com esta terra que os pilotos mouros a reconhecerão, disserão que a ilha dos Christãos (q'era a de Qui loaficaua a ré tres legoas / de que Alasco da gama ficou muyto a gastado, cuydando verdadeyramente que era de Christãos, e quísera pin gar os pilotos, parecendolhe que a cinte a escorrerão, porque a não to massse. E elles se desculpaão cõ ho vento ser muyto, e as corrétes grã des / e que fingirão as naos mais do que elles cuydarão. E pozem a elles pesou mais de a não tomarem que a elle, porque esperauão de se vingar ali dele e dos nossos, com morte de todos: de que os nosso se nhorliurou milagrosamête / que se lá forão nenhũ escapara: porq' Alasco da gama cuydando q' a terra era de Christãos ounera desayz fora: e cõ ho pesar que tinha de a escorrer quis tornar atras pera ver se a poderia tomar: no que se trabalhou bẽ aquele dia, mas nunca paderão por lhe ser pera isso ho vento contrairo e as correntes serem grandes. E então ouue Alasco da gama conselho com os outros capitães que arribassem á ilha de Bombaça, que os pilotos mouros lhe dizião que era pouuada de mouros e de Christãos em duas pouoações apartadas / o que dizião por enganarẽ os nossos, e os leuarem a matar, que a ilha era de mouros como ho era toda aque la costa. E sabendo que dali a Bombaça erão setenta e sete legoas fez seu caminho palá, e acerca da noyte viu bũa ilha muyto grande que lhe demoraua ao norte, em que os pilotos mouros dizão q' auia duas

pouoações hũa de Christãos / outra de mouros. E isto por fazerem crer aos nossos q' auia por aq'la terra muytos Christãos / e indo assim cõ vento tendête dahi a certos dias duas horas ante menhaã deu bo nauio sam Rafael em seco, em hũs baixos q' estauão duas legoas da terra firme: e como deu naquẽs baixos fez final aos outros nauios pera q' se goardassẽ: e eles surgirão a tiro de bõ barda dos baixos / e lançando os bateis fora forão acodir a Paulo da gama: e virão q' a agoa vazaua: pelo que conhecerão que tornando a encher nadaria bo nauio / e logo lhe lançarão muytas ancoras ao mar: e nisto amanheceo: e acabãdo a maré de vazar ficou ho nauio de todo em seco na praya, q'era darea, que foy causa de e não receber nenhũ dãno / que varou por ela e estaua dereyto com as ancoras q' tinha ao mar: e os nossos sayzão na praya em quanto a agoa não enchia. E poz se bo nauio chamar sam Rafael por serão nome aos baixos, os baixos de sam Rafael, e a bũas grandes e altas serranias que estauão na costa de frõte destes baixos / as serras de sam Rafael. Estando ho nauio em seco vierão de terra duas almadias, em q' vinbão mouros da terra a ver os nossos nauios, e leuarã muytas larãjas doces e muyto melhozes q' as de Portugal / q' derão aos nossos. E disserãlhes que efforçassem / q' como fosse preamar bo nauio nadaria e farião caminho: e Alasco da gama lhes deu algũas peças, assi pelo que dizião, como por vir em a tal tempo: e dous deles sa-

bêdo q̃ ele ya pera **M**ôbaça lbe pe-
dirão q̃ os leuassela, z ficarã coele/
z os outros se tozmarão pera terra/
z vida a prea mar sayo bo nauio do
baixo/z tozmarão todos a seu cami-
nho com toda a frota.

Capit. ix. Decomo **M**asco da ga-
ma chegou aa cidade de **M**ôba-
ça/z do que lbe hi aconteeo.

Seguindo sua rota / bũ
sabado sete **M**abril a ho-
ras de fol posto foy sur-
gir de fora da barra da
ilha de **M**ombaca, q̃ está junto cõ
a terra firme/ z he muyto farta de
muytos mantimentos. s. milbo, ar-
roz/gado, assi grosso como meudo/
z todo muyto grande z gordo, pri-
cipalmẽte os carneyros, q̃ todos sã
derrabadas z tẽ muytas galinhas.
Tẽtambẽ muyto viçosa de hortas
em q̃ ha muyta ortalica, z muytas
fruytas. s. romaãs, figos da India,
laranjas doces z agras, limões z
cidrões/z muy singulares agoas.
Nesta ilha está bũa cidade q̃ tem ho
nome da ilha em quatro graos da
banda do sul/he grãde z situada em
alto õde bate ho mar, fũdada sobre
pedra q̃ se não podeminar: tẽ na en-
trada hũ padrãoz z a êtrada da bar-
ra bũ baluarte peq̃no z baixo jũto
do mar. Tẽ a mór parte desta cida-
de de casas de pedra z cal/ sobzadas
z lauradas de macenaria, z to-
da bẽ artuada. Tẽ rey sobze si, z os
moradores dela sã mouroz / hũs
brãcos outros baços / assi homẽs
como molheres: z prezan se de hõs
caualeyros, z andão muyto bẽ tra-

tados: z assi as molheres cõ panos
de seda z joyas douro z pedraria.
He cidade de grãde trato de todas
as mercadorias: tẽ bõ porto õde ha
sempre muytas naos/ vêlhe da ter-
ra firme muyto mel, cera z marfim.
Chegado **M**asco da gama aa barra
desta cidade, não entrou logo pera
dentro por ser ja quasi noyte quãdo
acabou de surgir/z mandou embã-
deirar z toldar as naos por festa, z
fazer em todas grãdes alegrias. E
assi estauão todos muyto ledos crẽ-
do q̃ na ilha aũa pouoação de **C**hri-
stãos, z que ao outro dia apũão dir-
ouuir mĩssa a terra z q̃ ali curaria
os doẽtes q̃ leuauão q̃erão quasi to-
dos os q̃ escaparão da viagẽ, porq̃
a mayor parte dos q̃ partirão de
Portugalerão mortos de doẽças
geradas do muyto trabalho q̃ pas-
sauão. Estando **M**asco da gama a-
qui furto, forão bẽ noyte obra de cẽ
homẽs e hũa barca grãde/ z todos
com terçados z escudos. E em che-
gãdo aa capitaina quiserão entrar
todos cõ as armas: z **M**asco da ga-
ma não quis, nẽ deixou êtrar mais
de quatro. z estes sem armas, z disse
lhe pelo lingoã que lbe perdoassem
porq̃ como era estrangeiro não sabia
de quẽ se aũa de fiar: z mandou os
cõuidar cõ algũas conseruas de q̃
eles comerão / z disserãlbe que lbe
não tĩnbão a mal o q̃ fazia / z q̃ eles
ho vĩnbão ver como a cousa noua
naq̃la terra, z q̃ se não espantasse de
trazerẽ armas/ porq̃ se acostumaua
naq̃la terra trazerẽnas na guerra,
z na paz. E disserãlbe q̃ el rey d' **M**ô-
baça sabia de sua vida, z por ser noyte
ho não mãdara vísitar, mas q̃ ho

faria ao outro dia, porque folgava muyto cō sua vinda, e folgaria mais de bo ver: e lhe daria especiaria cō que carregasse as naos. E disserā mais q̃ apartado dos mouros auia muytos Chriſtãos q̃ morauão sobzeſi/ com que Maſco da gama folgou muyto/ e então acabou de crer q̃ auia Chriſtãos naq̃la ilha, vêdo q̃ concertauão aqueles mouros cō o q̃ lhe tínhão dito os pilotos. E cō tudo ele não deixou de ter algũa ſoſpeita q̃ aqueles mouros vinbão ver ſe poderião tomar algũ dos nauios. E aſſi era porq̃ el rey de Moſſabaça bẽ ſabia que os noſſos erāo Chriſtãos: e o q̃ fizeram em Moſſabique, e deſejaua de ſe vingarem deles: e era ſua tenção matalos a todos/ e tomar lhe os nauios. E cō eſte fundamento ao outro dia q̃ foy dia de ramos lhe mandou dizer por dous mouros muyto aluos/ q̃ ele folgava muyto cō ſua vinda/ e ſe quiſeſſe entrar pera bo ſeu porto lhe daria tudo ho de q̃ teueſſe neceſſidade/ e e por ſeguro lhe mandou hũ anel e de preſente hũ carneyro/ e muytas larājas, cidrões e canas daçucar. E diſſe aos mouros q̃ lhe diſſeſſem q̃ erāo Chriſtãos, e que os auia na ilha. E q̃ eles fizeram cō tanta diſſimulação q̃ os noſſos cuydarão que erāo Chriſtãos. E Maſco da gama lbes fez muyto gaſalhado e lbes deu gũas peças/ e mādou agradecer a el rey ho offerecimento q̃ lhe fazia, dizendo q̃ ao outro dia entraria pera dentro/ e mādoulhe hũ ramal de coraes muyto finos. E pera mais confirmar a paz cō el rey, mandou coeles dous dos noſſos. E eſtes fo-

rão dous degradados dalgũs que trazia pera auêturar coeſtes recados, ou pera os deixar em lugares o de viſſe q̃ era neceſſario pera que ſoubेſſem o q̃ yaneles/ e os tomale da volta q̃ fizeſſe. Chegados os noſſos a terra cō os dous mouros ajuntoulhe logo muyta gētea velos, e foy coeles ate os paços del rey/ onde entrados antes q̃ chegaſſem a el rey paſſarão quatro portas/ e a cada hũa eſtaua hũ porteyro cō hũ terçado nu na mão, e el rey eſtaua cō pouco eſtado/ mas fez muyto gaſalhado aos noſſos/ e mandoulhes moſtrar a cidade pelos meſmos mouros com q̃ vierão. E indo eles pela cidade virão ādar por ela muytos homẽs preſos cō ferros: e como não entendião a lingoa, nẽ os mouros a ſua: não pregutarão q̃ preſos erāo aqueles: e cuydarão q̃ ſerião Chriſtãos que os auia por aquelas partes, e q̃ tínhão guerra com os mouros. Tãbẽ eſtes noſſos forão leuados a caſa de dous mercadores Indios/ parece q̃ Chriſtãos de ſam Thome: q̃ ſabendo q̃ os noſſos erāo Chriſtãos moſtrarão coeles muyto prazer, e os abraçauão, e cōuidarão: e moſtrarālhe pintada em hũa carta a figura do Spirito ſancto a q̃ adorauão. E perāteles fizerā ſua adoração em giolhos cō geito domẽs muyto deuotos, e q̃ tínhão de tro o que moſtrauão de fora. E os mouros diſſerão aos noſſos por acenos que outros muytos como aq̃les morauão em outra parte dallõge, e por iſſo os não leuauão laa: mas deſpois q̃ foſſem pera bo porto os irião ver. E iſto dizião polos en-

ganar/ e os acolher no porto onde determinauão de os matar. E vista a cidade pelos nossos/ forão tornados a el rey: q̃ lhe mādou mostrar pimenta/gingibre/crauo/ e trigo tremes/ e de tudo lhe deu mostra q̃ leuassẽ a Vasco da gama: a q̃ mandou dizer por seu melleiro q̃ de tudo a quilo tinha muyta abastança, e lhe daria carregar se a quisesse. E assi de ouro/prata,ambar,cera/ e marfim e outras riquezas em tanta abastança q̃ sempre as ali acharia de cada vez q̃ quisesse por menos q̃ em outra parte. E q̃ndo ele vio a especiaria/ e q̃ el rey lhe mādaua prometer carga/ foy muyto ledo/ e muyto mais da enformação q̃ lhe os nossos derão da terra e dos dous Chastãos q̃ acharão: e ouue conselho co os outros capitães, e acordarão q̃ entrassem no porto e tomassẽ a especiaria q̃ lhes dessẽ: e despois se irião a Calicut/ onde se a não podessẽ auer ficarião cõ a q̃ ali ouuellem/ e assentarão dẽtrar ao outro dia. E neste tempo vinhão algũs mouros á capitaina e estauão cõ os nossos etãto asselago e concordia q̃ parecia q̃ os combecião de muyto tẽpo: e vindo bo outro dia em começãdo a maré de repõtar/ mādou Vasco da gama levar ancora pera entrar no porto. E não querẽdo nosso senhor q̃ os nossos ali acabassẽ como os mouros tinhamo ordenado desuiu bo per esta maneyra, q̃ levada a capitaina nũca quis fazer cabeça pera entrar dẽtro e yasobre hũ baixo q̃ tinha por popa. E q̃ visto p Vasco da gama por não se perder/ mandou surgir muy depressa/ o q̃ tambẽ fizeram os ou-

tros capitães. E vẽdo algũs mouros q̃ estauão na nao q̃ surgia pareceolhes q̃ não ẽtraria aq̃le dia a frota no porto e recolherãse a bũa barca q̃ tinhão a bordo pera se irẽ á cidade. E indo por sua popa/ os pilotos de Moçambi q̃ lãçarãse á agoa e os da barca os tomarão e forãse/ posto q̃ Vasco da gama bradou que lhe dessẽ os pilotos. E q̃ndo vio q̃ lhos não dauão, disse aos seus que lhe parecia q̃ nosso senhor permitira aquilo pera os goardar da algũa treição q̃ lhe estaua ordenada. E como foy noyte pingou dous mouros dos q̃ trazia catiuos de Moçambi, pera q̃ lhe dissessem se lhe tinhão ordenada treição: e eles confessarão q̃ disse/ e q̃ os pilotos se lãçarão ao mar/ parecẽdolhes q̃ eles sabia a treição: e por isso não quiserã ẽtrar no porto. E querẽdo ele pingar outro mouro pa ver se cõcertaua coestes/ deitou se ao mar cõ as mãos atadas e outro se deitou ao q̃rto balua. Sabido p Vasco da gama este segredo deu muytos lououres a nosso senhor por os liurar tão milagrosamente: e disserã todos a Salue na capitaina. E receãdo q̃ os mouros os cometessẽ de noyte ordenou se q̃ a vigiassem toda todos armados: e a este tempo se achauão ja os doẽtes melhor/ q̃ como forão de frõte desta cidade se acharão sãos, o q̃ parece q̃ foy milagre de nosso senhor pela necessidade q̃ tinhão de saude. E nesta mesma noyte á mea noyte sentirão os que vigiauaõ no nauto Birrio bolir bo cabre de hũa ancora que estaua surta/ e logo cuydarão que erão continhas, se não quãdo atentando bem

virão que erão os inimigos/que a na-
do estauão picando bo cabre cõ ter-
çados, pera que cortado desse bo na-
ulo á costa z se perdesse/ ja q doutra
maneyra bo não podião tomar. E
logo os nossos bradarã aos outros
nauios, dizêdolhes o que passaua
pera que se goardassem. E nisto os
do nauio sam Raphael acodirão, z a-
charão que algũs dos inimigos esta-
uão pegados nas cadeas da enxar-
cia do seu traquete. E vendo eles q
erão sentidos calarãse abaixo z cõ
os outros que picauão bo cabre do
Berrio fugirão a nado pera duas
almadias q estauão de largo em q
os nossos setirão rumor de muyta
gente, z remando as cõ muyta pres-
sa se tornarão aa cidade, donde aa
quarta z quinta feyza/ q ainda des-
pois disto Vasco da gama ali esteue
yão os inimigos de noyte a nado ver
se podião picar os cabres das anco-
ras: mas não poderão por a grãde
vigia que tinhão os nossos: z com
tudo derãlhe assaz de trabalho/ z
os poserão em muyto temor delhes
queymarem os nauios. E foy muy-
to não sayrem os mouros a eles nas
naos, o que parece que foy com me-
do da nossa artelbaria, que sabião q
vinha na frota: por em bo mais cer-
to be que nosso senhor lhe pos este
medo pera liurar os nossos, q sain-
do os inimigos a eles ouuerão de
ser todos mortos.

Capit. x. De como Vasco da ga-
ma chegou á cidade d' Belinde.

Vasco da gama se deixou estar
ali aqueles dous dias pera ver

se podia auer pilotos que bo leuas-
sem a Calicut, porque semeles auia
de ser muy difficultoso poder láir/
porque os nossos pilotos não a co-
nbecião, z despois que vio que não
podia auer pilotos, partio se aa festa
feyza dendoenças pela menbaã, vñ-
tandolhe pouco vento: z ao sair da
barra lhe ficou bũa ancoza por os
nossos estarem muyto cansados de
leuar as outras, z não a poderem le-
uar: z achãdo a despois os mouros
a leuarão aa cidade/ z a poserão jũ-
to dos paços del rey onde a achou
dõ Francisco dalmeida bo primey-
ro visorey da India/ quan do to-
mou esta cidade aos mouros como
drey no segundo liuro. E partido
Vasco da gama de Bombaça, sen-
do auante dela oyto legoas surgio
bũa noyte junto com terra por lhe
acalmar bo vento: z em amanhecẽ-
do apparecerão dous zambucos (q
sam nauios pequenos) ajulauento
da frota tres legoas ao mar, E co-
mo Vasco da gama desejava dauar
pilotos pera que bo leuassem a Ca-
licut, parecendolhe que os tomaria
nos zãbucos em auendo vista deles
se leuou z arribou sobreles com os
outros capitães, z segulo os ate
oras de vespera q tomou bũ deles,
z bo outro se acolheu a terra onde
foy varar z nestoutro se tomarão
bẽ dezasete mouros/ãtre os quaes
auia bũ velho que parecia senhor de
todos/ que trazia consigo bũa mo-
ça sua molher: z assi se acharã muy-
tas moedas douro z de prata, z al-
gũs mantimẽtos que Vasco da ga-
ma repartio pelos outros nauios.
E neste mesmo dia ao sol posto che-

gou a frota defronte da cidade de Belinde que estaa dezoyto legoas de Bombaça em tres graos da bā da do sul. Não tem bō porto por ser quasi costa braua, z estar de dentro dū arrecife em q arreventa ho mar: z por isso he bo surgidouro das naos lonje da terra/estā assentada em hū campo ao longo do mar z parecese com Alcouchete: tem ao derrador muytos palmares z arequaeis que todo ho anno estão verdes/ z assi muytas hortas com nozas em que ha todo ho genero dortalica z defruytas, principalmente de larājas doces que sam muyto grandes z gostosas: he muyto abaftada de mantimētos, milho / arroz, gado grosso z meudo/ z galinhas z tudo muyto gordo z barato: he grande z bē arruada, z de muyto fermosas casas de pedra z cal/ de muytos lozbrados, z eyzados com muytas genelas. A gēte natural dela he gētia preta z bem desposta, z de cabelo reuolto: os estrangeiros sam mouros arabios/ que se tratão muyto bem, especialmente os nobres/ da cinta pera cima adão nuus / z pera baixo se cobrē cō panos de seda z algodā muyto fino: z outros como capelhares sobraçados, z nas cabeças fostas de panos de seda z ouro. Trazē adagas ricas cō grādes borlas d se da de cores, z terçados bē goarnecidos, z todos sam ezquerdos / z trazē arcos z frechas / z sam grandes frecheiros, z presumē de bōs caualleyros. Posto q se diga comūmente caualleyros de Bombaça / z damas de Belinde / porque as molheres daqui sam fermosas z andão tōdas

ricamente atauladas. Boirão também nesta cidade muytos Suzarates gētios do reyno de Cambaya, que he na India, que sam grandes mercadores, z tratão em ouro de q ha algū na terra/ z assi ābar / marfim, breu z cera, que dão aos mercadores que ali vem de Cambaya, com cobre azongue, z panos dalgodão, z hūs z outros ganhão. Ho rey desta cidade he mouro / z seruese com mōr estado z cō mais policia que os outros reys q atras ficauão. Chegado Alasco da gama defrōte desta cidade, foy grāde prazer em todos os da frota porque vião cidade como de Portugal, z derão por isso muytos louuozeos a nōsso senhor. E querendo Alasco da gama ver se por algū modo poderia auer dali pilotos que ho leuassem a Calicut, mādou surgir: porque ate então não poderia saber dos mouros que tomou no zambuco/ se auia antreles algū piloto que soubesse ir a Calicut, z sempre dizião q não / ainda que foram metidos a tormento.

Capit. xj. De como Alasco da gama mādou recado a elrey de Belinde, z do que lhe respondeo.



Outro dia que foy dia de Pascoa d resurecção aquele mouro velho casado/ q foy catino cō os outros mouros disse a Alasco da gama que em Belinde estauão quatro naos de Chistãos Indios z se ho quisesse mādar a terra cō os outros q darião por si pilotos Chistãos/ z mais lhe darião todo quanto lhe

fosse necessario: do que ele foy muyto contente. E mandando levar ancoza foy surgir mea legoa da cidade donde não veo ninguê aa frota/ por auerem medo de os tomarem / que bem sabião do zambuco que os noslos tomarão que erão Chriſtãos : z cuydauão que erão nauſos darimada. E a segunda feyza pela menbaã mandou Alasco da gama levar ho mouro velho no ſeu batel a hũa baira que eſtaua defrõte da cidade, dõ de fazia conta que virião por ele. E aſſi foy que aſtado ho noſſo batel, veo de terra hũa almadia z leuou o mouro a el rey: a quem deu ho recado de Alasco da gama. E como noſſo ſenhor queria que a India ſe descobriſſe/ folgou el rey muyto coeſte recado/ z deſpois de comer mãdou ho mouro em hũa almadia z coele hũ ſeu criado/ z hũ caciz: por quem mandou dizer a Alasco da gama q̃ folgaria muyto dauar paz antreles, z quelbe daria os pilotos que queria z mais qualquer outra couſa de que teueſſe neceſſidade: z coíſto mãdoutres carneyros z laranjas z canas da çucar. Alasco da gama reſpõdeo a el rey pelo meſmo meſſeſeiro/ agradecendo lhe a paz que queria q̃ ouueſſe antreles / z pera ſe aſſentar entraria ao outro dia pera dêtro do porto, z que ſoubelle que era vaſſallo dũ rey Chriſtão muyto poderofoso da fim de occidente que deſejãdo de ſaber onde ſtaua a cidade de Calicut a mandaua deſcobrir, z lhe mãdara que de caminbo aſſentaffe amizade com todos os reys q̃ a quiſeſſe coele. E que auia dous annos que partira de ſua terra. E q̃ el rey ſeu

ſenhor era tal príncipe que ele auia de folgar de o ter por amigo. E mãdoulhe de preſente hũ balãdrão vermelho que era trajo daq̃le tempo, z hũ chapeo/ z dous ramaes de corais z tres bacias darame, z calcaueis/ z dous alambeis. E ao outro dia q̃ foy a ſegũda oytaua de Paſcoas chegou a frota mais á cidade, z logo el rey tornou a mandar viſitar Alasco da gama cõ mór aparato: porque ouuindo de quão longe era, z o que buscava, teue a el Rey de Portugal por grande animo em ho mandar, z Alasco da gama em lhe obedecer: z eſtimou ho muyto/ z veolbe grãde deſejo de ver homẽs que auia tanto tempo que andauão no mar/ z aſſi lho mandou dizer, z q̃ ſe queria ver coele ao outro dia: z a viſta ſeria no mar. E mandoulhe ſeys carneyros/ z muytos crauos z cominhos, gengibre/ pimenta, z noz. E cõſentindo Alasco da gama que ſe viſſem/ entrou mais pera dêtro z ſurgio perto das quatro naos dos Indios quelbe ho mouro diſſera: z ſabendo os donos das naos q̃ os noſſos erão Chriſtãos forão logo viſitar Alasco da gama que a eſte tempo eſtaua na nao de Paulo da gama, z erã homẽs baços, z debõs corpos / z bem deſpoſtos: veſtião hũas roupas cõpridas de pano dalgodão branco de pouca fralda: trazião barbas grandes, z os cabelos da cabeça compridos como molhetes, z entrancados de baixo de ſotas que trazião nas cabeças. Alasco da gama lhes fez muyto gaſalhadõ, pregutãdolhe primeyro ſe erão Chriſtãos/ z iſto pelo lingoa q̃ lhe

falava arauia / de q̃ eles sabião al-
gũa cousa / e disserão q̃ não era aq̃la
a sua propria lingua, se não q̃ sabião
dela algũa cousa pela comunicação
q̃ tinham com os mouros / de que a-
conselharão a Vasco da gama que
não se fiasse / porq̃ sempre auião de
ter nas vôtades outra cousa do que
mostrauão. E ele por espremer se
erão Chistãos e tinham algũa no-
ticia de nosso senhor / mādou trazer
hũ retauolo de nossa senhora do prã-
to em q̃ estauão també pintados al-
gũs dos apostolos: e mostroulho sê-
lhes dizer o q̃ era. E eles e ho vêdo
lâçarãse no chão e adorarão ho re-
tauolo e rezarão hũ pouco. E Vasco
da gama folgou etão muyto ma-
is coeles / e preguntoulhes se erão
de Calicut: e eles disserão q̃ não, e
q̃ erão doutra cidade mais a diante
chamada Cranganor: e não soube-
rão dizer nada de Calicut. E dali
por diãte em q̃nto a frota ali esteue,
yão eles cada dia ao nauio de Pau-
lo da gama a fazer suas orações diã-
te daqueler retauolo / e offerecião às
imagens cravo / pimenta / e outras
cousas. E estes indios nã comião va-
ca segũdo os nossos souberã deles.

Capit. xij. De como el rey de Be-
linda se viu cō Vasco da gama e
assentou coele amizade, e lhe deu
piloto que houleasse a Calicut.



Derradeyza oytava de
Pascoa despois de co-
mer foy el rey, de Belin-
de em hũa almadia grã-
de jũto da nossa frota / e leuaua ves-
tida hũa cabaya de damasco carme-
sim, forrada de ceti verde: e na cabe-

ça hũa touca muyto rica. Vinha as-
lêgado e hũa cadeira despaldas ao
modo antigo / e era darame muyto
bêlaurada e fermosa / e nela hũa al-
mosada de seda: e outra tal como es-
ta jũto coele: cobria se cō hũ sombrei-
ro de pé de ceti carmesim / e ya jũto
coele como pa: e hũ homẽ velho que
lhe leuaua hũ terçadorico cō a bai-
nha de prata. Trazia muytos ana-
fis / e duas bozinas d' marfim de cō-
primẽto doyto palmos cada hũa, e
erão muyto lauradas: e tãgiãse per-
bũ buraco q̃ tinham no meyo: e cõ-
certauão cō os anafis. Vinhã cō
el rey obra de vinte mouros fidalgos
atauiados tod os ricamẽte. E em el
rey querẽdo chegar aos nauios sa-
yo Vasco da gama no seu batel em-
bãdeirado e toldado, e ele vestido d'
festa cō doze homẽs dos mais hõ-
rados da frota / õde deixaua seu ir-
mão. E e chegado el rey perto dele /
disse lhe q̃ lhe queria falar no seu ba-
tel pera o ver de mais perto: e logo
se meteo no batel / e fez lhe tamanha
cortesia como se fora rey como ele. e
oulhaua parele e pa os outros / co-
mo pera cousa estranha. E disse lhe
q̃ lhe dissesse o nome de seu rey e mād-
dou ho escreuer: e preguntoulhe muy-
to meudamẽte por ele e por seu po-
der. E ele lho disse: e q̃ mādaua des-
cobrir Calicut pa auer de lá especia-
ria: porq̃ a nã auia e sua terra. E des-
pois d' lhe el rey dar algũa e forma-
ção dela e do estreito do mar roxo,
e lhe prometer piloto q̃ o leuasse lá,
lhe rogou muyto que fosse coele pe-
ra a cidade, e que folgaria nos seus
paços / e q̃ descãfaria do trabalho
do mar / e q̃ ele iria tãbẽ folgar aos

seus nauios. Masco da gama lhe disse q̃ não trazia licença del rey seu senhor pera sair d̃ terra/ e q̃ se ho fizesse daria de si muyto má conta. Ao q̃ el rey respõdeo que se ele fosse aos nauios q̃ cõta daria ao seu pouno ou q̃ daria: e pozem q̃ lhe pela na muyto de não q̃rer ir ver a sua cidade/ que estaua a seruiço do seu rey, a quẽ mandaria seu embaixador/ ou escreueria se ele quisesse tornar por ali de Calicut: e ele lhe prometeo de tornar. E quanto ali estauerão mandou Masco da gama pelos nouros q̃ trazia catiuos e deu os a el rey/ dizendo q̃ se lhe poderia fazer outro mayor seruiço q̃ lho fizera: do q̃ el rey foy tão contente q̃ disse/ que mais ho estimaua q̃ lhe dar outra cidade como a sua. E despois de acabarẽ de falar e cõfirmar amizade antre eles, adou el rey folgãdo por antre a nossa frota, dõ de tirauão muytas bõbardadas, q̃ ele folgaua muyto douuir tirar: e Masco da gama andaua coele: e el rey lhe dizia q̃ nunca vira homẽs q̃ folgasse tãto de ver como os Portugueses: e q̃ folgara de os ter consigo/ pera ho ajudarẽ em guerras q̃ tinba às vezes cõ seus inimigos/ porq̃ lhe parecião homẽs pa muyto. E Masco da gama lhe disse q̃ se os espremetara q̃ muyto mais lho parecerão/ e q̃ eles ho ajudariã se el rey seu senhor mãdasse suas armadas a Calicut/ como esperaua em deos q̃ mandaria: se lha deixasse descobrir. E despois q̃ el rey assi adou folgãdo/ pediu a Masco da gama q̃ pois não queria ir ver a sua cidade/ q̃ mãdasse lá dous dos nos

los a verẽ os seus paços, e q̃ ele daria dous dos seus na frota pera q̃ a visse/ e deixou hũ seu filho, e hũ caciz, e assi se fez: e leuou cõsigo dous dos nossos/ deixãdo cõcertado cõ Masco da gama, q̃ ao outro dia fosse no seu batel ao lōgo da terra/ e q̃ veria seus caualeyros a caualo. Ele ho fez ao outro dia q̃ foy quinta feira: e foy coele Riculao coelho e nos bateis q̃ yão artilhados, forão ao longo da praya, onde adauã muytos homẽs, e antre eles dous d̃ caualo escaramuçãdo: e como Masco da gama chegou perto da terra chegouse toda aq̃la gente ao pé de hũa escada de pedra dos paços del rey q̃ stauão a vista/ e ali tomarão el rey em hũas andas/ e leuarão ao batel d̃ Masco da gama/ aq̃ disse palauras d̃ muyto amor: e tornou lhe a pedir q̃ fosse a terra: porq̃ seu pay que estaua entreuado deseiaua muyto de ho ver: e q̃ em q̃nto fosse ele e seus filhos ficarião nos nauios. E cõ tudo isto ele se escusou d̃ ir a terra/ e despedindose del rey adou hũ pedaço ao lōgo dela. E das naos dos Indios tirauão muytas bõbardadas por festa: e quãdo eles vião passar os nossos leuantauão as mãos/ dizẽdo com muyta alegria Christe/ Christe. E com licença del Rey/ lhe fizerão aquela noite grãde festa de foguetes e tiros: e dauão grandes gritas. E estando Masco da gama ainda neste porto ao domingo q̃ forão vinte dous de Abril foy hũ priuado del rey visitalo/ e ele estaua bẽ agastado porauer dous dias q̃ não vinha ninguẽ da cidade a frota: e temeose q̃ el rey

estaria agrauado dele porque não quísera ir a terra: e quereria q̄brar a amizade que tinhão assentado/ e pesaua lhe disso/ porque ainda não tinha pilotos. E quando vio q̄ a q̄le seu criado lhos não leuaua teue má sospeita del rey, e por isso lho deteu. E sabendo el rey a causa disso, mādoulhe logo hū piloto guzarate chamado Lanaqua/ desculpādose delho não ter mandado: e assí ficarão amigos como dantes.

Cap. xliij. De como partido Vasco da gama de Melinde chegou a Calicut, e da grãdeza e nobreza desta cidade.



Vouido Vasco da gama d todo ho necessario pa sua viagem, partiose d Melinde pa Calicut hūa terça feira .xxliij.

Dabril, e dali começou logo da traueſſar hū golfão de setecētas e cincoēta legoas/ porq̄ faz ali a terra hūa muyto grãde enseada, e corre a costa de norte a sul: e Vasco da gama foy em leste a demādar a Calicut. E logo ao domingo seguinte virão os nossos ho norte/ que auita muyto q̄ deixarão de ver, e vião ho sul. E deulhes Deos tão boa vêtura que fazendo ja roſto ho inuerno da Índia/ pelo q̄ faz naq̄le golfão grãdes tormētas, ele não achou ne nhūa, antes vêtio a popa. E hūa ſexta feira q̄ forão dezaſete de Mayo, auēdo vintetres q̄ era partido de Melinde, e q̄ não vião terra/ ouuerão vista dela/ indo a frota oyto legoas ao mar, e a terra era alta: e lo

go Lanaqua deſtoou ho prumo e achou corēta e cinco braças e por ſe arredar deſta costa/ como foy noyte ſe fez ho caminbo ao ſueſte, e ao ſabado a foy demādar: e não ſe che gou tãto a ela que podeſſe auer per feyto conhecimēto dela, e iſto pelos muyto chuueiros que acharão deſpois q̄ virão terra, que era ja inuerno na Índia, cuja costa eſta era. E ao domingo vinte d Mayo vio ho piloto hūas ſerras muyto altas q̄ eſtã ſobre a cidade d Calicut, e che gou ſe tãto a terra que as conheceo e com muyto prazer pedio aliſſaras a Vasco da gama: diſcendo que aquela era a terra q̄ deſejaua de chegar, e ele lhas deu/ e logo mādou dizer a Salue, d de todos derã muytos louuozeos a noſſo Senhor, e forão feytas grãdes alegrias nos nãos: e no meſmo dia a tarde forão ſurgir duas legoas abaixo de Calicut, legoa e mea da costa, deſrôte d hū lugar chamado Capocate, com que ſe ho piloto enganou, cuy dādo q̄ era Calicut. E ſurta a frota acordio logo gente de terra em quatro almadias a ſaber q̄ naos erão aquelas, porq̄ nūca virão outras da q̄la feição/ nẽ ir em tal tẽpo a aq̄la costa. E eſta gēte vinha nua/ ſaluo q̄ cobzião ſuas vergonhas com hūs pequenos panos/ e erão baços/ e algūs êtrarão na capitaina. E ho piloto Guzarate diſſe a Vasco da gama que aquella gente erão peſcadores/ e que era gente meſquinha/ que aſſi chamam na Índia a gente baixa e pobre. E toda via ele lhes fez gaſalhado e lhes mandou comprar peſcado q̄ trazião: e deles

se soube que bo lugar não era Calicut que era mais a diante / e o ffereranse a leuar lá a frota / o q logo Vasco da gama quis q se fizesse / e as almadias ho leuarão a Calicut / *Calicut* que he hũa cidade situada na costa do Malabar / hũa prouincia da segunda India. Esta prouincia começa no môte Deli / e acaba no cabo de Comorim que he espaço de setenta e duas legoas de comprimento / e tem doze / e quinze de largo / he toda terra baixa / e alagadiça / e de muytas ilhas / esta antre ho mar indico / e hũa serra muy alta q põe termo antre ela e hũ grande reyno chamado Marlinga. E dizem os Indios q esta terra do Malabar foy mar em outro tempo e que chegaua ate a serra / e que correo pera onde agora sam as ilhas de Maldina q então era terra firme / e a cobrio / e descobrio estoura do Malabar : e que ha muytas e muy ricas cidades / e ricas por trato : principalmẽte a de Calicut que em viço e riqueza precedia a todas neste tẽpo : cuja edificação foy desta maneyra. Antigamẽte ho Malabar era todo de hũ rey que tinba seu assento na cidade de Coulaõ : e reynando ho derra deyzor rey q ouue nesta terra que se chamaua Sarranaperima (q a este tempo aueria seys centos annos q era falecido) descobrirão os mouros de Abeca a India / e forão ter ao Malabar por amor da pimenta e outra especiaría / e carregarão suas naos na cidade de Coulaõ q era neste tẽpo a principal de todo Malabar pouuada de gentios : e ho rey era gẽtio. E desta vinda dos mou-

ros tomarã eles a sua era como nos tomamos do nacimiento de nosso senhor Iesu christo. Coeste rey tomarão os mouros tanta conuersação / e ele coades que se cõuerteo a sua seita / e deixou a q tinba. E foy tanto ho amor q teue a seita de Abamede / que determinou de ir morrer a casa de Abeca : e antes que partisse partio todo ho seu senbozio cõ seus parentes : e tendo o dado todo q lhe nã ficauão mais de doze legoas de terra q estauão ao derrador do lugar donde se auia dembarcar / que era hũa praya despouuada deu ho a hũ moço seu sobrinho que ho seruia de pajẽ : e mandoulhe que fizesse pouoar aqle lugar em memoria de sua embarcação / e deulhe a sua espada e hũa tocha mourisca q trazia por estado. E mandou a todos esses senbozes com quem repartira seu senbozio que lhe obedecessem / e ho teueẽ por seu emperador / saluo aos reys de Coulaõ e de Canenoz / e mandou que nẽ eles nẽ outro neuhũ senbozo no Malabar podesse madaur laurar moeda saluo elrey de Calicut. E coisto se embarcou ali õde agora esta a Calicut / em q os mouros tomarão tamanha deuacão por se aqle rey ali embarcar pera a casa de Abeca / q nunca despois quiserão fazer sua carregação senão naqle porto / e deixarão ho de Coulaõ q por isso se desfez / principalmẽte despois q Calicut foy edificada / e muytos mouros assentarão nela de viuẽda. E como erão grãdes mercadores e de muy grosso trato / veose a fazer a mayor escala e a mais rica de toda a India / porque nela se achaua to-

da a espectralia, broga, noz/ e maça
q se podia desejar todo genero de pe-
draria/ perlas, e aljofar/ canfora,
alimizquere, sandalos/ e aguila, la-
cre, porcelanas, cestos dourados,
cofres, e todas as lindezas da Chi-
na/ouro, ambar, cera marfim, e ala-
quecas/ muyta roupa de algodão
delgada/ e grossa, assi branca como
pintada/ muyta seda solta e retros
e todo genero de panos de seda e
douro/ e brocados/ brocadilhos/
chamalotes, graãs, e carlatas/ al-
catifas/ tafeciras, cobre, azougue,
vermelhão, pedra hume, coral, ago-
as rosadas/ e todo ho genero de co-
seruas. De modo que nenhũa cousa
de mercadoria de todas as partes
do mundo se podia pedir q não se a-
chasse nela. A fora isto era muy a-
prazível por ser situada na costa ao
lôgo dũ arrecife q si costa brava, cer-
cado de muytas ortas em q ha muy-
tas fruytas da terra e muyta orta-
liça e muy singulares agoas: e muy-
tos palmares e areais: na terra ha
pouco arroz q he ho principal mti-
mêto assi como antenos ho trigo,
e este he vê de fora e muyta abastã-
ça, e assi tẽ de todos os outros: he
muyto grande/ e espalhada e toda
de casas palhaças: se não as casas
dos idolos/ mezquitas e casas del-
rey q sam de pedra e cal e telhadas:
porq por ley outrẽas não pode ter
desta maneyra. Era pouoada de gẽ-
tios de diuersas seitas e de mouros
grandes mercadores: e tão ricos q
aia algũs q tinham cincoêta naos,
e não aia anno q não viessem a este
porto seys cẽtas naos e dahi pera
cima.

Capit. xliiij. Do grãde poder del-
rey de Calicut, e de seus costu-
mes: e assi dos outros reys do
Malabar/ e da maneyra q viuem
os Maïres.



De esta cidade ser o tama-
nho trato e tão pouoada,
e assi a terra ao derredor
crecerão as rendas de seu
rey e tãta maneyra q veo a ser o ma-
is rico rey do Malabar de dinhei-
ro: e mais poderoso de gẽte: porque
ẽ hũ dia ajuntaua trinta mil homẽs
de peleja, e em tres cẽ mil/ e chama-
uale camozim q em sua lingua quer
dizer emperador: porq assi ho era ele
antre os reys do Malabar que não
erão mais o dous a fora ele. s. el rey
de Goulão/ e el rey de Cananoz: q
posto q outros se chamauão reys
não ho erão. Este rey o Calicut era
braimene, como tambem ho sam os
outros: q antre os Malabares sam
sacerdotes/ e porisso hão todos de
acabar sua vida em hũ pagode que
he casa de oração dos seus idolos q
tem deputado pera isso: e sempre ne-
la ha dauar hũ rey q os sirua: e este
morto põe logo em seu lugar o que
reyna: e no reyno põe outro q lhe
sucede/ e ainda q o que reyna não
queyza entrar no pagode: morto o
q está nele hão no de fazer êtrar por
força. Estes reys do Malabar sam
homẽs baços e andão nus da cinta
pera cima e pera baixo se cobrẽ com
panos de seda, e de algodão, e às ve-
zes se vestem dhuas roupas curtas
q chamão bájus de seda ou brocado
e de graãcõ muyta pedraria, prin-
cipalmẽte el rey de Calicut. Fazem
as barbas aa naualha e deixão

hũs bigodes compridos a maneyra de Turcos / ser uense com pouco esta do / mórmete no comer que he muy pouco: Mas el rey de Calicut se seruia então com muyto grãde. Estes reys não casam nem tem ley de casa mēto: porẽ tẽ bũa mãceba de linha gẽ de naĩres q̃antre os Malabares fidalgos: e esta tem em casa aparta da perto dos paços / e danlbe certa cousa por mes pera seu gasto: com q̃ viuem muy abastadamente: e cada vez que os descontentão a deixão: e os filhos que fazẽ nelas não os tem por filhos, nem herdão ho reyno / nem outra cousa sua: e como sam ho mēs não tẽ mais valia que a da parte da mãy: sam seus herdeiros seus irmãos se os tem / e senão seus sobri nhos filhas de suas irmaãs / as quaes não casam, nem tẽ maridos certos / e sam muyto liures em esco lherẽ quẽlbe melhor parece, e sam muy estimadas e tẽ muy grandes rendas: e como chega algũa a dez annos que he a idade pera conhece rem homens mandão seus parentes chamar fora do reyno algũ mance bo Maire, e rogarlbe cõ presentes q̃ lbe vá leuar a virgindade: e quando chega ho recebem com muyta festa. E despois de a corromper atalbe bũa joya ao pescoço / que ela traz to da sua vida em muyta estima por si nal da liberdade que lbe foy dada pera fazer de si o que quizer / porq̃ sem aquela cirimonia não podia co nhecer bomẽ. Estes reys tem às ve zes guerra hũs com os outros / e eles mesmos entrão nas batalhas e pelejão se he necessario: quando morrẽ queimãnos fora dos paços

em bũ refflocõ muyta lenha de san dalo e aguilã / e ao queimar se ajun tão todos seus irmãos e parentes mais chegados: e todos os grãdes do reyno, e ate serẽ todos jutos se espera tres dias âtes de ho queima rẽ, pera verẽ se faleceo de sua morte, ou se ho matarão / porq̃ matãdobo alguẽ sam obrigados a vigalo. Des pois q̃ os queimão e que enterrão a cinsa rapãse todos sem ficar cabdo nenbũ / ate ho mais pequenino me nino que seja gentio, e geralmente deixão de comer betele, que he bũa erua de q̃ gostão muyto: e isto por treze dias: e ao q̃ ho come cortãlbe os belços por justiça. E nestes dias ho p̃ncipenão manda nẽ gouerna pera ver se acodira alguẽ que cõtra diga ser ele rey: e acabado este ter mo os grandes do reyno lbe fazem jurar todas as leys e costumes do rey passado: e de pagar todas suas diuidas: e dẽ trabalhar por ganhar algũa cousa que estẽ perdida do reyno. Este juramento lbe tomão tẽ do ele a sua espada na mão ezquerda e a dexteyta sobre bũa cãdea acesa, metido nela bũ anel douro em que tocã com os dedos e ali faz seu jura mento, e feyto lbe lanção bũ pouco darroz, fazẽdolbe grãdes cirimo nias em q̃ lbe dizẽ muytas orações: e ele adora tres vezes ao sol / e logo os Catinaes q̃ sam senhores de tito lo lbe jurã na mesma cãdea de lbe se rẽleaes. E cabados os treze dias tor não todos a comer betele / e carne e pescado como dãtes / saluo el rey q̃ toma dõ por seu âtecessor: e o dõ he q̃ por espaço de bũ ãno nã come car ne nem pescado nem betele / nem ba

de rapar a barba, nê fazer as vnhas nem ha de comer mais q̃ hũa vez no dia, e lauasse todo antes q̃ coma e reza certas horas do dia: e despo- is de acabado ho anno faz hũa ceri- monia pela alma do rey passado a maneyra de saymento em que se ajũ- garão cem mil homẽs / em q̃ da muy- tas elmolas: e acabada esta cerimo- nia confirmão ho príncipe por her- deyro do reyno, e despois se vay to- da aquela gente. El rey de Calicut, e assi todos os outros reys do Ma- labar tem hũ regedor que tẽ cargo da justiça / e assi manda em outras muytas cousas como el rey proprie- mente. A gẽte de peleja q̃ tem el rey de Calicut / e assi os reys do Ma- labar sam Haires, q̃ sam todos fidal- gos / e não tem outro officio se não pelejar quando he necessario, e sam gentios: trazẽ continuamente as ar- mas com q̃ pelesão que sam arcos / frechas, lâças, agomias, e escudos, e tem que andão coelas muyto hõr- rados e galãtes: pozem andão nus sómente com hũs panos dalgodão pintados q̃ os cobrem da cinta ate ho gíolho: e descalços com toucas nas cabeças. Viuem todos com el rey ou com senhores de terra de que tem moradia / e sam tão isentos em sua fidalguia e tão escoimados / q̃ se não tocão com nenhũ vilão / nem lhe hão dêtrar em casa. E os vilãos sam obrigados quando vão pelas estradas de ir bradando que vão / porque se os Haires vierem lhes di- gão que se afastem do caminho: e se bo assi nã fazẽ matãnos os Haires. Nem os reys podẽ fazer Haires se não forẽ delinhagẽ de Haires: serue

muyto bemaq̃les com que viuem / assi de dia como de noyte, e não estã- mão deixar de comer e dormir por servir bẽ: fazem tão pouca despesa que duzentos reaes que tẽ de mora- dia por mes lhes abasta pera cada hũ e hũ moço q̃ ho serue. Estes per- ley do reyno não podẽ casar / e por isso não tẽ filhos certos, porque os que tem sam de mancebas com que dormẽ tres e quatro, per concerto que fazẽ hũs cõ os outros pera ho fazerẽ sem auer briga antreles: e ca- da hũ ha de star coela hũ dia certo d' meyo dia a meyo dia: e aq̃le ido vẽ outro. E assi passão sua vida sem os ouuir ninguẽ, e mantẽna muy hõr- radamẽte: e qlquer deles q̃ a quer deixar a deitã / e ela a eles: e estas mulheres ham de ser Hairsas porq̃ não podẽ dormir cõ vilaãs / e estas tambẽ não casam / e porq̃ eles sam tantos a hũa molher não tem por seus filhos os que hão nelas / ainda que se pareção coeles, e os filhos de suas irmaãs sam seus herdeyros. Esta ley de não poderem casar os Haires fizẽ os reys: porque não tendo eles molheres nem filhos a que teuessem amor podessem aturar a guerra. E por eles servirẽ tãbẽ e se- rẽ fidalgos são príuilegiados de nã poderẽ ser presos, nẽ morrer por ius- tiça. E quãdo algũ mata outro: ou mata vaca q̃ antreles he grande pe- cado porque as adorão: ou dorme com molher baixa: ou come em casa de vilão, ou diz mal del rey, se ho el rey sabe certo, daa hum escrito seu em que diz a hũ Haire que com ou- tros dous ou tres mate tal Haire porque pecou, e eles ho matão aas

cutiladas õde ho achão / e despois de morto põe sobrele ho escrito del rey pera que saiba ho porque ho matarão. Estes Haíres não podem tomar armas / nem entrar em desafio antes de serẽ armados caualeyros: e como sam de sete annos logo os põe a deprẽder a jugar de todas as armas, e pera serem nisso muyto destros seus mestres os desconjuntão / e despois lhes insinão a jugar daquelas armas a que os vê mais incrinados. E as que se mais costumão a treles são espadas e escudos. Os mestres que os insinão sam graduados naquele jogo d'armas em q' insinão / e chamamse panicaís na sua lingua: e sam muyto venerados entre os Haíres, e qualquer seu dicipulo, posto que seja velho / ou seja grande senhor ho ha d'adotar em ho vendo, e isto por ley: e mais sam obrigados a tomar lição dous meses do anno em toda sua vida / pelo que sam muyto desenuoltos nas armas e prezanse muyto d'isso. Quando algũ quer ser armado caualeyro vay-se a elrey bẽ acompanhado de seus parentes e amigos, e primeiramente lhe offerece sessẽta fanões d'ouro, hũa moeda assi chamada que lerão tres cruzados pela nossa. E logo elrey lhe pergunta se quer goardar ho costume e ley dos Haíres: e dizẽdo ele que si, mandalhe cingir hũa espada, e poẽdo lhe a mão d'ereyta na cabeça diz certas palauras como que reza sem ho ninguẽ ouir: e despois ho abraça / dizendo em sua lingua hũas palauras que na nossa querẽ dizer, goardaras os bramenes e as vacas. Isto dito ho Haíre adora el

rey / e dali por diãte fica caualeyro. Estes quando assentão viũda cõ alguem / obrigamse a morrer coeles e por eles, o que goardão de maneyra que se matão seu senhor em algũa guerra pelejão tanto ate que os matão / e senão sam presentes vão despois matar a quẽ os matou / ou mandou matar: sam grandes agoireyros, e tẽ dias bõs e maos / adoraõ ho sol e a lũa / e a cãdea, e as vacas e qual quer cousa que se lhe offerece e saindo pela menbaã de casa: e crẽ leuemente qualquer vaidade. **D**e tesse ho diabo neles muytas vezes / e dizem que he hũ dos seus deoses, ou pagodes, que assi lhe chamão / e faz lhe dizer cousas espantosas que elrey cree, e ho Haíre em q' ho diabo entra vay se cõ a espada nua diãte delrey tremendo todo, e dando cutiladas em si / e diz. Eu sou tal deos e vindo te dizer q' faças tal cousa, e isto bradãdo como doudo: e se elrey duuida de ho fazer entãõ dá muyto mōres brados e gritos / e muyto mōres cutiladas ate q' ho cree elrey. Ha tãbẽ outros generos de gentes no Malabar de diuersas seitas e costumes q' seria prolixidade dizelas, que todos obedecẽ aos reys, se nãõ os mouros, q' sam deles muy estimados pelos grandes d'ereytos q' lhe pagão de suas mercadorias.

Capit. xv. De como Vasco da gama mandou recado a elrey de Calicut que lhe queria falar.



Urto Vasco da gama fora do arrecife de Calicut nas mesmas almadias que ho ali trouue

rão mandou hũ dos degradados q̃ leuaua a Calicut: assi pera que visse que terra era como pera fazer experiencia nele do gasalhado quelhe farião por ser Chriſtão: porque cuidaua que auia Chriſtãos e Calicut a cuja praya chegado ho degradado/começou logo deſeajuntar a gente a velo como a homem eſtranho: e preguntauão aos Malabares que yão coele que homem era. E eles diſiã quelhe parecia mouro q̃ vinha com outros naquelas tres naos q̃ vião/de que os de Calicut ſe eſpantauão / por ſer ho ſeu trajo muyto differente do q̃ trazião os mouros que vinhão do eſtreito/ e yão muytos apos ele/ e algũs q̃ ſabião arauia lhe falauão/ mas ele não reſpõdia/ por que não entendia: do que ſe eles eſpantauão, que ſendo mouro não entendeffe arauia. E indo aſſi crendo que foſſe mouro/leuarão a pouſada de dous mouros naturais de Tunesem Berberia/ q̃ forão ter a Calicut/ e erão hi eſtantes. E hũ deles q̃ auia nome Bõtaibo ſabia falar caſtelhano, e conhecia muyto bẽ os Portugueſes/ ſegundo deſpois diſſe que os vira em Tunesem tẽpo del rey dom João em hũa nao chamada a Raynba, q̃ el rey lá mãdaua muytas vezes buscar couſas de que tinha neceſſidade. E eſtando ho degradado em ſua caſa/ diſſelhe logo Mõçalde: e eſte nome foy corruo pelos Portugueſes/ e mudarão em Bõtaibo como lhe chamaũão todos os q̃ forão neſta viagem/ conhecẽdo ho por Portugueſ. Al diablo que te doy quiẽ te traxo a ca: e deſpois lhe preguntou de que ma

neyra viera aliter. Ho degradado lho diſſe/ e quantas naos yão. Eſpantado Bõtaibo de irẽ por mar/ lhe preguntou que yão buscar tão longe: e ele lhe diſſe que yão buscar Chriſtãos, e eſpecearia. E preguntoulhe mais porque não mandauão lá tambem el rey de França e el rey de Caſtela/ e a ſenhoria de Veneza. reſpondeo ele/ que porque lho não consentia el Rey de Portugal: ao q̃ Bõtaibo diſſe que fazia muyto bẽ de lho não conſentir. E agasalhoulhe, e mandoulhe dõr de comer hũs bolos de farinha de trigo, a que os Malabares chamão apas, e coeles mel. E deſpois que comeo, diſſelhe Bõtaibo q̃ ſe tornaffe pera as naos, e q̃ iria coele a ver Maſco da gama/ e aſſi ho fez. E eſtado na capitaina, começa de dizer a Maſco da gama e caſtelhano. Boauentura/ boauentura, muytos rubis, muytas eſmeraldas, muytas graças deueis de dar a Deos: porque vos trouue a terra onde ha toda a eſpeciaria, pedraria e toda a riqueza do mundo. E quando aſſi ho ouuĩrão falar eſtaũão todos paſmados, que não crião q̃ oueſſe homem tão lõge de Portugal que entendeffe a noſſa lingua: e dauão graças a noſſo ſenhor chorãdo de prazer. e Maſco da gama ho abraçou, e ho fez aſſentar a par de ſi/ preguntandolhe ſe era Chriſtão: e como fora ter a Calicut: ele lhe diſſe donde era, e que fora ter a Calicut pela via do Cairo, e contoulhe de q̃ maneyra conhecera os Portugueſes/ e que ſempre fora ſeu amigo por lhe ſuas couſas parecerem muyto bem, e que aſſi ho ſeria ao preſente/

z que ho serviria em tudo o que podesse. E q̃ lhe Vasco da gama agradeceo muyto, prometêdolhe de ho fazer coele muyto bem: certificâdo-lhe questaua ho mais ledo homem do mundo em ho achar ali z telo de sua parte: z que cria que Deos lho deparara pera dar ho fim que desejaua a seu descobrimento: porq̃ sem ele pouco fruyto ouuera de tirar de seu trabalho, rogandolhe que lhe dissesse que homem era el rey de Calicut, z se ho receberia de boa vonta depoz embaixador del rey de Portugal. E ele lhe disse q̃ el rey de Calicut era bõ homem z muyto vão, z que ho receberia bem por embaixador de rey estrangeiro: porem que muyto melhor recebido seria se dissesse que era vindo a assentar trato em Calicut / z leuaua mercadoria pera isso, porque do trato resultana a el rey grande proueito pelos dereytos que tinha, que era sua principal renda: z q̃ estaua então em Pandarane hũa vila cinco legoas de Calicut ao longo da costa, quelá lhe maddasse dizer como estaua ali: o q̃ pareceo bẽ a Vasco da gama / z pela vôtade que achou em Bôtaibo lhe deu algũas peças, z rogoulhe que fosse com Fernão martinz ho lingoa, per quem mandou recado a el rey de Calicut: o que ele fez de boa vôtade. E chegados diante del rey / Fernão martinz lhe disse per outro lingoa que bi estaua, q̃ Vasco da gama lhe trazia cartas del Rey de Portugal que ho não mandara a outra cousa se não a isso / que se mandasse q̃ lhas leuaria. El rey antes de lhe responder mandou dar a ambos de dons

senhos panos dalgodão z de seda dos que ele cingia / que erão muyto bõs. E despois delhe terem dados os panos / pregũtou a Fernão martinz que rey era aquele que lhe mandaua as cartas / z quão lóge era seu reyno. E ele lho disse, dizendo tambem como era Christão z a sua gête Christãa: z ho trabalho que tinbão passado no mar ê chegar a Calicut. E de tudo el rey mostrou espantar-se: z mostrou que folgaua muyto de tão poderoso principe como el Rey de Portugal z Christão lhe maddar embaixada / z mandou dizer a Vasco da gama q̃ fosse muy bẽ vindo / z que ele fosse ancorar suas naos a Pandarane hũa vila a baixo dõde primeyro surgira: que tinha porto mais seguro que Calicut / onde as naos corrião risco de se perderem: z de Pandarane se fosse por terra a Calicut õde ia estaria pera lhe falar, z mandoulhe hũ piloto que ho leuasse a Pandarane: que ho leuou lá / z quando foy ao entrar dẽtro na barra, Vasco da gama não quis tanto entrar dentro como ho piloto quiser / porque não sabia o que sucederia despois.

Capit. xvi. De como el rey de Calicut maddou por Vasco da gama a Pandarane.

Stando neste porto derã lhe hũ recado do Catual de Calicut, que he como corregedor da corte / que ele era vindo a Pandarane com outros homens nobres por mandado del rey pera ho acompanhar ate

Calicut q̃ podia desembarcar quã-
do quisesse. E por ser ja tarde se escu-
sou Alasco da gama de ir aq̃le dia, z
mais pera auer conselho com seus
capitães acerca d̃ sua ida aos q̃es / z
assia outros homẽs principaes da
frota: disse que queria ir ver-se com
el de Calicut z assentar coele trato z
amizade. O q̃ seu irmão contrariou
dizendo que não deuta de ir a terra,
porque posto q̃ fosse de Chriştãos
auiã nela muytos mouros, de que
se deuta de crer que auião de procu-
rar sua destruyção pois erão seus
mortaes inimigos: porque quando
os de Boçambique z de Bomba-
ça por somẽte passar por seus por-
tos os quiserão matar / que farião
os de Calicut sabendo que querião
estar coeles de mestura z ter trato
onde ho eles tinhão, z diminuir-lhe
coisso seus ganhos z proueitos / q̃
era de crer que com todas suas for-
ças trabalharião polo destruyr / z
crêdo que ho começo z cabo de sua
destruyção estaria a sua morte / não
lhe auião de faltar manhas pera
lha dar / z ele morto por mais que
el rey ho sintisse não ho poberia re-
suscitar: quanto mais que como eles
erão naturaes, z ele estrangeiro quẽ
sabia quanto daria a el rey de sua
morte / z o que seria deles despois
dela: z se se perderião todos z fica-
ria seu trabalho perdido. E pera se
isto escusar z eles estarem seguros /
era bem que não fosse a terra: mas
que mandasse hũ deles ou outrem
que fizesse o que ele faria. porque os
capitães mōres não se auião de auẽ-
turar em perigos senão com tanta
necessidade que se não podesse al fa-

zer. E coeste parecer se forã todos /
ao que Alasco da gama respondeo.
Eu ainda que saiba morrer não ey
de deixar de me ver com el rey de
Calicut pera ver se posso assentar
coele amizade z trato z auer especia-
ria: z outras cousas de sua cidade
pera q̃ seião testemunhas em Por-
tugal que ho descobrimento de Ca-
licut foy verdadeyro / porque indo
sem elas a cabo de tanto tempo se
nos Deos laa tornar seria duro de
crer que descobríramos Calicut: z
estaria suspenso ho credito de nossa
honrra ate virem ca pessoag sem sos-
peita que dissessem como era verda-
de o q̃ diziamos. Pois pareceuos
que esperaria eu antes a morte que
esperar de sofrer tanto tempo como
temos gastado z auemos de gastar
que viessem descobrir a verdade de
nosso merecimẽto, z entre tanto jul-
garẽ os enuejosos como quisessem.
certo que antes me deixaria morrer
que esperar o que digo: quanto ma-
is senhores que me não auenturo a
tamanho perigo de morte como vos
parece / nem vos ficais em risco de
vos perdẽdes, porque eu vou pera
terra õde ha Chriştãos: z negociar
com rey que deseja de irem muytas
mercadorias a sua cidade pelo pro-
ueito que lhe delas resulta / porque
quantos mais mercadores tanto
mayor crecimento de suas rendas /
z não vou pera me deter tãtos dias
que tenhamos os mouros tẽpo de me
fazer treição / porque ho assento q̃
ey de tomar com el rey se acabara
de tomar atetres dias: z nestes esta
rey sempre a recado. E a honrra des-
te assento se nosso senhor quiser que

ho eu tome não darey eu por nenhũ preço, e el rey não ho podera tomar com outrem melhor q̃ comigo, por que mais honrrame ha de catar e mais vergonha ha d'auer de mim sabendo que sam capitão mór desta frota e embaixador del rey de Portugal que a outra pessoa qualquer que seja: quanto mais que qualquer que vá não sendo eu auer se ha el rey por injuriado / e parecerlhe ha que ou me desprezo delhe ir falar, ou descõfio de sua verdade, e cada hũa destas lhe fara não ter nenhũ credito em nos outros. E deitadas estas cousas não posso eu dar tão largas instruções a quem lá for pera que faça tambem o que he necessario como eu: e se por meus peccados me matastem / ou prendestem melhor se ra acontecerme por fazer o que deuia: que ficar viuo sem ho fazer / e que me acontecesse, vos senhores ficais no mar / e em bõs nauios como ho souberdes acolheiuos, e leuareis nouas de nosso descobrimento. E nisto se não fale mais / porque eu prazêdo a Deos ey dir a Calicut e verme com el rey. Quando todos virão sua determinação disserão q̃ fosse: e ali se assentou q̃ fossem coele doze pessoas. s. Diogo diz seu escriuão e Fernão martinz ho lingoa, e ho seu veador, e João de sa que depois foy tesoureyro da casa da India, e hũ marinheiro chamado Gõçalo pirez que fora de sua criação / e hũ Alvaro velho / e Alvaro de Braga que depois foy escriuão da fangada do Porto / e assi outros a que não soube os nomes que coele erão treze: e que ficassena frota por capi

tão mór seu irmão, e que durando sua ausencia não recolbesse nela pessoa algũa, e todos os que fossem a bordo esteuessem e suas almadias: e q̃ cada dia ho fosse Miculao coelho esperar a terra nos bateys. Isto assentado / ao outro dia que foy segūda feyza vinte oytos de Mayo embarcouse Vasco da gama com os doze q̃ digo todos atauados ho melhor q̃ poderão: e os bateis muyto crespos com artelharía, e bandeiras, e trombetas / que sempre forão tangendo ate ele chegar a terra onde ho Catual ho estaua esperando acompanhar de duzentos Maires, que ho acompanhauão continuamente / e assi outros muytos que nã erão de sua companhia, e toda a gente do lugar. Desembarcado Vasco da gama / foy recebido do Catual com muyto prazer / e assi dos que ho acompanhauão, como que folgauão coele: e depois de recebido foy tomado em hũ andor que lhe mandaua el rey de Calicut pera ir nele, por que naq̃la terra não se custuma andar a caualo / e andão nestes andores que sam como leytos dandas se não q̃ sam descobertos, e quasi rasos tão baixas tẽ as goardas. Cada andor destes quando ha de servir he leuado por quatro homens aos hombros / e isto assi por nã auer bestas na terra / como por estado: por que em outras partes em que ha bestas não os leuão se nã homens. que tambem correm a posta cocles se os reys ou senhores vão caminbo longo, e se querẽ andão muyto em breue tempo. Podem ir assentados ou deitados como lhe vem á vontade,

z cubertos com sombreiros de pé/
que lbe tambem leuão homẽs a que
chamão boys / z assi vão èparados
do sol z da chuua. Ha tambem ou-
tros andores que tem por cima hũa
cana em arco, que por serem muyto
leues os podẽ levar dous homẽs.
Tomado Vasco da gama neste an-
dor / partio-se com ho Catual que
ya em outro pera hũ lugar a q̃ não
soube ho nome / z os nossos vão a
pé / z leuaualhes ho fato essa gente
batra da terra que lhes ho Catual
mandou dar / z no lugar que digo
comerão ele è hũa pouxada / z Vasco
da gama em outra, z os nossos
comerão pescado cozido z arroz
com manteiga z fruytas da terra /
que sam diferentes das nossas / po-
rem muyto saborosas / z chamão a
hũas jacas, a outras mangas / z a
outras figos: z beberão agoa muy-
to singular como a ha por aq̃la ter-
ra / que não deue nada a dantre dou-
ro z minho. Acabando de comer fo-
ranse embarcar / porque auião dir-
por hũ rio acima que ali se ya meter
no mar. E Vasco da gama se embar-
cou com os nossos em duas alma-
dias juntas hũa com a outra / que
naquela terra se chama jangada: z
ho Catual com os seus embarca-
rão em outras muytas. E a gente
que acodia às prayas do rio a ver
os nossos era sem conto, porque a
q̃la terra he muyto pouxada. Trião
por este rio obra de hũa legoa / z ao
lõgo dele estauão varadas muytas
naos grossas. E desembarcados
tornarãse aos âdores z prossegui-
rão seu caminho / z a cada passo lbe
fayão milhares de gente: z tão enle-

nados vão em ver os nossos q̃ assi
como as molheres fayão com os
meninos nos colos, vão apos eles
sem sentir ho caminho. Deste lugar
que digo leuou ho Catual Vasco
da gama a hũ pagode dos seus ido-
los, dizendolhe que era hũa igreja
de muyta deuacão: z assi o cuydou
ele mais por que lbe viu sobre a por-
ta principal sete sinos pequenos / z
diante dela hũ padrão d'arame dal-
tura dũ masto de nao z no capitel
hũa grande ane do mesmo arame q̃
parecia galo, z a igreja era do tama-
nho dũ grande mosteiro laurada to-
da de cataria z telhada de ladrilho,
que prometia ser de dentro hũ fer-
moso edificio. E Vasco da gama se a-
legrou muyto de a ver, z pareceo-
lbe que estaua antre Chriştãos: z en-
trado dentro com ho Catual / rece-
berãnos certos homẽs nus da cin-
ta pera cima, z pera baixo cubertos
com hũs panos ate ho giolbo, z cõ
outro sobraçado / z sem nada na ca-
bça / com certo numero de linhas
per cima do ombro esquerdo, z lan-
çadas p baixo do ombro d'ereyto /
assi como os Diaconos trazem a es-
tola quando seruem á missa: z estes
homẽs se chamão Cafres z sam gẽ-
tios / z seruem no Malabar nos pa-
godes. Estes deitarão agoa de hũa
pia com isope a Vasco da gama / z
ao Catual / z aos nossos: z despois
lbe derão sandolo moido para poe-
rem nas testas, como ca se põe a cin-
za, z assi pera poerein nos buchos
dos braços / õde os nossos os não
poserão por irem vestidos / mas po-
serão nas testas. E indo por esta
igreja virão muytas imagens pinta-

das pelas paredes, e delas tinhamo tamanhos dentes quelhe sayão fora da boca hũa polegada, e outras tinhamo quatro braços e erão feos do rosto que parecião diabos: o q̃ pos algũa duuida nos nossos d̃ cre rem queera igreja de Chriştãos: e cbegados diante da capela que esta ua no meyo do corpo da igreja/ vi- rão que tinha hũ curucheo a modo de sê/ tambe decantaria: e em hũa parte deste curucheo estava hũa por ta d'ame per que caberia hũ ho- mem, e sobião a ela per hũa escada de pedra/ e dentro nesta capela que era hũ pouco escura estava metida na parede hũa imagem / que os nos- sos enxergarão de fora / porque os não quiserão deixar entrar dentro: acenandolhe que não podião lá en- trar se não os Cafres: os quaes ace- nando pera a imagẽ nomeauão san- cta Maria, dando a entender que aquela era a sua imagem. E parecê- do assi a Vasco da gama, assentouse em giolhos, e os nossos coele e fize- rão oração. E João de sa que esta- ua duuidoso de ser aquilo igreja de Chriştãos por ver aquela fealdade das imagẽs que estauão pintadas nas paredes / em se assentando em giolhos disse. Se isto he diabo eu a- doro a Deos verdadeyro. E Vasco da gama que ho ouuio oulhou pare- le forindole. E ho Catual e os seus como forão diãte da capela deitarã- se no chão de bruços com as mãos por diãte/ e isto tres vezes, e despo- is leuãtarãse e fizerão oração ê pé.

¶ Capit. xvij. De como Vasco da gama deu a el rey de Calicut a em- baixada que lhe leuaua.



Aqui prosseguirá seu ca- minho ate chegarê a Ca- licut, a cuja cntrada leua- rá Vasco da gama e os- nossos a outro tal pagode como es- te: e quando foy ao entrar da cida- de/ era a gente tâta assi da que say- dela a ver os nossos como da q̃ ya coeles / que não cabia pela rua. E Vasco da gama ya espâtado de ver tanta gente: e quando se ali vio deu muytas graças a nosso senhor por ho deixar chegar a esta cidade / pe- dindolhe q̃ ho encaminhasse de ma- neyra que tornasse a Portugal com ho recado que deseiaua. E despois de ir hũ pedaço por aquela rua por onde entrou, por a gente ser tanta q̃ não podião romper os que ho leua- uão no andor se meteo ho Catual coele em hũa casa: e ali foy ter coele hũ irmão do Catual que era grão senhor / e vinha por mandado del rey pera ho acompanhar ate ho pa- ço/ e leuaua consigo muytos Haí- res/ e diante muytas trombetas e anafis que yão tangendo, e assi hũ Haíre que leuaua hũa espingarda com que tiraua de quando em quã- do. E despois de se receberem Vas- co da gama e este senhor com muy- to prazer abalarão pera os paços del rey com grande estrondo de tan- geres e arroido da gente, q̃ despois da vinda do irmão do Catual deu lugar e se afastaua/ e yão com tâto acatamento como que fora ali a pes- soa del rey de Calicut / e irião bem- tres mil bomês d'armas, e pelos te- lbados, e pelas portas das casas não tinha conto a gente que estava. E Vasco da gama ya tão ledo de se

ver assi receber q̃ disse aos seus rindo. Quão fora estão agora de cuidar é Portugal q̃ nos fazem tamanho recebimento: e coísto chegou aos paços delrey cō mais de hũa ora de sol. Os paços tirado serẽ ter reos erã muyto grãdes/ e parecĩã ser hũ fermoso edificio, polos muytos aruozedos q̃ parecĩão perãtre as casas/ e estes erã de muytos e fermosos jardins q̃ aula dentro, e q̃ aula muytas froles e ervas cheirosas, e tanques d'agoa pera recreação del rey/ q̃ nũca sae dos paços senão quãdo vay fora de Calicut. Dos paços sayrã muytos calmais e outros senbores a receber Vasco da gama: e etrarão coele em hũ terreiro muyto grande: e dali passarã quatro patios, e á porta d'cada hũ estauão dez porteiros: e estas portas passarão por força de muytas pancadas que os porteiros dauão na gente pera fazerẽ afastar, q̃ não entrasse. E chegãdo á derradeira porta q̃ era da casa onde el rey estaua/ sayo de dentro hũ homẽ velho e baixo de corpo/ que era ho brame nemór delrey, e abraçou Vasco da gama/ e leuoubo dẽtro cō os seus. E nesta etrada carregou a gẽte tanto em demasia q̃ se afogarão algũs. E não aproueistaua darẽ os porteiros muytas pãcadas de q̃ muytos forão feridos: e coísto teuerão os nossos lugar d'entrar. Deste terceiro patio etrarão na casa onde el rey estaua q̃ era grãde e cercada ao redor d'assentos de pao hũs acima dos outros a modo de teatro: e ho chão estaua cuberto de veludo verde de pelo/ e as paredes aparamẽ-

tadas de panos de seda de muytas cores. El rey era homẽ baço e grãde de corpo e de boa idade/ estaua lãçado em hũ catele cuberto de hũ pano branco de seda e d'ouro: e perclina hũ ceo muyto rico. Tinha na cabeça hũa carapuça d'veludo, feyta ao modo de celada antiga, cuberta de pedraria e perlas, e nas orelhas hũas arrecadas do mesmo: tinha vestido hũ baju branco/ de pano d'algodão finíssimo / cō botões d'perlas muyto grossas e as casas de fio d'ouro: tinha cingido hũ pano brãco do mesmo algodão, que lhe chegaua ao giolho, e os dẽdos das mãos e dos pés cheos d'aneis d'ouro com muyto fina pedraria, e nos braços muytos braceletes ricos, e nas pernas manilhas d'ouro. Junto coeste catele estaua hũa batega d'pé alto toda d'ouro, que são d'feição de copos de Frandes chãos/ se não q̃ são mayores e menos couos. E nesta estaua ho betele q̃ el rey mastigaua cō cal e areca, que são hũs pomos d'tamanho d'nozes noscadas: e comesse isto e toda a Índia porq̃ faz bõ baço, e exuga muyto ho estomago, e mata a sede: e como he mastigado lançãno fora / q̃ não ho egolem e tomão outro. E pera lãçar este betele mastigado e cospir, estaua ali hũ cospidor d'ouro, tamanho como hũa bacia meaã tãbẽ d'pé, e assi estaua hũ guinde d'ouro q̃ he da feição d'agomil ou quasi/ e estaua cheo d'agoa pera el rey lauar a boca quãdo acabasse de mastigar ho betele q̃ assi se costuma. E este betele lhe daua hũ homẽ velho que estaua junto do catele/ e os outros que estauão

na casa tinham as mãos e zquerdas diâte das bocas porq̃ não fosse bo seu bafoter a el rey / o q̃ hã por grã de descortesia / e assi cospir ou elcar rar, e por isso nã ho faz niguẽ na casa onde estã el rey. Entrãdo Vasco da gama nesta casa fez a el rey reuerencia segũdo bo costume da terra, que he abaixarse todo tres vezes cõ as mãos juntas como quẽ louua a Deos estẽdidas pera diâte: e el rey lhe acenou logo q̃ se fosse perto dele, e mādou ho assentar naq̃les assentos q̃ disse. E assentado e trarã os seus e adozarã el rey assi como ele fez: e el rey os mādou tãbẽ assentar defronte dele: e mādou lhes dar a goa as mãos pera defencalmarẽ / porq̃ posto q̃ fosse inuerno nã dei-xaua de fazer calma. E lauadas as mãos mandou lhes dar figos e jacas pera q̃ comessem logo / o q̃ eles fizeram de bõa vontade e sem pejo, o q̃ el rey folgaua õ ver porq̃ oulhaua pareles e riãse, e despois falaua com ho velho q̃ lhe daua ho betele. E muyto mais mostrou folgar quãdo os nossos pedirã õ beber, q̃ lho derã por guides: e como sabião q̃ se costumaua beber dalto por auerẽ os Malabares por cugidade tocar cõ os beijos no vaso por õde bebẽ quiserã beber dalto: e nã sabẽdo ainda aq̃le modo de beber daua-lhes a goa no goto e tussião e outros errauã a boca, e cayalhes a goa pelo rosto / entornãdo selhe pelos peitos, do q̃ el rey muyto gostaua: e oulhando pera Vasco da gama, disse lhe por hũ lingoa q̃ falasse com aq̃les homẽs bonrrados q̃ ali estauã: e q̃ dissesse o q̃ quisesse q̃ eles

ho dirião. Do q̃ ele nã foy nada cõtete, porq̃ lhe pareceo aquillo desprezo: e respõdeo pelo lingoa / q̃ ele era embaixador del Rey de Portugal / hũ rey muyto poderoso: e q̃ os reys Chri-stãos costumauã de nã receber as ebaixadas por terceyras pessoas se nã por si mesmos: e iinda perante muyto poucas pessoas / e estas de muyta cõfiãça. E por se isto assi costumar nas terras donde ele vinha, nã auia de dar a embaixada a outrẽ se nã a ele. E q̃ el rey disse q̃ era bẽ, e q̃ assi se fizesse. E logo mādou leuar Vasco da gama com Fernão martinz pera outra casa q̃ estaua com outro catale como aq̃le e assi aparamentada: e despois q̃ lá estene foy se el rey parela ficãdo os nossos na casa de fora / e isto seria sol posto. E el rey como foy na camara / lançou se no catele nã estãdo hĩ a fora Vasco da gama e Fernã martinz mais que ho lingoa del rey / e ho brazenemõr / e ho velho q̃ lhe daua ho betele, e mais hũ seu vedor da fazenda. El rey preguntou a Vasco da gama de que parte do mũdo era, e q̃ queria: ao que ele respõdeo q̃ era embaixador dũ rey Chri-stão do cabo do occidẽte / senhor dũ reyno principal chamado Portugal, e assi doutros muytos / pelo q̃ era muyto poderoso de gẽte, e muyto mais rico de todas as cousas necessarias pera hũ rey ser muyto mais rico que nenhũ outro daquelas partes: e que auia sessenta annos que os reys seus antecessores tẽda fama quena Índia auia reys Chri-stãos e muyto grandes senhores principalmente el rey de Calicut /

mandaua descobrir per seus capitães aq̃la cidade pera terê amizade com os reys dela/ e os terê por irmãos como era rezão: e visitarênos por seus embaixadores: e não porq̃tiuessem necessidade de sua riqueza porq̃ a q̃ auia em suas terras/ouro/prata e outras couzas de preço lhe sobejaua: e q̃ os capitães q̃ yão a este descobrimento andauão nele hũ anno e dous/ ate q̃ lhes falecia ho mantimento: e sem acharê oque buscavão se tornauã pera portugal o q̃ tinha custado muyto. E q̃ elrey dō Manuel q̃ então reynaua, desejando de dar fim a esta empresa que auia tâto tẽpo q̃ duraua, por lhe nã faltar ho mantimẽto como dâtes lhe dera tres nauios carregados d'ouros, e ho mãdara por capitão mór de todos tres/ dizêdolhe q̃ não tornasse a Portugal ate q̃ lhe não descobrisse aquele rey dos Chistãos q̃ era senhor de Calicut/ porque se tornasse sem isso lhe mãdaria cortar a cabeça: e q̃ se ho achasse q̃ lhe desse duas cartas suas/ q̃ lhe daria ao outro dia por ser então ja tarde, e q̃ lhe dissesse que ele era seu irmão e amigo/ q̃ lhe pedia muyto q̃ pois mandaua de tão longe buscalo que quisesse aceitar sua amizade/ e lhe mandasse seu embaixador pera a confirmar/ e que dali por diante se visitassem por seus embaixadores, como se costumaua antre os reys Chistãos. Elrey mostrou q̃ folgaua cō a embaixada, e assi ho disse a Gasco da gama, e q̃ ele fosse muyto bẽ vindo: e pois elrey de Portugal q̃ria ser seu amigo e irmão, q̃ ele ho seria seu/ e lhe mãdaria sobrisso seu em-

baixador: ho q̃ Gasco da gama lhe pedia muyto q̃ fizesse: porq̃ não oufaria da parecer diante del rey seu senhor sem ele. Elrey lhe pormeteo q̃ ho mãdaria, e q̃ logo ho despacharia. E despois de lhe perguntar polo estado d'el rey d' Portugal, e quãto auia d' sua terra a Calicut, e quãto se deteuera na viajem/ por ser ja muyto noyte lhe disse q̃ se recolhesse: e perguntoulhe se q̃ria poular cō mouros se cō Chistãos, e ele disse que cō nenhũs se não só, e elrey mãdou a hũ mouro seu feytoz q̃ o fosse apousentar/ e lhe fizesse dar todo ho necessario.

C Capít. xviii. De como Gasco da gama quísera mandar hũ presente a elrey/ e lhe nã foy cõfêtido.



Espedido Gasco da gama pa se ir a pouxada, posto que seria passadas quatro horas da noyte, ho Gasco e os outros q̃ ho acompanhãõ se forãõ coce/ indo todos a pé/ e nisto sobreueo hũa chuua tamanha q̃ as ruas yão todas cheas d'agoa. E por isso Gasco da gama mandou algũs criados seus que ho leuassẽ as costas: e assi pola agoa, como pola grande detença que fazião em chegar a pouxada le agastou/ de maneyra que se queixou com ho feytoz del Rey. Dizendo que se ho auia ele de trazer pela cidade toda aquela noyte: e ele lhe disse q̃ se não podia mais fazer porque a cidade era grande e espalhada: e leuou ho a sua casa pa des-

cançar hũ pouco / e daualhe hũ cavallo pera ir nele, e por ser sem sela o não quis, dizendo que antes iria a pé: e assi foy ate chegar á pouxada onde aqueles que ho acompanhauão ho deixarão bẽ apousentado / e ja lá os seus tinhão todos seu facto. Aquí descansou aquella noyte com muyto prazer de ver tão bõ começo naquella negociação. E ao outro dia que era terça feyza determinãdo de mãdar presente a el rey, porque sabia de Bontaibo que se não podia mandar sem ho seu feytor e ho Catual ho verem primeyro / mostroulho, e erão quatro capuzes de graã: e seys chapeos, quatro ramaes de corais, doze alambes / hũ fardo de bacias de latão, em que auia sete peças / hũa caixa daçucar / dous barris dazeite, e dous de mel. Vendo ho feytor e ho Catual estas peças começaramse de ir / dizendo que não era aquilo nada pera mandar a el rey / que ho mais pobre mercador que ya a seu porto lhe daua muyto mais / que aquilo que se lhe queria fazer presente, que lhe mandasse algũ ouro: por q̃ el rey não auia de tomar aquilo. Do que Vasco da gama ouue menê coria / e assi ho mostrou, dizendo q̃ se ele fora mercador ou fora tratar que leuara ouro: porẽ que não era mercador, se não embaixador por isso ho não leuaua / e que aquilo q̃ queria mandar a el rey de Calicut era do seu / e não do del rey seu senhor, porque não tendo ele certeza se acharia el rey de Calicut, lhe não dera nada parele / e que quãdo tornasse a mandar outra vez pela cer-

teza que teria de ho acharẽ lhe mãdaria ouro, prata, e outras cousas muyto ricas. Eles disserão que aquilo seria assi: pozem que ho costume daquela terra era que todo ho estrangeiro que ya falar a el rey lhe ouia de fazer presente, e este conforme á grandeza de seu estado. Ao q̃ Vasco da gama repzicou, dizendo que era muy bem que se goardasse seu costume / e ele por se goardar fazia aquele presente, que não era de mór preço por as causas que lhe dizia, q̃ ho deixassem levar a el rey, e quando ho não quisesse que ho mandarião pera os nauios: e eles disserão que logo ho poderia mãdar / porque ho não auião de levar a el rey, nẽ consentir que lho leuassem. E dado este desengano de que Vasco da gama ficou assaz agastado / disselhes q̃ pois eles não querião que mandasse aquele presente a el rey, que lhe queria ir falar pera se tornar a seus nauios (e isto era cõ determinação de dar conta a el rey do q̃ passaua acerca do presente) e eles disserão que era bẽ: pozem q̃ por quãto se auião de deter coele no paço / e era muyto necessario trẽ fazer hũ pouco, q̃ ho irião fazer e logo tornarião pera irem coele / porque el rey não queria que fosse sem eles / por quãto era estrangeiro, e auia muytos mouros na cidade. E cuydando Vasco da gama q̃ lhe falauão verdade no tornar logo / disse q̃ esperaria por eles / mas eles não tornarão em todo aq̃le dia.

Capit. xix. Do q̃ os mouros ordenarão cõtra Vasco da gama.



Como quer q̃ neste tẽ
po os mouros d̃ Ca
licut tinhão trato e
Quíloa/ Mõbaça z
Moçâbiq̃ por amor
do ouro q̃ se achaua
nestes lugares:quelhes y a de çofa
la por as naos q̃ lá tinhão mādado
que toznarão inuernar a Calicut z
chegarão primeiro q̃ Masco da ga
ma/ souberão quãto lhe acõtecera
des q̃ chegou a Moçâbique ate q̃
partio:z no caminho/ate Mõba
ça z ate Belinde:z como dizia que
ya buscar calicut por amor da espe
ciaria q̃ hi auia,pera el rey de Por
tugal mandar hi carregar suas na
os dela. E quando eles virão Mas
co da gama: z souberão q̃ a causa d̃
sua vinda z a sustãcia de sua embay
xada era sobre o q̃ lhes tinhão dito:
z que el rey de Calicut bo ouuira a
parte z mostrara contentamẽto de
sua embaixada ficarão muy saltea
dos,porque sabião q̃ el rey auia de
folgar de irẽ muytos mercadores
a Calicut,porq̃ quanto mais fossẽ
tanto mais baratas auião de ven
der suas mercadorias, z tanto ma
ys cara auião d̃ cõprar a especiaría
o q̃ sentirão muyto porq̃ vião clara
mente quãto perdiao do muyto q̃
ganhauão tendo sós bo trato da ei
peciaría:z mais bo desgosto gran
dissimo q̃ terião vêdo mesturados
coeles Chriştãos, a q̃ tinhão odio
mortal:z mais que os auião de ter
por cõpetidores em seus tratos. E
isto bẽ cõsiderado z examinado por
todos juntos em consulta,acorda
rão q̃ trabalhassẽ todo bo possiuel
cõ bo catual z cõ bo feitor del rey

de Calicut q̃ lhe fizessem crer q̃ Mas
co da gama q̃ era cossairo z não vi
uia se não deroubos/ z q̃ ya espíar
a terra pera saber q̃ naos yão a ela
pera como fosse verão as ir esperar
ao mar z roubalas:por isso q̃ ho nã
deixasse ir de Calicut. E isto a fim q̃
ficãdo ele na cidade cõ os q̃ leuaua
os matarião poucos z poucos por
que não toznassem asua terra cõ no
uas do descobrimẽto de Calicut z
lhes impedissem bo trato q̃ tinhão
E pera q̃ ho catual z feitor persua
disse a el rey q̃ cresse que Masco da
gama era cossairo cõtarãlhe o que
fizera e Moçâbique cõtra os mou
ros, z d̃ spois q̃ partira ate chegar
a Belinde. Eles por amor da peita
contarão logo tudo a el rey:z assi o
presente q̃ lhe Masco da gama qui
sera fazer:no q̃ se parecia bẽ que nã
trazia mercadoria/ nem era merca
dor se não cossairo. E como el rey
era homẽ inconstãte:z vêdo q̃ Masco
da gama lhe não daua presente co
mo os mercadores lhe costumauã
de dar/começou de crer o q̃ lhe dis
serão bo catual z feitor/z este ue pa
bo mandar prender:mas parece q̃
nosso seño: ho estorouou pera se a In
dia descobrir/z se lhe fazer lá tâto
seruiço como he feito polo: irmãos
da cõpanhia de Jesu: cõuertẽdo tã
o numero de infiels á nossa sctã fé.
E por isto em q̃ o catual z feitor an
dauão não querião q̃ Masco da ga
ma mādasse bo presente a el rey/ z
trabalhauão q̃ não lhe toznasse afa
lar/porq̃ não bo ouuindo se indi
gnasse mais cõtrele. E de tudo isto
verão conta aos mouros/ que lho
agardecerã muyto, pmetẽdo lhes

muyto mais do q lbes tinbã dado se leuassẽ aquillo auãte. E por dissimularẽ forãse a poufada de Vasco da gama leuãdo cõsigo Bõtaibo: z fingidose seus amigos mostrarão q ho querião insinar no q auião de fazer. E disserãlhe que quẽ queria negociar cõ el rey q lhe auia o fazer presente, porisso q lho fizesse se qria ser despachado: z Bõtaibo como amigo lhe disse ho mesmo: z que não somente ho auia de fazer a el rey / mas aos officiaes q ho auia de despachar / se não que nunca seria despachado. E Vasco da gama se lbes queixou que ao dia dâtes quisesa fazer hũ presente a el rey: z q ho seu feytoz z ho Catual lho não cõsentirão z se forão / z q nunca mais tornarão. E mostroulhe as peças do presente. E os mouros lhe disserão que não erão aqilas peças pera dar a hũ rey tão poderoso como ho de Calicut / nem lhas desse / porq lbe pareceria q fazia escarnio dele. E o mesmo lhe disse Bõtaibo: z estranhoulhe muyto não trazer outras cousas de preço / pois as auia em Portugal: z ele se lbes desculpou cõ não ler certo de descobrir Calicut: z Bõtaibo lhe cõselhou q posto q não desse presente a el rey, que trabalhasse por lhe falar z auer licença dele pera se tornar aos nauios porq lbe não fizessem os mouros algũ mal / que começaua dẽtender neles q lbes pesaua cõ sua vinda / z coisto se foy coeles.

Capí. xx. De como Vasco da gama ouue licença del rey pera se tornar aos nauios.



Dy dãdo Vasco da gama no q lhe Bõtaibo disse, z vendo q ho Catual z feytoz tardauão determinou se não fossem coele ate ho outro dia a horas de comer de se ir sem eles a o paço: mas eles vierão: z ele sem mais falar na tardança lbes pediu que fossem falar a el rey. E parece q nosso seõor andaua abrindo caminho pera se descobrir a Índia, porq cõ quanto eles qriã estoruar a Vasco da gama q não fallasse a el rey / forãose logo coele aos paços: z mandarão dizer a el rey q estauão ali cõ Vasco da gama. E el rey por estar trastroznado algũtãto ho não mãdou êtrar se não despois dobra de tres horas q chegou, z q não entrassem coele mais q ho seu lingoa: do q ele ficou muy descontente, porq lbe não pareceo bẽ aquele apartamẽto. E entrado onde el rey estaua, não foy recebido dele cõ ho galalhado da primeira: z disselhe secamente q ho esperara ho dia passado / z q não fora a ele. Ao q Vasco da gama disse q deixara de ir por se achar muyto cansado do caminho. E não quis dizer ho porq, por não dar causa a el rey de lhe falar no presente, q bẽ lhe parecia que lhe não estoruarã ho catual z ho feytoz de ho mandar a el rey se não por saberẽ que ho aueria por cousa baixa: z mais q lhe auião de dizer como ho virão. Porẽ não se pode escusar de lhe el rey falar nele: dizeõdhe logo que ele lhe dissera q era de hũ rey muyto poderoso z rico, z que lhe nã trazia nenhũa cousa, trazẽdhe embaixada da amizade / que nã sabia

que amizade queria coele quem lhe não mandava nada. Ao que Elasco da gama respondeo, que se não espantasse delhe não trazer nada, porque não tinha certeza de bo achar / e agora que ho achara veria o q elrey seu senhor lhe madaua / se bo deos deixasse levarlhe as nouas de seu descobrimento: e que se ele quisesse dar credito a suas cartas q ali lhas leuaua, e que nelas veria o que lhe dizia. E elrey e vez de lhe pedir as cartas / disselhe que ou ho madaua bo seu rey descobrir pedras ou homens, e semadaua descobrir homens como lhe não mandava algũa couza: e pois a não trazia que lhe dissesse q tinha hũa sancta Maria douro que lhe desse. Elasco da gama se achou muy afrontado de lhe elrey estranhar tanto não lhe levar presente, e mais de lhe pedir tão sem vergonha aquela imagem. E respondolhe que a sancta Maria que lhe disserão era de pao dourada e não douro: e posto que ho fora que lha não ouuera de dar por quanto ela ho goardara no mar: e bo leuara a sua terra. E elrey não reprimou a esta resposta, e pediolhe as cartas que leuaua delrey: e ele lhas deu / hũa em lingoagem Portugues outra em arabigo. E disselhe que vinhão assi por q não sabia elrey seu senhor qual daquelas lingoas se entêderia em sua terra. E pediolhe que pois a lingoa Portuguesa se não entêdia se não a arabiga / e auia hi Chistãos Indios que a entendião que as mandasse ler por hũ deles, porque por os mouros serẽ inimigos dos Chistãos receua que mudassem

as palauras da carta. E elrey ho mandaua assi porẽm não se acabou. Indio que soube feler mostra moua risca ou foy feyto acifite. E vendo Elasco da gama que a auia de ler mouros, pediu a elrey q fosse do taibo hũ deles / e isto por lhe parecer que falaria mais verdade q os outros pelo conheçimento que tinha coele: e elrey mandou que a lesse com outros tres: e lida por eles primeyro antre si, a lerão alto declarando a elrey o que dizia: Que era q sabendo elrey de Portugal como ele era hũ dos mais poderosos reys da India e Chistão desejara de ter coele amizade e trato pera auer de sua terra especiaría que sabia q auia nela muyta / e que de muytas partes do mundo a yão ali comprar. E que se ele lhe quisesse dar licença pera mandar por ela que lhe mandaria de seus reynos muytas couzas que no seu não aueria / as quaes lhe daria aquele seu capitão mór e embaxador. E quando daquelas couzas não fosse contente / mandaria moeda douro ou de prata pera a cõprarem. E que assi das mercadorias como das moedas lhe daria ho seu capitão mostra. Elrey ouindo estas palauras, como desejaua que pera acrecentamento de suas rendas fosse muytos mercadores a Calicut, mostrouse cõtente cõ a carta / e fez melhor rosto q dantes: e perguntoulhe q mercadorias auia e portugal. Ele nomeou muytas, e disse q de todas trazia mostra, e assi das moedas: q lhe desse ele licença pa ir por elas aos nauos, e que deixaria na pouxada quatro ou cinco homens dos seus

em quanto lá fosse. El rey crendo mais o quelhe ele dizia / que o que lhe os mouros tinbão dito / disse-lhe q fosse embora , e que leuasse os seus consigo que não era necessario ficar nenhũem terra / e que trounessesua mercadoria , e que a vendesse ho melhor que podesse. Coesta licença ficou ele muyto ledo , porque segũdo vio el rey mal assombrado no começo da pratica / pareceolhe que lha não desse. E coisto se foy pera a pouxada / accompanbandoo ho Catual por mandado del rey. E por ser aqle dia ja tarde se não quis partir.

rião perdão. E fizerãno partir logo, e andou tanto que passou pelos nossos que ficauão atras de Vasco da gama por ele ir depressa / e eles não poderem andar tanto que fazia calma e afrontauão. E chegado ho Catual a ele, disse-lhe que porque andaua tão de pressa que parecia que ya fugindo : e isto por acenos. E q ele bem entendeo : e disse-lhe tambẽ por acenos que fugia da calma. E chegados a Pandarane, porque os nossos não parecião ainda / disse Vasco da gama que não auia dentro sem eles no lugar, e meteo-se em bũ estao (que auia muytos por aquele caminho pera se acolherem das chuvas) e hi esperou por eles ate quasi sol posto / que tudo isto tardarã por errarẽho caminho. E Vasco da gama se queixou coeles / dizendo que não era aquilo tempo pera ho deixarem , e que ja fora nos nauios se não fora sua tardança. E pediu logo hũa almadia ao Catual pera se ir aos nauios : e ele pelo que esperaua de fazer lhe disse que era ja muyto tarde / e que os nauios estauão longe e como fizesse escuro que os poderia errar que melhor se iria ao outro dia. Ao que ele disse q selhe logo não desse almadia pera se ir que se tornaria a el rey , porque el rey ho mandara ir pera os nauios e que ele ho queria deter / e que era muyto mal feyto sendo ele Chrião como eles. E isto disse muyto menẽ corio / e mostrãdo que se queria tornar pera Calicut. E ho Catual por dissimular disse q lhe daria .xx. almadias se tãtas quisesse q ele lhe aconselhaua por bẽ q ficasse, q se se qui

I Capit. xx. De como tornandose Vasco da gama pera os nauios ho deteu ho Catual em Pandarane.



Ho outro dia que foy ho derradeyro de Mayo mandou ho Catual hum cavalo em osso a Vasco da gama pera ir nele a Pandarane. E por ho cavalo vir daquelle maneyra não quis ir nele, e pediu hũ andor ao Catual, q lhe logo mandou dar / e nele se partiou pera Pandarane / e todos os seus coele, e assi muytos Maires q ho accompanbauão. E quando os mouros ho virão ir / parecendo-lhe que se ya de todo / ficarão tão magoados que se forão ao Catual , e peitarãhe muyto dinheiro porque fosse apos ele e q ho prendesse dessimuladamente, e que eles terião maneyra como ho matasem pera que ele ficasse sem culpa. E posto quelhe el rey quisesse dar algũa pelo prender, que eles lhe aue-

fesse ir que se fosse: e fez que mandava buscar almadias, e dissimuladamente mandou esconder os donos delas, porq̃ as não dessem. E entre tanto que as yão buscar leuou Uasco da gama ao longo da praya: e como ele ja tinha má sospeita desta gente pelo q̃ lhe fora feyto em Calicut, disse a Gonçalo pirez ho marinheiro/ que cō outros dous dos nossos fosse diante ho mais q̃ podesse: e se achasse Riculao coelho com os batreis/ lhe disesse que se escōdasse porque avia medo q̃ ho Catual lhe tomasse os batreis com a muyta gente que leuava: Gonçalo pirez e os outros forão fazer isto. E ho Catual se deu tanto de vagar cō a almadia por mais q̃ se Uasco da gama apresaua/ q̃ se çarrou a noyte de todo/ e erão passadas dela bem tres horas. E assi por isto/ como por não tornarem mais os q̃ leuarão horecado a Riculao coelho/ se deixou Uasco da gama ficar ali aq̃la noyte/ e foy apousentado e casa de bñ mouro. E ho Catual os deixou, cō dizer que ya buscar Gonçalo pirez e os outros dous/ e foyse: e nã tornou se não pola menbaã. E tanto q̃ tornou logo lhe Uasco da gama pediu almadias pera se ir: e ele lhe disse que mandasse chegar mais pera terra os navios, e que etão se iria: do que se ele agastou muyto/ parecendo lhe quelbo dizia, pera com a muyta gente que tinha/ lhe ir tomar os navios em almadias: e por isso não quis. E respondeo cō grande animo, que não avia de mandar tal cousa estando em terra/ porque se ho mandasse, que pareceria a seu

irmão que ho tinham preso / e que ilbo fazião fazer por força/ e que se iria pa Portugal sem ele. Ho Catual e os outros falado todos juntamẽte muyto riso/ e differão q̃ se ho não fizesse ho não deixarião ir: ao q̃ ele mostrandose muy desagastado: respondeo que se ho não deixassem ir/ que se tornaria a el rey de Calicut/ e lho diria, e quando ho ele quisesse deter em sua terra/ que folgaria muyto d morar nela. Ho Catual disse que se fosse queixar. Porem não lhe dava lugar pera isso, porque as portas da casa estão todas fechadas/ e pela toda chã de Aíres com suas armas/ e não deixauão sair nenhum Portugues. E quis Deos que ho Catual não ousou de matar Uasco da gama nem os seus, que bem quiserá fazelo/ por amor dos mouros que lhe peitarão: e sendo ele muyto grande privado del rey/ tomou lhe tamanho medo dele que não ousou. E ho porq̃ dizia a Uasco da gama que mandasse chegar os navios pera terra/ era porque chegados os poderião os mouros tomar, e matar quantos estauão dẽtro: e vendo q̃ Uasco da gama não q̃ria mädar chegar os navios pera terra/ por ter causa d ho ter e darlhe opressão/ ja q̃ ho nã ousava d matar, cometeo lhe q̃ lhe desle as velas dos navios e os lemes: do q̃ se Uasco da gama começou d rir, dizeõdo q̃ nã avia d dar bñ cousa nem outra/ pois el rey ho deixava ir sem nenhũa condiçãõ/ que fizesse ho que quisesse, porque el Rey ho saberia e lhe faria justiça.

E cō tudo estaua muyto agastado. Estando assi chegou gonçalo pirez com recado de Alculao coelho q̃ ho esperaua com os bateis: a q̃ logo Alasco da gama mandou dizer que se tornasse aos nauios, notificando lhez como ficaua, e assi ho fez Alculao coelho/ e acolheose com grande afronta, porque forão apos ele muytos inimigos em almadias por mādado do Catual pera ho tomarem/ mas não poderão. Do que sabido pelo Catual tornou a cometer Alasco da gama que escreuesse a seu irmão que fizesse chegar os nauios pera terra: e ele não quis/ com dizer que ho fizera: mas que seu irmão não auia de querer, e posto que quisesse: q̃ sabia muyto certo q̃ a gente ho não auia de consentir. Ao q̃ ho Catual reprimou que não dissesse aquilo por que se auia de fazer o que ele mandasse. E com tudo Alasco da gama não quis escrever a carta, porque receaua de mandar chegar os nauios pera terra pela rezão que ja disse.

Capit. xxiij. De como Alasco da gama se foy pera os nauios, e do que se passou despois disto.



Isto se passou todo este dia em q̃ os portugueses estauerão em grande agonia: e vinha a noyte os meterrão em hū patim lardilhado/ e cercado de paredes baixas/ e veio ho dobro da gente q̃ os goardou de dia, pera os goardar o noyte. E Alasco da gama os esforçaua porque sentio q̃ receuão de os

apartarem būs dos outros no dia seguinte: e ele tambeim receaua ho mesmo/ mas não ho daua a entender: e mostrauase muyto confiado que como el rey de Calicut soubesse que eles assi estauão/ que os mādaria logo soltar. E por se mostrar de sagastado ceou coeles galinbas/ e arroz que mandou comprar de dia. E ho Catual estaua espantado de ver quão pouco lhes daua de os terem assi/ e da constancia de Alasco da gama não querer mādare chegar os nauios a terra, nem conceder em nenhũa das outras cousas que lhe pedia: e pareceolhe que era por de mais telopreso pera o fazer: e quis Deos que determinou de ho soltar com medo del rey saber q̃ ho tinha preso, sobre ho mādare ir liure mēte. E ao outro dia q̃ foy sabado dous de Junho/ disselhe que pois dissiera a el rey que tiraria sua mercadoria em terra que a mandasse tirar/ por que ho seu costume era: q̃ qualquer mercador que vinha a Calicut punha logo em terra sua mercadoria e gente: e não tornaua aos nauios se não despois de a ter vendida: e que como a mercadoria viesse ho deixaria tornar aos nauios. E ainda que pareceo a Alasco da gama q̃ lhe não falaua ver dade/ disselhe q̃ logo mādaria pola mercadoria/ que lhe desse almadias pera a trazerem: por q̃ seu irmão não quereria que os seus bateis viessem a terra ate ele não ir aos nauios. Do que ho Catual foy contente/ porque esperaua de se entregar na mercadoria, cuidando q̃ erão cousas de muyto preço como Alasco da gama dizia/ q̃ despachou

bū dos seus cō carta a seu irmão/ q̄
dizia como ficaua/ e q̄ não tinba ou
trama vida se não estar metido em
būa casa/ q̄ do mais a tinba muyto
boa/ e q̄ lhe mādasse algũa pouca d
mercadoria pa contentar ho catual
que ho deixasse ir: e q̄ teuesse sua pri
sam por verdadeira se ho não visse
nos nauios despois da mercadoria
ser em terra: e se assi fosse q̄ não ago
ardasse mais e se partisse logo pera
Portugal/ e contasse a el rey o q̄ ti
nha feito e como ficaua, porq̄ cōfia
ua em sua alteza q̄ lhe desse tal arma
da de gēte com q̄ tornasse a liuralo:
q̄ não ouuesse medo q̄ ho matassem
neste tpo porq̄ ele estaua dīssō segu
ro. E vista esta por Paulo da gama
mādoulhe logo a mercadoria cō ou
tra carta/ em q̄ dizia q̄ nunca deos
q̄sesse q̄ tornasse sem ele a portugal/
que q̄ndo os imigos ho não quises
sem soltar, que esperaua em nosso se
nhor d dar tãto efforço a esses pou
cos q̄ estauão na frota/ q̄ cō a arte
laria q̄ tinbão ho fossem liurar/ e
que dīsto fizesse conta e não doutra
cousa. E begada a mercadoria ater
ra/ e entregue ao catual/ e assi Dio
go dīaz q̄ ficaua por feytoz: e Alua
ro de braga por seu escriuão: e foise
Alasco da gama aos nauios, e não
quis mais mandar nenhũa merca
doria ate ver como se vendia aq̄la/
nē quis mais ir a tīra por não se ver
noutra afronta/ do q̄ pelou muyto
aos mouros por desesperarē de ho
poderē matar. E não lhe podendo
fazer outro mal zombauão da mer
cadoria que delxara e terra e fazião
que não se vendesse: do q̄ se ele man
dou queixar a el rey. e assi do q̄ lhe

ho catual fizera/ dizendo q̄ por essa
causa não fora mais a terra: porē q̄
estaua a seu seruiço cō aq̄la armada:
e el rey se mostrou muyto meneco
rio do q̄ lhe fora feyto/ dīzēdo q̄ ca
stigaría aq̄les q̄ lho fizerão: e q̄nto
á mercadoria mādou sete ou oyto
mercadores gentios guzarates q̄ a
cōprassem. E mādou a bū naire hō
rado pera q̄ esteuasse na feitoria/ e q̄
se hī chegasse algũ mouro q̄ ho ma
tasse. Mas ou por isto ser fingido/
ou por os mouros peitarē os mer
cadores, eles não cōprauão nenhũa
cousa, ātes a abaterão, de q̄ os mou
ros andauão muyto ledos e dīzião
que agora verião se eles sōs erão os
que não querião cōprar a mercado
ria dos portugueses: e cō tudo não
ousarão mais de ir á feitoria, sabē
do que hī estaua ho naire por mādā
do del rey. E se dātes querião mal
aos portugueses muyto mais lho
quiserão dali por dīate: de maneira
q̄ como algũ ya a terra, parecendo
lhes q̄ ho injuriuão nīssō cospião
no chão, dīzēdo Portugal, Portu
gal. E eles q̄ ho entēdião riāle, porq̄
vissem quão pouco lhes daua dīssō
e assi lho mandaua Alasco da gama
que ho fizessem. E vendo ele q̄ não
cōpraua nīnguē a mercadoria/ pare
ceolhe q̄ era por estar naquele lugar
e q̄ em Calicut se venderia milhor/
e ho mādou assi dīzer a el rey pedin
dolhe licença pera a mandar lá: que
ele logo deu/ e por seu mandado e a
sua custa foy la leuada: e cō tudo nū
ca Alasco da gama q̄s tornar a tīra
pola offensa q̄ lhe ho catual fizera.
E porq̄ dōtaibo q̄ ho ya ver muy
tas vezes lhe dezia q̄ ho fizesse assi/

porq̃ elrey era homẽ mudauel/ e po-
deria ser que os mouros ho muda-
rião da vótade q̃ tinha pelo muyto
credito q̃ tinham coele. Era Vasco
da gama tão recatado que por ser
mouro se não fiaua dle/ nê lhe daua
conta de nenbũa cousa q̃ ouuesse de
fazer, porẽ por ho ter de sua mão e
lhe dar auisos lhe daua muytas pe-
ças e dinheiro.

Cap. xxiij. De como Vasco da ga-
ma quísera deixar em Calicut hũ
feitor e feriuão e elrey nã quis.

Posta a mercadoria em Ca-
lecut ordenou Vasco da
gama que todos os diaz
mada fossem a terra pera
verẽ a cidade e comprarẽ o que qui-
sessem, e cada dia mandaua de cada
nauiõ hũ homẽ, e vindos aq̃les yão
outros. E quando fazião este cami-
nho os gẽtios poresses lugares por
onde yão os chamauã a casa/ e lhes
dauão de comer: e cama se era tarde
pera passarẽ dali, e ho mesmolhe fa-
zião em Calicut e dauãlhe do q̃ ti-
nhão/ e os nossos a eles do q̃ leua-
uão/ que erão manilhas de latão e
de cobre, estanho e roupa de vestir:
e andauão tão seguros como e Lis-
boa: e muyta gẽte da terra pescado-
res e outros gentios yão cada dia
aos nauios vèder pescado/ e figos,
cocos e galinhas, que dauão a tro-
co de biscoito e por dinheiro. E ou-
tros muytos vinbão cõ os filhos
pequeninos sem trazerẽ nada a ven-
der/ se não a ver os nauios. E Vasco
da gama os recebia a todos cõ muy-
to gosalhado, e lhes mandaua dar

de comer: e tudo isto por fazer paz
e amizade cõ elrey de Calicut, e ser
deles bem quisto: e coísto erão eles
muytos nos nauios, e se deixauão
tão d'vagar estar neles q̃ se çarrava
a noite e não se acabauão de ir ate q̃
os nossos lhe dezião q̃ se fossem. E
nisto se passou ate dez dias de agosto
que era começo do tempo q̃ podião
partir da costa da Índia, e se ya aca-
bado ho inuerno dela. E vèdo Vasco
da gama ho assellego da gente da
terra cõ os nossos, e a cõmunicaçã
que auia antreles, e quã seguros an-
dauão por Calicut sem receberẽ es-
candalo dos mouros nê dos naires
creo q̃ todo aquilo viuha por elrey
querer amizade cõ elrey seu senhor
que sem sua auctoridade não fora pos-
sivel q̃ em perto de dous mezes q̃ a-
uia q̃ os nossos conuersauão em Ca-
lecut lhe não fizerão os mouros ou
os naires algũ escandalo: e por isso
determinou de deixar em Calicut o
feitor que la estaua coessa merca-
ria que tinha/ posto q̃ a menos dela
era vendida: porq̃ estaria ja ho alice-
ce feito pera outra boa que elrey seu
senhor mandaria/ deixando lhe nos-
so senhor levar nouas daquele des-
cobrimento/ e não seria necessario
tornar de nouo a fazer assento de fei-
toria: e cõ conselho de seus capitães
e principais da armada mãdou hũ
presente a elrey d' Calicut dalãbeis
corays e outras cousas/ mandãdo
lhe dizer por Diogo diáz que lho le-
nou, que lhe perdoasse ho atreuíme-
to delhe mãdar aq̃le presente/ porq̃
desejo delhe mostrar quãto era seu
servidor lho fizera mandar, e não
parecerlhe que cousas tão baixas,

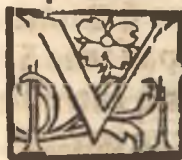
erão pera se apresentar a hū rey tão poderoso como ele era. E que se ele teuera as que se lhe podião aprelentar, que cō muyto melhor vontade lhas mandara do que lhe mandava aquelas. E por quanto dali por diã te se chegaua ho tēpo pera se poder partir pera Portugal / ele queria ordenar sua partida. E se auia de mandar embaixador a el Rey seu senhor pera confirmação de sua amizade coele / ho podia mandar fazer prestes. E mais que confiãdo ele na que tinha assētada com. S. A. e assi nas merces que tinha dele recebidas queria deixar em Calicut aqle feytoz com seu escriptuão com a mercadoria que tinbão / assi pera testemunho da paz e amizade / q deixa-ua assentada com. S. A. como pera penhozes da verdade de sua embaixada / e do q el rey seu senhor auia de mandar despois que soubesse no pas dele. E tãbē pera testemunho de seu descobrimento / e ter credito em Portugal, lhe beijaria as mãos mandar a el Rey seu senhor hū barbar de canela (que sam qtro quintais do peso de Portugal) e outro de crauo e outra especiaria, e como ho feytoz fizese dinheiro q lho pagaria, porq não tinha ao presente pera opagar. E primeiro q Diogo dias desse este recado se passarão qtro dias sem elrey querer q entrasse e lhe falar indo cada dia ao paço. E quando ho mãdou entrar diã de le olhoubo muyto carregado / e perguntoulhe que queria tão mal assōbrado / que Diogo dias ouue medo q ho mandasse matar: e dandolhe o recado / quando lhe quisera dar ho

presente não ho quis ver: e mãdou que ho dessem a seu feytoz. E a resposta que deu pera Alasco da gama foy q pois se queria ir q se fosse: mas que primeiro lhe auia de dar seys cētos xerafins (que val cada hū. ccc. rs) q assi era costume da terra. Tornãdo Diogo dias cō esta resposta acōpanharãno muytos naires / q ele cuydou q era por bē: mas chegãdo a feitoria eles se poserão á porta / guardando q não saisse ele nē outrem. E forão logo dados pregões pela cidade / que sopena de morte nenhũa almadia não fosse abordo da nossa frota. Porē antes disto Bôraibo foy dizer a Alasco da gama em segredo, q não fosse a terra nē mãdasse / porq ele sabia certo dos mouros q se fosse ele ou os seus lbes auia elrey de mãdar cortar as cabeças: e q todos aqles cōprimentos que ateli fizera coele assi de lhe dar casa de feitoria em Calicut, como o bō tratamēto dos nossos forã dissimulações pera ho acolherē coeles e terra / e os matar a todos: e isto por induzímēto dos mouros / q tinbão feito crer a elrey q erão ladrões, e andauão a furtar, e que não forão a seu porto se não pera roubar os mercadores q fossē a ele / e espiares a terra: e irē despois tomala cō grãde armada, e ho mesmo disserão a Alasco da gama dous malabares. E estãdo ele cuydando no q faria por este auiso q tinba por verdadeiro, ex q muyto de noite chegou á capitaina hū escrauo d guiné de Diogo dias q era Chrião / e sabia bē a lingoã Portuguesa: e disse como ele e Alvaro de braga ficauão presos / e a resposta que elrey dera

ao seu recado: e do mais que fizera a cerca do presente: e dos pregões q mandara dar: e que Diogo diz teue ra maneyra como ho mandara/ dâdo dinbeiro a hũ pescador que ho le uasse a bordo em anyte cêdo e por não ser entendido não escreuera. Vasco da gama q isto ouuio ficou muy agastado/ e esperou pera ver e q aquilo paraua, e passou se hũ dia sem ninguẽ ir a bordo. E ao outro dia que foy quarta feyza quinze de agosto/ foy hũa só almadia a bordo da capitaina em q forão quatro moços que leuauão a vender pedras finas/ e parecendo a Vasco da gama que yão por espias pera verem o quel he fazião, e pera se saber como estauão cõ el rey/ os agasalhou como dantes, fazendo que não sabia nada da prisam de Diogo diaz, e nã quis lançar mão destes porque viessem outros mais e de mais preço em que faria represaria/ ate cobrar os seus que estauão presos em terra a quem escreueo hũa carta por estes moços com palauras dissimuladas, que querião dizer como ele sabia sua prisam / porque se fosse às mãos doutrem que a não entendessem. E os moços lhederão a carta, e contarão a el rey ho bõ gasalbado quel bes fora feyto: quel be fez crer que Vasco da gama não sabia da prisam dos nossos / cõ que folgou muyto/ e tornou a mandar que fossem a bordo: e com grãde auiso que não descobrissem como ho feyto e os outros estauão presos, porque fazia cõta de deter assi Vasco da gama ate poder armar sobrele, ou que viessem as naos de Abeca e que ho

tomarião. E dali por diante forão os malabares a bordo, e Vasco da gama lbe fazia bõ tratamento sem lançar mão de nenbũ, porq não via homẽ de preço/ ate q ao domingo seguinte forão seys homẽs honrrados com dezanoue que leuauão consigo em hũa almadia. E parecendo a Vasco da gama que por estes aueria ho feyto e ho escriuão, fez neles represaria, somente deixou dos remeiros na almadia/ porque mãdou hũa carta escrita em lingoa Malabar ao feytoz del rey: em quel he dizia que lbe mandasse ho seu feytoz e escriuão e quel be mãdaria os seus. E vendo ho feytoz del rey a carta deu lhe disso conta: e ele lbe mãdou que fizesse logo levar os presos a sua casa, pera alios mandar chamar e fazer que não sabia nada de sua prisam/ e dali os mandar a Vasco da gama/ porque lbe desse os Malabares, cujas molheres lbe yão chorar a prisam de seus maridos: e por isso ele queria soltar os nossos que ainda estauerão algũs dias em casa do feytoz.

Capit. xliij. De como el rey de Calicut mandou Diogo diaz e Aluaro de Braga, e do mais que passou.



Vendo Vasco da gama quel he não mandauão os presos/ quis ver se com fazer que se partia lhos mandauão, e quarta feira vinte tres de agosto mandou levar ancora e dar às velas/ e por causa do vento q lbe era por dauante foy surgir quatro legoas ala mar de Calicut, e ali se deteue esperando ate ho

ho sabado pera ver se lhe madauão os presos. E vêdo q não auia disso memoria foy se na volta do mar / e surgio tão to a ele q quasi q não vião a terra. Estando surto ao domingo esperãdo pela viração foy ter coe le hū Cone cō certos Malabares / q lhe disserão q andauão e sua busca pera lhe dizer como Diogo d'iaz e os outros ficauão e casa del rey pa lhos mada e q eles ficauão d lhos levar ao outro dia, e q lhos não le uarão logo por se não deter e o po der alcançar: e não vêdo ele os pre sos pareceo lhe q erão mortos / e q os Malabares lhe metião e dizião, lhe aquilo pera ho deter / e armar e em Calicut contrele e tomar e no / ou q esperauão pelas naos de Ma ca q ho tomarião, e disselhes que se fossem e q não tornassẽ mais a bor do se os seus bomẽs, ou cartas suas se não q os meteria no fundo as bõ bardadas, e q se logo não tornassẽ cõ recado que cortaria as cabeças aos q tinha tomados. Coeste reca do se partirão / e vinda a viração Vasco da gama deu as velas / e per lógando ao lógoda costa foy surgir diante de Calicut e se poêdo ho sol: e ao outro dia chegarão a bordo da capitaina sete almadias e e hūa vi nhão Diogo d'iaz e Alvaro de Bra ga / as outras cō muyta gente / de q nen hūa não ousou dêtrar nos na uos. E poserão Diogo d'iaz e Al uaro de Braga no batel da capitai na / q ainda estaua por popa / e afa taranse logo esperando reposta de Vasco da gama: a q Diogo d'iaz dis se q como el rey de Calicut soubera q era partido mada e logo por ele

a casa do seu feytoz / e lhe fizera grã de galbado como q não sabia na da de sua prisam / e q lhe pregutara a causa da prisam dos Malabares q tinha presos e sabida lhe dissera q fora bẽ feyto. E q lhe pregutara se lhe pedira ho seu feytoz algũa cou sa, dizêdo cõtra ho mesmo feytoz q estaua presente q bẽ sabia ele q auia pouco tẽpo q mada e matar outro feytoz / por q leuara peytas a hūs mercadores estrãgeiros: e despois disto lhe dissera / q lhe dissesse q lhe mandasse ho padrã q dizia q que ria q se posesse em terra / q tinha a Cruz e as armas reais de Portu gal, e q se fosse cõtente podia delxar a ele Diogo d'iaz por feytoz em Ca licut, e q sobre isto lhe dera hūa car ta pera el Rey de Portugal assina da por ele e escrita por Diogo d'iaz em hūa ola q he folha de palmeyra, em q costumão de escreuer as cou sas q hão de durar muyto, e dizia. Vasco da gama fidalgo de vossa casa veo a minha terra / com q fol guey muyto: e minha terra ha muy ta canela / muyto crauo, gingibre / muyta pimenta, e pedraria: o q eu quero da vossa be ouro, prata, co ral, e ezarlata. Vasco da gama que ja não se fiaua del rey, não quis res pöder a seus offrecimẽtos / e man doube os seus Haires e os outros deixou, dizêdo q ficauão ate l betra zerem a mercadoria que ficaua em terra / e mandoulbe ho padrã que lhe mada e pedir: e coisto se forão aqueles q leuarão Diogo d'iaz, e ao outro dia foy ter Bontaibo com Vasco da gama / e disse q fugia de Calicut por q ho Catual lhe toma

ra per mandado del rey | toda sua fazenda dizendo que era Chriſtão ⁊ q̃ fora por terra a Calicut por mada- do del Rey de Portugal pera ho eſpiar ⁊ diſſelhe mais q̃ tudo aquilo vinha pelos mouros: ⁊ porq̃ aliſi como lhe tomauão a fazêda lhe farião mal na peſſoa ſe acolhera antes que lho fiſſe. Alasco da gama ſolgou muyto coele, ⁊ diſſelhe q̃ ho leuaria a Portugal ⁊ lá cobraria em dobro a fazenda, a fora outras merces que lhe el rey ſeu ſenhor faria: ⁊ mādou- lhe logo par muyto bõ gaſalhado. E apos iſto ás dez oras do dia chegarão a bordo da capitaina tres al- madias carregadas de gente ⁊ enci- ma das toſtes vinhão algũs alam- beis dos noſſos / como q̃ vinha ali a mercadoria ⁊ a poſ eſtas tres vi- nhão outras quatro que ſe poſerão de largo: ⁊ das tres em q̃ yão os alã- beis diſſerão a Alasco da gama que ali vinha a ſua mercadoria, q̃ a po- rião no ſeu batel: que mandaffe ele tambe poer os Malabares q̃ tinba preſos, ⁊ q̃ dali os tomarião. E pa- recendolhe a ele que iſto era engano diſſelhes q̃ ſe foſſem / porq̃ não que- ria mercadoria ſe nã leuar pa Por- tugalaqueles Malabares pera tes- temunhas de ſeu deſcobrimẽto. E q̃ ſe viuſſe q̃ ele tornaria muy cedo a Calicut ⁊ entã ſaberião ſe erão os Frãgues ladrões como os mou- ros fizerão crer a el rey de Calicut, ⁊ por iſſo lhe fizera tantas couſas mal feytas. E acabãdo de dizer iſto mandoulhes tirar ás bõbardadas ⁊ os fez fugir. E q̃ el rey ſentio muy- to q̃ndo bo ſoube: ⁊ ſe as ſuas naos eſteuerão no mar ele mandara sobre

Alasco da gama, mas eſtauão vara- das por ſer inuerno: o q̃ he de crer q̃ noſſo ſenhor ordenou q̃ os noſſos foſſem lá neſte tempo porq̃ podeſſe eſcapar ⁊ dar nouas do deſcobri- mento deſta terra pera ſe reſtaurar nela a ſancta fé catholica: o q̃ não fo- ra ſe os noſſos forão no verão / por q̃ podera el rey de Calicut ajuntar ſeu poder que era tamanbo como ja diſſe, ⁊ mādãr sobreles ⁊ tomalos a todos q̃ nenbũ não tornara cõ no- uas a Portugal, ou tambe os mou- ros de Meca q̃ eſteuerão e Calicut os matarão a todos ſegundo erão muytos ⁊ lhes querião mal.

Capit. xxv. De como Alasco da gama ſe partio pera Portugal, ⁊ do que lhe aconteceu ate a ilha Danjadia.



Inda q̃ Alasco da gama eſtaua cõtete de ter deſ- cuberto Calicut / nã bo podia ſer o todo por nã ficar em amizade cõ el rey pera tor- nar ſeguramẽte a frota q̃ el rey ſeu ſenhor mādaffe. E vendo q̃ não era mais em ſua mão, contentou ſe com ter deſcuberto o q̃ tinba ⁊ ter ſabi- do da Índia ⁊ ſua nauegação quã- to abaſtaua pa poder tornar a ela. E cõ leuar moſtras oſpeciaría, oro- ga ⁊ pedraria ⁊ doutras couſas q̃ auia nela, como agora vemos: q̃ tu- do lhe ouue Bõtaibo. E não tendo mais q̃ fazer, partio ſe leuando os Malabares q̃ tinba, porq̃ por meo- deles ſe fiſſe a paz cõ el rey o Cali- cut q̃ndo tornaffe outra armada. E logo a quita feyza ao meyo dia adã- do e calmaria hũa legoa abaixo de

Calicut forão ter coele obra de setenta tones grâdes carregados de gente de guerra / com que parece q el rey de Calicut cuydou de ho tomar / e vendo os mādoulhes tirar com a artelbaria: e seela não fora sempre eles chegarão aos nossos e os meterão em trabalho / porque andarão obra de boza e me aladrãdo apos eles, e por hũa trouuada que sobreueo / que por força leuou os nossos pera ho mar, os deixarão os inimigos / e se forão: e os nossos seguirão seu caminho pera Melinde com grandes calmarias. E indo coelas ao longo da costa sem andar quasi nada / pareceo bẽ a Gasco da gama, que posto que el rey de Calicut lhe fizesse tantas roindades / q pola necessidade que os nossos que tornassem despois dele a Calicut / auião de ter de sua amizade / pera se poder auer carga de especiaria, q seria bõ fazer coele algũ comprimento, e mais pois lhe não podia ia em pecer, e que el rey folgaria coele segundo ho vira amigo de bonrras. E hũa segunda feyza dez dias de Setebro lhe escreueo hũa carta em arabigo feyta per Bontaiibo / em q dizia que lhe perdoasse de lhe leuar os Malabares, porque os não leuaua senão pera testemunhas do que tinha discuberto como lhe mādara dizer / e se não deixara feytozẽ Calicut (do quelhe pesaua muyto) fora por recear q ho matasem os mouros / por amor de quẽ não fora muitas vezes a terra / mas nem por isso deixaua de ser muyto grãde seu seruidor / e que el rey seu senhor auia de folgar muyto com sua amizade /

e mandaria muyto cedo sua armada em quelhe mandasse muyta abaltança do quelhe mandaua pedir, e que ainda ho trato dos Portugueses em sua cidade lhe auia oacrecenar muyto suas rendas. E esta carta deu a hũ dos Malabares que leuaua pera que a leuasse por terra onde ho mandou deitar: e despois se soube que a dera a el rey de Calicut. E continuando Gasco da gama dali sua viagem indo a vista de terra no sabado seguinte a duas legoas dela foy ter com a frota a hũs ilheos e dũ deles que era pouoado a codirão logo muitas alinadias com gẽte a vender pescado e outros mantimentos. E Gasco da gama lhe fez muyto gasalbado, e lhe mandou dar camisas e outras coufas com que mostrarão muyto contentamento: e pregũtoulhes se folgarão d durar almetido hũ padrão com hũa Cruz e armas del Rey de Portugal em sinal que os Portugueses erão seus amigos. E eles disserão que si / e q coele affirmarião que erão os nossos Chriştãos: e então ho mandou meter / e chamauase ho padrão de sancta Maria: e por isso se chamou aqle ilheodo mesmo nome. Daqui como foy noyte q ventou ho terreno se fez a vela, e indo sempre ao longo da costa a quinta feyza seguinte dezanoue d Setebro foy ter cõ hũa terra alta muyto graciosa e de bõs ares, e estauão jũto dela seys ilhas peqnas e ali surgio: e indo a terra pa fazer agoada achou nela hũ homem mancebo / q preguntado se era mouro se Chriştão / disse q chriştão e isto deuia de ser cõ medo q ho não

matassem, que por aq̃la terra não auia nenhũs Chriſtãos: e este leuou os nossos por detrás de bũ rio e lhe foy mostrar hũa ferosa agoada que nacia antre hũs penedos, e por isso lhe foy dado bũ barrete vermelho. Ao outro dia pela manhã vierão de terra q̃tro homens em hũa almadia abordo da capitãna que trouuerão a vèder muytas abobozas e pepinos: e pregutados se auia naq̃la terra canela ou pimẽta, disserão que não auia mais que canela. E pa Vasco da gama auer mostra dela, mandou coeles dous dos nossos, q̃ lhe trouuerão dous grandes ramos darvozes de q̃ se ela tira, e dizia q̃ auia ali hũa muyto grande mata delas: por em que era brava: e quando tornarão coela vierão em sua companhia vinte homens da terra cõ muytas galinhas abobozas e leite de vacas: e disserão a Vasco da gama / q̃ mandasse coeles algũs dos nossos / porque dali a bũ pedaço tinhão muyta canela seca, e q̃ tornariaõ ao outro dia coela: e com vacas porcos e galinhas: porẽ ele não lhe quis dar ninguẽ / porq̃ receou de ser aquilo treição. E ao outro dia antes de jatar indo os nossos cortar lenha a terra / enxergarão lōge do lugar onde estauão dous nauios pegados cõ terra. E estãdo Vasco da gama pera ir saber q̃ nauios erão / mandou ver da gavia se pareciaõ outros, e foilhe dito q̃ obra de seis legoas ao mar pareciaõ oytto naos grãdes q̃ andauam em calmaria: e coesta noua deixou de ir saber que nauios erã os dous / e posle apique

a esperar as naos se ho fossem cometer / e elas como lhes igoalou a viração tomarão de lō quãto poderão: e sêdo duas legoas dos nossos q̃ os podião ver, foisse Vasco da gama a elas: bo que vêdo a gête q̃ ya nelas começarão logo darribar pera terra a popa. E indo assim quebrou bo leme a hũa antes d chegar lá: e a gente dela se passou logo ao paraõ e se acolheo a terra, e titiculao coelho que ya mais perto da nao a foy logo abalroar / cuydãdo dachar nela algũa riqueza / e não achou mais q̃ cocos e jagra q̃ he açucar de palmeiras, e tãbẽ achou muytos arcos frechas e pa das lâças e escudos, e as outras sete de rão e seco, e porq̃ nas naos os nossos lhe não podião chegar, passarã se aos bateis e forãonas esbõbardear: e os inimigos fugirão deixando: e vendo isto Vasco da gama tornou se pera os nauios. E estãdo furto ao outro dia chegarão a bordo sete homens da terra e hũa almadia, e disserãlhe q̃ aquelas oytto naos erã de Calicut / q̃ as mandaua el rey pera bo tomarẽ: e q̃ isto souberão da gente que fugira delas.

Cap. xxvj. De como Vasco da gama foy fazer agoada / a ilha Danjadia / e de como prendeo bi hum mouro:



Albido isto p Vasco da gama nã quis ali estar mais, e foi surgir na ilha Danjadia, que era dali dous tiros de bõ,

bar da em q̃ lbe díslerão que aua a goa, ilha pequena, e está hũa le goa da terra firme / ha nela muyto aruozedo / e tẽ dous tãques dagoa doce nadiuel / e são muyto grãdes e todos decantaria / e hũ deles era daltura de quatro braças. Ha no mar desta ilha muyto pescado e marisco. Antes que os mouros viesse aa Índia era pouoada de gẽtios e auia nela grandes edificios / principalmente hũ pagode / e despois da nauegação dos mouros do mar roxo que aqui tomauão agoa e lenha, forão deles tão mal tratados que ho não poderão sofrer / e a despo uoarão: e antes que se fossem derri barão q̃si todo ho pagode de q̃ lbe não deixarão mais que a capela / e assios outros edificios. E cõ tudo ainda os gentios da terra firme (q̃ he del rey de Marsinga) tinhão tammanha deuacão neste pagode que yão fazer nelesuas orações a tres pedras negras q̃ estauão no meyo da capela. Esta ilha foy chamada Anchediua q̃ na lingua Malabar quer dizer as cinco ilhas / porq̃ ao derrador dela estã outras q̃tro, e os Portugueses corróperão este nome e ficou em Anjadiua como lbe chamão. Surto aqui Vasco da gama mādou Alculao coelho a terra a descobrir: e ele foy armado cõ os seus e achou tudo assi como digo, e mais hũa praya muyto boa pera espalmar os nauios. E porq̃ Vasco da gama tinba ainda muyto caminho pera ádar / e não sabia quando acharia outra praya tamboa, ouue conselho com os outros capitães q̃ espalmassem ali. E ho

primeyro nauio que tirarão a monte foy ho berrio: e cada dia vinha gente da terra a vender mantimẽtos aos nossos. E estando nisto virão vir duas atalayas que sam como fustas e vinhão e badeiradas, e com estendartes nos topos dos mastos e dentro soauão atambores e trombetas como couia de festa e vinha nelas muyta gente, e elas vinhão a reinos, e é sua goarda ficauão cinco ao longo da costa. E dos Malabares que Vasco da gama leuaua, soube q̃ aquelas fustas erão de ladrões de q̃ era capitã hũ gentio chamado Timora moza do em hũ lugar dali perto chamado Honoz, e andaua a furtar com manha de mostra que era de pay, e despois que entrava nos nauios se via que os podia tomar os tomava. E por isso chegando os paraós a tiro de bombardalhes mādou tirar dos dous nauios que estauão no mar às bombardadas: e a gẽte começou de bradar. Lambarane, Lambarane / porque assi chamão a Deos / e dizião q̃ erão Chistãos. E não lbe deixando os nossos de tirar fugirão pera terra. E Alculao coelho que estaua no seu batel foy a pos eles às bombardadas: e seguiu os tanto que mandou Vasco da gama levantar hũa bandeira pera que se tornasse / e tornou se. E ao outro dia estando os capitães em terra com quasi toda a gẽte da frota trabalhando no berrio / chegarão dous paraós pequenos em q̃ virião ate doze homẽs da terra, q̃ e seus trajos parecião hõrrados / e derão a Vasco da gama hũ feixe

de canas da çucar / e logo elho dâ-
do lhe pedirão que lhe deixasse ver
os nauios porque nũca virão ou-
tros: do que se ele agastou muyto /
parecendo lhe que erão espias: e nes-
ta pratica chegarão outros dous
para os com outros tãtos homẽs.
E os que vierão primeyro vendo
q̃ Alasco da gama se agastaua coe-
les disserão aos que chegauão que
não desembarcassẽ e q̃ se tornassẽ /
e tornaranse todos. E espalmado
ho berrio estando a capitãina a mō-
te / e todos os capitães em terra /
veo ter coeles hũ homem em hũ pa-
rao e feria de idade de corenta an-
nos / e não parecia daquela terra
porque trazia hũa cabaya de pano
branco dalgodão que lhe chegaua
ate ho arrelho, e na cabeça hũa tou-
ca muyto foteada, e na cinta hũ ter-
ço do: e como desembarcou foy lo-
go abraçar Alasco da gama como q̃
ho conbecera / e ho mesmo fez aos
outros capitães, dizendo que era
Christão leuantisco e que fora tra-
zido àquella terra em idade muyto
pequena, e que viuia com hũ mou-
ro chamado çabayo senhor de hũa
ilha chamada Goa que estaua dali
doze legoas e de muyta terra no
sertão / e que tinha corenta mil ho-
mẽs de caualo. E por quãto anda-
ua antre os mouros goardaua de
fora a sua ley, mas dentro em sua al-
ma era Christão. E estando em ca-
sa do çabayo soubera que forão ter
hũs homẽs por mar a Calicut em
naos de feyção nunca vista na In-
dia / e que ninguem entendia a sua
lingoagẽ / e que andauão todos ve-
stidos. E quãdo ele aquilo ouuira

logo lhe parecera que erão Chris-
tãos e pediria licẽça ao çabayo pe-
ra os ir ver, a quem dissiera tanto
bem deles que desejava muyto de
os ver, e lhe mandaua dizer q̃ lhe
daria tudo o que quisesse de sua ter-
ra: e se andasse enfadado do mar, e
quisesse morar nela lhe daria renda
de que fosse contente. E por derra-
deyro lhe pediu hũ queijo, dizendo
que o queria pera mandar a hũ cõ-
panheiro que trazia, q̃ com medo
não quisesa passar da terra firme /
e pera que ho não ouuesse e soubes-
se que era viuo lhe queria mandar
aq̃le queijo por final. E Alasco da
gama lho deu e mais dous pães
moles: e atentando Paulo da ga-
manisto, e no muyto q̃ aquele ho-
mem conbecio que era espia: pelo q̃
pregantou a esses homẽs da terra
q̃ hi estauão se ho conbecião. E sa-
bendo deles que era capitão das
oytonas que auia pouco que fo-
rão cometer Alasco da gama / disse
lho. E ele ho mādou logo meter na
capitãina, onde por tormẽtos con-
fessou q̃ era espia do çabayo / e ya
saber como estaua apercebido: por
q̃ estauão muytos nauos darma-
da por esses rios da costa pera irẽ
sobzele, e detinhãse por corêta naos
grossas que esperauão porque lhes
não podesse escapar. E sabido isto
por Alasco da gama mādou ho prẽ-
der pera ho levar a Portugal por
testemunha das cousas da India.
E receando que aquella armada fos-
se sobzele, partio se logo a hũa festa
feira cinco doutubro. E dali a du-
zentas legoas confessou aquele ho-
mẽ que ya preso a Alasco da gama

que era mouro, e ya por parte do ca-
bayo peralhos leuar: porq̃ lhe dis-
serão q̃ andauão perdidos ao lōgo
da costa. E este se tornou despois
Christão, e Vasco da gama q̃ foy
seu padrinho lhe pos nome Gaspar
a bōrra dū dos tres Reys magos,
e deu-lhe ho seu apelido da gama, e
despois se disse que este Gaspar da
gama era judeu por se achar q̃ fora
casado com hũa judia que moraua
em Cochim.

Cap. xxvij. Do q̃ acōteceo a Vasco
da gama ate a ilha Santiago.

Continuando Vasco da
gama sua viagē pera Be-
linda despois de bē engol-
fado achou grandes cal-
marias q̃ dāo no mar muyto grā-
de fadiga como eu tenho visto na
viagē da Índia. E passados muy-
tos dias de calmarias sobreuerão
ventos cōtrairos com q̃ lhe foy for-
çado pairar e andar ás voltas quā-
do nā podião pairar no q̃ passauão
immenso trabalho: e cessando estes
ventos tornarão as calmarias, e a-
pos elas tornarão os ṽetos, e hora
būa cousa hora outra durou isto
quatro meses com que a gēte anda-
ua pasmada crēdo que aqueles tem-
pos erā ali naturais, e q̃ nāo auião
de poder passar auante, e mais por
adoecerem os mais deles de lhe in-
charem as gengiuas, e lhes apodre-
cerē assi como no rio dos bōs finais
e fazia selbe medonhas chagas nas
pernas e nos braços de que morre-
rão trinta pessoas e os outros tan-
to montauão como mortos q̃ nāo

se podião bolir, e coisto ya faltādo
a agoa e aperta uase a regra. E pe-
ra mayor descōsolação afirmarão
os pilotos q̃ aqueles tempos erāo
ali gerais e por isso durauão tanto,
que se ho nāo forão ja se acabarão:
e assi ho cria a gēte pelo q̃ desmaya-
rão de todo e se derão por mortos,
e bradauão todos a grādes brados
que arribassem a Calicut ou ao ou-
tro lugar da Índia q̃ melhor seria
morrerem em terra que no mar: e
requerião a Vasco da gama e aos
outros capitães que arribassem, e
tambem ho requerião os pilotos e
os mestres em muytos conselhos q̃
Vasco da gama fazia sobzisso: e res-
pōdia com muyto efforço que nāo
podia ser que aqueles tēpos ali fos-
sem gerais porque se ho forão nā se
podera nauegar por aquele golfão
como nauegaua pera Belinda e ou-
tras partes, por isso q̃ cressem que
aqueles tēpos auião de ter fim: e di-
zia-lhes outras muytas cousas pe-
ra os efforçar, porē os pilotos nāo
ficarão nada cōtentes, e fizeram to-
dos cōjuração cō os mestres, e ma-
rinheiros, e outra gente algũa, q̃
como tornasse vento q̃ arribassē cō
ele a Calicut. Ho q̃ sendo discuber-
to a Vasco da gama prēdeo os pilo-
tos, e ele tomou ho cuydado d̃ m̃
dar a via, e ho deu aos outros capi-
tães em quāto andassem naq̃le tra-
balho. E auendo nosso Senhor pie-
dade dele: mandou ṽeto q̃ em obra
de dezaseis dias pos a frota a vista
da outra costa diante da cidade de
Magadaxo, q̃ virão a dous de Fe-
uerreyro: e por ser de mouros, e pas-
sando ao longo dela, lhe mandou

Vasco da gama tirar muytas bõ-
 bardadas. E a hũ sabado cinco de
 feureyro defronte de hũa vila cha-
 mada *Patelbelay* zão oyto navios
 armada que com medo da artelha-
 ria lhe fugirão/ z dali foy surgir a
Delinde onde se detene cinco dias
 por amor dos doentes que leuaua/
 z com licença del rey mādou meter
 em terra hũ padrão com hũa Cruz
 z armas reais de Portugal: z par-
 tiõse a dez de feureyro leuādo hũ
 embaixador que el rey mandaua a
 el Rey dō *Manuel*, z aos dezasete
 de feureyro queimou bo nauio
 sam *Rafael* nos baixos deste nome
 assi por fazer muyta agoa como por
 não ter gente que podesse marear
 mais de dous navios: z *Paulo* da
 gama foy coele, z dali com *Aiculao*
 coelho foy ter á ilha de *Zanzibar*
 q̃ está em altura de seys graos dez
 legoas da terra firme. He grande
 z muyto viciosa, z abastada de man-
 timētos/ z os matos sam larāis:
 he pouoada de mouros, gēte fraca
 pera armas/ tratāse bem de suas
 pessoas sam os mais mercatores z
 tratāo na terra firme: tem rey sobre
 si que tambem he mouro. E sabēdo
 el rey q̃ Vasco da gama estaua no
 seu porto assentou coele amizade. E
 partido dali Vasco da gama foy
 surgir ho primeyro de *Março* aos
 ilheos de sam *Forge*, z mandando
 meter hũ padrão naquela, em que a
 ida ouuio missa separtio z aos tres
 de *Março* fez agoada z carnagem
 nāgoada de sam *Bras* de lobos ma-
 rinhos z sotilicatros que não auia
 outra carne, z esta leuou pera ho res-
 to do viagē per que prosseguio sem

nenhũ contraste nem tomar mais
 terra ate a ilha de *Santiago*.

Capit. xxviii. De como *Aiculao*
 coelho deu noua a el rey dō *Ma-
 nuel* que a India era descuberta.



Chegādo Vasco da
 gama z *Aiculao* coe-
 lho pera esta ilha de
Santiago/ apartouse
Aiculao coelho hũa
 noite z foise caminho
 de Portugal pera ir diante dizer a
 el rey dō *Manuel* como a India era
 descuberta/ z ganbar as aluissaras
 de tamboa noua como sabia q̃ aque-
 la auia d̃ ser pera el Rey. E aos dez
 dias de *Julho* do āno de mil z qua-
 trocentos z nouāta z noue chegou
 á vila de *Cascays*. E sabendo hi co-
 mo el rey dō *Manuel* estaua na vila
 de *Sintra* desembarcou z se foy lo-
 go laa z contou a el rey quanto acō-
 tecera a Vasco da gama despois q̃
 partira de Portugal z chegar a *Ca-
 licut* z se tornar, do que el rey ficou
 tão contente como a quem se daua
 hũa noua de tamanho prazer como
 aquela era/ z fez lhe por isso muyta
 merce de acrecentamento de bõrra z
 de tēça posto q̃ muytos nã podião
 crer que a India era descuberta/ z
 mais não vendo nenhũa mostra de
 peccarla nē de nenhũa cousa da In-
 dia/ porque tudo trazia Vasco da
 gama que crião que era morto pois
 não chegara com *Aiculao* coelho/
 nem chegou se não da hi a dous me-
 ses. E auião todos por muyto im-
 possiuel este descobrimēto por auer
 sessenta annos que se andaua a pos

alguns dos
Rafael.

Zanzibar.

dos de
Forge.

dada
S. Bras.

ele sem se poder saber nem rasfear:
 e parece que por inspiração diuina
 começou ho Infante dom Anrique
 este descobrimento por mar mais q
 outro nhũ prin:ipe da Europa q
 erão senhores de muyto mayor esta
 do que ele, porque dele herdassem
 os reys de Portugal que forão da
 li por diante este descobrimêto prin
 cipalmente ho inuictissimo Rey dõ
 Manuel, pera quem a diuina prouí
 dencia tinha goardado ho effeyto
 dele que era a India/ cujo descobri
 mento estava profetizado dantes
 pola Sibila Lumea següdo se cõta
 em hũ autentico liuro que anda im
 presso em latim que se intitula da sa
 grada antiguidade, em que se contẽ
 muytos letreiros antigos, q forão
 buscados e achados e muytas par
 tes da Asia, Dafrica e Deuropa, per
 mādado do Papa Niculao quinto
 e dalgũs señores ecclesiasticos tão
 curiosos destas antiguidades, que
 com muyto grande despesa as mād
 darão buscar polo mūdo. E antres
 tas foy achado hũ letreiro següdo
 no mesmo liuro conta hũ Galécino
 morauio: que diz q no anno de mil
 e quinhentos e cinco que foy seys
 ãnos despois deste descobrimêto/
 aos uouedias d'agosto nas rayzes
 do monte da lũa a que chamamos
 agora a rocha de Sintra junto da
 praya do mar forão achadas debai
 xo da terra tres colunas de pedra
 quadradas, e cada hũa tinha e hũa
 das qdras cortadas nas mesmas
 pedras hũas letras romanas, das
 quaes em hũa das colunas se pode
 rão ler por as outras estarẽ gasta
 das do tempo/ e ainda estas que se

lerão forão as pedras em q estauão
 cozidas com grande arte.

E estava hũa regra como titulo
 que dizia em latim.

Sibile vaticinium occiduis decretũ.

Que na lingua e Portuguesa quer
 dizer. Profecia da Sibila determi
 nação aos do occidente.

E abatro desta regra estauão qua
 tro versos latinos que dizião.

Voluentur saxa literis et ordine rectis.

Cum videas oriens occidentis opes,

Ganges, Indus, Tagus erit mirabile visu.

Merces comutabit suas vterque sibi.

Que querẽ dizer na nossa lingua.

Serão reuoltas as pedras com as
 letras dereytas e em ordem/

Quando tu occidente vires as ri
 quezas do oriente.

Ho Ganges/ Indo e ho Tejo sera
 cousa marauilhosa de ver.

Que cada hũ trocara cõ ho outro
 as suas mercadorias.

E ainda dizem alguũs que pou
 cos dias antes de Niculao coelho
 chegar a Sintra forão achadas es
 tas colunas, e foy dito a el Rey dõ
 Manuel por cujo mādado Ruy de
 Pina que a esse tempo era cronista
 tirou em linguagem estes quatro
 versos e ho titulo. E quando el Rey
 dom Manuel vio o q dizião ficou
 muyto espantado com todos os de
 sua corte/ e ouue sobrisso diuersos
 pareceres, porque hũs ho crião ou
 tros dizião que por nhũ modo po
 dia ser/ e que aquilo erão gentilha
 des a que não se deuia de dar nhũ
 credito. E estando a cousa assi em
 duuida, dizem que chegou Niculao
 coelho que a dessej com a noua que

deu do descobrimento da Índia. E foy a profecia auida por verdadey-
ra: e como quer que os Portugue-
ses sabem melhor pelejar que grã-
gear antiguidades / não ouue quẽ
fizesse mais caso daquela, e as pe-
dras ficarão na praya do rio de ma-
cãs / e querem dizer que aquele Va-
lentino morauio que diz q as acabou,
vendo que os Portugueses não fa-
zião caso disso: quis attribuir assi a
gloria de ele ser o que achara aquela
antiguidade. E como quer que foy
ela se achou / e os versos sam muy-
celebrados em Italia e auidos por
autenticos / e que forão achados
da maneyra que digo.

**Capit. xxix. De como Vasco da
gama chegou a Lisboa.**



Achado Vasco da gama
menos Ricalao coelho/
esperou por ele hũ dia e
vendo que não vinha se-
guio seu caminho pera a ilha de Sã
tiago / onde chegou fretou hũa ca-
ravela pera ir nela a Portugal ma-
is asinha que na nao em que ya / assi
por fazer muyta agoa com que cor-
taua ponco / como por levar muyto
doente seu irmão Paulo da gama,
e deixou por capitão da nao a João
desa seu eicrião. E partido Vasco
da gama desta ilha por ir a doença
de seu irmão em crecimêto / lhe foy
forçado tomar a ilha terceyra / e ti-
ralo e terra: e hi faleceo como muy-
to bõ Chistão que era. E ele faleci-
do / partiõse Vasco da gama pera
Portugal / e chegou a Belẽ em Se-
tembro do año de mil e quatrocẽ-

tos e nouenta e noue / auẽdo dous
annos e dous mezes q dali partira
com cento e cozena e oytto homẽs
de que não tornarão mais que cin-
coenta e cinco / e ainda forão muy-
tos pera os immensos trabalhos q
passarão / de brauas tormẽtas e ter-
ríveis doenças / e daqui mandou
Vasco da gama recado a el Rey dõ
Manuel que era chegado. E recebẽ
do el Rey contentamento grandis-
simo coesta noua / mandou a dom
Diogo da silua de meneses conde
de Portalegre que fosse por ele com
muytos fidalgos / como foy / e ho-
leuon ao paço onde não podião che-
gar cõ a multidão da gẽte q acodia
a ver cousa tão noua comolhes pa-
recia Vasco da gama, assi por ter fe-
ta hũa cousa tamanha como era des-
cobrir a Índia / como por cuydarẽ
todos q era morto, e el Rey lhe fez
tanta honrra como merecia quem
com aquele descobrimento daua tã-
ta gloria ao eterno Deos e a ele im-
menso louuor e fama por todo ho-
mundo / e proueito aos reynos de
Portugal. E em galardão de serui-
ço tã asinado como este foy lhe fez
el Rey mercede dom, e lhe deu por
armas as armas reais de Portu-
gal / e de trezentos mil rs de tença-
na dezima do pescado na villa de Si-
nis cõ promessa de bo fazer senhor
dela / por quanto era da hi natural:
e em quãto lha não podesse dar lhe
daria quatrocentos mil rs de rēça.
E despois que ouue em Lisboa ca-
sa da Índia lhos passou a ela: e que
assentandose trato em Calicut po-
desse lá carregar duzentos cruza-
dos despeciaria sem pagar nbũs de

reytos em Portugal, e deulhe bũa aluara de lembrança de bo fazer cō de: e assi lhe fez outras merces que serião largas de contar. E por este nouo descobrimento, acrecentou el Rey dom Manuel a seus titulos outros muyto famosos/ como sam senhor da conquista/ nauegação e commercio de Ethiopia, Arabia/ Persia e da India.

Capit. xxx. De como Pedraluarez cabral foy por capitão mōr de bũa armada a Calicut.



Endo el rey dō Manuel a muyto grãde merce que lhe nosso senhor fizera em descobrir a India, determinou logo dō mādār lã bũa fidalgo com bũa grossa armada pera que assentasse amizade cō el Rey de Calicut, e assi bũa feytoria naquella cidade onde bo feytor teuesse a fazenda que fosse necessaria pera se bi gastar/ e lhe carregasse despecearia as naos que a leuassem: e assi determinou de mandar quẽ lá pregasse a ley euangelica/ assi pera reformação dos Christãos q̃ lá ouuesse/ como pa trazerem em conbecimẽto dela os gentios. E pera assentar esta amizade com el rey de Calicut e feytoria escolbeo a bũa fidalgo chamado Pedraluarez cabral, que fez capitão mōr da armada que auia de mādār a Calicut q̃ foy de dez naos e tres nauios redōdos, cujos capitães a fora ele forão Sãcho de toar q̃ y na sua subcessam/ Niculao coelho, Aires gomez da silua, Simão

de miranda dazeuedo/ Vasco dataide/ Pero dataide. Simão de pina. Runo leytão. Bertolameu diaz, e Diogo diaz seu irmão: que auiaõ dō ficar em çofala com bũa feitoria q̃ se auia bi de fazer: de que auia de ser feitor bũa Alfonso furtado. Y a mais por capitães bũa Gaspar de lemos e bũa Luys pirez. E bĩa tambẽ cō Pedraluarez cabral bũa frey Anrique frade da ordẽ de sam Francisco grãde letrado na sancta Teologia pera pregar: e yã coele cinco frades outros pera ho ajudarẽ. E bĩa por feytor desta armada bũa Ayres correa que tãbẽ leuaua a feytoria q̃ se auia de fazer em Calicut. E bĩaõ por seus escriuães Gonçalo gil barbosa de santarẽ/ e pero vaz caminha. E forão feitos pera esta armada mil e quinhentos homens: e cbegado bo tempo de sua partida estando em restelo por el rey dom Manuel fazer honrra a Pedraluarez cabral foy e procissam a nossa senhora de Belẽ leuandoho consigo e bo teue na cortina em quãto ouuto missa, em que pregou dom Diogo ortiz bispo de viseu. E a mayor parte da pregaçaõ forão louvores de Pedraluarez cabral por aceitar aquella ida: e acabada a missa bo bispo que a disse bẽzeo bũa bandeira das armas reaes de Portugal q̃ el rey deu por sua mão a Pedraluarez: e assi lhe pos na cabeça bũa barrete bẽto que bo Papa lhe mandara. E deitandolhe bo bispo a bẽção ho lenoue el Rey a embarcar, falãdo sempre coele ate ho mar: e bi lhe beyjarão Pedraluarez e os outros capitães a mão: e dãdolhes el Rey a benção de deos e a sua se em

barcarão nos bateis / desparando toda a artelheria da frota cō grãde erroldo: e el rey se tornou a Lisboa por não poder a armada partir aq̃le dia polo estoruo do tempo, e ao outro q̃ forão noue de Março de mil e quinhētos fez a capitaina final as outras que se leuassem, o que logo fizeram: e posta toda a frota á vela saio aquele dia defoz em fora, e pro seguiu sua viagem: e aos quatorze d' Março ouue vista das Canarias e aos vinte dous passou pola ilha d' Santiago: e aos vintequatro se apartou dela com tormenta Luis pirez que arribou a Lisboa.

Cap. xxxj. De como çoçobrarã quatro naos.



Esaparecida a carauela de Luis pirez esperou Pedraluarez cabral por ela dous dias, e aos vintequatro d' abril q̃ foy deradeyra oytaua da Pascoa foy vista terra, e q̃ era outra costa oposta á de Africa, e demoraua a loeste: e reconhecida a terra pelo mestre da capitaina que lá foy / mandou Pedraluarez surgir pera fazer agoada e a descobzir / e por bo porto em q̃ surgio ser bom, lhepos nome porto seguro. E em terra forão tomados dous homens dos naturais dela / q̃ por não se entenderē com nhũ dos línguas que Pedraluarez leuaua os mandou soltar vestindo os primeyro á Portuguesa, pera q̃ os outros soubessem q̃ era gente de paz: e folgassem de ir a frota como forã

dali por diante, levando muyto refresco, e sem nhũ medo entraão nas naos, e por isso Pedraluarez se deteu aqui algũs dias: e dia da Pascoela ouuio missa em terra: q̃ foy dita em hũa tenda cō grande solenidade, e pregou frey Anrique, e em quanto ho officio diuino foy celebrado se ajuntou muyta gente da terra e fazião grandes festas, e despois de comer resgatarão em terra cō os Portugueses dos mantimentos que auia na terra: e barretes: e chapcos de penas daues muyto frefmosas: e algũs Portugueses forã ver as suas pouoações, e virão a terra muyto viçosa daruozedo: e fresca com muytas agoas: e abastada de muytos mantimentos: e de muyto algodão: e por esta terra ser a que agora se chama Brasil, que be de todos bem sabida não digo dela mais: e oyto dias que Pedraluarez aqui fez de detença foy visto bũ peixe que ho mar deitou fora, q̃ era da grossura dum tonel: e era de cōprimēto de tres varas e mea, e era redondo, tinha a cabeça e os olhos como de porco: e as orelhas dalfante, não tinha dentes, e tinha rabo do cōprimēto dũ caualo. Nesta terra mandou Pedraluarez meter bũ padrão de pedra cō hũa Cruz, e por isso lhepos nome terra de santa Cruz, e despois se perdeu este nome e lheficou ho do Brasil por amor do pao brasil: desta terra mandou Pedraluarez a Gaspar d' lemos na sua carauela com cartas a el Rey d' Manuel, em q̃ dizia ho que lhe ateli tinha acontecido: e mandou lhe bũ homem daquela terra: e ao outro

día q̄ forão tres de Mayo partioſe Pedraluarez cabral cō toda a frota, leuãdo a rota do cabo de Boa eſperança/ q̄ fazião dali a mil e duzentas legoas, e he bũ golfã muy temeroſo/ por amor dos brauos vêtos q̄ quaſi ali ſempre curſão. E nauegando por ele aos doze d̄ Mayo apparece no ceo da parte do oriẽte hũa cometa q̄ durou dez dias, e ſempre de cor d̄ fogo: e deſpois a bũ ſabado vete tres de Mayo deu e toda a frota hũa trouoadade nordeſte/ cō q̄ todos tomarã as velas, e correrã q̄ſi todo a q̄le dia arnozeſeca cō ho mar muyto groſſo/ e ſobre a tarde alargou ho vêto, cō q̄ derão algũas velas e fizerã caminho, e aſſi forã ate ho dia ſeguinte, q̄ tornou ho vêto a eſforçar, cō q̄ todos meſurarã as velas e agarrucharão os papafigos, e átre as. xi. e doze oras do dia começoſe dar mar bũ bulcã da parte do noroeste/ com que acalimou ho vento que cairão as velas ſobre os maſtos. E como ainda os pñlotos não ſabião os ſegredos daqueles bulcões / cuydarão que era calmaria verdadeyra e deixauãſe eſtar / ſe não quando ſobreuẽm hũ peganho de vento tão furioſo, que não deu tempo pera amainarem, e çoçobrou quatro naos ſem eſcapar della perſoã algũa/ de que erão capitães Bertolameu diáz/ Aires gomez da ſilua, Simã de pina, e Vasco dataide / e as ſete ficarão meas alagadas, e ouuerão de çoçobrar ſelbenão rompera ho vento as velas/ e ſaltandolhes logo ho vento ao ſudueſte arribarã coele/ e por ſer muyto correrã arnozeſeca ate o ou-

tro dia/ q̄ abriãdãdo ho vento ſe ajũtarã as naos q̄ yão eſpalhadas, e por rêtornou logo a trometa com q̄ ho mar ſe ebraueceo muyto mais q̄ oãtes/ e durou vinte dias cõtinos cō q̄ a frota correu arnozeſeca, e andaua ho mar tão groſſo q̄ parecia ipoſſivel eſcaparẽ as naos de ſerem comidas, por q̄ as ôdas ſe leuãtauã tão altas q̄ parecia q̄ as punhão nas nuuẽs e deſpois no abĩſimo: cō os vales q̄ ſe abrião, e de dia era a agoa d̄ cor de pez/ e de noyte d̄ cor de fogo, e o arroido q̄ fazião as eĩxarcias era muy medonho, e tudo era tão eſpãtoſo q̄ ho nã pode crer ſe não quẽ ho vir/ e com a força do vêto ſe apartarã as naos, e cō Pedraluarez ſoy Simã de miranda, e Pero dataide/ e Riculao coelho. E Runo leytão/ com Sancho de thoar, e Diogo diáz arribou ſo/ e o que lhe aconteceo di-rey a diante.

Capit. xxxij. De como Pedraluarez Cabral ſe vio com el Rey de Quíloa.



Roſſeguindo Pedraluarez Cabral, cō aqueles douz capitães que arribarão coele paſſando ainda muytas tromentas / ſe achou com ho cabo de Boa eſperança dobrado/ e eſcorrẽdo çoſala, ouue viſta das ilhas pñmeyras. A cuja ſombra eſtauão outras naos de mouros que leuauão ouro de çoſala/ que deſpois de tomadas pelos capitães da armada / ſoube Pedraluarez que eram

dum primo del Rey de Belinde / que yanelas, e por isso lhas tornou sem tomar delas nada / antes por ser primo del Rey de Belinde lhe fez muyta hõrra. E partindo daqui aos vinte de Julho chegou a Moçambique / e feyta agoada e tomado piloto, tornou a sua viagem caminbo de Quíloa / que he hũa ilha na costa de Ethiopia cem legoas auante de Moçambique, hetera muyto viciosa doztas que dam muyta fruyta e ortaliça / e em que ha muy boa agoa / colbêsenela muytos ligames, e assi muyto milho / tem grande criação de gado grosso e miúdo / e ho mar lhe da muyto e bom pescado, está em noue graos da bãda do sul, tem hũa cidade chamada Quíloa / grande e populosa pera aquelas partes, de casas de pedra e cal de muytos sobrados, e pouada de mouros. Os naturays da terra são pretos / e os estrangeiros brancos, todos falão araula, e tratamse bem no vestido, principal mête as molheres / que andão muy arraçadas de peças douro / sam os mais mercadores de grosso trato, que a este tempo era a mayor parte dele em ouro que auião de çofala / e dali se espalhaua por Arabia feliz e outras partes, de que aqui acodião muytos mercadores, de cujos nauios ho porto estaua sempre muy occupado / e estes são cosidos com caíro / e breados com encenço branco, por não auer na terra breu. Ho inuerno desta terra começa ê Abril e acaba em Setembro. Chegando Pedraluarez ao porto desta cidade

chegarão tambem os outros capitães que se apartarão dele, com ho grande temporal que disse atras / e despois d' chegados, viose Pedraluarez com el rey de Quíloa. Ele estaua em hũ batel toldado e embandeirado e cõ suas trôbetas / acompanhado dos capitães da frota / e outra gente nobre / todos vestidos de festa. El Rey foy muyto acompanhado em muytas almadias / cõ grande arroido de trombetas / bozinas d' marfim / e anafis, e em chegando ao batel de Pedraluarez / desparou a artelbaria da frota, de que el rey e os seus ouuerão grande medo / polo não terem em costume / e despois de ele, e Pedraluarez se receberem / e ele ver a carta da amizade, quelhe el rey dom Manuel escreuita, e sobre ter trato em sua terra / disse que era contente / e que ao outro dia fosse a terra quem lhe disesse as mercadorias que queria. Este foy Afonso furtado / que ya por feytoz pera çofala. Mas el rey induzido pelos mouros estrangeiros, a que pesaua de os Portugueses ali tratarem, não quis comprir nenhũa cousa do que assentara com Pedraluarez / escusandose com dizer que não tinba necessidade d' suas mercadorias. E por Pedraluarez leuar por regimento que lhe nã fizesse guerra / nãolha quis fazer, e partio se pera Belinde.

Capitulo. xxviii. De como ho capitão mór Pedraluarez Cabral se vio com el Rey de Belinde.



Partido daqui foy
surgir no porto de
Melinde aos dous
dias dagosto, e por a
mor del rey de Me-
linde não quis to-

mar tres naos de mouros de Cā-
baya que hí estauão carregadas de
muyta riqueza. E sabendo el rey q̃
estaua ali, bo mādou visitar por do
us mouros honrrados/ mandādo
lhe muytos patos, galinbas e car-
neiros, e outros refrescos, mandā-
do selhe offrecer pera tudo bo de q̃
teuesse dele necessidade/ porque era
tamanho amigo del rey de Portu-
gal/ que tñha por suas as suas cou-
las. Pedraluarez lhe mādou logo
por Aires correa hũa carta del Rey
dom Manuel/ e hũ arréo de gínetas
que lhe leuaua de presente com ou-
tras peças ricas, e foy com gran-
de magestade de trombetas diante,
e acompanhado d̃ muytos homẽs
vestidos de festa. E el Rey bo man-
dou receber com grande solenida-
de com que foy leuado ao paço/ on-
de foy recebido del rey com muyta
honrra. E dandolhe Aires correa
ho presente que lhe leuaua, esteue ho
vendo peça e peça, e preguntando
pelo nome de cada hũa, e despois
mandou ler a carta q̃ lhe Aires cor-
rea deu del rey dom Manuel, es-
crita de hũa parte em arabigo, e da ou-
tra em Portugues: e com liçença d̃
Pedraluarez ficou Aires correa cõ
el rey a seu rogo, e em tres dias que
lá esteue lhe preguntou el rey muy
largamente por el rey dom Manu-
el/ e pelo modo de sua governança/
e polos costumes de seus Reynos.

E el rey quisera que Pedraluarez
foza a terra folgar pera bo ter por
seu ospede/ e por se ele escusar disse
el rey bo foy ver ao mar/ ate onde
foy em hũ caualo ageazado do ar-
reo que lhe leuou Aires correa. E
nesta vista dũ el rey hũ piloto a Pe-
draluarez que bo leuasse a Calicut.
e ele lhentregou dous degradados
pera que se enformassem do sertão
daquella terra ate ho estreito, e hũ
deles foy João machado, que apro-
ueitou despois tanto aos Portu-
gueses como se conta no Aluro
Terceiro.

Capit. xxxiij. De como ho capi-
tão mór Pedraluarez Cabral/
chegou a Calicut.



Daqui se partio ho ca-
pitão mór Pedral-
uarez cabral pera Ca-
licut aos sete dagosto
e aos vinte dous che-
gou a Anjedina/ e hí
se deteu algũs dias com esperan-
ça de tomar naos de mouros de
Meca/ que ali yão fazer naquele
tempo agoada/ e aqui se confessa-
rão e comungarão todos os da ar-
mada. E partindo daqui foy sur-
gir ao mar, hũa legoa de Calicut/
atreze de Setembro: e os da terra
lhe forão logo vender mantimen-
tos. E el Rey bo mandou logo vi-
sitar/ com palauras damizade/ ro-
gandolhe que entrasse. E como ele
nam podia assentar amizade com
el Rey sem falar coele/ determinou
de ir a terra, pera o que lhe mandou

pedir por Afonso furtado arrefês logo nomeados. f. ho Catual, e bñ naire chamado Araxamenoca / e outro. E tãta foy a difficuldade em os dar que se gastarão tres dias antes de consentir nisso. Porque os mouros a que pesaua muyto desta vista pelo effeito dela / trabalhauão quanto podião com el rey que não desse os arrefens / dizendolhe que não fizesse tal cousa / que se os desse ficaua nisso desonrrado / porque parecia que Pedraluarez não se fiaua dele / o que era grande abatimento de sua pessoa. E com tudo el rey deu os arrefens / pondo primeyro em condição / que auião de partir eles d' terra em, Pedraluarez abalando da frota. Isto cõcertado aos dezoyto de Setembro se foy Pedraluarez a terra levando consigo trinta deſtes principays da armada todos vestidos de festa que auião deſtar coele em quanto elle uel se em terra, e leuaua sua cozinha / copa e cama / porque auia deſtar com grande estado, conforme ao cargo que leuaua, e acompanhauão no todos os capitães da frota em seus bateys / que yão todos de festa. E ao mar ho forão receber por mandado del rey de Calicut muytos nayres com muytas trombetas e outros instrumentos alegres e era todo ho mar cuberto de bateys / tones e almadias. E nisto forão leuados os arrefens á nao de Sancho de thoar / que chegados entrarão com grande difficuldade pelo receo que tñhão de os catiuare, e cbegado Pedraluarez a terra achou gente sem conto que ho esta

ua esperando: e do batel foy tomado em bñ andor que el rey mandou pera isso, e foy leuado a bñ çarame, que he casa terrea de madeyra que el rey mandou fazer pera se verem / por Pedraluarez não ir aos seus paços que era longe. ão çarame estaua todo alcatifado, e no cabo estaua bñ capela pequena em que el rey estaua assentado em hum estrado rico com bñ doſſel de veludo carmesim. Tinha cingido hum pano dalgodão branco finissimo, com muytas rosas douro que ho cobria da cinta ate os giolbos, e todo ho mais estaua nũ / tinha na cabeça hñ couſa de brocado feyta a modo de capacete antigo / nas orelhas tinha arrecadas de diamães e perolas finas / os braços cheos de manilhas douro dos cotue los ate as mãos com pedraria sem cõto de muyto preço / e ho mesmo tinha nas pernas / e cubertos da neis os dedos das mãos e dos pés de fina pedraria. E por grandeza tinha no dedo polegar de hum pé bñ anel com bñ robí grande / que luzia como brasa. E toda esta pedraria não era nada em comparação da que tinha em bñ cinta que era couſa sem preço. E de todos os mēbros de seu corpo em se bolindo reberuerauão rayos. Estaua junto coele bñ cadeira real antiga toda de prata e douro laurada de pedraria / e da mesma maneira era hum andor em que el rey fora leuado ao çarame / ho coſpidoz em que coſpia era de ouro / e do mesmo ouro estauão ali muytos perfumadores, de que ſaya muyto ſuaue cbeyro.

E por estado tinha acelas seys to-
chas mouriscas douro. Estauão
no çarame vinte trombetas/ de q̃
dez e sete erão de prata e tres dou-
ro. Seys passos deste lugar em que
el rey estaua, estauão dous irmãos
seus que se chamão príncipes/ por
que herdão ho reyno: e mais afasta-
dos estauão Caymaeis Panicaeis
e outros grandes/ e todos em pé.

**Capit. xxxv. De como Pe-
draluares Cabral falou a
el rey de Calicut.**



Contrado Pedralua-
res cabral neste çara-
me onde el rey esta-
ua foy espantado de
seu grande estado/
e feyta sua reuerência
ao nosso modo/ fez lhe el rey muy-
to galalbado com bo rosto/ e man-
douho assentar junto dos Prínci-
pes/ que era a mayor honrra que
selhe podia fazer. E assentado deu
hũa carta ao lingoa que a desse a el
rey, que lha mandaua el rey dom
Manuele escrita em lingoa Arabi-
ca, e em Portugues/ feyta por hũ
fidalgo chamado Duarte galuão.

E dezia.



Grande e de muito poder
Príncipe çamorim/ per
merce rey de Calicut.
Nos dom Manuel por
sua diuina graça rey de Portugal
Daquem e dalem/ mar em Africa
Senhor de Guiné, &c. Vos enuia-
mos muyto saudar/ como aquele

que muyto amamos e prezamos.
Deos todopoderoso, começo/ meo
e fim de todas as cousas/ por cuja
ordenança cursam os dias, tempos
e feytos humanos, assi como por
sua infinita bondade criou ho mũ-
do e ho remio per Christo Jesus nos-
so saluador. Assi em seu grande e in-
finito saber ordenou muytas cou-
sas pera os tempos que auião de
vir/ pera bem e proueito da gera-
ção humana, inspirando polo Spi-
rito sancto nos corações dos ho-
mẽs, quando aquelas cousas q̃ por
homẽs auia de ser feitas fossem po-
stas em obra em tempos por ele li-
mitados, e não antes nem depois.
E por isto ser assi verdade e conhe-
cida por experiencia, se com são e
verdadeiro iuyzo quizerdes consi-
derar a grandeza e nouidade e mi-
sterio da ida de nossas gentes e na-
uios que forão a vos e a essas vos-
sas terras. Deueys de fazer nel-
las partes Oriente/ o que todos
fazemos nestas do ponente/ que he
darmos muytos lououres ao se-
nhor Deos, porque em vossos dias
e nos nossos fez tanta merce ao mũ-
do/ que por vista nos podessemos
saber e ver e conhecer, e ajuntar e
vizinhar por conuersação, estãdo
as gentes dessas terras e destas
tão afastadas hũas das outras do
começo do mundo ategora, e tão
sem cuydado nem esperança disto,
que ho senhor Deos quis que fos-
se, inspirando auera sessenta annos
em hũ nosso tio vassalo nosso cha-
mado ho Iffante dom Anrrique/
Príncipe de virtuosa vida e san-

ctos costumes, que por seruiço de Deos tomou proposito inspirado por ele de fazer esta nauegação/ e polos Reys nossos antecessores foy ategora prosseguida. E querendo nosso senhor darlhe ho fim por nos desejado, quis que estes nossos que ora la forão de bũa só viagem fizessem outro tanto caminbo ate chegar a vos, quanto estaua feito nas viagens passadas de sessenta annos, Sendo eles os primeiros que perala mandamos tanto que por graça de Deos tomamos ho regimento de nossos Reynos e senhorios. Assi que ainda que esta cousa seja feyta per homens/ não se deue de julgar se não por obra de Deos acuso poder he possível o que os homens não podem fazer. Porquedo principio do mundo ouueem oriente e em occidente muy poderosos reys e principes/ de que contão estoriadores terem grandes desejos pera fazerem esta nauegação: e levarão nisso muyto trabalho: e não quis nosso senhor darlhe poder pera isso como agora nos deu/ por ser assi sua vontade/ E poy em quanto deos não quis que isto fosse não teuerão os passados poder pera ho fazerê/ não deueninguê decuydar que agora que ho ele quis ho possam homens contrariar/ sendo agora muyto mayor injuria contra Deos querer resistir aa sua vontade tam manifesta do que dantes era perfiar contra ella/ que não era sabida/ e antre as causas porque principalmente damos muytos lououres a nosso

senhor neste feyto / he por nos ser dito que ha nessas partes gentes Christaãs, que soy e he ho nosso principal desejo/ pera nos concertarmos com vosco em amizade, amor e conformidade, como ha antre os reys Christaãos/ porque bẽbede crer q̃ não ordenou ho senhor deo: tã marauilhosa cousa como be esta nossa nauegação pera ser somente seruido nos tratos e proueitos temporays dantre nos: mas também nos spirituaeis e saluação das almas que mais deuemos de estimar e de que elebe mais seruido/ pera que a sua sancta fé seja cõmunicada antre nos como ho foy por todo ho mundo bẽ seyscentos annos despois da vinda de Jesu Christo seu filho ate q̃ por peccados dos homens nacerão algũas seytras e heresias contra a fé Christaã/ que Jesu Christo disse primeiro que viessem/ pera proua dos bõs e pera cõdenação dos maos que não auião de crer a verdade pera serem saluos. Estas seytras e heresias occuparã antre essas vossas e nossas terras muyta parte da terra/ por onde se impedio a auer por terra communicação das gẽtes de ca com as delã, que agora se podeter coesta nauegação/ que foy descuberta por Deos a quenada he impossivel. E conhecendo nos tudo isto, e desejado de prosseguir e compzir como deuemos o que nos ho muy alto deo todo poderoso mostra ser tanto sua vontade/ mãdamos agora lá nosso capitão cõ naos e mercadorias/ e nosso feyto: pera q̃la fique, e estê

com vossa a prazimento. E mandamos pessoa s religiosas z doutrinas na fee z religião Chriſtã, pera que celebrem ho officio diuino/ z menistrem os sacramentos, pera que possais ver a religião z fé q temos, que foy instituydo per Jhesu xpo nosso saluador: z dada a doze apostolos z a seus discipulos/ per q foy geralmente pregada despois de sua sancta resurreição z recebida e todo ho mudo. E dous destes apostolos. s. sam Thomé z sam Bertolameu pregarão nessas vossas partes da Índia/ fazendo muytos grandes milagres, tirando essas gentes do erro da gentilidade z idolatria e que todo mundo estaua dâtes, z cõvertendoas á verdade da sancta fé Chriſtã/ que também ca foy pregada por algũs de seus apostolos: z consideradas estas cousas z as rezões q ha pera crermos que esta nossa nauegação z ida d' nossas gêtes a vos foy por vontade do muyto alto ds: vos rogamos como irmão q vos queirais conformar cõ seu querer z vontade/ z por fazerdes vosso proueito z de vossas terras assi spiritu al como temporal tenhais por bẽ de receber nossa amizade, z de ajuntar a vossa com nosco, z assi trato z conuersação que vos tão pacificamẽte apresentamos: pera seruiço de nosso senhor: z queirais receber z tratar a nosso capitão z gête cõ aquele sãoz z verdadeiro amor que volos mandamos: por q em rezão domẽs cabe folgar des muyto cõ gente q detão longe vay buscar vossa amizade, cõuersação z trato/ z q vos leua tâto proueito de nossas terras/ que não

podereis auer mais doutras nenbũas/ posto que por algũas vontades danadas/ que nunca falecem achassemos em vos ho contrairo: o que per toda rezão não podemos elperar de vossa virtude. E com tudo nosso proposito he seguir a vontade de nosso senhor Deos todo poderoso/ antes que a dos homẽs, z não deixarmos por nenbũas contrariedades de prosseguir z cõtinar esta nauegação/ trato z conuersação nessas terras/ tendo esperança em nosso senhor que nosso trabalho não seja debalde/ porque firmemente cremos z esperamos, que pois ele fez essas terras z volas deuia possuir z a gente dela/ ele ordenará como no seu se faça sua vontade. E como não, faleça quẽ nelas acolha z receba nossa amizade, z nossas gentes que la vão tanto por sua vontade, z aque maravilhosamente abriu caminho z deu poder pera irẽ a elas z ele mesmo he sabedor quanto desejamos que seja antes por boa paz z amizade, E a ele praza dar uos sua graça pera conhecerdes z obrardes as cousas de sua vontade z sancto seruiço. E acerca desto crede z day fee a Pedraluarez cabral/ fidalgo d' nossa casa, z nosso capitão mór em todo o que de nossa parte vos falar/ requerer z com vosco tratar. De Lisboa ho primeiro de Março de mil z quinhentos.

Dada esta carta a el rey foy lbe logo lida pelo lingoaz z despois lbe deu Pedraluarez hũ presente que lbe mandaua el Rey dom Manuel/ q era destas peças.

Thū bacio de prata dagoa as mãos de bestiaes dourado, e hū agomil e hūa copa cō sobrecopa. Duas mactas de prata. Quatro almofadas de strado/duas de brocado e duas de veludo carmesim. Thū esparuel de borcado broslado de veludo carmesim. Thū tapete muyto fino/ e do us panos darimar veras/ hū de figuras/ outro de verdura. El rey mostrou q̃ folgaua muyto coestas peças/ e pregūtou de que seruiā da hūa. E despois disse a Pedraluares que se fosse pera sua pouxada ou pera a frota se quisesse: porq̃ era necessario mandar polos arrefes que estauão no mar pera comerẽ em terra/ por seu costume lhe defender q̃ ho não fizessem lá. E pedraluares lhe disse que ainda que mandasse pedir os arrefensos não auiaõ de dar porq̃ auiaõ de cuydar q̃ era recado falso. Ao q̃ el rey disse que se tornasse á frota e quelhe mãdasse os arrefes: e que ao outro dia tornaria pera assentarẽ ho trato que el rey de Portugal queria ter e Calicut. Do que Pedraluares ficou muyto agastado porquelhe pareceo aquilo desprezo/ e teue a el rey por homẽ inconstante.

Capit. xxxvi. Do que aconteceu a Pedraluares cabralem Calicut.



Quando Pedraluares esteve falando cō el rey de Calicut deseiaõdo os mouros de auer reuolta a treles/ porq̃ não ouesse effeito ho trato q̃ Pedraluares

queria assentar em Calicut: fizeram com hū escriuão da fazenda del rey que fosse á frota a pedir os arrefes da parte de Pedraluares: e Ayres correa não os quis dar, porq̃ ele deiara dito que posto q̃ lhos pedisse da sua parte que os não desse. E estando nesta pratica ho escriuão do mar em hūa almadia e Ayres correa do bordo da nao/ os arrefes polo q̃ lhos ho escriuão disse lançarãse ao mar pera se acolherẽ na almadia e fugirẽ/ o que fora se lhe Ayres correa não acodira muyto prestes no esquite da nao com algũs marinheiros que tomarão Araxamenoca e outro/ e assi q̃tro malabares: mas ho catual fugio. Eẽ Pedraluares saindo do çaramesoubeco q̃ passaua por hū Portugueses: e com ho agastamento que trazia del rey, e com o q̃ isto lhe deu não teue acôrdo pera recolher o fato que tinha na sua pouxada/ nem Alfonso furtado que lá estaua com sete Portugueses/ e embarcandose cō grande pressa tirou caminho da frota a força de remo, e entrado na capitalna mãdou logo meter Araxamenoca e ho outro debaixo de cuberta/ porq̃ não fugissem/ e mãdou fazer queixume a el rey do escriuão pola reuolta q̃ fizera: mandandolhe dizer que lhe não auia de mandar os arrefens se lhe não mandasse os Portugueses e ho fato q̃ deiara em terra. E por ser noite quando este recado foy a el rey ficou a confusa assi. Porẽm el rey não deu nenhũ castigo ao escriuão, nem mandou nenhũa desculpa a Pedraluares/ se não mandoube ho seu fato com os Portugueses.

E os quelhos leuauão nunca oul-
rão de chegar á frota cõ medo que
os tomassem, pelo que ao outro dia
mandou Pedraluarez os arrefês
por Aires correa/ que os entregasse
aos Malabares afastados da fro-
ta/ e estando juntos bũs, e outros
pera fazerê esta êtrega/ saltou Ara-
xamenoca nagoa pera fugir, mas
não pode, que bũ marinheiro bo a-
panhou pelos cabelos e deu coele
no batel, e bo outro fugio nesta vol-
ta, e acolbeose aos Malabares. E
Afonso furtado com cinco Portu-
gueses teue tẽpo de fugir pera Ai-
res correa, que se tornou á capitaina
e contou a Pedraluarez bo q̃ passa-
ua, q̃ estava muy espantado da pou-
ca verdade dos Malabares e mais
del rey, a que os mouros não deixa-
uão de matinar com repetirê muy-
tas vezes os males que lhe tinbã oí-
to dos Portugueses: e fazendolhe
crer que se forão pera paz/ q̃ não lhe
pedirão arrefês/ e se fiarão dele co-
mo fazião todos os mercadores/ e
sem mais cautela fora Pedraluarez
a terra e assentara trato, mas por ir
de guerra pedía arrefês pera se segu-
rar. E coisto passarão tres dias sem
el rey mãdar nbũ recado a Pedral-
uarez, que auêdo dó Daraxa meno-
ca por auer tantos dias que não co-
mia bo mandou a el rey liuremente,
e ele lhe mandou os dous Portu-
gueses que ainda estauão em terra/
e bo seu fato. E despois cõ prazme
del rey, q̃ deu ê arrefês dous mou-
ros honrrados netos dum mouro
Guzarate/ foy Aires correa a terra
pera assentar feytoria, que assentou
com licença del rey/ a que disse que

el rey de Portugal teria sempre ne-
la outras tais mercadorias como
os mouros de Meca leuauão a Ca-
licut: e nesta pratica lhe prometeo
el rey delhe fazer carregar as naos
em vinte dias/ e que a sua carrega
seria primeyro q̃ a de nenhũs estrã-
geiros, porque deixaria todos por
dar auiamẽto a el rey d Portugal,
e mãdou apouentar Aires correa
ẽ hũas casas do guzarate auô dos
arrefês/ aque rogou q̃ fosse lingoa
e corretoz daires correa/ e bo in-
struisse no modo de comprar e ven-
der daquela terra/ bo q̃ ele não fez,
por que logo os mouros de Meca
bo fizerão da sua parte cõ muytas
peitas que lhe derão/ e lhe fazião cõ-
prar a especiaria mais cara do q̃ se
vendia aos mouros/ e fazia lhe vẽ-
der a mercadoria de Portugal por
menos do que valia: e quando Ai-
res correa auia de falar a el rey fa-
zia bo saber aos mouros pera q̃ fos-
sem presentes/ e bo estrouassem no
que podessem, e bo q̃ Aires correa
queria dizer a el Rey, mudauao ele
ao reues, e coisto não podia Aires
correa aproueitar a fazenda da fey-
toria âtes perdia muito: e tudo isto
veo Aires correa a saber, per hum
mouro chamado Cojebequim, ho-
mẽ muyto principal ẽ Calicut, por
ser cabeça dos mouros naturaeis
da terra, que tinbão bando contra
os do Cairo/ e do Estreito de Me-
ca, de que era cabeça outro mouro
do Cairo q̃ auia nome Coje camece-
rím/ que governaua as coulas do
mar de Calicut/ e por esta diuísam
que auia antre estas duas nações d
mouros/ e ser Cojebequim cabeça

de hũ dos bandos/ quis ele tomar amizade com os Portugueses pera se fauorecer coeles/ e por isso tinha conuersação cõ Aires correa/ e lhe descobrio a treição q̃ ho Suzarate lhe fazia/ e mais que Coje camece-ria a rogo dos outros mouros d̃ De- ca por cuidarem que fazião mal aos Portugueses, não deixaua ir á fro- ta nhũ dos que estauão na feytoria: dizendo que assi lho mãdaua el Rey que ho fizesse, e coessa cor não deixa- ua tornar á frota nhũ dos que dela yão a terra. Iho que sabido por Ai- res correa ho escreueo a Pedralua- rez, affeãdolhe muyto ho caso, e di- zendo que lhe parecia q̃ os mouros querião fazer algũa treição: e cuy- dando Pedraluarez q̃ seria assi, por se segurar seleuou do porto cõ toda a frota/ e se afastou hũ pouco pera ho mar onde surgio, do q̃ se el rey es- pãtou muyto/ e sabido Aires cor- rea ho por q̃ ho fazia: disselhe q̃ ele proueria como os mouros não fizes- sem mais ho que fazião dâtes / por q̃ folgaua muyto de os Portugue- ses terem trato em sua terra: e segu- rando Aires correa quanto pode se tornou Pedraluarez ao porto, e el rey tirou de corretor e lingua Ai- res correa ho mouro Suzarate po- las falsidades q̃ fazia/ e deu ho mes- mo carregio a Cojebequim, por sa- ber que era amigo Aires correa/ a quem pera que vendesse melhor a fa- zenda da feytoria deu hũas casas d̃ Cojebequi q̃ estauão junto do mar: e fez delas doação pera sempre a el Rey de Portugal pera ter ali sua feytoria: e a escriptura disso foy fey- ta e hũ folha d'ouro batido. E por

que todos soubessen q̃ ali era a fey- toria del Rey de Portugal/ mãdou a Aires correa que possesse sobrela hũa bandeira das armas Reais, e assi se fez: e dali por diante ho fauo- recia muyto, e por isso os da terra tinhão grãde amor aos Portugue- ses/ e tinhão coeles muyta conuer- saçam.

Capit. xxxvii. De como Pedral- uarez cabral, mãdou tomar hũa nao pera el Rey de Calicut.



Quando esta conuer- sação antre os Por- tugueses e os Mala- bares, mãdou el rey dizer a Pedralua- rez cabral/ q̃ ele mã- daua comprar hũ Alifãte a hũ mou- ro de Cochim chamado Batemar- car/ e não lho quisesa vender dan- dolhe por ele tanto quanto outrem lhe podia dar/ e afora não lho q̃rer vender lhe mandara dizer algũas descortesias/ e antrelas fora q̃ mã- daua ho Alifãte a Cãbaya, e auia de passar a vista de Calicut q̃ lá lho podia mandar tomar polos Portu- gueses em que confiava muyto: pe- dindolhe q̃ pois a nao auia de pas- sar a vista de Calicut que lha man- dasse tomar/ porque compria muy- to a sua bõrra tomar-se. Pedralua- rez como tinha a el rey por incõstã- te, receaua que não lhe desse a carre- ga como lhe tinha prometido, fazia cõta de ir carregar a Cochim, e por isso desejava de star bem cõ el rey de Cochim, pelo que se lhe fazia graue de tomar a nao, receãdo de ho ano- jar nisso, e assi ho disse aos capitães

em hũ conselbo que sobrisso teue: e elles lhe conselbarão que com tudo era necessario tomar-se a nao/ pera el Rey ter credito nos Portugueses. E por isso mandou Pedraluarez fazer prestes a Pero dataide no seu nauio/ e deu-lhe sessenta homens, e mādou a hũ fidalgo chamado Duarte pereyra pacheco q fosse coele/ e a outro que auia nome Vasco da Alueira/ ābos valentes caualeiros. E hũ sabado ao meo dia appareceo ao mar a nao d Cochim que leuaua bo Alifante que era muyto grāde/ e leuaria trezentos mouros de peleja. Elrey de Calicut q ainda nāo sabia como os Portugueses pelejauāo, quando soube que vinha a nao saio ā praia pera bo ver/ euydando que auia dir toda nossa frota a pelejar com a nao. E quando vio ho nauio de Pero dataide q era muyto pequeno, e soube que aquele só auia de pelejar com a nao teuco por escarnio, e euydando q Pedraluarez bo fazia dele, lhe mandou dizer, que se lhe aua de mandar tomar a nao como lhe tinha prometido/ que mandasse outras naos, e nāo aquela tamanina: ao que Pedraluarez respōdeu que ele sabia bem bo q fazia, e q aquela abastaua pera tomar outra muyto maior q aquela, e pera saber bo que os Portugueses fazião/ e como pelejauāo/ q mandasse coeles algũs mouros pera que os vissem/ e ainda q elrey nāo ficou satisfeito coesta reposta/ mandou hũ mouro cō Pero dataide, q ya ā vela apos a nao/ e por se deter ē tomar bo mouro/ se alongou a nao muyto dele: a q tornou a seguir ate a noyte q lhe

desappareceo/ e perdendoa da vista pareceolhe que surgeria junto da terra e por isso foy costeando, e ao quarto dalua foy dar com a nao, q estaua dando a vela, e arribando sobrela posto a lotaento mādou aos mouros que amainassem, e eles como que zōbauāo de leuā hũ grāde grita/ e tocarão seus instrumentos, e tirarālhe frechadas sem conto: e os Portugueses vĕdo isto lhe derāo hũa surriada de bombardadas, e hũa dũ camelolhe fez na proa ao lume dagoa hũ buraco cō q lhe ētroy muyta agoa, e as outras matarão algũs mouros/ e os nauios cō medo doutra tal arribarão a Cananoz/ e meteranse ja bem de dia ē hũa baya que tem, e possērāse antre quatro naos outras, a que chamāo meter em concha: Pero dataide entrou na baya e mandou esbōbardear as naos, e quasi que as tinharēdidas se lhe nāo valerāo certos paraos de mouros, com que pelejādo os Portugueses deixarāo as naos e os paraos tãbem forāo desbātados se lhe nāo anoitecera: do que os mouros de Cananoz e outra gēte que forā ver a peleja estauāo espātados, Pero dataide como foy noite de todo que nāo pode pelejar/ saiose da baya pera ho mar/ por q lhe nāo queimassem d noyte ho nauio/ e achou que lhe nāo tinbāo feridos mais de noue homens/ pelo q determinou com conselbo/ que pois nāo podia meter a nao no fundo d a aferrar/ posto que fosse contra bo regimento que leuaua/ que era nāo aferrar a nao mas metela no fundo, e como foy manhāa tornou a entrar na

baya/ e achado que os mouros da-
uão a vela pera se acolherem/ man-
dou desparar sua artelbaria, cō que
arrombou a nao ao lume da goa/ e
vendo os mouros que não tinham
saluação renderão-se/ e a nao ficou
em poder dos Portugueses: do que a
gente d' Cananoz q'estaua na praya
ficou muyto triste, e os Portugue-
ses os fizeram despejar as bombar-
dadas. Feyto isto partio-se Pero
dataide pera Calicut leuado a nao
e chegou lá ao outro dia. El Rey
foy a praya auer a nao, que teue por
muyto grãde façanha tomar-se por
tam poucos Portugueses, e ficarẽ
todos viuos. E Pedraluarez mã-
dou dar a el rey a nao cō ho Alifate
que ele queria e outros que se acha-
rão nela, e assi todo ho mais: man-
dando-lhe dizer/ que não teuesse por
muyto tomarẽ tão poucos Portu-
gueses aquela nao / porque outras
couzas mayores farião por seu serui-
ço: do que lhe el rey mandou muy-
tos agardcimentos/ e por seu ro-
go lhe mandou Pedraluarez, Pe-
ro dataide, Duarte pacheco, Alasco
da silueira/ e outros dos que forão
na tomada da nao porque desejou d'
os ver, e a todos fez muyta honrra
e merçe. E vido el rey que tão pou-
cos Portugueses tomarão tão as-
nha hũa nao a tãtos mouros/ lhes
ouue dali por diante tamanho me-
do que desejou de os ver fora d' Ca-
licut, receando que lha tomassem.

Cap. xxxviij. Do q' passarão os
mouros de Meca cō el rey d' Ca-
licut, e de como se leuatarã cōtra
os Portugueses q'estauã e tãra.



Em a tomada desta
nao se ouuerã os mou-
ros d' Meca por muy-
afrontados/ e ficarã
muy descōtentes del
rey, porque fazia tan-
ta conta dos Portugueses que os
tomaua pera vingadores de suas
offensas/ ho q' era em seu desprezo/
e temerão que teuessem os Portu-
gueses tanta valia com el rey q' lhes
fizessem perder a sua que era muyto
grande / em tanto q' mandauão os
Sentios como senhores da terra, e
lhes tomauão a pimeta pelo preço
que queriã, sem eles oularem d' lhes
cōtradizer: e tão logoitos lhes erã
que muytas vezes não ousauão de
sair das casas com medo deles/
e por estas opressões q' tinbão que-
rião mayor bem aos Portugueses
que a eles/ e folgauão de lhes ven-
der antes a especiaría q' a eles, mas
não ousauão com medo: e os mou-
ros que ho entendião, e vendo que
tãbem el rey fazia conta dos Por-
tugueses, e madaua q' carregassem
primeyro que todos os estrangei-
ros, deram-se por desualidos e desa-
creditados na terra/ e mais vendo
que os Portugueses leuauão tan-
tas mercadorias como eles e tão
boas/ e que comprauão tãta pimeta:
e por isso determinarão destor-
uar por quãtas vias podessem que
Alres correa não podesse comprar
nhũa pimenta/ e dauão por ela ma-
is do que valia, e porque abatessem
as mercadorias da feytoria dauão
as suas por menos preço, e coestas
manhas de q' vsauão, não pode Al-
res correa em tres mezes que auia

que estaua e Calicut auer carrega mais que pera duas naos, ho q̃ Pedraluarez sentia muyto, porque bẽ sabia as roindades q̃ faziã os mouros de Meca/ e as manhas que tinhãõ pera não auer carrega/ e que tudo faziãõ cõ atreuimento del rey de Calicut: e polo fauor q̃ lhes daua ho q̃ se parecia e quã remisso era em os castigar polos queixumes q̃ lhe mandaua fazer deles, e senã fora ho rico presente que lhe tinha dado, e ho muyto tempo que ali tinha despeso ele se fora a Cochim, e assentara amizade com el rey/ de q̃ tinha fama q̃ era muyto melhor homẽ q̃ el rey de Calicut: por em ho gasto q̃ tinha feyto em Calicut ho constrangia a não se ir a Cochim. E por ser tarde pera carregar as outras naos q̃ podesse partir pera Portugal na moução/ determinou de mãdar aquelas duas que estauão carregadas/ e escreuer a el rey dõ Banu ei a verdade del Rey de Calicut/ e quanto melhor se faria a carrega e Cochim/ e eleficaria e Calicut ate ver seu recado, ou ver se podia auer carrega pera as outras naos. E cõ tudo mandouse queixar a el Rey de Calicut do mao auiamento que lhe tinha dado/ e de quã mal compira a promessa q̃ tinha feyta de dar carrega a todas as naos em vinte dias e primeyro q̃ a todos os mercatores, e q̃ era dos derradeiros/ e os mouros tindhãõ levado tudo/ sem querer obedecer a seu mandado. E mostrandose el rey muyto espantado, respondeo a Aires correa q̃ lhe deu este recado q̃ tomasse Pedraluarez a pimenta q̃ achasse aos mou

ros ainda q̃a teuessem carregada, e quelba pagasse como a tindhãõ comprada. Ho q̃ foy logo sabido pelos mouros de Meca/ e como eles não desejaũõ mais q̃ ter causa perapelejar com ho feytoz/ e matar quantos estauão coele, parecendolhes q̃ daqui naceria imizade antre el Rey e os Portugueses pera q̃ se fossem e não tornassem ali mais/ concertarão de fazer e que Aires correa mãdasse dizer a Pedraluarez q̃ por virtude do que el rey tinha mãdado tomasse bũa nao de Loge çameceri q̃ estaua carregada de pimenta, e que coela carregaria algũas das naos de Portugal/ e ho mesmo Loge çameceri q̃ mostraua ser amigo Aires correa lho disse e segredo, mostrando q̃ folgaria de tomar a nao, não dizendo que era sua/ nẽ Aires correa ho soube: e muyto ledo cõ o ardil ho mãdou dizer a Pedraluarez cabral, q̃ como sabia a inconstãcia del rey, e ho credito que os mouros de Meca tindhãõ coele, e quãto valião e podião na cidade/ temeo q̃ se tomasse a nao q̃ se escandalizaria e levantariaõ contra os Portugueses/ e como erãõ muytos inatariaõ logo os q̃ estauão na feytozia/ e por isso não queria tomar a nao mãdo dizer a Aires correa a rezãõ por que. E não auendo ele por boa mandou fazer tantos requerimentos a Pedraluarez q̃ tomasse a nao porq̃ seria grãde perda pera el rey dõ Portugal não se tomar, que lhe foy forçado satisfazer a seu requerimento, e com quanto estaua doente dõ quartãs q̃ auia ãnos q̃ tremia e sangrado daquele dia, mãdon os capitães

da armada nos bateis e com gente que deteuſſe a nao que não partiſſe e quando não quiſſe por bem/que a deteuſſem por força, e a deſcarregalſem. E Logeçameceri e os outros mouros que eſtauão preſtes e libe fazêdo hū ſinal q̃ os Portugueſes querião deter a nao, dão rebate hūs aos outros, e ſaê como cães danados cō ſuas armas caminbo da feytoria, e matarã logo eſſes Portugueſes que acharão pola cidade. E tinbão ordida eſta treição tão ſecretamête q̃ nunca Loge bequí nem outros amigos dos Portugueſes ho poderão ſaber: e ſairão tão de ſupito/que não ouue tempo pera Aires correa ſer auisado: ſe não êtroy muyto depreſſa na feytoria hū veneziano chamado Alcer benaluito eſtante em Calicut que conhecia Aires correa/ e diſſelhe q̃ quẽ queria fazer mercadoria, nã tomava a nao e deixaua a partir, e iſto pola nao q̃ os Portugueſes eſtauão tomãdo/ e acabando de dizer iſto tornouſe a ſair cō apreſſa q̃ entrou ſem eſperar reſpoſta. E Loge bequí que ſoube o impito com q̃ os mouros yão contra os Portugueſes/ foy correndo pera auisar Aires correa/ e os mouros lhe yão tanto nas coſtas/ q̃ entrando ele muyto depreſſa na feytoria todo enfiado/ não pode mais dizer q̃ Aires correa/ Aires correa, leuantãdo as mãos como bomẽ agaçtado. E niſto chegarão os mouros com grãdes grĩtas, e erão muytos armados todos darcos, e frechas, lâças/terçados/ e coſos. E na feytoria eſtauão ſetenta Portugueſes com os frades/ e tinbão ſuas eſpa-

das, e ate oyto beſtas, ſem mais ou tras armas deſenſiuas, nem offenſiuas/ tamanba era a confiança no ſeguro del rey de Calicut/ e tão pouco ho cuydado do q̃ compria a ſuas vidas: e cō quanto os Portugueſes erão tã poucos e tinbão tã poucas armas/ deſenderão ſe hū pedaço ſem os mouros os poderem entrar/ e nele mãdou Aires correa aruozar hūa bãdeira ſobre a feytoria, pera q̃ lhe acodiſſe a armada como acodirão os bateis que tinbão tomada a nao mas não preſtou/ porq̃ ja Aires correa e os mais dos Portugueſes erão mortos, e os outros fugirã per hūa porta q̃ ſaya á praya indo os mouros apos eles onde acabarão de matar algũs, e outros que forão ate vinte eſcaparão muyto feridos lançandoſe ao mar e tomãnos os bateis/ e âtreſtes foy hū Antonio correa filbo Daires correa que ſeria moço donze ânos/ que deſpois em homẽ fez na Índia couſas muy notauẽs/ como direy no liuro quinto, e aſſi eſcapou frey Anrriq̃, q̃ deſpois foy biſpo de Ceſta. E acabada de fazer eſta deſtruicão pelos mouros, ſalvou Loge bequí dous Portugueſes q̃ eſcõdeo e ſua caſa: hū auia nome Fernão peixoto natural de Vila franca/ e outro João roiz. E el rey de Calicut ſolgou dos mouros fazerẽ iſto aos Portugueſes, pera tomar a fazêda que eſtaua na feytoria que era muyta/ e toda a ouue.

¶ Capit. xxxix. De como Pedraluarez cabral ſe vingou do que os mouros fizerão.



Sabida por Pedraluarez a morte dares correa, vio quã mal fizera em mandar tomar a nao dos mouros/ e ficou muy agastado de lhe acontecer tamanho desastre a que nã pode fugir vendoho primeyro: e por ser tã tarde, e não ter onde carregar nem onde inuernar se não em Calicut/ não quis logo vingar aquela offensa, mas tẽporizar cõ el rey ate ver se lhe mandaua algũa disculpa do q os mouros fizerão, porq coisso ficaria satisfeyto por não ficar desauiado/ e esperou todo aqle dia por este cõpriminto que el rey não fez, porque lhe não pello do q os mouros fizerão, atẽs ho ouue por proueito por amor da fazêda q ouue. E vêdo Pedraluarez passar aquele dia, e que el rey não mandaua nhũa disculpa, ao outro q forã dezasete de Dezebzo/ mādou por seus capitães tomar dez naos d mouros q estauão no porto carregadas de fazenda e de gente, e forão tomadas por força d armas/ e forão mortos seisçêtos mouros, e outros feridos/ sem morrer nhũ Portugues. Tomadas as naos foy achada nelas algũa especiaría/ e outra fazenda, e tres Alifantes q Pedraluarez mandou salgar pera mantimento da gête: e despejadas ficarão nelas os catiuos atados de pés e de mãos/ e assi forão queimadas a vista de muyta gente da cidade q estaua na praya pa lhes acodir nias não ousarão cõ medo da nossa artelbaria. E era espantosa cousa d ver arder dez naos todas juntas/

e fazerensecaruões, e ouuir a grande grita dos mouros q estauão dentro, e nisto se gastou todo aqle dia. E ao outro tẽdo Pedraluarez chegadas as naos a terra ho mais que pode/ mandou desparar a artelbaria q em todo ho dia não fez outra cousa, e fez muyto grãde dano por toda a cidade/ derribando casas/ qbrando aruozes/ e matando gête sem conto. E a el rey de Calicut lhe foy forçado sair se da cidade, porque jũto dele espedaçou hũ pelouro bũ Haire seu priuado: e da banda do mar não ficou nhũa casa e pé nem a gente ousou desperar/ e passouie da banda do sertão, pelo que Pedraluarez não teue ao outro dia em q os danificar: e vendo que ali não tinha remedio, determinou dese ir a Cochĩ auer se podia fazer amizade cõ seu rey, de q tinha emformação que era muyto bom homẽ. E estãdo perapartir, vinhã duas naos de mouros pera entrar no porto/ e ele as seguiu ate hũ porto chamado Fundarane, onde vararão em terra/ e por isso as não pode tomar.

Capit. xl. De como Pedraluarez cabral assentou amizade com el Rey de Cochim.



Este porto de Fundarane/ prosseguiu Pedraluarez sua viagem pera Cochim com toda a armada e no caminho tomou duas naos carregadas d arroç/ que yão pera Calicut e os que yão nelas escaparão deitandose ao

mar. E despejadas as naos forão queymadas: e depois disto aos vinte quatro de Dezembro chegou a Cochim/ que he bũa cidade na costa do Malabar dezanoue legoas a uante de Calicut pera bo sul: e está em noue graos da banda do norte situada ao longo dũ rio que se mete no mar cõ que a cidade fica em ilha/ e muyto forte, porque não se pode entrar se não por certos passos. E he bõ porto e limpo q se faz na foz do rio: a terra ao redor he alagadiça e feyta em ilhas/ viçosa e fresca/ mas dá poucos mantimentos. A cidade he de casas como as d Calicut, e pouada de géticos e d mouros estrangeiros que sam grandes mercadores por amor da muyta pimenta q ha na terra e muyto mais que em Calicut. Seu rey era gentio e tinha os costumes do de Calicut: era pobre e senhor de pouca terra e de pouca gente/ nem podia laurar moeda, e mais de cada vez que auita rey nouo em Calicut despunha de rey bo de Cochim, e estava em sua mão darlhe bo reyno ou não: e mais era el rey de Cochim obrigado dar a seus parás que sam batalhas que dão a outros reys. Chegado pedraluarez cabral ao porto desta cidade, não quis mandar recado a el rey por Gaspar por recear de não tornar mais/ e mandou ho por hũ gético que se tornara Chrião estando em Calicut, e queria ir coe a Portugal/ q se chamaua Miguel e por sobre nome Fogue que era antes de ser chrião. E Fogues sam homens que tem bũa certa religião antre os gentios, e andão polo mundo faze-

do romarias a pagodes e casas de oração da sua seyta. Por este Miguel mandou Pedraluarez offerrecer a el rey amizade del Rey dõ Manuel, e rogarlhe da sua parte q lhe mandasse dar carrega de pimenta e doutra especiaria pera qtro naos a troco de mercadorias ou comprada por dinheiro. E q el rey outorgou/ mostrãdo pesarlhe muyto da treição que em Calicut fora feyta aos Portugueses/ de que mostrou estar bẽ enformado e estimalos muyto. E pera q Pedraluarez madasse a terra quem negociasse a carrega das naos/ mādou em arrefes dous Maires principais/ com cõdição q se auião de reuezar cõ outros dous que ficarião em quanto aqueles fossem comer/ porque não podião comer no mar. E Pedraluarez mandou logo a terra por feytoz da carrega Gonçalo gil barbosa de Santarẽ/ e por seu escriuão hũ Zourico moreno, e por lingoa hũ Maderacom quatro degradados que os fervessem/ e nã quis q fossem mais porque se perdessem poucos se acõtecisse algũ desastre como em Calicut. E bo feytoz foy recebido com muyta bonrra per muytos Maires que holerãõ a el rey q estava nũ, saluo q tinba cingido hũ pano branco q lhe chegaua ate bo grolho. E asentado e hũs de graos a modo de theatro/ acompanhado d pouca gente. Bo feytoz lhe apresentou da parte de Pedraluarez cabral hũ bacio de prata dagoas mãos cheo daçafrão/ e hũ grande barnegal de prata cheo dagoa rosada e certos ramais de corais/ pedindolhe perdão

de lhe não mandar mais / porque aquilo lhe ficara do despojo / e que não lho mandaua se não por final amizade. E que el rey agardeceo muyto / e depois de falar hum pedaço com Gonçalo gil sobre el Rey de Portugal ho mandou apousentar / e dali por diante ho fauoreceo muyto e lhe deu todo auilamento quanto pode ser pera fazer a carga: a que os gentios da terra ajuda uão com tanto amor q̃ parecia permissam diuina a mudança de Calicut a Cochim pera a igreja catholica multiplicar na Índia como multiplica / e ho estado del Rey dom Manuel se acrecentar tanto / com proueito de sua fazenda.

Capitolo. xli. De como Pedraluarez cabral se partio pera Portugal.



Como em Calicut se ouue por muyto estranha a ida dos portuguezes por irem de tão lōge soou muyto por toda a terra / e alli ho rico presente que el Rey de Portugal mandara a el rey de Calicut, e as mercadorias que mandaua pera a feitoria / pelo que não ouue nbũ rey do Malabar que não ouuesse enueja a el rey de Calicut por tal gente ir carregar a seu porto / pelo grande proueyto que sabião que auia dauer / e todos desejauão que fossem carregar aos seus portos / e estranharão muyto a treição que lhes fez el rey de Calicut, e sabêdo que era delá desauindo / e que esta-

ua em Cochim mandarãlhe logo embaixadores el rey d' Couilão e el rey de Cananor reys principais do Malabar depois del rey de Calicut: offrecendo lhe amizade e carregam seus portos. E Pedraluarez aceitou a amizade e escusouse de ir lá carregar por q̃nto tinha começado em Cochim dandolhes esperança que doutra viagem ho faria. E isto soube el rey de Cochim e ho estimou muyto. E tendo Pedraluarez as naos q̃si carregadas / foy auilado por el rey de Cochim que el rey d' Calicut mandaua cõtrele bũã armada de vinte cinco naos grossas e muytos paraós em que vinhão quinze mil homens pera ho tomar e porque lhe queimara as naos e lhe destruíra a cidade, offrecêdo lhe gēte pera ho ajudar / o q̃ Pedraluarez não quis, porq̃ el rey visse q̃ não tinha necessidade de sua ajuda. E auendo vista da armada q̃ ya contrele / seleuou do porto cõ toda a frota pa ir pelejar coela no mar afastado da terra: e por vêtar a viração nãlhe pode chegar, e âdou ás voltas ate noite. E os mouros como lhe auia medo / posto q̃ a viração lhes seruia a popa não se chegarão muyto: e ao outro dia querendo Pedraluarez chegar a eles cõ ho terreno q̃ ventana achou q̃ a nao de Sãcho d' thoar estaua muyto afastada dele por descair aq̃la noyte / e como ela era a principal da cõserua e q̃ leuaua mais gēte depois da sua, cõselharãlhe os outros capitães q̃ nã pelejasse sê ela porq̃ eles leuauã muy pouca gente e essa doête. E vêdo Pedraluarez q̃ nã podia pelejar cõ os inimigos e

que bo vento lhe seruia a sua viagem pera que estava prestes / não quis tornar a Cochim e fezle na volta do mar pera ir a Cananor tomar algũa canela que lhe falecia pera acabar de carregar / e assi se partio leuando os arrefens delrey de Cochim e deixando em terra Gonçalo gil barbosa e os outros. E os inimigos vendo que se ya mostrarão que querião pelejar coe le e bo seguirão ate noyte / e aos quinze de Janeiro de mil e quinhentos e hum foy surgir no porto de Cananor / que he bũa cidade na costa do Malabar trinta e bũa legoa de Calicut da banda do norte: tem bũa baya muyto boa que lhe faz bo porto muy seguro / a terra he viçosa e fresca / e de muyto boas agoas / e de poucos mantimentos / saluo de pescado de que ha grande soma. Tem pimenta em abundança, muyto gengibre / grãde multidão de tamarindos / mirabolanos / canafistola e cardamomo que sam mercadorias que se gastão bem: ha nela grandes tanques da goa em que se crião lagartos como os de sam Thome, e comem homens / bo seu bafocheira como algalia: nos matos ha cobras tão peçonhentas que matão com bo bafoc, e outras não tão peçonhentas mas muyto grandes / e ha morcegos tamanhos como minhotos que tem bo focinbo como raposa, e sabem tambem que os gentios dão galinhas por eles. A cidade de Cananor he como a de Calicut / saluo que não he tamanha, he pouoada de gentios e de mouros

estrangeiros. Seu rey he gentio, goarda os costumes do de Calicut, não he tão poderoso de gente nem senhor de tanta terra / nem tẽ tanta renda. Neste porto tomou Pedraluarez cabral quatrocentos quintais de canela, e por lhe elrey mandar mais e ele a nã querer por não ter necessidade dela, cuydou elrey que seria por não ter dinheiro pera a comprar, e q̃ lho tomarião todo quando foz a treição de Calicut: e como desejava muyto a amizade del Rey de Portugal / e que mandasse carregar em sua cidade, mandou dizer a Pedraluarez, que se deixaua de tomar a canela que lhe mandaua por falta de dinheiro ou de mercadorias, que ele lha fiaria ate tornar aa Índia. E que lhe Pedraluarez mādou agradecer e dizer a causa porque não tomava a canela / e mostrou ao mellegeiro muyto dinheiro que ainda tinha pera a comprar se teuera necessidade. E elrey polo desejo que tinha da amizade cõ el Rey de Portugal / mandou lhe hum embaixador com Pedraluarez cabral, que dali escreueo a elrey d Cochim desculpandose de se partir sem lhe falar / e de lhe leuar os seus arrefens, encomendandolhe muyto os Portugueses que ficauão em Cochim, a que escreueo tambem. E os arrefens escreuerão a elrey que folgauão muyto de ir a Portugal / e que Pedraluarez lhes fazia boa companhia. E cõ tudo elrey ficou muyto agrauado de Pedraluarez por se ir sem lhe falar e leuar lhe os arrefens / e dizia que bo engana-

ra, por em tratou sempre Gonçalo gil e os outros muyto bem.

Capit. xliij. Do que aconteceu a Pedraluarez cabral tornando pera Portugal.



Este porto de Cananor / se partio Pedraluarez cabral pera Portugal / e ho derradeyro dia de Janceyro tomou naque golfão hũa grandenao de mouros carregada de mercadoria que deixou ir sem bolir nelapoz saber que era del rey de Cambaya e assi lho mandou dizer / porque sua ida a aquellas partes não era pera fazer guerra como dizião os mouros de Aeca se não pera fazer amizades e tratar / e se fizera guerra a el rey de Calicut fora pola treição q̃ lhe fizerão os mouros de Aeca por seu cõsentimento. E estes comprimentos fazia Pedraluarez porque não esquivassem na India os Portugueses : e despois disto deu a nao de Sancho de thoar em hũ baixo por inã vigia e perdeose / e escorrendo Pedraluarez delinde foy ter a Moçambiç, donde mandou Sancho de thoar em bũa nao das da armada a descobrir a ilha de çofala, mandandolhe que descuberta se fosse pera Portugal / pera onde se ele partio despois de dar pendoz ás naos, e ate ho cabo de boa Esperança correo muytas tormentas com que se apartou de sua conserua bũa nao que nunca a mais viu em toda a viagem / e

passados muytos e grandes perigos dobrou ho cabo a vinte dous de Mayo. E continuando daqui sua nauegação foy aferrar ho cabo verde / onde achou Diogodiaz hum dos capitães que partio coele de Portugal que se apartou de le com a tormenta com que çoçobrarão as quatro naos / e este lhe contou como por erro do seu piloto se metera no mar roxo / e hi andou muyto perdido, e perdera ho batel / e lhe morrera muyta gente. E não se atreuendo ho seu piloto ao levar aa India, se tornou pera Portugal / e no caminho lhe morrera tanta gente de fome e de sede que lhe não ficarão viuas mais de sete pessoas que auia muytos dias que milagrosamente mareauão a nao / e a trouuerão ali com ajuda de nosso senhor / porque doutra maneyra não podera ser / e daqui se partio pera Portugal / e chegou a Lisboa ho derradeiro de Julho de mil e quinhentos e hum e foy recebido com grande solenidade. E el Rey dom Manuel lhe fez muyta honrra / e despois chegou Sancho de thoar que descobrio çofala, de cujo sitio direy a diante : e coesta derradeyra nao tornarão seys a Portugal de doze que forão na armada de Pedraluarez cabral / e as seys se perderão.

Capitolo. xliij. De como foy por capitão moor da segunda armada da India João da noua.



Ates de Pedralua-
rez cabral tornar de
Calicut/ não sabêdo
ainda el Rey dō Ma-
nuel nada do que lhe
acontecera, e cuydando que tudo
estaua assentado mandou quatro
naos as mais delas de armadores
que mandauão fazenda, e deu a ca-
pitania mór delas a hum João da
noua alcaide de pequeno da cidade de
Lisboa homem esforçado. E dando
lhe ho regimento do que auia de fa-
zer, se partio de Lisboa coesta arma-
da de quatro naos, de que a fora ele
forão capitães Frâncisco de nouais,
Diogo barbosa e outro, e hião ne-
las oytenta homens com a gēte do
mar/ porque como el rey cuydaua
q̃tudo na India estaua em paz não
quis mandar mais gente. E parti-
do João da noua de Lisboa sem lhe
acontecer couza que seja de contar
foy ter a agoada de sam Bras/ on-
de se achou em terra hū çapato de-
pendurado em hūa aruore cō hūa
carta dentro que dizia que passara
por hi Pero dataide que fora com
Pedraluarez cabral, e contaua bo
quel he acontecera em Calicut/ Co-
chim e Cananor / porq̃ soubessem
os capitães Portugueses que não
auião dir a Calicut se nã a Cochi.
E vêdo João da noua esta carta nã
quis por conselho dos outros capi-
tães deixar Aluaro de Braga e çõ-
fala cō honauio q̃ leuaua por lhe fi-
car muy pouca gente e desta agoa-
da foy ter a Quíloa / onde soube
de hū Portugues degradado que
hi deixou Pedraluarez ho mesmo
que dizia na carta de Pero datai-

de / e outro tanto soube despois
del rey de Belinde / a cujo porto
foy ter. E tendo estanoua por cer-
ta/ atrauessou ho golfão e foy sur-
gir em Angedina: e estando hí pas-
sarão setenaos de mouros de Lam-
baya que não ousarão de pelear
coele com medo de sua artelharía/
e daqui se foy a Cananor/ onde vê-
dose com el rey foy por ele certifi-
cado de todo o que acontecera a
Pedraluarez em Calicut/ e do ma-
is que despois fez: el rey lhe offree-
ceo carrega pera as naos que leua-
ua, que ele não quis tomar sem ir a
Cochim e verse com Gonçalo gil
que Pedraluarez cabral deixara
por feytoz, e logo se partio: e de ca-
minho tomou por força hūa nao
de mouros de Calicut e queyma-
da chegou a Cochim / e Gonçalo
gil barbosa ho foy ver ao mar / e
lhe disse que el rey de Cochim fica-
ra escandalizado de Pedraluarez
cabral por lhe leuar os seus arre-
fens, porem que sempre tratara bẽ
os Portugueses que lá ficarão / e
porq̃ os mouros lhe poserão hūa
noyte fogo na casa onde pousauão
os recolhera aos seus paços / e se
de dia yão fora mãdaua coeles Ma-
res que os goardassem dos mou-
ros que desejauão de os matar / e
assi lhe disse que não tinha carrega
despeciaria peralhe dar, porque a
mercadozia da feytozia não se ven-
dia que estoruauião os mouros a
venda / e tambem aconselhauão
aos gentios que lhe não dessem
nã pimenta se não a troco de
dinheiro, por isso que não pode-
ria carregar se honã leuaua. E por

que João da noua nem os outros capitães ho não leuauão se não mercadorias não se quis mais de-ter / e tornou-se a Cananoz pera ver se poderia hí tomar carrega a troco delas. E sabendo el rey como ele nã leuaua dinheiro / disselhe q̃por não tornarem as naos vazias de todo a Portugal ficar ia por fiador 8 mil quintais de pimenta e de cincoenta de gengibre / e de quatrocentos e cincoenta de canela ate se vender a mercadoria que leuaua / com condi-ção que a deixasse em Cananoz cõ hũ feytoz e hũ escriuão : e assi foy feyto, e mais deixou com ho feytoz algũs Portugueses. E carregada esta especiaria que digo, aos quinze dias de Dezembro apparecerão ao mar oytenta paraõs que passauão pera môte Deli: e estes erão de hũa grande armada que el rey de Calicut mandaua pera tomar João da noua / e os que estauão coele carregando em Cananoz. E que el rey mandou dizer a João da noua / e porque ele não tinha gẽte com que se defendesse que seria bõ desembarcar esta que tinha e a artelbaria, e que em terra se defenderia melhor. E ele não quis / dizendo que esperaua em nosso senhor de se defender dos mouros com aquela pouca de gente que tinha. E ao outro dia dezaseys de Dezembro amanheceo a bayade Cananoz cercada da armada del rey de Calicut, que era de cento e tantas velas assi naos como paraõs tudo cheo de mouros bem apercebidos, de frechas / del anças / e despadas e de muytos arremessos. João da noua tan-

to que viu esta armada, e chamou logo os capitães / e disselhes. Se os mouros nos aferrão segundo sam muytos e nos poucos, não temos saluação : e pera nos saluarmos he necessario com a esperança em nosso senhor resistir lhes com a artelbaria que nos não cheguem, por isso senhores tendecuy dado / e ponhamos as naos hũas apar das outras em proporção que todas juntamente possam ju-gar com sua artelbaria : o que logo foy feyto. E nisto começa a nossa artelbaria de desparar com hum brauo estrondo cubrindo tudo de fumo / e desaparelhando / e espedaçando muytos nanios dos mouros / e metendo outros no fundo / e matando em todos muyta gente / o que os mouros não podião fazer aos Portugueses por não terem artelbaria / e toda sua peleja era com frechadas com que perfiauão dêtraros Portugueses como que esperauão de ho fazer, e assi perfiarão ate ho sol posto. E vendo que de cada vez recebião mais dãno, levantarão hũa bandeira branca em sinal de paz, que se tenerão vento pera fugirem bem ho fizeram segundo estauão destroçados : e João da noua que tambem tinha a sua gente cansada e algũa ferida / e a maior parte da artelbaria arreben-tada, folgou muyto quando viu a bandeira / e por em receou que os mouros farião aquilo pera verem como estauão os Portugueses, e receou tambẽ que respondê-dolhe ele com bandeira de paz cui-

darão que estauão desbaratados / e por isso a desejauão, pelo que trabalhariaão polos aferrar pera os tomarê: e coeste receyo mandou levantar ho seu guião não deixando de tirar sua artelharía. E os mouros q̃ tñbão necessidade tornarão a levantar a bandeira branca: e parecendo a João da noua que a paz era de verdade, mandou levantar outra. E despois disto assentaraão tregoaas ate ho outro dia com cõdição que os mouros descercassem a baya: e ela descercada sayose João da noua pera ho mar e por vêtar a viração surgio pto dos mouros sem poder ir mais auante: e de noyte lhe quiserão os mouros quei mar a frota indo em almadias: o q̃ sintido pelos capitães mandarão alargar as amarras e yão se afastãdo: e os inimigos os yão seguido: o q̃ eles vêdo tirar ahes cõ a artelharía e os fizerão afastar. E desesperados os mouros de poderê fazer dano aos Portugueses, em ventãdo ho terrenho derão às velas e foranse pera Calicut. E João da noua deu muytas graças a nosso senhor por lhe escapar tanto a seu saluo. E deixando ho feytoz que disse com feytoria em Cananor, se espedio del rey e partiose pera Portugal, onde chegou a saluamento sem mais carrega q̃ a q̃ disse. E el rey de Calicut quãdo vto q̃ a sua armada não pode tomar a dos Portugueses por força, atentou de a tomar por manha, e per hũ Fernão peixoto dos catinos q̃ ficarão e Calicut de Pedraluarez cabral, mādou dizer a João da noua, que lhe pesara

muyto do q̃ os mouros de Meca fizerão aos Portugueses sobre o q̃ dera grãde castigo aos culpados, e q̃ faria disso toda a satisfação q̃ lhe bẽ parecesse / por q̃ desejaua muyto deser amigo del Rey d' Portugal, e q̃ teuesse trato e sua cidade, e se lá quisesse ir carregar q̃ lhe daria carrega. E quando se Fernão peixoto partio coeste recado, lhe disse Coiebequim secretamente que dissesse ao capitão mór dos Portugueses, que por nhũ modo fosse a Calicut, porque el rey ho queria matar, e a quantos yão coele: e por isso Gonçalo peixoto se deixou ficar em Cananor.

Capit. xliiij. De como dō Vasco da gama tornou á Índia por capitão mór de hũa armada.



Sabido por el rey dō Manuel o q̃ el rey de Calicut fizera a Pedraluarez cabral, de terminou de mādarg hũa grossa armada pera se poder vingar dele: e tendo dada a capitania mór dela a Pedraluarez cabral lha tirou por algũs justos respetos e a deu a dom Vasco da gama, que com ho regimento do que auia de fazer se partio de Lisboa a dez de feuerreyro, de mil e quinhentos e dous levando em sua conserua dez naos grossas / das quaes a fora ele forão capitães dom Luyz cou-tinho / Pero dataide, Francisco da cunha, João lopez perestrelo, Antonio do campo, Pedrafonso daguiar, Silmatoso, Ruy de casti-

nheda, Gil fernandez, Diogo fernã
dez correa que ya por feytoz da ar-
mada e de Cochim / e cinco nauios
redondos que auiaõ de ficar na In-
dia em goarda da feytozia / de que
forão capitães Nicêtesodré, Bras
sodré seu irmão / Antonio fernan-
dez / Pero rafael, Diogo pirez e
João rodriguez badarças a quem
se auia de dar na Índia hũa caraue-
la que ya laurada na mesma arma-
da, e lá se auia dar mar / e a fora es-
tas quinze velas se ficauão apare-
lhando cinco naos de que ya por ca-
pitão mór hũ Esteuão da gama pri-
mo de dom Vasco da gama que par-
tio aos cinco do Mayo seguinte / a
q̃ não soube o que acõteceo na via-
gem. E dõ Vasco da gama despois
que partio de Lisboa que dobrou
ho cabo de boa Esperança / mãdou
a Pedrafõso da guiar do cabo das
corrêtes com a mayor parte da ar-
mada pera Moçâbique, e ele ficou
com quatro nauios em q̃ foy a ço-
fala e viu ho sitio da terra que era
pera fortaleza, e resgatou algũ ou-
ro em vinte cinco dias que hí esteue
em que assentou amizade cõ el rey
de çofala. E partindo pera Moçâ-
bique se perdeu ao sair do rio ho na-
uio Antonio fernãdez com se sal-
uar a gente. E chegado a Moçam-
bique / e deixando hí feytozia pera
as naos que ali fossem acharẽ mâtĩ
mêtos, se partio pera Quilloa, cujo
rey leuaua em regimêto q̃ fizesse tri-
butario a el Rey dom Manuel pois
nã queria sua amizade. E chegado
a seu porto, chegou tãbẽ Esteuão
da gama com as cinco naos: e dom
Vasco teue maneyra como ho rey d

Quilloa lhe foy falar ao mar / e co-
mo sabia q̃ era mêtiroso não se quis
fiar em sua palaura / e prendeo ho e
com ho mandar meter debaixo da-
goa / lhe prometeo de se fazer tribu-
tario del Rey dom Manuel e lhe
pagar de pareas cadãno dous mil
míticos douro, e polos daq̃le dei-
xou e arrefens hũ mouro principal
que auia nome Afamedealconez,
a que queria mal secretamente por
se temer dele quelhe auia de tomar
ho reyno que ele tinha vsurpado ao
proprio rey / e não mandando ele
as pareas por cuydar que dõ Vas-
co matasse Afamedealconez q̃ ie-
vendo q̃ tardauão as pagou aa sua
custa / e assi se liurou.

Capit. xlv. De como dom Vasco
da gama chegou ao porto de Ca-
licut, e do que fez.



E Quilloa se partio
dõ Vasco da gama
pera Melinde, e viu-
tado el rey, p̃seguiu
sua viagẽ pera a cos-
ta da Índia / e a monte Deli copou
hũa nao de mouros de Meca q̃ yão
pera Calicut, e serião trezêtos to-
dos de peleja, a fora molheres e me-
ninos / e esta foy tomada por força
pelos capitães da frota em que os
mouros pelejarão bẽ. E querêdo os
senhores da nao e outros negar a
dõ Vasco q̃ não leuauão nhũa fazẽ-
da na nao, mandou deitar dous no
mar, e logo os outros confessarão
q̃ leuauão muyta e boa fazẽda, de q̃
a melhor foy entregue a Diogo fer-
nandez correa pera el Rey que a ti-
rou logo da nao / e a somenos foy

dada a escala frãca aos Portuguezes / e os meninos filhos dos mouros mandou dom Vasco goardar e depois os fez frades em nossa se-
nhora de Belem / e logo foy posto fogo á nao estando os outros mouros metidos debaixo de cuberta e fechados: e isto por vingança do q os mouros de Meca fizeram a Pedraluarez. Os mouros como sinti-
rão bo fogo / trabalharão tanto q se soltarão / e ho apagarão cõ muyta agoa que a nao fazia polos buracos das bombardadas, que lhe de-
rão na peleja. E dom Vasco que es-
taua na nao destenão da gama aco-
diologo e a ferrou a nao dos mouros / que como homens determina-
dos acodirão logo defendêdofe cõ muyto efforço / e deles trazião ti-
ções acesos com q tirauã aos Por-
tuguezes pera os queymarem e tã-
bem se defendião que ainda q muy-
tos forão mortos nuncalhes pode-
rão entrar a nao / e por anoytecer
cessou a peleja, que mandou dõ Vas-
co que cessasse / e que desaferrassem
a nao: e mandou aos capitães que
a cercassem com as suas. E assi a te-
uerão toda a noyte em que os mou-
ros com grandes clamores se enco-
mendarão a Mahamede que os li-
urasse: e como foy de dia dom Vas-
co tornou a mandar dar fogo á nao
por Esteuão da gama / que lho deu
cõ algũs bombardeiros / por mais
que lhe os mouros contrariarão: e
ho fogo pegou de maneyra que ar-
deou a metade da nao / e parte dos
mouros se afogarão nela com se ir
ao fundo / e parte forão mortos no
mar onde se deitarão / e assi forão

todos mortos. E daqui se foy dom
Vasco a Cananor / assi pera ver ho
feytor q hi deixara João da noua /
como pera se ver com el rey: de quẽ
ho feytor lhe disse muyto bem / e q
era verdadeiro amigo del Rey de
Portugal. E depois de lhe dom
Vasco mandar ho embaixador que
lhe leuara Pedraluarez cabral se
vio coele / em bũa casa de madeira q
el rey mandou fazer junto do mar
pera esta vista cõ hũcais muyto me-
tido no mar todo toldado de panos
ricos, em que dom Vasco desembar-
cou indo acompanhado de todos
os capitães da frota / e de muyta
gente darinas com muytas trom-
betas / e atabales / e bateis tolda-
dos e embandeirados / e el rey ho
estana esperando á porta da casa q
estaua rodada de dez mil Maires
todos com suas armas com q faziã
grande arroido. E el rey em dom
Vasco thegando a ele abraçou ho
e foran se assentar e duas cadeiras
despaldas que dõ Vasco mandou
leuar pera isso / e el rey se assentou
na cadeira por amor de dom Vasco
posto que era contra seu costume:
e dom Vasco lhe aprezentou dous
bacios dagoas mãos cheos de ra-
mos de coral grosso / cousa fermosa
de ver / e depois assentou coele ami-
zade em nome del Rey dõ Manuel
de Portugal: e depois que assen-
tasse feytoria em Cochim, a assenta-
ria em Cananor. E isto feyto par-
tiuse dõ Vasco e foy surgir no por-
to de Calicut pa ver se podia auer
restituição da fazenda q se hi toma-
ra quando matarão Aires correa:
e em chegado tomarão os da arma

da ate cincoenta pescadores que andauão pescando: o q̃ el rey logo soube z ficou espantado de ver tamanha frota / z com medo q̃ lhe faria muyto dâno se quis saluar com mã dar pedir perdão a dom Vasco cõ disculpa que os mouros de Arca fizerão aquela treição sem ho ele saber: pedindo a dõ Vasco que assentasse trato z feytoria em Calicut como tinba começado: z mandou este recado por hũ mouro da terra que foy vestido em hũ abito de frade q̃ ficou dos q̃ yão com frey Anriq̃: z em chegando a bordo da capitaina falou per Deo gracias z então conbecerão que era mouro / que ateli cuydauão que fosse frade: z ele disse que vinha assi por lhe não tirarem com a artelbaria. E dado ho recado a dom Vasco, respondeo q̃ não auia de falar e cousa dainizade / nẽ detrato ate que el rey não pagasse tudo quanto fora tomado a Aires correa. E sobre como isto auia de ser se gastarão tres dias sem se tomar conculsam / ate que dom Vasco da gastado mandou dizer a el rey / que se dali ao meo dia lhe não mandaua a fazenda que fora tomada a Aires correa que lhe auia de fazer guerra a fogo z a sãgue, z auia de começar em mandar enforcar os seus pescadores: z assi ho fez porque el rey nã compzio / z em sendo meo dia a hũ tiro que desparou hũa bombarda forã enforcados todos os cincoẽta pescadores q̃ estauão repartidos pelas naos, q̃ muyto espantou aos de Calicut que hõ virão da praya: E depois de mortos os eforçados lhes forã cortados os pés z as mã-

os / z forão leuados a terra em hũ paraõ com hũa carta de dõ Vasco pera el rey em arabigo que dizia q̃ lhe mādaua aq̃le presente por final de quão bẽ lhe auia de pagar as mẽ tiras que lhe tinba dito: z q̃ a fazẽda del rey seu senhozele a cobraria a cento por hum do que el rey ficou muyto injuriado z corrido de não se poder vingar / nẽ ousaua vẽdo tamanha frota. E dom Vasco chegou das as naos ho mais perto de terra que pode, mandou varejar a cidade com a artelbaria q̃ fez muyto grãde dâno z destruição / z derribou ho çarame del rey contra quem ho pouo fazia muyto grande cramoer, pedindo lbe que fizesse paz com os Portugueses. E feyta esta destruição, dom Vasco se partio pera Cochim z deixou hũa armada de seys nauios naquela costa pera que fizesse guerra a Calicut tomãdo as naos que saíssem do seu porto z quisessem entrar nele z ficou por capitão mōr hũ Vicente sodré seu parente q̃ de Portugal vinha dirigido pera isso / z os outros capitães forão Bras sodré seu irmão Pero rafael Diogo pirez / Fernão rodriguez badarças z Pero dataide.

Capit. xlvj. De como dõ Vasco da gama chegou a Cochim, z do mais que passou.



Chegado dom Vasco ao porto de Cochim Bõ çal gil barbosa / z Lourẽço moreno ho forão logo ver / z lhe disserão ho escandalo q̃ el rey teuera de Pedraluarez cabral

seir sem lhe falar, mas que sempre os tratara muyto bem. El rey ho mandou visitar, e dâdolhe arrefês desêbarcou e se vio coele, e lhe deu hũa carta del Rey dom Manuel em quelhe agardecia o que fizera a Pedraluarez cabral: e assi lhe deu hum presente/que era hũa coroa douro/ hũ colar do mesmo, dous gomis de prata sobre dourados/ dous tapetes grandes e finos / dous panos darmar deras de figuras / hũa peça de cetim carmesim e outra de tafeta / e hũa tenda. E que el rey recebeu com muyto prazer: e armada a cenda dentro nela assentou amizade com dom Vasco e lhe deu hũa casa pera feytoria / e assi assêtarão ho preço a que se auia de comprar a pimenta na feytoria / e de tudo se fez hũ contrato assinado por el rey / q lhe deu pera el Rey dom Manuel dous barceletes d pedraria muyto ritos, hũa tocha mourisca de prata de dez palmos de comprido / duas toucas de bengala finissimas / hũa pedratamanha como hũa auelaã / muyto prouetosa cõtra a peçonha que se acba na cabeça de hũa alimaria a que na Índia chamão bugoldaf. E logo foy apousentado na feytoria Diogo fernandez correa, que como disse foy de Portugal e forã seus escriuães Lourenço moreno q ja lá estaua / e hũ Aluaro vaz q ya de Portugal / e dõ Vasco lhe deu hũ lingoa e certos Portugueses pa seruiço da feytoria, e começou se logo de dar carga á capitaina. Enisto mãdou el rey de Calicut a dom Vasco por hũ bramene q lhe queria pagar o q se tomara a el Rey

de Portugal quando os mouros matarão Aires correa, que ho fosse logo receber. Dom Vasco porq não se fiaua del rey prendeo lhe ho bramene pera lho pagar se mentisse: e porq a sua nao tomava carga foy na Desteuão da gama / em q partio logo pera Calicut e não quis que outro nhũ capitão fosse coele posto quelhe todos aconselbarão q não fosse assi porque ya a muyto perigo e assi foy, porque vendo el rey de Calicut quão desacompanhado ya quísera ho tomar com trinta e tres paraós darimada que derão sobre ele ao quarto dalua / tão de supito que se não acertara destar sobre hũa ancora no mais fora tomado / e a esta mandou ele logo cortar a amarra e juntamente desferir a vela, e cõ ho terreno que ventaua escapou aos paraós que ho seguirão tão apertadamente que ainda correo risco de ser tomado selhe não acodirão Vicente sodré e os outros capitães q andauão na costa / que pelejarão cõ os paraós e os fizeram fugir. E dõ Vasco setornou a Cochim e mandou enforçar ho Bramene del rey de Calicut.

Capit. xlvij. De como el rey de Calicut mandou dizer a el rey de Cochim que não desse carga a dom Vasco.

Grandemête se ouue el rey de Calicut por injuriado delhe dom Vasco enforçar ho seu Bramene: e vendo q não se podia vingar polo medo q tinha da artelbaria dos Por-

tugueſes/quiſ atentar ſe podia fazer com el rey de Cochim que não conſentiffe na ſua cidade a feytozia del Rey de Portugal,nem deſſe carrega a dom Alſco, ⁊ mãdoulbe por bũ Bramene eſta carta.

¶ Soube q̃ fauoreces os frãgues/ ⁊ os agasalhas em tua cidade: ⁊ lhe das carrega ⁊ mantimêtos: ⁊ quiſa que não veſquãto dãno nos vê diſſo a todos, ⁊ quanto me anojas, rogote q̃ te lembre camanhos amigos fomos ategoza, ⁊ não queyras anojarme por tão leue couſa como he a amizade dos frangues / q̃ ſam bũs ladrões que ãdão a roubar as terras alheas: ⁊ q̃ por amor de mim os não acolbas, nem lhes des nbũa eſpectaria, que a fora fazeres niſſo a todos boa obra/a fazes a mim: que ta pagarey no que mandares. Não te encareço iſto mais porque creio q̃ ho faras tão leuemente como eu farey por tí outras couſas de mór importância.

Viſta eſta carta por el rey d Cochim como ele era muyto bõ/verdadeyro ⁊ prudente/ não ho demouerão couſa algũa aq̃las palauras: ⁊ reſpondeo a el rey de Calicut por eſta maneyra.

¶ Não ſey como poſſa ſer que couſa de tamanbo peſo como he lâçar os frangues fora de minha cidade, tẽdo os tomados ſobre mim faça tão leuemente como diſes: tal couſa te não cometi nunca ſobre os mouros de Beca/nem ſobre outros muytos mercadores que aſſentarão em Calicut. E ãgasalhar os frãgues ⁊ darlhe carrega/não cuido que te anojo/nem a ninguem/poiſ ſe col-

tuma antrenos vêder noſſas mercadorias a quem nolas compra/ ⁊ fauorecermos os mercadores que vem a noſſas terras. Os frangues me vierão buscar de muy longe/ ⁊ por iſſo os recolbi ⁊ emparey/ ⁊ nã ſam ladrões como diſes, porq̃ trazem muyta ſoma de moeda douro ⁊ de prata ⁊ de mercadorias/ ⁊ ſalão verdade. Tua amizade eu a conſeruarey fazendo o que deuo/ ⁊ aſſi ho deues de querer, porque doutra maneyra nã ſeras meu amigo, ⁊ atinẽ a ninguem não deue de peſar q̃ ennóbzeça minha cidade.

E ficando el rey de Calicut muyto agaçtado deſta repoeſta, toznoũbe a eſcreuer eſta carta.

¶ Peſame muyto do bordo que le uas comigo, porque vejo q̃ queres deixar minha amizade pola dos frãgues que tenho por inimigos/ que ſera cauſa de ho ſer teu: outra vez te tozno a rogar que os não recolbas nem lhes des carrega, ⁊ não ho que rêdo fazer Deos acoime tua culpa: que eu proteſto de não ſer culpado no dãno que ſe recrecer.

¶ Cápit. xlviiij. De como indo dõ Alſco da gama pera Cananoz foy cometido de vinte nouenaos de mouros.



E todas eſtas cartas nunca el rey de Cochim quiſ dar conta a dom Alſco ſe não quãdo ſe ouue de partir, diſendo q̃ lho não diſſera mais cedo por lhe não dar má vida e cuidar que faria o que lhe el rey de Ca-

licit cometia / affirmandolhe que era tamanbo amigo del Rey de Portugal que perderia Cochim se fosse necessario pera mostrar sua amizade. O que lhe dom Vasco agardeceo muyto, certificandolhe que el Rey dom Manuel ho ajudaria e fauoreceria de maneyra q̃ não someteria segura sua cidade, mas poderia conquistar outras / e creosse que tudo aquilo del rey de Calicut erão feros, porque dali por diante auia deter tanta guerra com os Portugueses que faria muyto em se defender quanto mais fazela a outrem. Então lhe disse a armada que auia deficar na Índia pera fazer guerra a el rey de Calicut / e de Cananoz a mandaria pera Cochim / por isso q̃ uão receasse os feros del rey de Calicut. E despedido del rey, se partio pera Cananoz com dez naos carregadas, porque lá auia de carregar as tres de treze que leuaua. E sabendo os mouros que leuaua as naos carregadas / cuydarão que não se poderia ajudar da artelharía e que ho tomarão / e por isso sayrão do porto de Pandarane vinte nove naos que ho esperauão coessa determinação, todas bem cheas de mouros apercebidos de suas armas / e forão cometer trez legoas ao mar: sobre que logo mādou arribar seus capitães: e Alente Sodré que ya diante com Diogo pirez / e Pero rafael forão os primeyros q̃ começarão de pelejar com os inimigos, aferrando duas naos que tambem yão diante afastadas das outras, e Alente Sodré aferrou com hũa / e Diogo pirez e Pero rafael cõ ou-

tra. E como os mouros virão juto desli os Portugueses / quis nosso senhor que lhe ouuerão tamanbo medo que se deitarão ao mar / e por que ja se chegaua dom Vasco com os outros capitães desparado sua artelharía / de cujo estrondo se os mouros das outras naos espantarão tanto que arribarão fugindo deixando as duas naos em poder dos Portugueses, que nos bateys matarão os mouros q̃ se lançarão ao mar que forão trezentos: e dom Vasco mādou descarregar as naos em que foy achada muyta riqueza, principalmente hũ idolo douro q̃ pesou trinta arratēs de monstroa lá figura / e tinha por olhos duas finas esmeraldas com hũa vestidura douro e pedraria com hũ rob nos peytos do tamanho da roda dũ cruzado que daua grande claridade, e muytos guindes / e perfumadores e cospidores de prata e leys talhas grandes de porcelana fina deter agoa. E queymadas estas duas naos / partio se dom Vasco pera Cananoz, onde se vio com el rey com que acabou d assentar a feytoría que tinha dada: e obrigou se el rey de dar a el Rey dom Manuel todaa especiaría que fosse necessaria pera carregação de suas naos a hũ certo preço logo nomeado / e que seria amigo del rey de Cochim / e não ajudar contra el rey de Calicut lo pena de os Portugueses lhe fazerem guerea. E dom Vasco se lhe obrigou em nome del Rey de Portugal de ho ajudar contra todos aqueles que por sua causa lhe fizessm guerra: e de tudo isto se fez

bū contrato assinado por ambos, e em Cananoz ficou por feytoz Bō-
golo gil barbosa, e por escriuães bū
Bastião aluarez e bū Diogo godi-
nho, e por lingoa Duarte barbosa,
e ficarão mais na feytozia Francis-
co correa, João da vila q̃ eu ainda
conbeci em Cananoz / Gaspar bo-
mem e outros que por todos forão
vinte, que el rey tomou sobresi com
a fazêda da feytozia. E carregadas
aqui dom Vasco tres naos mādou
a Vicente sodré que se fosse com a
armada dos seys nauios que lhe fi-
caua pola costa do Malabar onde
andaria ate Feucreyro / e se teuesse
certeza que el rey de Calicut auia d̃
fazer guerra a el rey d̃ Cochim que
inuernasse em Cochim e ho ajudas-
se: e não auêdo guerra fosse ao cabo
de Boardafum a fazer presas nas
naos dos mouros de Meca que fos-
sem da India. E partido Vicente
sodré, ele se partio pera Portugal
com trezenaos a vintoyro de De-
zêbro de mil e quinhentos e tres, e
no cabo das corrétes passado Mo-
çambique lhe sobreueo bū tempo-
ral de vento / com que se apartou de
le a nao Desteuão da gama / e sem
mais outro contraste chegou a Lis-
boa ho primeyro de Setembro do
mesmo anno / e todos os grandes
da corte del Rey dom Manuel ho
forão receber ao cays, e ho levarão
ao paço: onde ho el Rey recebeo cō
muyta bõrra, e lhe fez merce do al-
mirâtado do mar Indico, e o fez cō-
de da vila da vila da Vidigueira.

Capit. xlix. De como foy sabido
ẽ Cochim q̃ el rey de Calicut lhe
auia de fazer guerra.



Vicente sodré q̃ ficou
na costa de Calicut /
fez lhe a mais guerra
que pode por mar: e
cō tudo el rey de Ca-
licut não deistia da determinação
que tinha de fazer guerra a el rey d̃
Cochim pera que le foy a Panane
por ser perto, e ali ajutar sua gête:
o que logo foy sabido em Cochim
polas espias que el rey lá trazia / cō
que seus moradores ficarão muy as-
sombzados de medo por saberem
quão poderoso era el rey d̃ Calicut
e quão pouco el rey de Cochim: e
mais porque crião que não tinha re-
zão pois queria defender os Por-
tugueses que erão inimigos de sua
ley / a q̃ por essa causa querião grã-
de mal e lhes rogauão pragas / e
queriãlhe muyto grande mal, e al-
gũs priuados del rey lhe conselha-
uão que deuia entregar os Por-
tugueses a el rey de Calicut / e que
não quisesse guerra coele pois era
mais poderoso: e não quisesse per-
der ho reyno. E que lhes el rey de
Cochi estranhaua muyto, e dizia q̃
esperaua em Deos de vêcer a el rey
de Calicut, porq̃ se lhe fizesse guer-
ra auia de ier sem rezão. E por este
aluoroço que el rey via nos seus ti-
nha grãde goarda nos Portugueses.
Neste tempo veyo ter ao porto
de Cochim Vicente sodré com os
seys nauios da armada que disse, cu-
jos capitães erão Dias sodré, Pe-
ro dataide / Pero rafael / Diogo pi-
rez e Fernão rodriguez badarças
que ficou em lugar Dantonio fer-
nandez q̃ se perdeu / e deixaua feyto
grande dâno na costa de Calicut /

assim no mar como na terra. E com sua chegada perderão os Portugueses bo medo que tinhão. E chegando ele ao porto, porq̃tar daua em desbarcar/lhe mandou Diogo fernandez correa dizer por Lourenço moreno escriuão da feytozia (q̃mo cōtou) a certeza que tinha da guerra q̃ el rey de Calicut queria fazer a Cochim e onde estaua, pedindolhe da sua parte/ e requerendolhe da del rey de Portugal que lhe desse algũa da sua gente, e com a outra esteuesseno porto e não se fosse dele/ porq̃ com sua estada ficarião os Portugueses e el rey de Cochim muyto fauorecidos. Ao q̃ Alentez sodrê respondeo, que era capitão do mar e não da terra, e por isso não auia de pelear se não no mar/ q̃ se el rey d Calicut ouuera d fazer a guerra por mar a Cochim/ q̃ ele ajudaria el rey, mas que por terra não tinha de ver coisso/ q̃ queria ir descobrir bo estreito do mar roxo pera que ficara na Índia/ o que lhe Diogo fernandez tornou a mandar requerer q̃ não fizesse/ nem se fosse de Cochim/ e q̃ goardasse a feytozia del rey de Portugal/ pera que ficara na Índia, e não pera descobrir bo estreito: porq̃ el rey d Calicut não fazia a guerra a Cochim se não pera tomar a feytozia del rey de Portugal/ e os Portugueses q̃ estauão nela/ e que el rey de Cochim não tinha gente pa se defender por isso q̃ não se fosse/ protestado de ser obrigado a pagar a el rey de Portugal todo ho dano q̃ recebesse por sua ida: e com tudo Alentez sodrê não quis senão irse/ por esperar de fazer muytas presas onde q̃ria ir: e

partiose com os outros capitães, sem lhe lembrar bo perigo em q̃ ficaua a feytozia/ e os Portugueses, e el rey de Cochim. E esta he a verdade/ ainda q̃ algũs digão que Alentez sodrê se mandou offrecer a el rey de Cochim pera ho a ajudar na guerra se teuesse necessidade/ e se não q̃ria descobrir bo estreito. E que el Rey lhe respondeo, que por ser entrada de inuerno lhe nã auia d fazer el rey de Calicut guerra, nẽ lha poderia ja fazer na entrada do verão seguinte/ quando ele auia de vir do estreito/ por isso q̃ bem podia lá ir inuernar/ q̃ ho inuerno ho seguranadel Rey de Calicut lhe fazer guerra. E bem parece q̃ quem isto diz não foy á Índia/ nem loube q̃ ho melhor tẽpo q̃ el rey de Calicut tinha pera fazer guerra a Cochim era e Março, Abril, Maio/ ate meado Junho/ em q̃ sabia certo que nã auião de chegar á Índia naos de Portugal, cõ cujo medo sabia que não podia fazer guerra a Cochim se não no tẽpo q̃ digo. E bẽ se mostrou nesta guerra que fez como dizey a diante.

C Capít. .l. De como el rey de Calicut declarou aos senhores que ho ajudauão/ que queria fazer guerra a Cochim.



Depois que el rey de Calicut foy em Panane, se ajuntará cõ ele muytos senhores seus vassallos e amigos/ que tinha mandado chamar pera ho ajudar em na guerra: e outros forão sem serẽ cha-

mados/porque sabendo que aque-
la guerra era por amor dos nossos
que estauão em Cochim(que todos
delejaão de ver lançados fora da
India)hião de muyto boa vontade
a destruir elrey de Cochim. Em tã-
to q̃ate os seus proprios vassallos
ajudauão elrey d Calicut/ como fo-
rão ho Caymal d Chirabipil, e ho
de Calabalão, e ho da ilha grãde q̃es-
tã defrõte de Cochim. Elrey de Cali-
cut tẽdo estes señores iũtos / lhes
disse. Se d boas obras se gera ami-
zade entre as pessoas/ eu e vos por
minha causa e ẽ geral todos os ma-
labares a deuemos de ter muyto
grande com os mouros, porque ha-
bem seys centos annos que entra-
rão no Malabar, e em todo este tẽ-
po ate oje nunca ninguem recebo
deles escandalo, não auendo nenhũs
estrangeiros que os não fação quã-
do nouamente ocupão algũas ter-
ras/antes como que forão nossos
naturais se derão com a gente com
todo amor e amizade q̃ se deuẽ dũs
naturais a outros com que a terra
foy sempre prouida por eles de muy-
tos mantimentos e mercadorias q̃
foy causa de ho pouo enriquecer e
as rendas do reyno irem em grã-
de crecimento, principalmẽte nesta
cidade em que os mouros fizeram a
principal escala de toda a India:pe-
lo que eu tenho muyta rezão de os
fauorecer, e desfauorecer aos fran-
gues que com tanto seu perjuizo
querem assentar na terra/mais pe-
ra a tomarem e destruyrem, que pe-
ra lhe fazerem proueito:do que de-
rão assaz de sinais nesses poucos d
dias que aqui estauerão, assy como

foy em meho capitão mõz prender
os meus embaixadores, e em fazer
nouas leys em minha cidade que
carregasse primeyro suas naos que
os mouros as suas / e sobrisso lhe
reteue bũa nao que foy causa de lhe
os mouros fazerem o que fizerão, q̃
eu cuido que foy ordenado de De-
os por sua soberba: e não lhe tendo
eu nisso culpa me queymou dez na-
os em meu porto/ e me destruyto a
cidade com sua artilharia / ate me
fazer fugir de meus paços / e des-
pois ainda me queymou duas naos,
o que nã fizera se viera pera tratar,
antes me mandara fazer queixime
dos mouros, e esperara que os cas-
tigara e não fazer o que fez, que ma-
is parece de ladrões como eles sam,
que de mercadores que se querem fa-
zer pera coessa cor se poderẽ senho-
rear desta terra: o que elrey de Co-
chim com quanto lho mandey di-
zer nunca quis entender : e sendo
meu vassallo/ e sabendo o q̃ me eles
tem feyto/ os recolheo/ e recolhe/
e lhe deu carregação pa suas naos,
e agora lhe deu feytoria , o que lhe
per muytas vezes mandei rogar q̃
ho não fizesse. Delo que determino
de ho destruir/ e pera isso vos man-
dei pedir que vos ajuntasseis: e tã-
bẽ vos peço q̃ me digais se tenho re-
zão de ho fazer assy. E q̃ a todos pa-
receo muyto bem/ e louuarão muy-
to sua determinaçã/ principalmẽte
ho seño de Repeli, porq̃ tinha grã
de odio a elrey d Cochim por lhe ter
tomada bũa ilha chamada Arrul: e
ho mesmo fizeram tres mouros pri-
cipais. Contra o que foy hũ irmão
delrey chamado Nambeadarim q̃

era príncipe berdeyro por sua morte: e logo ali disse a elrey. **E** ho parêtesco q̃ tenho contigo, e outras muytas cousas te podem certificar que sobre todos quâtos aqui estão ey de desejar tua bõrra e proveito, e por isso ha de ser mais verdadeyro meu conselho que ho seu, porque eles como não tem tamanha obrigação pera te aconselhar como eu tenho/mais parece que te cõselhãõ segundo a vontade que te vem pera a cousa/ sobre que te dão conselho/ que segundo a rezão que ha pera a fazeres. E se eles sem liçõjaria/ e tu sem ira quiserdes julgar a causa dos frangues achareis que ainda ate agora não ha nhũa pera não serem muyto bem agasalbados nas tuas terras/ e nas outras do Malabar, e nã deitalos delas como a ladrões o que selhe não pode chamar posto que qua viessem/ pois de todas as partes do mundo se ajuntão aqui a compriar as mercadorias que não ha nelas, e assi trazem as que não ha nesta terra. E desta maneyra vierão os frangues, e segũdo costume de mercadores te trouuerão da parte do seu rey ho mais rico presente que tenũca foy dado, e a fora suas mercadorias trouuerã muyta moeda d'ouro e de prata, o que não traz quem vem pera fazer guerra: que se eles pera isso vierão não dissimularão a fugida que quiserão fazer os arrefes/ a que chamam embaixadores a que prẽderão porque querião fugir estando ho seu capitão mór e terra, e reconciliandose logo contigo como gẽte sem sospeita forão tomar a nao que leuaua ho alifante, q̃

te entregarão com quanto leuaua/ o que os ladrões não costumão/ nem menos pagar tambem, nem tratar tanta verdade como tratauão. Que nunca no tempo que estauerão em Calicut se ninguem aqueixou deles/ se não os mouros que por serẽ seus amigos, e com enueja de os verem participãtes no ganho que ganhauão, lhes assacauão q̃ tomauão por força a pimenta a seus donos, sendo eles mesmos aqueles que bo fazião, porque os frangues a não podessem auer pera carregação de suas naos. E por isto ser muyto no torto lhe deste licença que lha tomal sem: e cõ esta licença mandou ho seu capitão mór fazer repãria na nao dos mouros que estaua carregada e tendo eles toda a culpa se aleuatarão cõtra os frangues/ e fizeram o que se sabe. E com tudo eles como homens pacíficos esperarão todo bũ dia pera ver se querias dar lhe algũa desculpa: e vêdo que não então se vingarão/ e não com treyção como os mouros/ que não forão pera defender as naos/ ainda que agora falão muyto, e te cõselhãõ q̃ faças guerra a elrey de Cochim/ porq̃ os recolheo em sua cidade: pera o q̃ nã ha nhũa rezão/ pois ele os não recolheo por te fazer pesar/ se não como a quacs quer mercadores q̃ vão a seu porto porque ho mesmo fez elrey de Cananor, e quiserã fazer elrey de Coulão/ o que eles não fizeram se sentirão q̃ os frangues erão ladrões. E se os tu queres desfarregar da Índia e por essa causa q̃res fazer guerra a elrey de Cochim/ he necessario q̃ a faças tambẽ a elrey

de Cananoz: porque de Cananoz farão o que reças fizerem de Cochim: e se não deixa el rey de Cochim: e não te digão que te atreves coele / porque bem menos poderoso que el rey de Cananoz. E já beadarim falou tão isento a el rey, assi por ser muyto bõ homem e caualeyro muyto esforçado, como por ter muyto credito coele / e muyta autoridade: e por isso lhe tinha el rey acatamento, e tanto que se os mouros e os Calmais e senbozes que ali estauão senão poserão muyto rião contra ho seu. El rey tornara atras da determinação que tinha de fazer guerra a el rey de Cochim: por em todos perfiarão que seria grande abatimento seu ajuntar ali tanta gente como tinha / e tornar atras, sem cometer nhũa cousa / que ao menos deuião de proffeguir auante: porque poderia ser que vendo el rey de Cochim que se chegaua faria com medo o que não quiesse fazer rogado. E coeste conselho / preguntou el rey aos seus feyticeiros que dia seria bõ pera a partida, e eles lho assinarão e lhe disserão que auita de ser vencedor naquella guerra: e que ainda se auita de ajuntar coele mais gente. E coesta certeza dos feyticeiros que el rey de Calicut tinha por muyto grande se partio pera terra de Repellim quatro legoas de Cochim.

Capitulo.ij. Do grande aperto em que estauão os Portuguezes cõ medo que el rey de Cochim os entregasse a el rey de Calicut,



O rey de Cochim sabia tudo isto por espias q̃ trazia com el rey de Calicut: e andaua muyto triste não por medo da guerra: mas por não ter gente cõ que se defendesse, porque todos aqueles de que esperaua ajuda por vassalagem e amizade erão da parte del rey de Calicut: que se forão da sua bẽcerta tinha a vitória. E assi estaua em duuida porque tinha muyto pouca gente / e a mais della ho ajudauão contra sua vontade / principalmente os moradores de Cochim q̃ querião grãde mal aos Portuguezes / e dizião publicamente que el rey os deuia entregar, ou lançalos de Cochim porque se escusasse a guerra: e a fora isto muytos dos moradores fugião e deixauão suas casas com medo da guerra. E coisto tinbão os nossos grande temor que bem vião ho grande perigo em que estauão, com quanto os el rey seguraua. E ho feytoz pediu embarcação a el rey pera se irem a Cananoz / dizendo-lhe que hi estarião seguros ate que viesse a armada de Portugal: e que ele ficaria liure da guerra: e os seus desaparelhados com que el rey mostrou muyto grande tristeza. E disse ao feytoz que bem sabia que de desconfiança do lhe pedia a embarcação / e por isso lho não auita de dar: e q̃ lhe rogaua muyto que não desconfiasse dele / porque ele lhe daua sua fee que lhe ya tanto em os ter viuos que antes perderia ho reyno e a vida que os entregar a el rey de

Calicut: nem a outrem que lbes fizesse mal. E quando sua desauentura fosse tanta que perdesse Cochim: quelhe não faleceria ôde se acolbessem ate q viesse a armada de Portugal: e posto que el rey de Calicut viessemuyto poderoso / nê por isso tinha logo certa a vitoria / por que ela se alcançaua mais vezes pelos poucos e esforçados, que pelos muytos sem esforço: quâto mais que a justiça que ele tinha da sua partelha auia de dar: por isso que descansassem e rogassem ao seu Deus quelha desse. Coestas palauras e com os Portugueses entenderem que el rey as dizia com animo de as cumprir: ficarão descansados, e lbe quizerão beijar a mão / mas ele não quis / nem menos que bo ajudassem na batalha, pera o que se todos offerecerão: e el respondeo que os não auia de poer em parte perigosa / porque os queria ter viuos pera testemunhas de quanto trabalhara por sua vida. E dali por diante encomendou a guarda deles a algũs Raires de que confiava. E porque afflegasse bo aluoroço que auia contra eles / mandou ajuntar esses senhores que estavam coele / e assi algũs Raires principais dos que fazião bo aluoroço, e disselbes. Não posso deixar destar muyto triste por vos ver tão desleais / e não me espanto da gente baixa / pois sua baixeza lbes fazer vilezas: mas de vos outros que soys Raires, e fostes sempre leaes: estou espantado que me quereis fazer quebrar a fé que dei ao capitão moor dos frangues delbe

goardar os seus como a meus naturais / e por isso os deixou nesta cidade em que me vos outros conselhaes que os recebesse: e agora por verdes que el rey de Calicut tem algũa mais gente que eu, conselhai me que faça hũa cousa que se eu fora tão mau que a quisesse fazer mo ouueréis destranbar: e vos bo julgay / se estando em poder do outro rey com seguro se ho tirieis em boa conta fazendouos o que me cõselhai que faça aos frangues: mórmente tendo o que vos pedisse tão pouca rezão pera ser nosso inimigo / como tem el rey de Calicut, e ho rey que vos teuesse tão pouca causa de vos entregar como eu tenho pera entregar os frangues. Pois se isto he assi / como me conselhai que faça aquilo que auéis de reprehender a outrem: não me dando pera isso mais rezão que medo delrey de Calicut / sabendo que muyto mais pera estimar he a morte honrrada que a vida com deshonrra: que não podia ser mor pera mim que quebrar minha fé, nê mayor pera vos que terdes rey metiroso / contra quem lbe tem dado tanto proueito / como me tem dado os frangues. E porque el rey de Calicut sabe que bo ouuera de ter se eles teuerão seytoria em sua terra, com enueja busca estes achagueus pera me fazer guerra: e porque lbe parece que posso pouco quer vingar em mim a magoa que té do q perdeo: q se ele quisesse lançar da Índia os frangues e pelejar cõ quem os tem em sua terra / primeyro auia de começar em elrey de Ca

nanor que está primeyro. Mas não he se não com enueja de meu pro-
neito / e com soberba de lhe pare-
cer que não poderay tanto como
ele: e porque eu isto sey / e sey que
faço o que deuo em lhe não entre-
gar os frangues / espero em Deos
que me ha de dar vitoria contrelhe /
e vos assi ho esperay se soys meus
amigos. E vendo todos sua deter-
minação / espantados de sua gran-
de constancia: lhe pedirão perdão
do medo que teuerão, prometendo
lhe que ho não terião mais / e que
morrerião todos por seu seruiço.
O qual he ele agradeceo muyto /
e mandou logo chamar ho feytoz
e os nossos: e deu-lhe conta do que
fizera / e perante eles fez seu capi-
tão moor ao príncipe Aaramuhim
que era seu irmão e seu berdeyro /
e mandou a todos que lhe obede-
cessem como a ele mesmo: e mandou
lhe que com cinco mil e quinhētos
haires fosse assentar arrayal jun-
to de hum passo: que se chama ho
passo do vao, por onde sabia que el
rey de Calicut determinaua den-
trar na ilha de Cochim. E neste pas-
so com maré vazia da agoa pelo
giolho.

Capítulo. liij. De como ho prí-
ncipe de Calicut cometeo muy-
tas vezes dêtrar na ilha de Co-
chim pelo passo do vao.



Sabêdo el rey de Ca-
licut que Aaramu-
him tinha seu arra-
yal no passo do vao
per onde determina

ua de entrar sua gente em Cochim
receoubo, porque sabia que era
hum dos mais efforçados cana-
leyros que auia em todo Mala-
bar, e muyto ditoso na guerra: e
coeste receyo mais que com von-
tade de fazer complimentos cō el
rey d Cochim / he mādou esta carta.

Euyto trabalhei por escusar es-
ta guerra contigo / se quizeras tem-
perar tua soberba com fazer o que
te pedi / pois era tão justo e pro-
ueitoso pera todos: e porque esta
nossa rotura senão acrecente mais,
te faço saber que sou vindo a Re-
pelim com grande exercito pera
entrar em tua terra a tomar os frã-
gues cō todas suas mercadorias.
Porém querote primeyro auisar,
pera q̃ mos mandes: e se ho fizeres
perderay ho odio que te tenho pe-
lo passado: e se não prometote de
te tomar a terra / e meter a espa-
da todos os seus moradores.

El rey de Cochim posto que esta-
ua tão míngado de gente / e via
que poderia ser o que el rey de Ca-
licut dizia não se mudou de sua de-
terminação / e respondeolhe esta
carta.

ESe o que me pedes com tanta so-
berba / me reqreras por mais brã-
das palauras não te teuera por me-
nos efforçado do que cuydas que
te poderay ter, porque onde ha sa-
ber ou efforço não ha descortesia
nem mau insino: estas sam as cou-
sas que Deos não sofre / nem eu ho
tenho tão agrauado q̃ cōsinta tão-
to meu dāno / q̃ a vitoria deste feyto
nã seja minba / e destes efforçados
homēs que estão comigo, tu sejas

muy bem vindo com todas tuas soberbas, que eu creio que elas com a justa causa que tenbo abastarão pera me defender deti / e doutros meus inimigos : que não acbaras nunca tão fraco que faça cousa tão vergonhosa como me pedes : e se tu costumás tais entregas / eu as não costumey nunca / nem as ey dacostumar, dos frangues / nem de cousa sua não faças conta, por que os bey de defender : por isso não me mandes mais recado.

Coesta reposta jurou el rey de Calicut que aũa de destruyr el rey de Cochim, e partiuse logo de Repelim, que foy ho derradeyro dia de Março, e entrou em terra del rey de Cochim / em que não fez nhũ dâno por os senhores da aquellas comarcas ho ajudarem. E aos dous Dabril estando ja muyto perto do vao onde estaua Hara mubim algũs capitães efforçados na muyta gente que tínhão quise- rão entrar ho passo, e elhes defendeo a entrada / matâdolhe muyta gente. E que el rey de Calicut teue a mau final : e com tudo despois dassetar seu arrayal / mandou ao outro dia ho senhor de Repelim com dobrada gente da que fora ho dia passado / e muyta outra por mar em paraós / parecendo-lhe que tomaria ho passo, mas não foy assi / porque Hara mubim ho defendeo cõ muyto efforço / e ajudoubo Lourenço moreno com algũs dos Portuguezes / que também ho fez como muy valente canaleyro : e assi em outras muytas pelepas que despois ouue Hara-

mubim com os inimigos, em que sempre foy vencedor / fazendolhes muyto grande dâno de mortos e de feridos. E que vendo el rey de Calicut, como era incostante ar- rependia-se de ter começada a guerra que cuydaua de logo em chegar ao passo ho entrar. E por isto mandou algũs recados a el rey de Cochim sobre-lhe entregar os nosos. Ao q̃ lhe elerespõdeo, que pois fora constante em lhos não dar quando tinba rezão de recear seu poder / que faria então que estaua muyto dauantajem, que oulhasse por si : porque se não aũa de contentar com defender sua terra / se não com ho desbaratar de todo, o que ouuera de ter effeyto / se os desleais de seus vassallos ho não deixarão : coesta reposta ficou el rey de Calicut assombrado / e quasi que perdeu a esperança da vitória, e se não fora por amor dos seus deixara a guerra / e conselharan-lhe que mandasse saltar algũs lugares de Cochim que estauão ao derredor, porque Hara mubim lhe mandasse acodir / e ficasse com menos gente / e que assi ho poderião desbaratar. E com todos estes ardis não pode ser / porque Hara mubim era de marauilhosa diligência nestas cousas, e assi acodia a tudo que parecia que nunca faltaria onde era necessario / e de todas estas vezes el rey de Calicut perdeu muyta gente.

Capítulo. lliij. De como foy morto Hara mubim príncipe de Co-

chím por treycão del rey de Calicut.



Quando el rey de Calicut q̃ não podião os seus captães êtrar ho passo a Maramubim ordenou q̃ ho fazer entrar por trelção: pera o que se concertou secretamente com hũ Mairre pagador do soldo dos Maires de Maramubim a que deu muyto dinheiro, porque não mandasse ao arrayal a paga do soldo que mandaua cada certo dia, porque os Maires a fossem buscar, e ficando Maramubim com menos gente ele comesse ho passo e ho êtrasse. E assi ho fez ho Mairre, mandando dizer aos do arrayal de Cochim que fossem receber ho soldo porquelho nã podia mandar, e eles forão hũa noyte com licença de Maramubim, encomendãdolhe muyto que tornassem ante manbaã, o que eles não poderão fazer por lhe não pagarẽ se não bem de dia. E entre tanto que estauão em Cochim cometeo el rey de Calicut ho passo com toda sua gente por mar e por terra, e com muyta artelbaria que trazia: e como Maramubim estaua com menos ameta de da gente que tinha e ho poder del rey de Calicut era mór do q̃ nunca fora, êtroy por força ho passo. E deste impeto leuou Maramubim ate os palmares: onde ele fez todos os seus em hũ carpo e rompeo muytas vezes os inimigos matando muytos, mas como tinha poucos cercarãno. E despois de fazer muytas brauezas, foy morto de frechadas cõ dous seus sobrinhos

tambem especiais caualeyros, e os seus se desbaratarão logo, e ficarão no campo muytos mortos. E el rey de Calicut nã quis seguir os viuos por ser quasi noyte que ate então durou a batalha, e tambẽ dos seus forão mortos boa parte. E sabida esta noua por el rey de Cochim, esteue hũ pedaço fora de si, e quasi q̃ ho teuerão por morto: principalmente os Portugueses que estauão coele, e os Maires não entenderão neles por acudirẽ a el rey, que doutra maneyra segundo todos ficarão com aquelas nouas, e com ho mal quelhes querião nã fora el rey poderoso de os liuar da morte. E nisto tornou el rey a si arrebrandando em choro, e dizendo palauras que os nossos não entenderão. E tão desacordado estaua que os não via, e preguntou por eles: e eles se levantarão então chorãdo com dôdele: que vendoos, lhes disse que não ouuessem medo, porque nem aquela desauentura auia de ter poder pera ho fazer mudar do que lhes tinha dito, polo que lhe eles quiserão beijar a mão, e ele nã quis e sentindo ho aluoroço que tinbão os seus contra os nossos, pera os assflegar lhes disse. Agora que a fortuna se mostra tanto cõtra mim, cuydaua eu q̃ como verdadeyros amigos e leays vassallos auieys de trabalhar por me desagastar: e vos como que seguia a parte del rey de Calicut acrecentais me a paixão que tenho, assi pela morte de meu irmão, e de meus sobrinhos como por serdes contra os franceses, que vos tantas vezes en-

comendey, e que sabeis que muyto mais sêirey receberê q'quer offensa de vos outros / de q' senti a morte d'meus sobrinhos, por q' eles morrerão defendome, e vos com me offederdes perseguis aos q' eu tenho debaixo de meu emparo / e q' me ficarão pera minha consolação / por que assaz he grande pera mim em tamanha desauentura cuydar que me vem este mal por fazer coes o que deuo / e não creais que eles sam a causa / nê que polos emparar fauorece Deos contra m' a el rey de Calicut / porque ho não faz se não por offensas q' lhe tenho feytas / e quer que aja esta causa pera as pagar / e que seja el rey de Calicut ho executor de sua justiça, pera q' também por outros peccados que fez os pague, por amor q' me destruye por goardar a fé aos estrajeiros e hospedes (coisa a q' todos temos tanta obrigação) por isso não vos pareça que por emparar os frangues recebo estes castigos / nê cuydeis que el rey de Calicut me pode destruir de todo / q' ainda que me agora lançasse fora de Cochim / nã tardara muyto a armada dos frãgues / e ho seu capitão mór me tornara a restituir: e être tãto recolhermos a ilha de Maipí: e por sua fortaleza, e por ho inuerno que temos á porta espero em Deos que escapemos del rey de Calicut. E pois eu que perco mais que vos me consolo co' isto, consolainos vos, e não acreceteys minha tristeza com ho aluoroço que fazeys. Vendo os seus sua grande constancia muyto espantados della afflessegarãse do aluoroço que ti

nhão contra os nossos / prometendolhe de cumprir seu mandado / e assi ho fizeram. E foy tamanha a constancia del rey que mandandolhe ainda el rey de Calicut cometer q' lhe desse os nossos, e que desistiria da guerra, não quis: respondendo q' eletinha a vitoria mais por treyção que por valêtia: que se fora por ela seu irmão / nem seus sobrinhos não morrerão, mas matarão a quem os quísera matar: e pois eles erão mortos não sentia perder Cochim, porque os frangues que esperaua muy cedo ho restituirião e vingarião dele. E que sabido por el rey de Calicut / mandou logo destruir a terra a fogo e a sangue / de que foy bomedo tamanbo nos moradores de Cochim / que os mais fugirão da cidade: e de volta coeles fugio ho terceiro príncipe d' Cochim, parecendolhe que el rey de Calicut ho fizesse rey / e assi fugirão dous milaneses lapidairos que estã com ho feytoz / que sabiã fundir artelharía / hum chamado João Maria e outro Pedro Antonio: estes disserrão a el rey de Calicut ho medo que ya em Cochim, e quão poua gente el rey tinha pera se defender / pelo que determinou de ir sobrele, e pariose logo: e el rey de Cochim lhe sayo ao encontro com a gente que tinha e com os Portugueses que aquele dia fizeram couias maravilhosas e hũa batalha que os reys se derão / em q' el rey d' Cochim foy ferido e desbaratado. E por ficar ferido e ter pdida a maior parte d' sua gētenã quis dar outra, e passou-se a hũa ilha chamada Maipim q' está

defronte de Cochim que os Malabares tem em grãde veneração por ser antreles cousa santa: e era seu costume que quem se ali acolhia nã podia receber nũ mal/ e leuou consigo os Portuguezes e a feytozia. E vendo el rey de Calicut que era ali acolhido/ nã curou mais dele, mas mandou queymar Cochim/ e por êtrar bo inuerno se recolheo a Crãganor, deixando em Cochim gente de goarnição em tranqueyras que mandou fazer. E ficãdo os Haíres de Cochim muyto tristes pela morte dos príncipes, e por seu rey ser vécido. Quatorze deles q bo mais sintirão determinarão de vingar esta injuria/ e moírer sobriſſo/ e assi bo jurarão/ e deixarã crescer os cabelos das barbas e das cabeças. E a estes taes chamão na língua Malabar Chauer que na nossa quer dizer morto, e assi se tem eles por mortos quando assentão em tais determinações, e geralmente lhes chamão na Índia Amoucos/ e estes sã muyto temidos dos outros homens por que sabem que vão a moírer/ e por medo da morte nã bão de deixar de matar quem quiserê. Estes quatorze Amoucos partirã de Maipim cõ determinação de fazerê a el rey de Calicut todo bo mal q podessem: e dando no seu arrayal que tínha em Cranganor lhe matarão muyta gente/ e vendo que se punhão em ordẽ de lhes resistir passarão a Calicut: e entrãdo de supito matarão muytos dos seus moradores e queimarão parte da cidade, e a gẽte matou onze deles/ e os outros se recolherão a hũa ferra, õde andarão cinco

annos/ de que os de Calicut auão medo grandíssimo, polos supitos rebates que lhes dauão. E despois de receberem deles muyto dãno acabarão as vidas.

Cap. liiiij. De como se perdeo Alente Sodré e outros em Curia muria.



Artido Alente Sodré cõ sua armada do porto de Cochim sem querer dar ajuda a el rey, né aos nolos que estauão na feytozia/ foyse na volta do reyno de Cambaya em busca das naos de mouros q viesſẽ do mar roxo a Calicut que vimbão muyto ricas. E na costa de Cambaya tomou por força darmas cõ a ajuda dos outros capitães cico naos destas que digo, em q em dinheíro se tomarão passante de duzêtos mil pardaós/ e a moor parte dos mouros forão mortos/ e as naos queimadas. E dali se foy a hũas ilhas chamadas Curia muria que estão ao mar do cabo de Boardafũ pera cõsertar seus nauios por fazerê muyta agoa e chegou a vité de Dabril de mil e quinhentos e tres. E cõ quanto as ilhas erão pouoadas de mouros sayo em terra, porq os moradores nã erão homens de guerra/ átes cõ medo fizeram muyto bõ recebimẽto aos Portuguezes vêddõs lhes mâtímẽtos e cõuersãdo coeles. E tẽdo Alente Sodré hũa carauela tirada a môte/ disseranlhe q no mes dmayo sobreuinha ali tamanha tormẽta d vête norte q nã auia nao q stuesse no porto q nã desse a costa e por isso nã paraua ali nhũa

naquele tempo: e que assi bo deusa ele de fazer/ e mudar se pera a outra banda da ilha abrigada de norte: e passada a tormenta tornaria a surgir onde estava. E cuidando ele que lhe q̃rião fazer algũa treyção por serẽ mouros, nũca se quis mudar, dizẽdo q̃ as naos que dahião á costa erão as q̃ tinhão âcoras õ pao e, as suas erão de ferro, e por mais que os mouros bo tornorão a persuadir nunca quis mudar se: o que não fizeram. Pero rafael, nem Fernão rodriguez badarças, nẽ Diogo pirez que logo se mudarão bo derradeyro Dabzil: e Vicente Sodré e seu irmão ficarão, e quando a tormenta veo as suas naos derão á costa/ por mais ancoras que tinhão e forão espadaçadas: e foy morta muita gẽte: antre ela morrerão os dous irmãos e perdeose tudo quanto estava nas naos. E os nauios de Pero rafael e de Fernão rodriguez e de Diogo pirez escaparão õde se acolherão e assi a carauela de Pero dataide que estava a monte. E bem lhes pareceo q̃ a perdiçã dos dous irmãos, fora pelo peccado que fizeram e nã acodir a el rey de Cochim, e deixarẽ os Portugueses em tamanho perigo como ficauão: e por isso determinarão de se tornar a Cochim pera os ajudarem se disso teuessem necessidade. E fizeram capitão mór a Pero dataide/ e partirã na entrada de Mayo, e por bo inverno da India lhe fazer ja rosto passarão na viagem muyto grãdes tormentas com que se virão quasi perdidos: e não podendo arribar a Cochim tomarão Anjadiva: onde

lhes foy forçado inuernarem por amor do tempo. E passados tres ou quatro dias que ali chegarão, chegou tambem bũa nao de que era capitão Antonio do campo, que indo com dom Vasco da gama lhe morreo logo bo piloto: e por isso foy sempre ao longo da costa pelo que se deteu tanto/ e com muyto trabalho chegou a Anjadiva/ onde invernarão todos, com assaz de fadiga, por não terem que comer.

Capí. lv. De como partirão pera a India por capitães mōres de tres armadas Francisco dalbuquerque, e Afonso dalbuquerque, e Antonio de saldanha.



Este anno de mil e quinhentos e tres/ parecendo a el rey de Portugal / que bo Almirante dõ Vasco da gama deixaria assentadas pacificamente as feitorias de Cochim, e de Cananor/ e que não aueria necessidade de mandar grande armada/ não quis mandar mais de seys naos repartidas em duas capitánias. Das primeiras tres foy capitão mór bũ fidalgo chamado Afonso dalbuquerque, que depois governou a India, como vires no terceyro liuro. E forão seus capitães Duarte pacheco pereyra de que faley atras/ e Fernão martiz Dalmada que dizẽ que morreo na viagem de gordo: e este partio logo. Das outras tres naos foy por capitão mór Francisco dalbuquerque que foy seu primo

Afonso dalbuqrq. forão seus capitães Miculao coelho / que foy no descobrimento da Índia / e Pero vaz da veiga. Outra armada d' tres naos partio tambem pera descobrir ho estreito do mar roxo, e esperar na boca dele as naos dos mouros de Meca: e desta foy capitão mór hũ fidalgo Castelhana chamado Antonio de saldanha / e forão seus capitães Ruy Lourêco rodriguez raulasco / e Diogo fernandez peteyra. E esta armada partio despois das duas, d' q'a Afonso dalbuqrq partio a seys Dabril, e a de Francisco dalbuquerque a quatorze. E assi hũs como os outros passarão no caminho muytas tormentas, cõ que se perdeu Pero vaz da veiga. E Francisco dalbuquerque q' partio derradeyro chegou primeyro q' Afonso dalbuquerque cõ Miculao coelho a Anjadiua em Agosto: onde ainda achou Pero dataide, e os outros capitães q' hi invernarão / de que sabendo a guerra que era declarada del rey d' Calicut / e del rey de Cochim sobre os nossos, foy logo com toda a frota que era de seys velas / pera Cananoz, pera hi saber o que passava em Cochim. E em Cananoz fizeram os nossos grande festa com sua vinda. E el rey foy falar ao mar á Francisco dalbuquerque, e cõtoulheo que sucedera em Cochim / e onde el rey estava. E sabido isto partio se logo pera Cochim / e chegou quasi noyte / a hũ sabado dous de Setembro do mesmo anno. E logo foy visto por el rey ter vigias / q' ja sabia sua vida. E foy a festa muy to grande em Calicut por sua che-

gada / não somente em el rey, e nos Portugueses / mas em todos os moradores de Cochim: e fazião grandes tangidas, e folias: em que logo os de Calicut que estauão nas tranqueyras atentarão. E sabêdo a causa disso, como foy noyte fugirão pera Cranganor / e assi ho tinha mandado el rey de Calicut, que tambem sabia a vinda do capitão mór pela via de Cananoz, dõde foy anifado. E ao domingo como foy manhaã Francisco dalbuquerque foy surgir na boca do rio de Cochim: e el rey ho mādou visitar polo nosso feitor. E a segunda feyrza pela manhaã deixando Francisco dalbuquerque as naos arecado se foy nos bateis armados a Calicut: e assi levou consigo as duas carauelas pera lhe ajudarẽ, se viessem para d' Calicut. E indo hũ pedaço das naos chegou Duarte pacheco: que sabendo ao que ya Francisco dalbuquerque se lançou logo no seu batel com algũa gente / e partio apos ele com tanta pressa dos remeyros / que ho alcançou antes de chegar a Calicut, onde ho el rey de Cochim estava esperando á borda d'agoa cõ os Portugueses / e com quanta gente estava recolhida na ilha. E era ho prazer tamanho em todos / que vendo el rey de Cochim os nossos bateis começou de bradar alto, Portugal Portugal: e ajudou toda a outra gente. E os Portugueses dos bateys respõderão pelo mesmo modo, Cochim Cochim apesar de Calicut. E quando Francisco dalbuquerque saltou em terra, el rey holveu nos braços com as lagrimas

nos olhos de prazer, dizendo que não queria mais vida que a de ser resistido em Cochim, pera que fossem os seus quanta razão teuera de passar tanta fadiga por emparar os nossos, e servir a el rey de Portugal: em cujo nome lhe deu capitão mór deu muytos agradecimentos, e lhe prometeo vingança de seus inimigos: e o sua parte lhe deu dez mil cruzados pera gastar entretanto que não recolhesse suas rēdas: e isto do cofre que leuaua. O que el rey de Cochim teue em muyto, porque estava muyto pobre. E os seus teuerão aqui lo por grandeza: e foy muyto salado antre eles e ja lhes parecia bē fazer el rey o que fizera polos Portugueses. E logo el rey foy leuado a Cochim, e entrou com grande alegria que fazião os seus: e os nossos que dali por diante forão muyto bē quistos dos de Cochim. E não tardou nada que as nouas del rey estar dētro forão a el rey de Calicut, e dos cruzados que lhe dera ho capitão mór. E vendo que a guerra se aparelhaua mādou algũs Calmais pera suas terras por confinarem com as del rey de Cochim.

Capit. lvi. De como Francisco dalbuquerque começou de fazer guerra aos inimigos del rey de Cochim.



Etido el rey de Cochim, Francisco dalbuquerque se despedio dele, pera aida dali ate noyte lhe dar algũa vingança de

seus inimigos, e foy se á ilha que está defronte de Cochim. E como os moradores dela estauão bē fora de serem cometidos aq̃elle dia, tomarão os nossos de sobre salto, e fizeram neles grãde matança, e quel marão algũas pouoações, e depois se embarcarão sem nũa afrōta. E indose Francisco dalbuquerque pera a frota, disse a el rey o que fizera. E ao outro dia tornou a mesma ilha pera a destruir de todo. E leuaua seyscentos homens, que tantos tinha com os dos navios que achou: e yão coele todos os capitães. E ho Caymal da ilha o estaua esperando á borda dagoa com obra de dous mil Alaires, os mais deles frecheiros, e os outros de lanças, espadas, e escudos: que trabalhou quanto pode por tolher a desembarcação aos Portugueses, que sem receberem nũa dāno fizeram muyto nos inimigos com as setas: e os fizeram fugir, indo apos eles ate a outra bāda da ilha: e forão tão apertados que não teuerão outro remedio senão lançar se ao mar. E ficando muytos mortos, e feridos: e não tendo os nossos com que pelejar, poserão fogo ás pouoações da ilha, e destruírāna toda. E ao outro dia foy Francisco dalbuquerque a outra chama da Charauaiptim, que era dũ Calmal vassalo del rey de Cochim, que fora a ajuda del rey de Calicut: por que por espías del rey de Cochim sabia que estaua ho Calmal bē apercebido pera se defēder: e tinha tres mil Alaires, setecentos frecheiros, e coarenta espingardeyros: e suas casas fortalecidas com tranqueyras.

E assi tinha por mar algũs paraõs
artilhados / que lhe dera el rey de
Calicut. Estes estauão no porto /
onde os Portugueses auião de des-
embarcar / pera lhe tolher que não
frazsem nele. E sobre isso ouue grã
de peleja d bombardadas: e os imi-
gos por derradeyro fugirão / e os
Portugueses ficarã no porto, on-
de estauão metidos nagoa ate á cin-
ta grande numero dos imigos / de-
fendendolhes que não pousassem em
terra, tirãdolhe muyta loima de fre-
chas, e de lanças, e infindas pedra-
das. Mas como a nossa artelbaria
começou de jugar / se afastarão pe-
ra bo sertão: e feytos ali em corpo,
derão assaz q fazer aos Portugue-
ses no desembarcar: porque se defen-
dião muy rijo. E por mais q aper-
tauão coeles / nunca deixarã bo câ-
po de golpe, se não pouco a pouco se
forão recolbendo aos palmares. E
ali com bo embaraço que as palmei-
ras fazião se defenderã hũ pedaço,
e despois fugirão sem nhũa orde: e
os nossos bo seguirã. E indo no en-
calço bo condestabre de Francisco
dalbuquerque / que se chamaua Pe-
ro de lares se achou só cõ tres Ma-
res que virarão a ele, e hũ deles lhe
deu hũa frechada nos peitos: e por
amor do hũ peito q leuaua lhe nã fez
noio: e é bo Maire desfechando, des-
fechou ele hũa espingarda que leua
ua de tres tiros / e todos ceuados:
e deu ao Maire pelos peytos / e va-
zoubo da outra parte: e logo desse-
chou outra vez em hũ dos dous q
ficauão e matoubo: e nisto bo ferio
bo terceyro cõ á agumia é hũa per-
na, e quísera fugir / e Pero dela-

res bo matou cõ a espada. E desba-
ratados os imigos, posse Francis-
co dalbuquerque em caminbo pera
as casas do Caimal / que tinha re-
colbida nela sua gente / e estaua for-
te cõ tranqueiras. E leuaua os ca-
pitães repartidos por ábas as ban-
das da ilha, cada hũ cõ sua gente: e
polo meyo da ilha a gente d Cochí
E nesta ordem yão todos queiman-
do / sem auer quem lhes resistisse. E
indo nesta ordenança sobriuierã al-
gũs paraõs de Calicut da bãda da
ilha, por onde ya Duarte pacheco:
e por terem muytos saltarã em ter-
ra / e pelejarão coele / de maneyra q
foy necessario acodir Francisco dal-
buquerque q com a gente de sua capita-
nia / e por achar muyto mais dura
resistencia nos imigos do que cuy-
dou: e se temeo que acodisse bo Cai-
mal cõ toda a gente q tinha: que bo
poeria em muyto grãde trabalho.
E mandou a Riculao coelbo / q cõ
Antonio do câpo, e Pero dataide,
fosse dar nas casas do Caimal / bo
que logo foy feyto. E Riculao coe-
lbo foy bo primeyro q cbegou ás
tranqueiras q bo Caimal tinha fey-
tas diãtedas suas casas pera as ter
mais fortes. E foy aqui a peleja
muyto grande / que antre os imi-
gos auia muytos frecheiros / e cõ
tudo os Portugueses pelejarã cõ
tamanbo efforço / que entrarão as
tranqueiras. E bo primeyro q so-
bto foy hũ Garcia mendez mora-
dor na vila de Santarê / escriuã da
nao de Antonio do câpo. E entra-
das as tranqueiras / os nossos fo-
rão apos os imigos ate as casas do
Caimal, que hí foy morto defende-

dose muy bem. E assi forão mortos e feridos muytos dos seus, e as casas roubadas. E dos nossos forão feridos dezoito, e hũ morto. E no espaço ẽ q̃ isto passou Francisco dalbuquerque, e Duarte pacheco delbaratarão os da armada de Calicut/ ficando na praya muytos mortos, e feridos: e os outros se recolherã aos paraõs e fugirão. E per memoria d̃ tamanho feyto como este foy, armou Francisco dalbuquerque ali algũs canaleiros, que certo ho feyto foy pera isso: porque de tres mil Maiores q̃ ho Calimal tinha/ os menos escaparão: e a ilha foy toda destruida a ferro e a fogo. E assi ficou el rey de Cochim bem vingado do Calimal.

Capit. lviij. De como Francisco dalbuquerque começou de edificar ho castelo Manuel.



Depois disto, determinando Francisco dalbuquerque, de fazer guerra ao seu senhor de Repelim, partio se hũa noyte cõ os outros capitães pera hũ lugar seu, que esta quatro legoas de Cochim, onde chegou ao outro dia as oytas horas. E estauã no esperando á borda da goa bem dous mil Maiores: de que os quinhẽtos erã frecheros. E chegando a tiro d̃ berço de terra desparará sua artelharla/ cõ que fizerão despejar a praya aos inimigos/ e recolherse aos palmares: e ali esperarão Francisco dalbuquerque: que desẽbarcado cõ os nossos, os foy cometer, indo fãculo coelha na dianteira/ q̃ logo cõ os seus deu nos inimigos/ e a

pos ele outros capitães. E neste primeyro encontro forão feridos algũs dos nossos/ de frechadas q̃ os inimigos tirãõ detras das palmeiras, cõ que se imparauão: pelo que vendo os Portugueses q̃ lhe nã podião por diante fazer nhũ nojo/ cometerãnos de traues, tirãdo lhebẽ as bestas/ e espingardas, e derribando algũs os fizerão fugir pera ho lugar/ ate onde os forão seguindo: e no lugar fizerão neles muyto mór destroço que no câpo/ onde andauão espanhados: porq̃ ali tomãnos juntos nas ruas, e podião nos melhor ferir: e matarão muytos e outros fugirão. E ficando ho lugar despejado foy q̃imado/ roubado ho primeyro os Maiores d̃ Cochim/ a que Francisco dalbuquerque daua a saca todos estes lugares, porq̃ vissem os inimigos, que não fazia a guerra por via d̃ roubar, se nã pera vingar el rey d̃ Cochim. Que quando ele tornou coesta vitória/ lhe fez muy alegre recebimento: e rogou lhe que se não posesse em mais trabalho, que se daua por vingado. E ele lhe disse, q̃ posto que se desepor vingado/ ele não estaua satisfeito, que ho deixasse pelejar/ q̃ nã autã por trabalho seruido. E vendo quão contente el rey estaua/ pediu lhelicença pera fazer hũa fortaleza de madeyra: porq̃ depois q̃ se partisse pera Portugal ficasse a feitoria del rey seu senhor segura/ e assi os nossos: e q̃ este seria ho mór seruiço que poderia fazer a el rey seu senhor. Ao que ele respondeu, q̃ a el rey de Portugal dejesana ele de fazer outros mōres seruiços q̃ aquele

Porque de sua mão fazia conta q̃ t̃nha Cochim, pois ele q̃ era vassallo lhe restituira/ que podia fazer fortaleza/ e quãto quisesse: e que logo a mandaria fazer a sua custa. Ainda esta licença, acordou cõ os outros capitães/ q̃ se fizesse a fortaleza a borda do rio de Cochim, acima da cidade pera bo sertão, porq̃ h̃i estava mais segura: e defenderia que nã entrassem as armadas de Calicut. E por não terem pedra/ nẽ cal, nẽ officiaes q̃de a fizessem/ nẽ outros materiais necessarios/ fizerãna de madeira, que el rey mandou cortar em abundancia/ assi de palmeiras, como de outras arvores. E deu muyta gente pera fazer a obra, dizendo que nã queria q̃ os nossos trabalhassem: porq̃ bẽ lhes abastaua ho trabalho da guerra: e cõ tudo eles não deixarão de trabalhar. E os capitães se repartirão cõ sua gente: e começaram a fortaleza a vinte e seys do Setembro do mesmo año, de mil e quinhentos e tres. E el rey ya muytas vezes ver como trabalhauão/ e folgaua muyto de ver a diligencia dos nossos no trabalho/ e dizia que nã auia tays homens no mundo/ porq̃ erão pera tudo.

Cap. lviij. De como Alfonso dalbuquerque chegou a Cochim.



Vendo quatro dias q̃ a fortaleza era começada/ chegou Alfonso dalbuquerque, q̃ com tromentas e tẽpos contrarios não pode chegar mais cedo: porẽ trazia

a sua gentesã/ de que fr̃ Francisco dalbuquerque ficon muyto ledo: e logo lhe deu parte da fortaleza pera a fazer cõ os da sua nao. E com sua vinda se acabou em breue tempo: e por ser de madeira era tão forte e fermosa, como podia ser outra de pedra e cal. Era feyta em quadra/ e tinha o vão de noue braças de largo, e de cõprido as paredes erã de duas andainas de palmeiras, e outras arvores fortes metidas no chão percintadas/ com percintas de ferro muyto fortes, pregadas cõ pregos muyto grandes: e ho vão dantre as andainas era entulhado de terra e areia. E destas andainas, tinha deus baluartes em cada canto/ e todos bem artilhados/ e era cercado de caua q̃ se encria dagoa. E ao outro dia despois que foy acabada fizeram fr̃ Francisco dalbuquerque/ e Afonso dalbuquerque hũa procissão/ em q̃ ho vigairo da fortaleza leuaua hũ Crucifixo debaixo do palio/ indo diante os trombetas tangendo cõ grande festa. E coesta solenidade entrarão na fortaleza, que ho vigairo benzeo: e lhe foy posto nome Banuel, por honrra de nosso Senhor/ e por memoria del rey dom Banuel, de quẽ erão vassallos aqueles que a edificarã. Bẽta a fortaleza foy dita hũa missa cantada, e pregou hũ frade de sam Francisco chamado frey Bastão: e disse quantas graças deu a deus de dar a nosso Senhor, por permitir que dũ reyno tão pequeno como ho de Portugal/ e da fim do occidente fossem portugueses a terra tão longe/ como era a India, fazer fortaleza entre tanta multidão

de inimigos de santa fé catholica, q̃
prazeria a nosso Senhor q̃ aquela se
ria começo d'outras muytas. E assi
disse a muyta obrigaçã q̃ os nossos
tinhão a elrey de Cochim, pelo que
fizera por servir a elrey de Portu-
gal. Ho q̃ elrey de Cochim estimou
muyto quando ho soube. E acabada
a fortaleza tornarão Francisco dal-
buquerque, e Afonso dalbuquerque, a
proseguir a guerra contra os imi-
gos delrey de Cochim: e forã dar
em hũas pouoações que estauã na
borda dagoa cinco legoas d' Cochim,
por q̃iabião por suas espías / q̃ auia
ali poucos Haíres. E partirã pera
lá cõ setecêtos dos nossos duas ho-
ras ante manhaã / às nove do dia
chegarão às pouoações / em q̃aue-
ria passante de seys mil almas / afo-
ra os meninos, e os Haíres de goar-
nição / que ferião trezêtos / e todos
frecheiros. Afonso dalbuquerque des-
embarcou na pũmeyra pouoaçã cõ
algũs capitães, e Francisco dalbu-
querque cõ os outros em outras, hũ
tiro d' falcão desta. E como tomarã
os inimigos de sobre salto, fizerãnos
logo fugir: e mais porq̃ em desem-
barcando foy posto fogo a tudo. E
vendo os nossos fugir os inimigos /
seguirãnos apos eles e matarão muy-
tos, e cansando de os seguir destru-
irão a terra, q̃ neste tẽpo foy toda a-
pelidada pelos inimigos. E como he
muyto pouoada ajudarão se bẽ seys
mil Haíres, e derão sobre os nossos
ao embarcar / e apertarãnos muy-
to: principalmente a Duarte pache-
co, que não achou ho seu batel onde
ho deixou. E carregará tão riço so-
brele e sobre os seus, q̃ lhe ferirá oy

to cõ frechas, ainda q̃ se defendiã va-
lentemente: e fazião grande matan-
ça nos inimigos. Mas como eles erã
muytos e demasia tratauãnos des-
ta maneyra: e tratarãnos peor, se nã
focorrerão os outros capitães mō-
res, q̃ estando embarcados se torna-
rão a desembarcar. Ho q̃ vendo os
inimigos fugirão, deixando ho chã-
o cuberto de mortos e d' feridos, que
cairão cõ as espingardadas, e seta-
das. E fugidos queimarão os Por-
tugueses quinze paraços que estauã
varados, e tomarão sete q̃ estauão
no mar / e forãse, dando grandes a-
pupadas, como q̃ zombauão deles.
Que ho senhor de Repelim cuja a
terra era sentio muyto / e mais por
quão mal provido ho acharã. E te-
mêdo q̃ os Portugueses fossem so-
bre outra pouoação q̃ estana hũ le-
goa daquelas pelo rio acima, a pro-
ueo de gente de guerra.

¶ Capit. lix. Do q̃ Duarte pache-
co fez em Repelim, e em Camba-
lão.



Sabêdo Francisco
dalbuquerque, e Afonso
dalbuquerque q̃ deste
lugar, determinarã
de ho destruir: e aq̃-
la mesma noyte par-
tirão / e forão repousar diãte da nos-
sa fortaleza ate a meã noyte / porq̃
chegassem em a manhecendo ao lu-
gar aque yão. E cõ quanto fazia es-
curo partirã a estas horas: e como
se não vião hũs aos outros: recean-
do Afonso dalbuquerque que de ficar a
tras / mandou apertar ho remo / e
coísto se adiantou tanto de todos q̃

chegou ao lugar hũ grãde pedaço ante mebaã: e enfadãdose desperar disse aos seus q̃ dessem no lugar / e bo queimasse / porq̃ por os inimigos estarẽ descuydados de sua vinda bo farião leuemente, e assi bo fizeram. E sentindo os inimigos bo fogo levantarãse logo e acodirãlhe: e indolbe acodir derã os nossos neles e matarã algũs, e os outros fugirã, porq̃ erã gente mezquinha e não tinham armas. Porẽ os Aiares q̃ estauão em goarda do lugar q̃ erão dous mil acodirão logo, e começarão de pelejar muy brazuamente / e tão q̃ conueo a Afonso dalbuquerque q̃ mãdar recolher os seus, porq̃ não seria mais que quarẽta, de q̃ lbe matarã hũ, e os outros estauão muyto feridos o frechas: e ouuerãlhos de matar todos se se não recolhera / o que fez cõ muyto grande trabalho / nẽ bo poder a fazer lẽ os grometes que ficarão no seu batel posserão fogo a hũ falcão / de cujo medo em desparãdo se afastarã os inimigos, e nisto amanbeceo, e chegou Frãscisco dalbuquerque: e quando soube o q̃ passaua / mãdou desparar toda a artelharia dos bateis / pera fazer afastar os inimigos que estauã na praya. E estãdo assi quisera Duarte pacheco desembarcar hũ pouco afastado dõde os outros estauão, e indo pera desembarcar achou muytos Aiares de peleja, q̃ passauão per hũ passo muyto estreito pera irẽ ajudar. E como aquilo vio / mandou poer bo batel perto daquele passo / e cõ a artelharia lbe tolheo q̃ não passassem / ao q̃ logo acodirão os nossos, e posarão todos em terra / e dando nos immi-

gos os fizeram fugir: e por não saberem a terra os não seguirão, e queimarã bo lugar. E Duarte pacheco e Pero dataide / se apartarã com sua gente, pera irem queimar outro q̃ estaua mais acima, e de caminbo desbaratarã dezoito paraõs dardamada de Calicut / e queimado o lugar aque yão tornarãse pera os capitães mores. Que por ser ainda cedo se forão a ilha de Cãbalão pera a destruir: por bo seu Caimal ser inimigo del rey de Cochĩ, e queimarã hũ grãde pouoaça. E Duarte pacheco cõ seys paraõs de Cochĩ foy queimar outra / pelejando primeyro hũ pedaço cõ muytos dos inimigos, e q̃ matou algũs: e queimado bo lugar se recolheo cõ os seus, de q̃ lbe ferirãos sete: e recolhido pelejou com treze paraõs de Calicut / q̃ desbaratou cõ ajuda de Pero dataide e Dãtonto do cãpo que sobzeuerã. E acolbendose os inimigos em hũ esteyro entrou coeles Duarte pacheco, e fez varar hũ paraõ, e tomou: e entre tãto se acolherã os outros. E por os nossos terẽ os remeyros muyto cansados os não seguirã / e tornarãse pa os capitães mores: com q̃ se forão pera Cochim. E dando conta a el rey do q̃ fizeram / ele se deu por vingado de seus inimigos / e lhes rogou q̃ nã fizesse mais guerra.

Cap. lx. De como Duarte pacheco desbatou trinta e quatro paraõs.



Desta guerra q̃ digo não auia quem oufasse de trazer grão de pimenta a vẽder a feytoria, nẽ os mer

cadores se atreuião a buscala / e cõ quanto nisso trabalharão / não poderão auer mais que trezêtos bahares dela, e mandarão dizer aos capitães mores q fossem por ela a noue legoas de Cochí: bo q eles logo fizerão / acõpanhados dos outros capitães / e por não serem sentidos partirã de noyte, e no caminbo del truyo Duarte pacheco hũa ilha, pelejando com seys mil Haíres, acompanhado somente da gẽte da sua capitania. E os capitães mores desbaratarão trinta e quatro paraõs dos inimigos. E acabado isto, forão Duarte pacheco, e Antonio do campo destruir hũa grãde pouoaça na terra firme, desbaratando primeyro dous mil Haíres / de q forã muytos mortos e feridos, e dos nossos nhũ: e coesta victoria se tornarão pera os capitães mores, q mandarão logo pela pimenta q estava dali perto: e ja noyte se partirão pa Cochí, donde auião de mãdar bo tone que leuaua a pimẽta, carregado de mercadoria atroco dela / e pera ir seguro mãdarã em goarda dele a Duarte pacheco cõ tres capitães: e leuana cada hũcincoenta dos nossos, e dos de Cochí quinhẽtos. E partido Duarte pacheco passou ante manhaã pelo passo estreito q ja disse: e por isso não foy visto, e sendo o dia bem claro / passou pela boca dũa enseada, onde estauão frecheiros sem conto / q lhe tirarão com suas frechas / e se os bateis não fõrão apadessados receberão os nossos muyto dano / por q ho rio he estreito, e chegauãlbe as frechas. E vendo os Duarte pacheco estar apinhoados

parecendolbe q lhes poderia fazer mal, deitou hũ dos capitães em goarda do tone / e ele cõ os outros dous, seguindo os de Cochí, poserão às proas dos bateis em terra / em q auia melhoria d dous mil homẽs, e mandando jogar os falcões q leuauã, por proa derã pelos inimigos / de q espedaçarão muytos / e os fizeram retirar tanto da borda dagoa / que aos nossos lhes ficou lugar pera pojarẽ em terra sã perigo: e assi bo fizerão todos. E como os mais leuauão e pingardas, e bẽstas / fõrão dar santiago neles / q ja fazião rosto, tirãdolbe tantas frechadas, q parecia toparẽe no ar hũas cõ as outras / e pelejarão valentemente hũs e outros, e durou a treles quasi hũ quarto de hora. E cõ tudo fugirão os inimigos ficando muytos mortos por q não trazião armas defensiuas: e os nossos os forão seguindo ate hũ lugar que estava perto: de que sairão tantos Haíres, q ajuntados cõ os que fugião / voltearão sobre os nossos e poserãnos em muy grande aperto por serem bem seys mil homẽs / e muytos deles trabalhauão por se meter antre bo rio e os nossos pera lhe tolber que se nã acolbessem a ele / bo que os nossos não consentirão cõ assaz de trabalho. E assi como defedião bo rio se chegauão parele: no que fizerão todos muy grãdes façanhas / e como forão perto dele os que estauão nos bateis se apartarão e duas partes ficando hũa rua larga por onde os nossos se embarcassẽ sem lhes tocar a artelharria: com cujo medo os inimigos deixarão embarcar sem

nã ſer morto nẽ ferido, q̃ pareceo
 milagre, ſendo os inimigos tantos
 e eles tão poucos. E dali por diãte
 ateho tone ſer em ſaluo não achou
 Duarte pacheco mais perigo, e tor-
 nandose pera Cochim quaſi às dez
 horas do dia chegou ao paſſo, por
 òde paſſou de madrugada e achou
 bo todo çarrado de trinta e quatro
 paraõs que eſtaũão encadeados/
 bem fornidos de gente e armas: pri-
 cipalmẽte de frecheiros: e cada hũ
 tinha ſeu tiro por proa: e em ambas
 as pontas do paſſo em terra eſtaua
 muyta gente que crẽdo q̃ os noſſos
 auã de ſer ali mortos: ou tomados
 acodião a velo. E em os noſſos apa-
 recendo derão os inimigos hũa gran-
 de grita. Duarte pacheco q̃ os vio
 mãdou ter os batels: e juntos diſſe
 a todos. Se não ſoubera ſenbores q̃
 ha dous meſes que pelçais coeſtes
 perros, e q̃ ſabeis ſuas rebolarias:
 e q̃ os conheceis, aida q̃ vos tenho
 por muyto eſforçados, parecerame
 q̃ vos poſera e a frõta eſtarẽ como eſ-
 tão, porẽ nã digo eu ha dous meſes
 mas eſta manhaã dẽ ſeja louuado te-
 ueſtes vos a barba a pto de ſete mil
 de q̃ deſtaſtes o chãõ bẽ cuberto de
 mortos: e aſſi fareis aeſtes cõ a ajuda
 do noſſo ſeñor, porq̃ poſto q̃ eſtẽ em
 barcados a noſſa artelharialhe ar-
 rōbara os ſeus paraõs: e como eles
 ſã mais alteroſos q̃ os noſſos bateis
 nã nos podera fazer a ſua outro tã-
 to: por iſſo cõ a cõfiãça e noſſo deos
 demos neles leuãdo noſſos bateis e
 cadeados. Ao q̃ todos reſpõderão
 q̃ aſſi ſeria bẽ: e q̃ nã ya ali nhũ q̃ ou-
 ueſſe medo a taes perros. E e cadea-
 dos os quatro bateis e os paraõs

de Cochim detras deſparãdo logo
 ſua artelharialhe a tiro deſpingarda
 forão cometer os paraõs/ bradãdo
 todos por Sãtiago, e os inimigos de-
 rão tambẽ grande grita/ e poſerão
 fogo a ſeus tiros q̃ paſſarã por alto
 o q̃ os noſſos não fizerão antes ar-
 rōbarão algũs paraos ao lume da
 goa e os deſencadearão. E acabã-
 do eſta çurriada eſtaũão os noſſos
 a tiro de lãça dos inimigos/ q̃ parece
 q̃ cõ medo dos noſſos os abalrroa-
 rẽ lhes derão lugar pera q̃ paſſaſſe:
 o q̃ eles fizerão de boa võdade, porq̃
 não cuydauão q̃ lhes auia de ſer tã
 facil. E toda via tirãdo a artelharialhe
 e arremelloſos: e como paſſarão por
 eles virarãlhe logo as proas porq̃
 ſe os ſeguiſſem lhes tirãſſẽ a arte-
 lharialhe/ q̃ deſpois de deos ela era
 ſua ſaluação/ e ſegundo os inimigos
 erão muytos ainda ela não abasta-
 ua pera os defender: principalmẽte
 de dez paraos q̃ os ſeguiã muy bra-
 uamẽte, e os outros trabalhauão
 por ſe ajũtar coeſtes, mas não erão
 remeyros: e iſto valia aos noſſos, q̃
 de quãdo em quãdo fazião arreme-
 tidas os inimigos/ porq̃ não cuydaſ-
 ſem q̃ lhe fugiã. E q̃ lhe ouuera de
 cuſtar a vida, porq̃ neſtas arremeti-
 das os outros paraos os alcãçarã,
 e cercarão e redõdo e apertauãnos
 cõ frechadas e arremelloſos/ e feria
 lhe algũs: o q̃ vẽdo os de Cochim fu-
 girão palã q̃ era perto: e diſſerã co-
 mo ficauã os noſſos: ao q̃ os capitã
 es mores acodirão logo: mas ia ſeu
 ſocorro foi eſcuſado: porq̃ os noſſos
 meterão dous paraos no fundo em
 q̃ morrerão quantos eſtaũão neles:
 e como nos outros auia muytos

feridos e mortos fugirão / e os nos-
 sos ficarão quasi todos muyto feri-
 dos: e por isso Duarte pacheco os
 não quis seguir, e foyle pa Cochí.
 E no caminbo achou os capitães
 mores q os yão socorrer / e cõ muy-
 to grande prazer chegarã a Cochí
 onde lhes el Rey fez grande festa /
 muyto espâtado do que fez Duarte
 pacheco / e a ele mesmo rogou q lho
 cõtasse. E dali por diante o teve em
 muyta cõta.

Capit. lxi. De como Afonso dal-
 buquerque foy carregar a Cou-
 lã e assentou feytoria.



De sbarato destes pa-
 raos foy logo auisado
 el rey de Calicut / assi
 como ho era de todas
 as cousas q passauão
 nesta guerra: de que tinha muy grã
 de cuydado por desejar muyto d'la-
 çar os nossos da India: a que natu-
 ralmente queria mal cõ medo que ti-
 nha d'he tomarem a terra. E por is-
 so desejava de os lançar dela: e ho
 procuraua com tanta diligencia / e
 assi em lhes tolher q não ouellesem
 pimenta. Porque fazia conta / que
 não a leuãdo pera Portugal / seria
 causa de não tornare á India: pois
 essa era a cor que dauão a sua vinda.
 E dali por diante prouco as arma-
 das q trazia nos rios cõ tamanba
 força de gente, e tantas munições,
 que nunca os nossos poderão auer
 mais de mil e duzêtos quintais de
 pimenta dos quatro mil bahares q
 os mercadores tinhão prometido.
 Esta foy auida cõ assaz bõ barda-
 das e lâçadas, e cõ infindo derra-
 mamêto de sangue dos imigos. E

por derradeyro el rey de Calicut te-
 ue maneira cõ os mercadores d' Co-
 chí, que não dessem mais pimêta
 ao capitão mór / escusandose com a
 guerra. E de tal maneyra estauão so-
 bornados, que nem rogos del rey d'
 Cochí, nem peitas de Francisco dal-
 buquerque os poderão mudar, pe-
 ra que dessem pimenta. E desespe-
 rando de a auer em Cochí, foy Afõ-
 so dalbuquerque q cõ Pero d'ataide, e
 Antonio do câpo, a buscar carrega
 á cidade de Coulão: porque sabia q
 seus regedores desejaão lá nossa
 feytoria, pelo offercimento q man-
 darão fazer a Pedraluarez cabral,
 e ao Conde almirante. E leuaua de
 terminado que quando lhe não qui-
 sessem dar carrega, q'he fizesse guer-
 ra. Partido Afonso dalbuquerque
 de Cochim com os capitães que di-
 go / chegou ao porto da cidade de
 Coulão, que esta doze legoas d' Co-
 chí. Esta cidade como ja disse / âtes
 da edificação de Calicut / era a prin-
 cipal do Malabar / e ho mais gros-
 so e rico porto de toda aquela costa.
 E cõ tudo ainda he grãde e fermo-
 sa / suas casas, pagodes / e mesqui-
 tas / sam como as de Calicut / e tẽ
 muyto bõ porto he muyto abasta-
 da de mantimentos / e são como os
 d' Calicut. Seus moradores sã Ma-
 labares gêtios e mouros: Os mou-
 ros são muyto ricos / e grandes
 mercadores: principalmete depois
 q ouue guerra âtre el rey d' Calicut,
 e os nossos, q muytos mercadores
 d' Calicut se forã lá morar. Tratã pa-
 Choramãdel / Ceilã / ilhas d' Ma-
 diua / Bengala / Pegu / camatra /
 e Malaca. Ho Rey desta cidade /

hemuy grande senhor de terra: em q̃ ha grande scidades, e muyto ricos portos de mar / em que té grãdes dereytos: e por isso he muyto rico de tesouros / e muyto poderoso de gēte dar m̃as: de que a mōz parte sam frecheiros. Traz sempre a sua goarda trezentas molheres, que tã bem sam frecheiras / e muyto destras em tirar. E trazê todas nas mamas bũas fũdas de panos de seda: com que as trazem tão apertadas q̃ não lhe fazem nhũ nojo ao tirar. Tê ho mais do tempo guerra com el rey de Rarsinga: e dalhe assaz q̃ fazer. Ho mais do tempo está em bũa cidade chamada Cale: e tem regedores em Coulão: em q̃ esta bũa igreja que milagrosamēte fez ho apostolo sam Thome, vindo ali pregar a santa fē catholica. E segũdo a gēte da terra tē, foy desta maneyra: ama nbeceo hũ dia no mar hum muyto grande tronco dar uore q̃ encalhou na praya. E porque fazia nojo mandou el rey tiralo: mas nem gēte / nē alifantes ho poderão tirar tamanho era, que nē somēte ho mouião. E vendo ho apostolo que desespera uão de ho tirar, preguntou a el rey / se tirado ho lhe daria hũ pedaço de chão em que fizesse bũa igreja e louuor de nosso senhor Jesu Christo, q̃ ho ali mandara. El rey serio dele vê dobo tão fraco como ele andaua da muyta austinencia que fazia: e ele lhe respondeo que ho poder de Deos com q̃ ele esperaua de tirar aq̃le tronco era muyto mōz que ho seu. El rey lhe prometeo o que pedia, se ho tirasse. Então atou ho apostolo bũ cordão / q̃ trazia cingido em hũ

esgalho do tronco: e tirado por ele leuou ho ate ho lugar onde queria. Do que todos se spantarão: e muytos se tornarão Chriſtãos: e el rey lhe deu lugar pera a igreja / que ele logo começou de edificar. E por ser costume na terra, que quando se começa algũa obra / antes que os officiaes lhe ponhão mão lhe dão certo arroz: e despois q̃ começam lhe dã cada dia a noyte bũa moeda chamada fanão q̃ val dezaseys reays. Quãdo ho apostolo ouue de começar a obra chamou os officiaes / e deu a cada bũ tanta quantidade da rea quanta lhe auia de dar darroz / que por virtude de nosso senhor se tornou nele. E despois q̃ começaram de trabalhar daua a noyte bũa canaca a cada official / e tornaua se fanão: de que todos se spantauão muyto: e dizião que aquele homem era santo / e chamauãlhe Martama: e cada dia se conuertião muytos. E ainda agora antre os gentios deste reyno auera bem doze mil casas de Chriſtãos que de geração em geração procederão destes. E tē antre si algũas igrejas: e isto no sertão. Assim acabou ho apostolo a sua igreja, que mandou enmadeirar daq̃le tronco. E vendo el rey de Coulão quantos se conuertião por seus milagres, mādou ho lançar fora de sua terra. E ele se foy a bũa cidade chamada Malai pur, na mesma costa, e do senhorio del rey de Rarsinga. E ainda aqui por ser perseguido dos gentios / segũdo dizem Chriſtãos de Coulão / se apartaua soo pelos matos. E andando assi dizem que hũ gentio que andaua ca-

quando vio estar muytos pañões jutos no chão: e antreles hũ muyto mór que todos / q̃ estava sobre hũa lagia / a q̃ bo caçador fez hũ tiro cõ hũa frecha / e atraueffoubo: e leuãtandose cõ os outros tornou se no ár corpo domẽ. Do q̃ bo caçador es pantado se foy contalo á cidade: de que veo bo governador dela velo: e vio q̃ aq̃le corpo era bo desam Ebo me: e na lagia estauã figuradas duas pegadas domẽ. E bo governador bo mandou entrar em hũa igreja que ali fabricara. E enterraraõ seus discipulos: e eles leuarão a lagia que tinha as pegadas, e poserã na junto da coua. E quando bo meterão nela nunca lhe poderão meter debaixo da terra o braço dereyto. E assi estene por muytos annos ate que ali forão Chis em romaria por bo terem por santo. E quiseran lhe cortar bo braço pera bo leuarẽ em reliquias pera sua terra: e è bo que rãdo fazer ecolbeose bo braço pera dẽtro e nunca mais foy visto. Esta igreja onde foy sepultado he feyta como as nossas cõ cruces no altar: e hũa grande no meyo da abobada com pañões por diuisa: e està muyto dãnificada e cercada de mato, porq̃ a cidade he desponoada / e hũ mouro pobre tẽ cuydado dela por não auer na terra derredor Chriſtãos: e pede esmola aos q̃ ali vão e romaria assi Chriſtãos como gẽtiõs: e os mouros lha dão rãbẽ por estar na sua terra. Chegado Afõso dalbuquerque ao porto desta cidade, e sabẽdobo os regedores forão assẽtar coele paz a sua nao, q̃ se fez cõ cõdição q̃ os nossos teueſſe feytoria

na cidade: e q̃ pera aq̃las naos lhe uelleſſem carregar: no q̃ se logo etẽdeo. E no tempo q̃ aqui estene em quãto hũa nao carregaua andauão duas, duas legoas ao mar: vigiando as q̃ passauão doutras partes e a todas fazião por bẽ: ou por mal q̃ fosseſſem seus donos falar a Afonso dalbuquerque q̃, e dar lhe obediencia como a capitão mór del rey de Portugal: e não lhe fazia nhũ dãnno somẽte as dos mouros do mar roxo, e a estas queimaua despois de saq̃adas por vingança do que fizerão a Pedraluarez cabral: do que os de Coulaõ auiaõ grãde medo. E acabada a casa da feytoria / e carregadas as naos deixou Afonso dalbuquerque q̃ nela por feytoz a hũ Antonio de sã com dous escriuães. s. Ruy daraujo / e Lopo rabelo, e bo Madeyra por lãgoa, e frey Rodrigo por capelão, e Ruy dabreu, Pero loureço, e Bõçalogil: e outros que per todos forão vinte / e deixãdoos em paz, partio se pera Cochim.

Capit. lxiij. De como se assentou paz antre Francisco dalbuquerque e el rey de Calicut, e como foy quebrada.



Muyto pesou aos mercadores mouros de Coulaõ do assento da nossa feytoria porq̃ a fora bo odio q̃ tinhão aos nossos parecia lhes que os aulão de fazer ir dali e trabalarão quanto poderão com el rey de Coulaõ: q̃ não consentisse a feytoria, e não bo podendo acabar meterão por terceyro a el rey de Calicut a quem escreuerão o que

passaua. Mas tã pouco acabou como eles do que ficou muyto triste: e mais conheceo que pera lâçar os nossos fora da Índia lhe aproueita na pouca não os acolher e seu porto, pois os reys d'Cananoz, de Cochim / e de Coulaõ os acolhião nos seus e lhes dauã carrega. E vio claramente que não tendo paz com os nossos perderia suas rendas, porq os mouros quelhas dauão nã tratauão como dâtes cõ medo dos nossos. E tendo paz coeles tornarião a seus tratos: e ele cobzaria seus de reytos, de que tinba perdido muyta parte. Pelo qual e todo caso lhe conuinha ter paz com os nossos. E deitada esta cõta / não quis dar parte dela senão a seu irmão, q lhe aconsellhou q assi ho fizesse / dãdolhe pera isso muytas rezões. E secretamente mandarão recado a Frãcisco dalbuquerque sobre as pazes, com cõdição q pagaria em pimenta a fazêda q fora tomada a Pedraluarez cabzal. E cõ o parecer dos outros capitães / e del rey de Cochim foy assentada a paz cõ cõdição q el rey de Calicut mandasse despejar suas armadas q trazia pelos rios: e pela fazenda q fora tomada a Pedraluarez desse quatro mil e quinhentos quintais de pimêta pera os levar e naquelas naos. E que auia de mandar entregar presos em ferros os Itilianos arrenegados: e q nhũ nao de mouros de Calicut podesse nauegar pera ho mar roxo: e q auia de ser amigo del rey de Cochim. E coestas condições foy feyto hũ contrato de pazes antre el rey de Calicut / e Francisco dalbuquerque: só

mente se tirou a entrega dos dous arrenegados / em que el rey de Calicut não quis consentir. E tirãdo esta cõdição assinou el rey ho cõtrato. E isto foy feyto tão secretamente nunca ho senhor de Repelim / nem nhũ dos mouros ho souberão senã despois de feyto: do q eles ficarão muyto escandalizados, e tão sospitosos del rey q algũs se forão d'Calicut. Este segredo teue Hambeadarim, porq a paz ouuelle effeyto: porq nunca ho ouuera se ho souberão os mouros. Assentada a paz / logo Hambeadarim se partiõ pera Cranganor: porq hi se auia de dar a pimenta que não quis q se desse em Calicut / por se escusar e brigas, ou outras deferêças q poderião recrecer antre os nossos / e os mouros: e tambẽ pera dali poder logo recolher as armadas q andauão pelos rios. E a Cranganor mandou Frãcisco dalbuquerq Duarte pacheco pa leuar a pimêta q podesse na sua nao: e q leuasse a hũ caualeyro chamado Rodrigo reynel pera feytoz daquela pimêta, e coele dous escriuães. Os quaes Duarte pacheco mandou a terra dandolhe primeyro Hambeadarim arrefens. E como ele desejaua muyto que esta paz fosse por diãte fez aos nossos todo ho bõ galbado q pode. E deu na carregação da pimêta todo ho auiamento q foy possiuel: e deu lhe oyto cêtos quintais de pimêta. E sabẽdo Frãcisco dalbuquerq a cousa como ya / porq se desse mór pressa, e quãto Duarte pacheco descarregaua mādou a Alculao coelho q fosse por mais pimêta, e e qnto hũ d'ascarregaua

ya outro carregar. E andando nisto/leuãdo hũ dia hũs Malabares hũ tone de pimenta por dentro dos rios pera Cranganor/bo feytor de Cochim sem bo saber Francisco dalbuquerque bo mandou tomar por homẽs da feytozia/ dizendo que el rey de Calicut cõ dissimulação de dar pimẽta aos nossos mãdaua ao mar roxo contra bo contrato das pazes. E a pimenta foy tomada/ e morto hũ dos Malabares: do que Hambeadarim se aqueixou muyto a Duarte pacheco/ por q̃ conbecia a el rey seu irmão por tal que se auia õ querer vingar. se Francisco dalbuquerque não desse disso algũa emẽda: mas ele a não deu. O que sabẽdo el rey de Calicut mãdou a Hambeadarim que soltasse pelos rios as armadas que tinba recolhidas. atco bzar o que valia a pimenta que lhe tomarão. E reuolueose a cousa de modo que os mercadores que leuauão pimenta á nossa feytozia de Cochim a não querião leuar. E Francisco dalbuquerque que via que tinba culpa naquillo / não ousaua de se queixar a Hambeadarim das armadas que soltara pelos rios/ e dissimulaua. E mandou dizer aos mercadores que leuassem a pimẽta a hũ certo passo: e que ele a iria hí receber. E mandou lá Pero rafaell na sua carauela, e hũ batel armado em sua cõpanhia. E como forão no passo forão logo sobreles corenta paraõs/ e pelejarão coeles, e ferirão lbemuytos. E tão mal tratada foy a carauela/ que foy necessario ao batel ir pedir socorro a Francisco dalbuquerque, q̃ lhe foy logo acodir: e

com sua ida fugirão os paraõs, e a carauela ficou tão furada das bombardadas que a leuarão ao porto da nossa fortaleza: e tirarãna a moutepera a concertarem/ e daqui ficarão as pazes quasi quebradas: e nõ se deu em Cranganor mais nhũa pimenta/ nem Hambeadarim não quis dar licença a Rodrigo reynel: nem aos outros com quanto lba ele pediu pera se ir pera Cochim / e disse lhe que senão fosse porque as pazes não erão quebradas de todo q̃ ele esperaua de as tornar a assentar: e faziãbe bo mesmo fauor q̃ dantes/ cõ todo bo gasalhado que podia ser/ e ainda que Rodrigo reynel escreueo a Francisco dalbuquerque que bo mandasse pedir e lenão quis/ dizendo que se deixasse estar, porque se bo mandasse pedir quebrar-se-ão as pazes de todo: o que elenã queria por q̃ esperaua de as tornar a assentar quando passasse por Calicut pera onde estaua de caminho.

Capit. lxxij. De como Francisco dalbuquerque e Afonso dalbuquerque se partirão pera Portugal/ e deixarão por capitão mór a Duarte pacheco em Cochim.

Stando as cousas nestes termos foy dado hũ recado a Francisco dalbuquerque de Cojebequim / mouro de Calicut q̃ era grande amigo dos nossos como ja disse/ q̃ el rey de Calicut estaua determinado de tornar sobre Cochim despois de sua partida pa portugal: e tomalo e fortificalo de maneyra q̃ defedesse o porto a armada q̃ viesse. E pa isso tinba aqui

rido todos os senhores do Malabar: e que se affirmava que ho auia de ajudar el rey de Cananor e el rey de Coulaõ, e os mercadores mouros lhes dauão grandes ajudas. E ho mesmo escreneo Rodrigo reynel dahi a poucos dias: e que el rey de Calicut ajudava gente e mandava fazer muyta artelbaria: e que os mouros de Cochim erã em sua ajuda, por isso que se não fiasse deles. E dali a dous dias foy el rey de Cochim ver Francisco dalbuquerque e contoulhe ho mesmo que ho sabia de hũs brameses q̃ vinbã de Calicut, dizẽdolhe que ouhassem em quẽ perigo ficava de perder Cochim se não ficasse armada que ho defendesse, pondolhe diante quantos dãnos tinha recebidos por foster nossa amizade: e como por essa causa se levantarã os seus cõtrele e ainda lhe queriã tornar a fazer a mesma guerra: e pozem que ele confiava tãto na ajuda dos nossos, q̃ não queria outra pera se defender de seus inimigos: por isso que lha não negassem. Ao q̃ Francisco dalbuquerque respondeo, q̃ se ele soubesse quanto tinha ganhado nos dãnos q̃ recebera por foster os nossos, q̃ receberia outros muyto mōres: se maiores podem ser. Porque deixãdo a fama que ganbara de verdadeyro e magnanimo: tinha cobrado por amigo a el Rey de Portugal que era senhor de tacs vassallos como vira/ que tambẽ seriã seus pera ho servir quando cõprisse: e q̃ com pouco trabalho ho fariã señor doutras cidades mayores q̃ as de Cochim: e creesse q̃ assi como ho eles restituirã

em seu estado/ q̃ assi ho cõservariã nele: e que ele cria tãto pouco ã el rey de Calicut/ q̃ posto que as pazes esteverã mais firmes do q̃ estavã não se fora da Índia sem deixar nella hũa armada/ porq̃ bẽ sabia quã pouco se el rey de Calicut parecia coele ã ser verdadeyro: e se dissimulava isto/ era pera ver se podia acabar de carregar em paz: porque por guerra não acabaria nunca: e acabava se lhe a moução de sua viagem. Coesta reposta ficou el rey satisfeito, e não podendo Francisco dalbuquerque aver mais pimenta que a q̃ tinha que era bem pouca/ determinou de se partir pera Portugal/ e primeyro declarar quem avia de ficar por capitão mōr na Índia pera que ho soubesse el rey de Cochim. E como ele sabia q̃ a ficada era muyto perigosa por a muyto pouca gente que podia deixar não ousava de cometer a nbũ dos capitães que ficasse. e por derradeyro de a offrecer a todos/ e eles a não quererẽ a deu a Duarte pacheco que a aceitou de boa vontade mais pera servir a Deos e a el Rey: que por lhe ser prouetosa: que bem sabia quã pouca fazenda avia de ganhar em ficar na Índia da maneyra que sabia q̃ avia de ficar: e sabẽdo el rey de Cochim como ficava, ouvesse por contente disso polo que dele sabia. E despois disto se partio Francisco dalbuquerque levando toda a armada com dizer a el rey de Cochim que a levava ate Cananor por amor da armada de Calicut q̃ ho não salteasse: e por lhe nã fazer algũa roidaõ no seu porto õde se avia de deter: como deterne

pera pedir Rodrigo reynel / e os outros q̃ hi estauão. E sabido por el rey sua determinação / lhe mandou dizer que ho não leuasse: porq̃ ele não auia as pazes por quebradas. E se quisesse esperar, lhe acabaria de dar a pimenta que auia de dar. E vendo ele isto pareceolhe q̃ não era verdade o que dizião do abalo del rey de Calicut: ou deu a entender quelho parecia assi / porque ficassem de melhor vontade os que auião de ficar na Índia. E nã quis leuar Rodrigo reynel / nem os outros: nem quis esperar pera tomar toda a pimenta / porque era ja tarde. E vindo ali ter coele Afonso dalbuquerque de Coulaõ se partirão pera Cananoz, onde lhes Rodrigo reynel escreueo que a noua da ida del rey de Calicut sobre Cochim era muyto certa / e que todos os cõprimentos que fizera forão por medo delhe não queimar as naos que estauão no porto. E q̃ os capitães mōres encobrirão, porque ho não soubesse Duarte pacheco / a quem deixarão na sua nao / e mais duas carauelas / de q̃ erão capitães Pero rafael, e Diogo pirez: e hũ batel de hũa nao, e deixarãlhe nouenta homens: por que tirando os de que tinha necessidade pera marearem as naos. os mais estauão muyto doentes. E assi lhe deixarão a mais arte lharía / e munições que poderão. E sabendo todos ho grande poder del rey de Calicut, espantauãse de querer Duarte pacheco ficar com armada tão pequena: e dauãno ja por morto / dizêdo. Perdoe Deos a Duarte pacheco / e aos que ficão

coele. E ainda que ho ele ouuia não deixou de ficar / mostrando que ficaua muyto contente / nem nunca pediu mais gente que a que lhe deixauão. E despachado partirãse os capitães mōres pera Portugal ho derradeyro de Janeyro d mil e quinhentos e quatro, partindo primeyro Afonso dalbuquerque / e Francisco dalbuquerque, e Alcuilaõ coelho se perderão no caminbo, porque nunca mais ouue noua deles. E Pero dataide foy ter a Quiloa: e na barra se lhe perdeu a nao: e ele se saluou com algũa gente com que se foy a Moçambique em hum zambuco: e hi morreo de doença. E primeyro q̃ morresse escreueo hũa carta pera q̃lquer capitão de Portugal que hi aportasse / em que contaua sua perdição, e como ficaua a Índia. E Afonso dalbuquerque, e Antonio do campo chegarão a Lisboa a vinte tres de agosto do anno que digo. E Afonso dalbuquerque contou a el rey como ficaua a Índia e deulhe quatroçêtos arratēs daljofar e coarenta de perolas e oyto com conchas onde ho aljofar nace / a que chamamos madre perola / e hũ diamão tauoleta tamanbo como hũa grande faua, e muytas joyas de pedraria / e dous caualos hũ araby e outro persiano.

Capit. lxxiiij. Do que aconteceu a Antonio de saldanha e aos seus capitães ate chegarem á Índia.



Tras fica dito como Antonio de saldanha partio de Lisboa por capitão mōr de Ruy Lourenço

raualco / e de Diogo fernandez pe-
teira pera andar darmada no cabo
de Boardafum e descobzir deſpois
ho estreito do mar roxo. Pois par-
tido ele de Liſboa por culpa do ſeu
piloto foy ter á ilha de ſam Thome
e daqui aquem do cabo de boa Eſ-
perança, aſſirmandose ho piloto q̃
ho tinha dobrado / e achouſe atras
dele onde agora ſe chama a agoada
de ſaldanha / que por Antonio de
ſaldanha ir ali ter primeyro e fazer
agoada em bũ rio que ſe ali meteno
mar lhe ficou eſte nome: e daqui ſe
partio Antonio de ſaldanha ſó por
q̃ os outros dous capitães ja átes
de chegar aqui ſe apartarão dele cõ
tempo, e no caminbo paſſado Mo-
çambiã tomou tres naos de mou-
ros que ſe lhe renderão ſem peleja,
e coelas chegou a Melinde onde a-
chou Ruy Lourenço rauaſco / que
apartado dele cõ ho temporal que
lhe deu foy ter a Moçambique, dõ-
de não achando Antonio de ſalda-
nha ſe foy a Quilloa, e deſpois de
ho esperar algũs dias e não vindo
ſe partio / e ſaindo do porto tomou
dous zãbucos de mouros de Mo-
baça que mandou dar a el rey de
Quilloa por lhe fazer bonrra / e por
andar por ali esperando Antonio
de ſaldanha ſe foy a bũa ilha que ſe
chama Zanzibar vinte legoas a ré
de Bombaça, que tem rey e he po-
uoadade mouros, e antrela e a ter-
ra firme ſe faz bũ canal / õde ſe Ruy
Lourenço deixou eſtar bem dous
meſes em que tomou muytos zam-
bucos carregados de mantimẽtos
da terra / e deſpois ſe foy ao porto
da cidade de Zanzibar õde chegou

ao ſol poſto, e por iſſo não pode fa-
zer mal a algũas naos e muytos zã-
bucos q̃ he eſtauaõ: e ao outro dia
lhe mandou el rey bũ recado / que
ſe ele era o que tomara os mantimẽ-
tos que leuauão pera ſua cidade q̃
lhe perdoaua com tanto quelhe deſ-
ſe a artelharia q̃ leuana e reſtituiſſe
o que tinha tomado. Ao que Ruy
Lourenço reſpondeo / que le toma-
ra os mantimentos fora por lhos
não quererem vender: e que não co-
ſumaua de dar a ſua artelharia nẽ
lha auia de dar: e que ſe quiſeſſe ſer
amigo del Rey de Portugal q̃ ho
ſeria ſeu. Ouida eſta repoſta por el
rey, mandou embarcar muyta gẽte
em paraõs que tinha pera tomarẽ
a nao: o que vendo Ruy Lourenço
antes que os meuros acabaeſſem dẽ
barcar mandou lá bũ Somez car-
raſco por capitão do batel com trin-
ta e cinco homẽs que com bũ tiro q̃
leuaua começou de ſacudir os para-
õs antes que ſaiſſem do porto, com
cujo medo os mouros os começa-
rão de deſpejar. E niſto chegou So-
mez carraſco a quatro que ainda eſ-
tauaõ peſados / e aferrando coeles
matou com os ſeus muytos mou-
ros e os outros fez ſaltar ao mar, e
tomãdo os paraõs ſe tornou á nao
e em ſe tornãdo chegou á praya bũ
filho del rey com quatro mil mou-
ros os mais frecheiros que ya aco-
dir aos paraõs, e deixarãſe eſtar co-
mo q̃ goardauão ho porto. E Ruy
Lourenço que os vio daquela ma-
neyra, mandou de preſſa paſſar da
nao algũs tiros a dous zambucos
que tinha em que mandou por capi-
tães Somez carraſco e Lourenço

fez que levando també ho batel se chegarão a terra ho mais que pode rão. E ho filho del rey vendo os ir, cuydado que querião desembarcar ajuntou sua gente onde leuauão as proas e eles fizeram desparar sua artelbaria e da primeyra curriada derribarão trinta e cinco mouros següdo se depois soube, e antreles foy ho filho del rey e onue muytos feridos, e os outros fugirão e forão dar as nouas a elrey / que por não ser destruido mādou pedir paz a Ruy Lourenço que iba deu com cōdição que ficasse vassallo del Rey de Portugal com pagar cem míticaes de tributo cadāno e trinta carneyros. E ele foy contente, e pagou logo ho tributo daquelle anno. Isto feyto foy se a Belinde e busca Dāntonio de saldanha que não era ainda vindo: e achou q elrey de Bombaça fazia guerra a elrey de Belinde por ser amigo del Rey de Portugal / e que estava pera vir sobreleco muyta gente / do que elrey de Belinde estava agastado: e Ruy Lourenço ho esforçou / dizendo que ele faria tanta guerra a elrey de Bombaça q ho deixasse: e partio se logo pera Bombaça e de caminbo tomou duas naos e tres zambucos em q tomou doze mouros que erão os principais regedores dūa cidade daquela costa chamada braua q alem de se resgatar e por muyto preço por saluarem hūa nao que vinha atras em que trazião muyta riqueza se fizeram vassallos del Rey e por rugal com quinhentos míticaes de tributo cadāno que logo pagarão. E chegado Ruy Lourenço á bar-

ra de Bombaça pos se ali pera to- lher as naos que fossem de fora que não entrassem / e soube logo que elrey de Bombaça era partido pera Belinde, e assiera. E sabēdo elrey de Belinde como yaho sayo a receber e ouuerão batalha. E não ficādo a vitoria com nhū elrey de Bombaça se tornou logo, porque soube como Ruy Lourenço estava na sua barra e temeo se de desembarcar / e fazer lhe muyto dāno na cidade por a pouca gēte que lhe ficaua: e andādo muyto depressa chegou a Bombaça onde achou que tinha recibida muyto grande perda de seus de- reytos por as naos que Ruy Lourenço estoruarā que nā fossem a seu porto, e vio que lhe não podia fazer outra mayor guerra que aquella. E neste tempo chegou Antonio de saldanha a Belinde. E q sabido por elrey de Bombaça temeo se que cō seu fauor lhe fizesse elrey de Belinde guerra / e por isso fez paz coele. E vendo Antonio de saldanha que elrey estava em paz / partio se com Ruy Lourenço, e dobrado ho cabo de Boarda fum forão ter a hū lugar grande chamado Metesenho, reado por hū Xequé, com cujo consentimento Antonio de saldanha mandou fazer agoada / e fazēdo se levantaram se os mouros contra os Portugueses, que saindo bem da peleja com deixarem tres mouros mortos se recolherão: e el bombardeado ho lugar, nā se quis Antonio de saldanha ali deter mais / e atranessou á costa Darabia acima da deimpera ir inuernar a hūas ilhas que se chamão de Canacani, e ātes

de chegar a elas tomou duas naos de mouros: e querendo fazer agoada na costa não pode por lho cōtrariarem os impuros per duas vezes, e tendo muyta necessidade d'agoa por as ilhas a não terem, se partio pera outras que não pode tomar/ pelo que lhe foy necessario irse caminho da India/ e por ser ja lá invernou foy com muyto perigo tomar a ilha Danjadiua/ onde ho achou o po soarez como dizey adiante, e Diogo fernandez peteira tambeim passou muyta fadiga e foy ter a Cochim no cabo da guerra que Duarte pacheco teue com el rey de Calicut como agora dizey.

Capit. lxx. Do que ho capitão mór Duarte pacheco fez em Cananoz indo pera Cochim: e do q lá passou com el rey.



Artido Frãisco dal buquerq pera Portugal, Duarte pacheco que ficaua por capitão mór na India, em quanto se auia de deter em Cananoz pera tomar mantimentos, foy surgir fora da ponta de Cananoz: e dali mãdaua a Pero rafael andar de largo/ e que lhe fizesse arribar quantas naos podesse: e ele ficaua só: porque Diogo pirez ficara em Cochim com sua carauela a monte. E Pero rafael fazia arribar as mais das naos hũas por medo de as meter no fũdo com artilharia/ outras por sua vontade. Duarte pacheco sabia muy mudeamente dõde erão/ e pera onde yão/

e o que leuauão/ e se achaua pimeira tomauãlha. O que fez a algũas naos que yão de Calicut. E tão rigorosamente bo fazia que era muy temido. E fazendo isto hũa noyte derão sobre ele obra de vinte cinco velas tão de supito, q lhe fizerão crer que era armada de Calicut por as atoadas q d'isso trazia. E pola pressa em que se vio mandou alargar a ancora pelo escouuem que a não pode leuar pelo cabrastante. E dando às velas se fez na volta do mar pera se poer abalraueto daquelas velas, em que mandou desparar sua artilharia. E como erão zambucos carregados darroz acolherão se quanto poderão, e algũs vararão e tera se não hũa grãdenao de mouros que vinha em sua conserua/ em que irião bem quatrocentos que erão do reyno de Cananoz. E parecêdo-lhe que se podesse ajudar dos nossos andarão cozes às frechadas/ e bombardadas ate ho quarto da lua que disserão quẽ erão tendolhe mortos noue homens, e feridos muytos. E porque ja neste tempo não oufaua de passar por ali nũa nao com medo de ser tomada/ partio se Duarte pacheco pera Cochim/ e no caminho pelejou com algũas naos de mouros/ e delas tomou e quelmou, e outras meteo no fũdo: e com muyto grãde vitoria chegou a Cochim á nossa fortaleza õde soubedo feytoz que a noua da guerra del rey d Calicut era verdadeyra, e que el de Cochim estaua com grãde medo/ e que os mouros de Cochim erão muyto contrairos a sofrer a guerra contra el rey de Cali-

cut. E ao outro dia foy ver el rey de Cochim levando seus bateys apadeitados/embãdeirados e artilhados: e fezse muyto defesta pera que alegrasse el rey de Cochim, que sabendo quão pequena armada lhe ficara não se pode alegrar: e muyto triste lhe disse q̃ os mouros de Cochim lhe tinhão dito q̃ ele não ficaua na India se não pera recolher a fazenda da feytozia de Cochim com bo feytor, e os mais que estauão nela/ e levar tudo a Cananor, ou a Couilão: quelberogaua muyto que lhe dissesse se era verdade/ porque a elle lho parecia segundo a pequena frota que lhe ficaua/ nem ele não queria ficar pera pelejar com tamanho poder como era ho del rey de Calicut, senão pera fazer o que lhe os mouros dizião: por isso q̃ lhe disse se a verdade/ porque se era assi buscaria seu remedio em quanto teuesse tempo posto q̃ ele ho tinha bem mais se ho ele desemparrava, pois nã tinha outrem que ho ajudasse: e conhecendo Duarte pacheco a descõfiança del rey agastouse muyto, e respondeolhe, dizendo. Muyto me espanto de ti tendo tanta experiẽcia da lealdade dos Portugueses pregũtar-me se fiquey pera fazer tamanha treyção como seria se fizesse em tal tempo o que te disserão os mouros: e crelos sabendo que sam tamanhos nossos imigos como está notorio: e sabendo tudo isto não deueas de poer e pratica hũa cousa tão fora de rezão. Porque se a Frãscobalbuquer que quisiẽra fazer muyto melhor fora fazelo ele cõ todos os capitães, porque deixandome só pe-

rabo fazer corro risco de me sair nesse mar hũa grossa armada del rey de Calicut e tomar-me. E querẽdo todavia que ficara pera bo fazer/ eleito dissera e que ho fazia por se temer del rey de Calicut: porque te tinha por tão arreoado que tenão parecera mal fazelo por essa causa: pois dela te resultaua proueito que ficauas liure da amizade del rey de Calicut, o que se os mouros bem a tentarão não disserão tamanha falsidade, e cre q̃ se nos podessem empecer em mais que bo farião, e att pelo amor que nos tẽs/ e eu ho sey muyto bem: mas não te de disso/ que posto q̃ percas a eles e aos outros de teu seruiço cobras a mi e a quantos Portugueses qua ficão q̃ morreremos todos por te servir se for necessario: e pa isso ficamos na India/ e eu principalmente: q̃ ninguẽ me obrigaua a isso, se eu nã quisiẽra. Mas obrigou me ho desejo que tenho de te servir pola fẽ que goardas te aos nossos ate perder Cochim, e bo ver queymado. Do que te deues de prezar muyto: pois por isso se estendera tua grande fama per toda a terra: e ficara teu louuor pera sempre, que he ho melhor tesouro q̃ os reys podem deixar: e porque mais trabalhão os bõs. E cre que el rey de Calicut ficou vencido em te queimar Cochim. E assi como foste despois bem vingado de teus imigos pelos Portugueses/ assi seras agora ajudado, e emparado por eles: q̃ ainda que pareçã poucos, e a frota muyto pequena/ en te prometo q̃ muyto cedo pareçamos muytos nas obras/ que espero em uosso se-

nhor que anemos de fazer em defen-
der qualqher passo / por onde el rey
de Calicut quisser entrar: e q̃ hi ho
seminhos desperar: e nos nã auemos
de mudar de noyte nem de dia. E pe-
ra os passos q̃ são estreitos sobeja
a nossa armada. E por isso me nã fi-
cou mayor, q̃ pera os rios abasta es-
ta. E pois me amim escolberão pe-
ra ficar / cre que sabião q̃ deixauão
quem te escusará de trabalho / e os
teus de fadiga. E eu, e os que comi-
go ficão, anemos de ter sobrenos to-
do ho peso da guerra. Tu folga / e
descansa, q̃ prazendo a nosso senhor
não ha de ser como da outra vez / q̃
perdeste Cochim.

Capit lxxi. De como ho capitão
mór Duarte pacheco fez que não
despouoassem a cidade, os mou-
ros de Cochim.



Esselegado coísto el-
rey, do aluoroço em q̃
os mouros ho tínha
posto: foy ver Duarte
pacheco os passos de
Cochim / pera fortale-
cer os que teuessem dísso necessida-
de / e achou que nhũ a não tinha se
não ho do vao / em q̃ mandou fazer
hũa estacada pera ho çarrar, q̃ não
podesse entrar nhũ nauio dos imi-
gos. E neste tempo foy auísado por
carta de Rodrigo reynel, que çama-
lamar hũ mouro principal de Co-
chim / e assi os outros trabalhauã
quanto podião por se despouoar a
cidade. porque el rey ficasse só / e so-
briísto fora çamalamar falar ou-
as vezes cõ el rey de Calicut, e lhe

escreuia cartas: do que Duarte pa-
checo ficou muyto agastado: e por
atalhar que não ouuesse efeyto aq̃le
ardil / pareceolhe q̃ seria bõ enfor-
çar çamalamar, pera q̃ os outros
ouuessem medo. E sabêdho el rey
de Cochim não quis, dizendo que
se enforcassem aquele / os outros se
amotinarião logo, e não aueria mã
timentos na cidade, porque eles os
mandauão trazer por mercadoria /
por isso q̃ seria melhor dissimular.
E vendo Duarte pacheco q̃ el Rey
não queria / disselhe que queria fa-
zer hũa pratica aos mouros: e q̃ ti-
nha cuydado hũ ardil pera q̃ se não
fosseninguẽ da cidade / q̃ mandasse
aos seus que lhe obedecessem no q̃
lhes mandasse. Ho q̃ el rey mādou
perante ele mesmo: e isto mandado,
ele se foy com obra de cozena dos
nossos a Cochim a casa de Belina-
macar, hũ mouro mercador hõrra-
do q̃ moraua perto do rio: e rogou-
lhe q̃ mādasse chamar certos mou-
ros que lhe nomeou: porq̃ lhes que-
ria dar conta de hũa cousa que rele-
uaua a todos / a que os mouros fo-
rã o logo, p̃ q̃ lhe auião grãde me-
do, e vindo eles lhes disse.

Mandeyuos chamar hõrrados
mercadores / pera vos dizer o porq̃
fiquey na Índia, porq̃ quiça ho nã
sabeis todos / e por isso dizẽ algũs
que fiquei pera recolher a feytoria,
e leuala a Coulão: ou a Cananor: e
porque saybais que não he assi vos
quero dizer a verdade. E unão fiq̃
pera outra cousa se não pera goar-
dar Cochim: e se for necessario mor-
rer com quantos ficarão comigo so-
bre vos desfeder del rey de Calicut:

z isto vereis claramente se ele vier/
 q̃ vos prometo que ho hey de espe-
 rar no passo de Cabalão/ per onde
 me dizem q̃ quer entrar: z ali se ou-
 sar de pelejar comigo p̃dêlo pera
 bolear a Portugal. E ate que nã
 vejais ho côtraio disto, vos rogo
 muyto q̃ não vos vades ô Cochim
 donde sey que estais abalados pera
 vos ir/ z aluorçais ho pouo pera
 isso: z como soy os principais, to-
 mão os outros de vos exemplo pe-
 ra ho fazer: z eu me espanto muyto
 ô homẽs tãseludos como vos, q̃rer
 des deixar as casas em q̃ nascesteis, z
 a terrã em q̃ morais ha tanto tẽpo,
 nã cõ medo do que vistes/ mas do
 que sômẽte ouvis/ q̃ ainda pera mo-
 lheres he cousa fea/ quato mais pe-
 ra vos/ que se vos quiseris ir com
 me verdes desbaratado/ nã vos po-
 sera culpa/ mas fazer delo sê me ver-
 des dar batalha/ ou he por couar-
 dia/ ou por malicia: pois sabeis que
 ainda ontã tã poucos Portugue-
 ses vêcemos a esses milbares d'imi-
 gos/ q̃ agora nos bão ô vir buscar,
 z se me dizeis q̃ eramos mais do q̃
 agora somos, assi entãõ auíamos ô
 pelejar em câpo largo/ onde era ne-
 cessario sermos muytos: z agora ê
 passo estreyto tanto auemos de fa-
 zer poucos como muytos/ pois se
 eu sey pelejar, bem ho ouueries di-
 zer: porq̃ eu fuy ho que fiz mais dã-
 no aos imigos/ z bẽ ho sabe el Rey
 de Cochim, q̃ mais perderã q̃ vos
 se eu fosse vencido. E confiado ê in-
 z nos q̃ ficarão comigo/ espera ate
 verem q̃ para este feyto que espera-
 mos, z pois ele espera, vos porque
 vos ireis. Lẽbreuos q̃ eu z os que

ficarã comigo, ficamos na India tã
 lonje de nossa terra pera defêder el
 rey de Cochim. E vos seus vassallos,
 z naturais da terra quereis desêpa-
 rar a ele z a ela: cousa muy vergo-
 nhosa de esta pera poleas: quanto
 mais pera homẽs tãõ bãrrados co-
 mo vos: peçouos muyto q̃ nã faça-
 is tamanha deshonrra a vos mes-
 mos, nem a min tamanha injuria/
 em delcõhar q̃ vos defenderey/ por
 que vos dou minha fẽ, q̃ vos poso
 defender doutro poder mayor q̃ ho
 del rey de Calicut, z por isto me es-
 colherã pera este feyto: q̃ bem sabiã
 os q̃ me delcarã na India a guerra
 que el rey de Calicut aua de fazer/
 z ho poder q̃ tinha/ por isso vos tor-
 no a rogar que creais q̃ sendo en vi-
 uo que nunca el rey de Calicut me-
 tera pẽ em Cochim. E rogouos q̃ nin-
 guẽbula consigo/ porq̃ quem fizer
 outra cousa saiba certo q̃ se ho to-
 mo que ho ey denforçar z assi ho iu-
 ro por minha ley, z sabe que ningũẽ
 me pode escapar: porq̃ aqui ey del-
 tar neste porto vigiando de dia z ô
 noyte/ z agora veja cada bũ o que
 lhe cûpre: z se fizer o q̃ lhe rogo ter-
 meha por amigo/ z se nãõ por imi-
 go/ z mais cruel do que espera q̃ ha-
 de ser el rey ô Calicut: z cada bũ dẽ
 ga logo o que quer fazer. E dizêdo
 isto acendeoce tanto ê ira, que sem a
 tentar por isso falana tã alto como
 q̃ pelejava cõ alguẽ: z tinha o rosto
 tãõ vermelho que parecia verter sã
 gue, com que aos mouros selhe do-
 brou tanto ho medo q̃ tĩnbão dele/
 que cuy dauão q̃ os queria logo en-
 forçar/ z comẽçarão de se lhe discul-
 par do que lhes dizia. E ele os não

quis acabar douuſr / pera lhes fazer mór medo. E mandou logo ſurgir a nao deſrôte de Cochim, e hũa das carauelas / e os dous bateis / poſtos é tal compaſſo, que ninguê podelſe ſayr de Cochim per mar, que não foſſe viſto: e tinba tábem muytos paraós eſquipados / com q̃ de noyte vigiaua os rios q̃ cercauão a cidade. E como era ſol poſto, tomaua todos os barcos q̃ podião levar gente e fato / e mãdaua os amarrar aos ſeus nauios / e faziaos vigiar: e pola manhaão tornaua a ſeus donos. E continuamente corria eſtes rios, amanhecendo e anoytecendo em diuerſas partes: porq̃ não teuelſem deſen hũa certeza: e pera q̃ lhe ouneſſem medo / mandaua prender algũs diſſimuladamête, e mandaua os acular pelos noſſos q̃ ſe q̃rião ir: e tinbaos presos, cõ dizer q̃ os auia de mandar enforçar. E andando vigiando hũa noyte, topou q̃tro macuas, que ſão peſcadores / peſcando ſem ſua licença: e fez q̃ ſoſpeitaua que ſe quirião ir / e prendeos em ferros, dizêdo q̃ os auia de mandar enforçar. E ſabendo o el rey, e crêdo que os auia de enforçar mãdoulhos pedir: do que ſe ele moſtrou muyto menencorio / dizendo q̃ não auia de fazer ley pera a nã goardar / por iſſo que lhos não auia de mandar: e que os auia de enforçar. E logo os mandou levar pelo ſeu meiry nho a hũa ilba pera q̃ os enforcaſſe: e ſecretamente lhe diſſe que lhos tornaffe a trazer, e maudou os meter debaixo da cuberta da ſua nao: õde deſpois de os ter eſcõdidos algũs dias, os mãdou a el rey muyto ſecretamête,

porq̃ ſe não ſoubelſe que os nã enforcarã. E co iſto lhe ouuerã tamanbo medo / que ninguê ouſaua de ſayr d Cochim ſem ſua licença: e com iſto ſeaſſe legarã os mouros e gêtios. E com todos eſtes trabalhos q̃ Duarte pacheco tinba / as mais das noytes ſaya em terra de Repelì, em que queimaua lugares, mataua gente / tomaua vacas, e barcos, e lhe fazia muytos outros dânos: de q̃ os mouros de Cochim ſelpantauã muyto, como podia ſofrer tanto trabalho / e dizião que era diabo.

Capit. lxxvj. De como o capitão mór Duarte pacheco fez hũ ſalto em terra de Repelì, e de como ſe partiſo pera bo paſſo de Calicut a eſperar el rey d Calicut.



Eſte tempo foy certificado el rey d Cochim, q̃ el rey d Calicut era chegado a Repelì, pera hãa juntar ſua gente, e irſe a Cochim pelo paſſo de Calicut. E o meſmo recado eſcreueo Rodrigo reynel / q̃ne a eſte tempo ficaua muyto doête, e morreo deſpois. E el rey de Calicut mãdou tomar quanto lhe acharão. E ſabendo os mouros de Cochim q̃ el rey de Calicut eſtaua em Repelì / quiſerã aluorçar bo pouo pera q̃ fugiſſem: mas ninguem ouſou de bo fazer, cõ medo de Duarte pacheco. E ele que iſto ſabia / por moſtrar a todos q̃ pouco temia el rey de Calicut / nem a ſeu exercito e armada / deu hũa noyte em hũa pouoação de terra d

Repellim a horas q̃ todos dormião
 7 posshe bo fogo. E ele bem ateado
 forão os nossos sentidos/ 7 acodio
 logo grande multidão de Nalres/
 assi do lugar como dos derredor. E
 Duarte pacheco se recolheo aos ba-
 teis cō muyto perigo/ 7 ferirãolbe
 cinco homẽs: 7 dos imigos ficarão
 muytos mortos 7 feridos: 7 cō tu-
 do os viuos seguirão os nossos hũ
 bõ pedaço em se tornando pera Co-
 cbi. E tãtas forão as frechadas so-
 bre os bateis que as padelladas yã
 todas cubertas de frechas. E sabẽ
 do elrey de Cochim como era che-
 gado á fortaleza foy bo ver, porque
 oune por muyto grãde cousa ousar
 ele de saltar a terra, em q̃ estaua el-
 rey de Calicut tão poderoso/ 7 assi
 lho disse. Do q̃ Duarte pacheco se-
 rio/ 7 disse que não queria se não q̃
 acabasse elrey d Calicut d chegar,
 7 querõ pesse coele batalha/ 7 ali ve-
 ria pera quanto erão os nossos. E
 deixãdo coisto asselegada a gẽte de
 Cochim, 7 tãbem com fazer hũa fa-
 la aos principais, ordenou sua gẽte,
 que se queria partir pera bo passo d
 Cãbalão. E na sua nao deixou vite
 cinco homẽs com bo mestre dela/ q̃
 se chamaua Diogo pereyra/ q̃ dei-
 xou por capitão em sua ausencia:
 7 deixoulhe bem darte lbaria 7 mu-
 nições pera se defêder. E os nomes
 dos que ficauão coeleerão, Christo-
 uão pirez escriuã da mesma nao, Al-
 uaro vaz/ Afonso aluarez, Joã do
 porto/ Joã pirez/ Joã girarte/
 Rodrigo afonso/ Simão aluarez/
 Bertolameu/ Antonio vaz/ Alua-
 ro dobidos/ Diogo d curuche, Frã-
 nciso ramos/ Afonso do porto, Pau-

lo genues: aos outros nã soube os
 nomes. Na fortaleza ficauão trinta
 7 noue homẽs, cujos nomes erão:
 Diogo feranudez correa feytoz, 7 al-
 caide mór/ Lourenço moreno, Al-
 uaro vaz, escriuães da feytozia/ Al-
 res lopez alcaide pequeno, bo vigar-
 ro Joã de santiago, Gonçalo fer-
 nandez/ Simão mazcarenbas, frey
 Bastão/ Diogo fernãdez/ Ruy go-
 mez, Joã fernandez/ Joã pirez/
 Aluaro cotano barbeiro, Andre d
 az, Goterre, Joã pirez/ Aluaro da
 bieu, Coronel, Pero fernãdez, fer-
 nãdo soarez/ Joã de fogouia merca-
 dor Castelhano, bo Leiteira, Zopo-
 d carualhals/ Joã fernãdez/ Tris-
 tão de repeda cirleiro, Bastiã val-
 meida, Marti bõbardeiro, Chris-
 touão iusarte/ Joã caramenbo/
 Manuel martiz criado da Ifante/
 Diogo fernandez criado do bispo
 da Boarda/ Joã Luys/ Pero ri-
 beiro, Joã do basto/ Rodrigo cor-
 rea/ Diogo rodriguez/ Joã mar-
 quez, Lião rodriguez. E os que le-
 uou forão estes, Pero rafael/ q̃ era
 capitão da carauela santa Elena/ le-
 uaua vinte quatro homẽs coele: que
 forã Duarte fernãdez escriuã: Este-
 ueanes mestre/ Francisco fernãdez,
 Pedreanes/ Joã diaz/ Lourêço,
 darinada, Pero vaz, Forge do por-
 to/ Gonçalo fernandez/ Joã fer-
 nandez/ Francisco queanes/ Riculao
 hires, Pero coelho, Pero bras/
 Maçarelos/ Joã de leça/ Joã de
 santarem, Bautista genues, Isbrão
 dolanda, Pero alemão, bõbardei-
 ros/ e des outros não soube os no-
 mes. Em hũ dos bateis/ em q̃ mã-
 dou que andasse Diogo pirez capi-

tão da caravela santa Maria / em quanto selbe concertaua, forão Rodrigo esteuez, Manuel gonçaluez mestre da caravela, Dias fernâdez, João de caminha / Pero mendez, Diogo de Bragãça / Saluador gonçaluez / Antonio delgado / Luys de maçãs / João gonçaluez / Fernão de sam Pedro / bo Cardoso / bo Leytão / Domingueanes / Diogo de sam Pedro, Francisco Castelbano / Afonseanes, Adão gonçaluez / Fernando desmralda, Fernão do mestre, Diogo rodriguez peqno / Ausbrote / Miguel afonso bôbardes. Ho capitão mór foy em outro batel, em q leuaua estes homẽs queerão coele vinte e hũ. Simão dandrade / que era ainda moço, Afonso anibal / João fernâdez / João do vale meirinho da caravela santa Martha / Antonio gomez / Lopo de câcal, Matheus bôbardes / Pero vaz / Tristão fernâdez, Garcia afonso, Inbigo d'Portugalete / Marcos luys, Pedreanes carpinteiro / Jorge grego / João gomez bo jardo / Diogo fernandez, Diogo canario, João de villa de conde / Veronino pirez, Fernão luis: e por todos erão setenta e tres os da caravela, e dos bateis. E todos confessados e comungados, se partio Duarte pacheco pera bo passo de Cambalão em festa feyza de ramos de jaseys Babil de mil e quinhentos e quatro. E desamarrouse do porto com muyto prazer e festa de tiros e folias. E chegando defrõte de Cochim foy falar a el rey que bo esperaua á borda dagoa tão triste q bõ nã podia ecobrir. E Duarte pa-

checo fazêdo q bõ nã entêdia / lbe disse / q ali yão todos cõ muyto grã de vôtade pera bo defender del rey de Calicut: a que yão buscar / por q nã cuydasse q lbe auiaão medo. El rey se sorrio como por força: e deu lbe quinhêtos Alares de cinco mil que tinba / de q fez capitães Canda gorá, e Frangorá seus vêdores da fazenda, e ao Calmal de Palurte, e ao Panical darraul / a q mandou q obedecessem a Duarte pacheco como a sua propria pessoa. E acabado isto oulhou el rey pa a nossa armada / e pera os seus Alares e entristeceose muyto / como quẽ via quão pouca cousa aquillo era em comparação do poder del rey de Calicut: e disse a Duarte pacheco. Lembra me bo perigo em que te vejo: e o q me acôteceo bo anno passado: rogo te q queiras o q poderes: e nã te engane o coração. E lêbrete qnto pde el Rey de Portugal se te perdes. E coesta derradeira palaura selbe arrasarão os olbos dagoa: do que se Duarte pacheco agastou muyto, e disse lbe q mais podiã poucos e esforçados q muytos e couardos. E se os nossos erão esforçados bem bo tinba visto: e quão couardos erão os inimigos. E q no lugar onde os auia desperar poucos abastauão pa bo defêder: por isso q senão agastasse. E coisto se partio / e chegou ao passo de Cambalão duas horas ante manhaã. E não achãdo nbũ final da vinda del rey d' Calicut / foy dar bũa pouoação do Calmal da mesma ilha, ôde chegou e amanhecêdo. E no porto estanão e terra bẽ oytocetos frecheiros cõ algũs espingar

deiros. E posto q̃ sobre os nossos chouião muytas frechadas/ e espi-
gardadas/ as padelladas os defen-
dião, q̃erão de tauoas de grossura
de dous dedos. E chegando a ter-
ra despararão sua artelharía/ com
q̃ fizerão alargar bo campo: e eles
desembarcarão. Poem logo os im-
migos tornarão sobre eles/ e teuerã
lbe rosto bẽ meabozar: e despois fu-
girão ficando muytos mortos. E
como ja os nossos tinhão posto fo-
go ao lugar, e andaua bem ateado/
recolheuse Duarte pacheco: e tor-
nãdofe ao passo matarão os nossos
em terra muytas vacas q̃ leuarão,
posto que bem contrariados pela
gente da terra. E sendo ja no passo,
mandoulhe bo Calimal de Camba-
lão pedir pazes com hũ presenee q̃
lbe e lenão quis tomar, nẽ fazer paz
coel por ser inimigo del rey de Cochĩ:
donde lbe chegou recado per bum
Bramene/ q̃ ao outro dia lbe auia
el rey de Calicut de dar batalha: e
q̃ estava injuriado de se lbe ele poer
na q̃le passo por õde queria entrar.
E disselhe que se affirmauão todos
que el rey de Calicut bo auia de prẽ-
der: ou matar na batalha. Ao que
ele respondeo que aquilo esperaua
ele de fazer a el rey por amor do dia
que era de grande solẽnidade pera
os Chriştãos: q̃ mal acertarão os
seus felicityz os delhe prometerem
a vitória em tal dia. Ihũ Mair que
vinha cõ bo Bramene ouuindo di-
zer isto/ disselherindo como por es-
carnio: q̃ lbe via muy pouca gẽte pe-
ra fazer o que dizia, e que a del rey
de Calicut cobria a terra e bo mar:
q̃ como auia de ser vécido. Do q̃ ele

ouue muyto grande menecoria, cuy-
dando que fosse del rey de Calicut/
e deu lbe muytas bofetadas, dizẽ-
do que lbe fosse dizer que bo vingas-
se: do que os outros ficarão com ta-
manbo medo que nunca mais oula-
rão dabonar a el rey de Calicut. E
aquela tarde lbe mandou el rey de
Cochim quĩbẽtos Maires de que
ele não fez nbũa conta/ nem dos ou-
tros: porque sabia q̃ ania de fugir:
e nos nossos despois õ nosso seño-
r tinha confiança. E todos a q̃la noy-
te fizerão grandes alegrias/ porq̃
foubesse el rey de Calicut q̃ bo não
temião, e mostrauã muyto esforço
pera lbe dar batalha. Do q̃ estava
muyto ledo e antes que amanheces-
se lbes disse a todos.

¶ Senhores e amigos meus o pra-
zer e contentamento q̃ vejo em vos
tenho por muyto certo pronostico
da grandissima merce que nosso se-
nhor auera por seu seruiço de nos
fazer oje/ e creio verdadeyramente
q̃ assi como nos dá ousadia/ pera q̃
sendo tão poucos ousemos despe-
rar a tantos milhares de gente co-
mo sam nossos inimigos: que assi nos
ba õ dar esforço palhe resistirmos:
e que quer oje fazer tamanbo mila-
gre como este sera/ pa q̃ seja conhe-
cido seu poder: e sua santa fé exalça-
da, e da sua parte vos peço eu q̃ assi
ho creais/ porque sem isso ainda q̃
nos fossemos tantos como os imi-
gos/ e eles tãtos como nos: todas
nossas forças não seriam nada pera
os vencer/ e sendo como digo toda
a multidão dos inimigos vos parece-
ra muyto pouca pera os vècer des/
e eles vos julgarão pelo dobro do

queles sam pera vos temer: e crede q se vindo oje cõ tamanha presunção por serẽ muytos: e terẽ por tão certo de vos tomar vos ouuerẽ medo, daqui por diante lbes ficarão os spíritos tão quebrados pera vos cometer/que se ho fizerẽ mais ho farão por medo del rey de Calicut, que por vótade q tenbão pera isso. Por tanto lembreus q coesta confiança auéis de pelejar pera vos nosso senhor fazer tamanha merce como sera daruos vitoria cõ honrra sobre todos os Portugues: e fama antre os estrangeiros/ e merecímẽto diãte del rey nosso senhor pera vos fazer merces cõ que sustenteis vossas vidas. Ao q todos responderão que no combate veria quam bẽ lbe lembrauão suas palauras: e logo egolhos disserão a Salue regina etoada: e depois hũa Ave Maria cõ voz baixa. E nisto chegou Lourenço moreno da nossa fortaleza: e trazia quatro dos nossos espingardeyros pera se achar no combate/ e Duarte pacheco folgou muyto cõ sua vindapor ser muyto esforçado.

Capit. lxxiij. De como el rey de Calicut combateo os nossos no passo de Cābalão: e de como foy desbaratado.

Esta noyte por conselho dos dous Itilianos arrengados mādou el rey de Calicut fazer hũa estância de cinco bombardas defronte donde estava Duarte pacheco pera dali lbe darẽ combate quãdo ho dessem por mar/ por q pola estreiteza do passo lbe podião fazer muyto

dãno. E como amanbeceo que foy domingo de ramos/ abalou el rey por terra com cozena e sete mil homens de peleja antre Maires e mouros/ e acompanhauão aqles reys e Calmais q ho ajudauão cõ suas pessoas e gente. f. Betacozol rey de Tanor com quatro mil Maires/ Cātānābari rey de Sipur, e de Currão junto da serra de Marsinga cõ doze mil Maires/ Cocagatocol rey de Lotogão antre Cananor/ e Calicut junto da serra cõ dezoito mil Maires/ Curiuacuil rey de Curia/ antre Panane, e Cranganor cõ tres mil Maires, e assi Nambeadarim príncipe de Calicut, Mābea seu irmão, e del rey de Calicut, Paranhira eratocol senhor de Cranganor, Elancol nambeadarim senhor de Repelim, Papucol senhor de Chalião antre Calicut, e Tanor/ Parinhara mutacoil senhor da terra que está antre Cranganor/ e Repelim, Benara nambeadarim acima de Panane pera a serra, Nambari senhor de Banalacheri/ Papucol senhor de Sepur antre Chani e Calicut/ Papucol senhor de Papuranguri: ho Calimal de Māgate/ Māra/ e outros muytos calmais: q por serem muytos os não escreueo. Os instrumentos de guerra erão tantos, q quando tocauão parecia q furauão ho ceo: e a gente cobria a terra: e os que yão na dianteira, cbegando á estância derão fogo a artelharia, que segundo estava pto da carauela/ parece q foy mila grenão lbe acertar nhũ tiro. E dos nossos acertauã todos nos inimigos e matauão muytos: e ate ho sol say

do tirou a carauela trinta tiros: e então começou de sayr do rio de Repelim a armada dos inimigos, que era de cento e sessenta navios de reino. s. setenta e seys paraos com arrombadas de sacas de algodão/ que este ardil derão os Italianos, porque lhe a nossa artelharía não fizesse nojo: e leuaua cada hũ duas bombardas/ e vinte cinco homens, cinco espingardeiros/ e os outros frecheiros. E vinte destes paraos yão encadeados/ e çarrados pera aferrarẽ logo a carauela: yão mais cincoenta e quatro catures/ e trinta tones de coria com cada hũ sua bombardas / e dezaseys homens de peleja de diuersas armas. E a fora estes navios armados yão muytos outros com gẽte q̃ cobrião bo rio: e yão em todos dez mil homens / de que era capitão mór Hambeadarí, e soto capitão bo senhor de Repeli. E certo q̃ era cousa de grande espãto ver tamanha multidã de inimigos por agoa, e por terra, q̃ tudo cobriã e todos meynos nũs/ e hũs baços, e outros negros. E o sol daua nas lâças e agomias q̃ trazião muyto luzentes: e resprandecião muyto mais com bo sol reuerberar nelas/ e assi os escudos q̃ erão de muytas cores, e tã finas q̃ parecião espadas açacaladas. E pera mais espantar os nossos aleuantauão grãdes gritas, e apos eles tocauão seus instrumentos de guerra: e isto tão amendo que nunca cessauão cõ hũa cousa ou com outra. E os nossos estauão no meyo de tamanha multidão, q̃ quasi se não exergauão metidos na carauela/ e nos bateis/ com q̃ toma

uão quasi todo bo passo/ cõ cabos dados d̃ hũs aos outros: e as amarras forradas de cadeas por lhas não coztarẽ, e todos muyto esforçados dando fogo aos tiros, com q̃ receberão aos inimigos. E neste tempo os delrey de Cochí fugirão todos, e ficarão somente Candagorã e Frãgorã por estarem na carauela e não os deixarem fugir/ pera q̃ vissem o q̃ fazião os nossos no combate/ que andaua ja muyto trauado. E erão tantas as bõbardas e espingardas q̃ nem auia quẽ ouuisse/ nẽ visse cõ bo fumo da artelharía/ e a carauela/ e os bateis ardião em fogo. E na primeyra çurriada arrombarã algũs paraos dos inimigos, e lhe matarão e ferirão muyta gẽte, sem os nossos receberẽ nhũ dano, estando dos inimigos a tiro de lança: e como erão muytos e sem ordẽ / hũs tornauão os outros q̃ não pelejassem. E com tudo a çarraçada dos vinte paraos q̃ estaua diante, apertaua muyto os nossos com a espingardaria q̃ trazião. E os nossos scrifião muyto grãde trabalho mais de cansados, que de feridos. E auẽ do hũ pedaço q̃ duraua esta afrõta, mandoulhe Duarte pacheco tirar cõ hũ camelo q̃ ate etão não tiraua pera outras partes: e de duas vezes q̃ tirou desmãchou a çarraçada e arrombolhe quatro paraos / q̃ logo ficar malagados: e coisto foy desbaratado e fugio. E logo outros paraos cõtinuarão bo cõbate: de q̃ os nossos meterão oyto no fundo/ e arrõbarão treze/ e os outros se afastarã cõ muytos mais mortes e feridos q̃ os primeyros. E apos

estes entronho senhor de Repelim
cô outro esquadrao, e apertou muy-
torijo os nossos: e assi el rey de Ca-
licut de terra. E este combate foy
muyto mais riço q' n'bu dos outros
em q' forão mortos e feridos muy-
tos mais inimigos q' dantes: q' era ja
a agoa decor de sangue. E por mais
q' bo senhor de Repelim bradava q'
aferrassem a caravela n'ca oufarão
antes fugirão, e assi fugirão os da
terra. E seria ja despois d' vesp'era/
q' ate então durou bo combate, em
q' dos inimigos assi na terra como no
mar forão mortos trez'etos e cico'e
ta bom'es conhecidos a fora os ou-
tros q' passauão d' mil: e dos nossos
não morreo n'hu' somete algus fer-
dos de frechadas, e algus escala-
urados dos pelouros dos inimigos:
q' com quanto lbe acertauão e yão
muyto furiosos, e erã de ferro coa-
do não fazião mais q' escalaralos
como qualquer pedra darremesso,
pozem as suas arrôbadas forão to-
das passadas e q'bradas: e h' dos
batels foy arrôbado: mas não de-
maneyra que não fosse concertado
antes da noyte.

Capit. lxi. Do q' fez bo capitão
mor Duarte pacheco despois des-
te combate.

Quando agora e frangozã q'
estauã cõ Duarte pache-
co quando virão os ini-
gos desbaratados sem
n'hu'a perda dos nossos ficarã muy-
to espantados: e pedirã lbe perdão
da desconfiança q' teuerão de poder
resistir aos inimigos, e cõfessarã lbe
q' ouuerão tamanbo medo q' cuyda-

rão de morrer, e q' ja estauão b'e se-
guros de el rey de Calicut não po-
der êtrar por aq'le passo: ele lbes ro-
gou q' assi bo dissessem a el rey d' Co-
chi e a sua gête: e q' lbes fizesse per-
der bo medo q' tinbão, e despedidos
logo pera Cochi, ôde eles acharão
noua q' Duarte pacheco fora desba-
ratado, q' assi bo forão lá dizer os
faires q' fugirão em se começando
bo combate. E sabêdo el rey como
passara os castigou d' palaura muy-
riçamente: e mandou visitar Duarte
pacheco pelo príncipe de Cochi,
e por não deixar a cidade em tal tẽ-
po bo não fez por sua pessoa: e assi
lbo mādou dizer com outras muy-
tas palauras da mor. E coesta vito-
ria q' nosso senhor deu aos nossos
crerão el de Cochi e seus vassallos
tanto neles q' perderão bo medo del
rey de Calicut, e não ouue quem fa-
lasse em se ir de Cochim. Duarte pa-
checo naquela noyte seguinte man-
dou aos seus q' erão da vigia que a
cada quarto fizessem folias e muy-
tas festas de tangeres: porq' os ini-
gos soubessem q' ficarão muyto des-
cançados: e q' os não tinbão em cõ-
ta: e sabendo ele que no dia seguinte
lbe não auião de dar combate, des-
pois de comer foy cõ corenta Por-
tugueses sobre hum lugar do Cal-
mal de Cabalão em q' matou muy-
ta gente, e bo queymou sem lbe ma-
tar e nem ferirem n'hu' dos seus. E
ao outro dia foy pola outra carave-
la que estaua concertada, e êtregue
a capitania dela a Diogo pirezaca-
bou de çarrar bo passo, e deu a ca-
pitania do batel em q' andaua Dio-
go pirez a Christouã jufarte. E ate

lhe el rey de Calicut dar outro combate fez sempre muyto dâno em Cãbalão, e a vespêra do cõbate correo ho rio dambas as bandas e fez grã de destruyção.

Capit. lxx. Do segũdo combate que el rey de Calicut deu ao capitão moor Duarte pacheco.

Lo rey de Calicut ficou muyto magoado de nã poder desbaratar os Portugueses daquelle primeyro combate/ cujo efforço deu em rosto aos seus capitães e lascarins deshonrrandoos grandemente. E auido perdão dos seus pagodes que os Bramenes lhe fizeram crer que estauão menencorços dele/ lhe disserão ho dia em q aũa de desbaratar os Portugueses que acerto de ser em dia de Pascoa/ pera o q fez hũa armada mayor q a passada de cem paraos e outros tantos catures e oytenta tones/ em que se embarcarão quinze mil homens: de que os cinco mil erão frecheiros, e duzentos espingardeyros/ e trezentos e oytenta tiros dardelbaria/ os mais deles de metal q lhe fazião os dous milaneses q por isso ostinha em grande estima, e lhe fazia muytas merces. E vido ho dia de Pascoa cuydou el rey de Calicut de tomar por manha Duarte pacheco, e mādou sessenta paraos sobre a sua nao pera que indo lhe acodir deixasse ho passo desemparedado/ e ele podesse entrar em Cochim. E estes paraos forão sem os ver Duarte pacheco por hũ esteiro de maré que

se metia no rio de Cochim/ por õde tambẽ el rey de Calicut podera ir sem passar pelo passo de Cambalã: e deixaua ho de fazer porque aũa por injuria deixar de ir por aquele passo por amor de Duarte pacheco que lho defendia. E estãdo ele esperando polo cõbate espantado de como tardaua tãto/ sedo noue horas do dia lhe foy dito da parte del rey de Cochim q acodisse a sua nao por q lha tomauão os paraos que estauã sobzela. E entendẽdo ele logo ho ardil del rey de Calicut teve cõselho, e que foy acordado que fosse loconer a nao com a carauela de Diogo pirez e ho batel de Christouão Iusarte/ porque tinha terrenho e vazãte de maré q ho auiaõ dajudar a ir mais asinha: e que se bo cõbate da nao fosse ardil pera os inimigos entrarẽ ho passo que nã podia a sua armada ser tamanha pois estaua repartida/ que lhe nã defendessem a entrada a carauela e ho batel que ficauã no passo ate que ele tornasse: que seria muy cedo com a maré e viração que começarião a esse tempo. E coeste cõselho se partio: e indo a vista da nao deu a carauela em hũ bairo com que Duarte pacheco fez algũa detença em a tirar dele: e como os inimigos a virão fugirã logo cõ medo. E nisto vêtou a viração cõ que se Duarte pacheco tornou ao passo õde se a frota del rey de Calicut estaua as bõbardadas cõ a carauela e cõ ho batel por mar e por terra e tinbãnos e grande apto. E cõ a vinda de Duarte pacheco que lhe deu nas costas e os outros por diante forão tãto maltratados que fugirã,

bñs pelo rio acima z outros varã-
do e rerra. E nesta peleja perderão
os imigos dezanou e paraos quel-
mados z alagados z forão mortos
perto de duzêtos deles z dos Por-
tugueses nhũs: o que parecia mila-
gre/ porq̃ a bñ calafate Bizcainho
q̃antia nome Inbigo de Portugale
te deu em bñ ombro hñ pelouro de
pedra do tamanho de bñ grandela
ranja/ z derribãdo ho passou ainda
lonje sem lhe fazer mais que bñ pi-
sadura no bñmbro z no rosto z este-
ne bñ pouco atordado: z a outro
deu outro pelouro sñ lhe fazer mal,
z despois foy dar na padellada da
carauela q̃ era d̃ boa grossura z pas-
souha. E outro despois de dar em
dous homẽs/ a que nã fez nada pas-
sou a amurada da carauela z assi ou-
tros. E q̃ os Portugueses tinhão
por milagre z louuauão nosso seño-
r quelhes daua efforço pera resistirẽ
aos imigos de q̃ nã fazião conta: z
por isso logo ao outro dia foy Quar-
te pacheco q̃imar bñ lugar do Cal-
mal de Cãbalão, z no camĩno des-
baratou quatorze paraos carrega-
dos de gẽte. E tornado ao passo foy
certificado por dous Bramenes q̃
no dia seguitelhe aũa el rey de Ca-
licut de dar outro combate/ polo q̃
lhe deu bñ fardo darroz, que pera
bo tempo era grande dadiuapor a
grande valia que tinba.

Capit. lxxj. De como el rey d̃ Ca-
licut foy desbaratado no tercey-
ro combate.



Como quer que el rey d̃
Calicut tinba por muy-
ecto leuar nas mãos
os Portugueses no pri-

meyro combate: z vio q̃ nã pode no
primeyro nẽ no segundo arrepedeo
le logo de fazer esta guerra z quise-
ra deixala se podera/ mas os mou-
ros ho estoziuarão: z tambẽ seus vas-
salos se eñadauão coela cõ ho medo
q̃ auião aos Portugueses/ em tãto
que nã se querião embarcar pera
este terceyro cõbate, z embarcarãse
cõ pregações dos Bramenes q̃ el
rey mandou que lhes pregassem. E
a armada cõ q̃ deu este terceyro com-
bate foy mayor q̃a do segũdo, z de
mais artelharia, z aũa cozentã mil
homẽs por mar z por terra/ z e ter-
ra bñ estancia dõze tiros d'artelha-
ria: z por conselho dos dous mila-
nezes forão os nauios da armada
repartidos por escoadrões pera q̃
em cansando bñs entrassẽ outros.
E em amanbecendo começarão os
de terra de dar ho combate estando
coeles el rey de Calicut que ho ati-
çaua cõ muyta pressa. Duarte pa-
checo porque os do mar se chegassẽ
bẽas carauelas/ z lhes fizesse ma-
yor dãno mandou a todos q̃ nã se
mostrassem ate os imigos nã serẽ
bẽ chegados. Eles cuydãdo q̃ era
cõ medo derão bñã grãde grita dã-
doos por tomados porq̃ assi ho dis-
serão os Bramenes da parte dos
pagodes, z os inimigos ho tinbão
por tãto certo q̃ indo em boa ordem
se desordenarão cõ enueja de quem
chegaria primeyro pera aferrar. E
chegando a tiro de lança despararão
os Portugueses toda sua artelha-
ria dãdo pelos da terra z pelos do
mar/ matando muytos imigos, z
metendolhe oyto paraos no fundo,
de que ficarão tãto saltados que se

teuerão sem passar auãte. E como
 por compzirẽ com elrey de Calicut
 que os via jugauão cõ sua artelba-
 ria. E vendo elrey quão pouco fa-
 ziação/mandou afastar ho senhor de
 Repelim que estaua na dianteira z
 meter Nambeadarim com lhe mã-
 dar que aferrasse logo as carauelas
 mas tão pouco fez bũ como ho ou-
 tro, posto que os de sua capitania
 trabalharão bẽ por aferrarẽ: porẽ
 os Portugueses fazião maravilhas
 em se defender. E era a peleja muy-
 aspera dambas as partes/assi dar-
 remessos, frechadas z espingar da-
 das que cobrião ho ceo / z muytas
 frechas cairã nas carauelas tran-
 cadas hũas nas outras: por onde se
 pode ver quantas erã que se encõ-
 trauão no ar: z coïsto z cõ ho fumo
 da artelbaria não auia quem se vis-
 se nem ouuisse, z ver antre toda esta
 matizada z multidão dos inimigos
 quatro cousinbas tão pequenas co-
 mo as carauelas z os bateis de que
 os Portugueses se defendião tam-
 bem que os não podião os inimigos
 aferrar era pera louuar a nosso se-
 nhor por tão milagrosamente mos-
 trar seu poder/de ho dar aos Por-
 tugueses pera alẽ de se defenderem
 offendere aos inimigos com tãtas
 mortes/feridas/aleiões z destrui-
 ção de nauios/que de ho não pode-
 rem sofrer se afastarão do combate
 sem darẽ polos brados de Nambea-
 darim nẽ por seus ameaços: z bras-
 fernaão dos Bramenes que lhes
 mentião. E em começãdo dese afas-
 tar acendeose fogo no batel de Chri-
 stouão susarte, pelo que tornarão

ao combate cõ grandes gritas eny-
 dando de tomar ho batel / que não
 tomarão por lheser defendido muy-
 rijamente/pelo que se afastarão de
 todo z fugirã/z ho mesmo fez elrey
 de Calicut com quãtos estauão coe
 leuando a artelbaria da estancia.
 E isto seria hũa hora despõs do meo
 dia, z ho cõbate foy muyto mayor
 qn bũ dos passados: z despõs fou-
 be Duarte pacheco que forão dos
 inimigos mortos seys centos / z q
 lhes meterão no fundo vinte dous
 paraós. E vẽdo ele que fugião foy
 apos eles nos bateis tirandolhes
 muytas bombardadas, z despõs
 saltou em terra z queimou dous lu-
 gares / z coïsto estauão os inimigos
 muyto espantados, z dizião que
 ho Deos dos Portugueses peleja-
 ua por eles. E logo na noyte seguin-
 terendido ho quarto da prima foy
 Duarte pacheco com corêta z cin-
 co Portugueses nos bateis quei-
 mar hũa grande pouoação por as
 espias lhe darẽ auiso que ho podia
 fazer o que fez ate ho quarto da lua.
 E tornado ao passo/mandou dizer
 a elrey de Cochim o q fizera aqã
 noyte/por onde podia iulgar quão
 cansado ficaua com os seus do cõ-
 bate: por isso que descanasse z não
 lhelêbrasse a guerra, z por isso mã-
 dou elrey fazer grandes festas. E
 os mouros de Calicut q ho sabião
 tinbão por isso grande magoa / z
 vendo que nã se podião vingar dos
 Portugueses que estauão com Du-
 arte pacheco/quiserão vingar se dos
 q estauão nas feytorias de Coulaõ
 z de Cananor escreuẽdo a estes do-

os reys que tal dia tomara el rey de Calicut as carauelas e matara os Portugueses, e estava pera entrar em Cochim que matassem os que estauão nas suas cidades como bo tinbão prometido a el rey de Calicut, o que eles quizerão fazer se os não toruaraõ os Bramenes / dizem do que não matassem tão leuemente homẽs que tomarão em sua goarda ate que el rey de Calicut lhe não escreuesse / e assi ho fizerão: e logo se soube a verdade, pelo que tambem cessarão de fazer o que os mouros querião.

Capit. lxxij. De como el rey d Calicut quiser a deixar a guerra.



Agũs daqles senhores que ajudauão el rey de Calicut vendo quão mal lhe soce dia a guerra, e quão

bem a Duarte pacheco temerão q ho desbaratasse de todo / e porque se assi fosse ficauão perdidos por terem suas terras ao longo dos rios que lhas tomaria: e por isso determinarão de se ir do arrayal e poer se em parte que se a el rey de Calicut lhe não fosse melhor reconciliarião cõ el rey de Cochim pera q Duarte pacheco esteuẽse bem coeles / e se não tornar se yão pera el rey de Calicut. E estes forão ho Mangate mûta Calmal vassalo del rey de Cochim / e hum seu irmão / e hum primo, que logo ao outro dia despois deste derradeyro combate se parti-

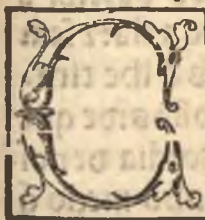
rão secretamẽte e forã se pera a ilha de Malipim. E quando el rey de Calicut ho soube sintio ho muyto / e renouou se lhe a magoa de se ver desbaratado tantas vezes / e lembrando lhe quanto dãno tinba recebido despois de ter começada aqã guerra não tinha nbũã paciẽcia. E querendo ho algũs daqueles reys e senhores cõselhar, lhe dizião que não se agastasse por logo não vècer / por que os Portugueses não se defendião se não como desesperados / e por em como erã poucos não lhes auia daproueitar / e que os auião de tomar por derradeyro, e q lhes parecia que se não erã ja tomados que era por a sua gẽte os não ter em conta. E ficando el rey muyto agastado destas palauras / lhes respondeo. Ainda que cada hum de vos seja tão esforçado que vos pareça pouco serem os frangues vècidos, não sou tão fraco que mo não pareça nem me parece que vedes em mi temor pera me esforçardes co essas palauras / porque me podeis dizer que eu mais não sinta: pelo que neste caso menão podeis dizer coisa que me satisfãça / e se sintissey o que eu sinto conbeceríeis camanho feyto sera vencer os frangues que vos fazeis tão pequeno / e não ho bey por grande em sercin vècidos se não em se defenderem como se defendem / que parece que ho seu Deos peleja por eles / e que os faz inuenciueis: e quereis ver que he assi / a nossa gente he muyta, e se be esforçada e sabe pelejar viose em muytas batalhas que venceo

desbaratado grandes exercitos como sabeis / e depois que peleja com os frangues parece que perdeu o esforço, e o saber pelejar: e he o seu medo tamanbo que sendo sem coto a respeito dos frangues / não ousam da ferrar coeles: no que vejo o que todo homem de bom suizo deve de ver que esta obra mais he de Deos que dos homens, pois que ha de pelejar coele e que lhe não ha daver medo, e mais vendo que lho hão algus dos que nos ajudauão, que nos deixarão e se forão. E tambem chegasse bo inverno em que sera forçado recolherme, e na entrada do verão chegara a armada de Portugal e fara a que fez a do anno passado / e nunca sayrey de desaventuras com que me acabe de perder de todo: pelo que me parece que deuo de deixar a guerra / vede vos se vos parece assi. E logo o principe Hambeadarim oulhando pera todos disse. Pois el rey nos pede conselho que deve de fazer no que lhe vay tanto, eu como que mais sinto sua perda direy meu parecer: que he de fazermos paz com os frangues e fermos seus amigos, porque como diz el rey / bo seu Deos peleja por eles / e eu assi ho creo: por que doutra maneyra ja forão tomados. E tambem me ajuda a crer isto a sem rezão que fazemos em fazer guerra aos frangues pera destroumos el rey de Cochim / a que sem nhua causa temos feyto tanto dano, matandolhe bo anno passado os seus principes, e quasi toda sua gente: e queimandolhe Cochim sem nhua causa como digo pois não foy por mais que por recolher em sua terra os frangues, que

egitados del rey de Calicut bo forão buscar / não somente egitados mas mortos / e roubados, e lançados fora de Calicut tendo seguro del rey / e recebidos e sua goarda / sem ter feyto porque recebessem tanto mal: porque se foy por deterer a nao de Logeçameçadim não tinhão culpa / porque el rey lhe mandou que a deteuassem. E se etão fora de todos conselhado tão verdadeiramente como bo foy de mim, os mouros ouuerão de pagar o que fizerão: e se bo pagarão mostrarase não ter el rey culpa no que eles fizerão pois a não tinha, e isto abastara pera conservar a amizade dos frangues / e não se forão de Calicut a Cochim, onde el rey por maos conselhos trabalhou tanto polos auer como que lhe teuerão feyto grandes males, sendo eles tão bons / tão verdadeyros, tão mansos e tão esforcados e agardecidos do bem que lhe fazem / que por amor del rey de Bellinde que os agasalhou alargarão duas naos carregadas douro: bem vistes quão rico presente trouuerão a el rey / que mercadorias tinhão e quanto dinheiro pera a carga: bem vistes como derão a nao dos alifantes a el rey, não fazê isto, ladrões que lhe os mouros chamão / não no sam se não homens pera folgare de os ter por amigos: e mais pois el rey perde tanto em suas rendas não tendo coeles amizade e selhe acrecentão muyto tedoa, porque não a tendo como sam muyto poderosos no mar defederã que não venhã nhuas naos a Calicut / e el rey ficara sem nhua rēda: pelo que se deve de fazer a paz. E como qntos ali estauã erã pel

tados pelos mouros q̃ cōselhassẽ a el rey q̃ nã desistisse da guerra, assi o fizerã estranhãdolhe muito dizer q̃ queria desistir dela, abonãdoo de poderoso/ louuãdoo de muy ciuel, poẽdolhe temor de infame se desistisse da guerra. E os mouros lhe offercerão logo suas pessoas z fazẽdas pera a guerra: z tãto fizerão hũs z outros q̃ el rey escolheo a guerra: z logo ali se assentou/ q̃ pois el rey nã podia passar polo passo de Cãbalã, q̃ passasse por outro q̃ auia nome palinbar lonje daq̃le, q̃ por ser muyto forte z q̃si impossiuvel a passagẽ por ele nã se goardaua: z despois d̃l rey passar por ele passaria a Cochĩ polo passo do vao como fizera bo ãno passado. E isto assentado, logo ao outro dia foy leuãtado bo arrayal, z el rey passou pelo passo q̃ digo/ z assentou seu arrayal e terra de Repeli z de Porquã s̃ẽ bo saber Duarte pacheco/ q̃ nã tenerã suas espias tẽpo pera lho dizerẽ senão q̃ndo el rey d̃ Calicut começaua de passar.

Capit. lxxiiij. De como el rey de Calicut deu bo quarto cõbate a Duarte pacheco.



Como Duarte pacheco sabia q̃ nã podia estoruar a el rey a passagem por Palinbar por nã poder leuar las carauelas nem os bateis por amor dos baixos q̃ auia: porẽ sospetãdo q̃ a passagẽ del rey por ali era pera eẽtrar pelo passo do vao: determinou de lho defender, z por q̃ nã podia leuar lã as carauelas tambẽ por amor d̃ baixos leuou

as a outro chamado Palurte que esta dous terços de legoa do passo do vao, q̃ he de largo hũ tiro de bẽsta z d̃cõprido hũ pouco mais / z cõ baixamar dã a mayor altura da goa pela cinta/ z bo outro he quasi descoberto z cõ preamar nã se pode passar por ser a agoa muy alta: z por este passo do vao lẽr tãoperto do de Palurte fazia Duarte pacheco cõta que bo goardaria na vazante da marẽ cõ os bateis, z bo de Palurte ficaria goardado cõ as carauelas. E chegado a este passo, saltou na ilba Barraulem q̃ soube que andauão quinhẽtos Maires de Calicut z cõ sua gente matou muytos z catiuou cincoẽta q̃ deixou denforçar por lhos el rey de Cochĩ mandar pedir. E sabẽdo q̃ ao outro dia que era bo primeyro de Mayo auia el rey de Calicut de cometer dentrar polo vao/ deixou Pero rafael nas carauelas cõ hũ final q̃ lhe faria se se visse em afrõta: z ele foy se antemãhaã cõ os bateis ao vao: z em chegado mandou dar aos seus grãdes gritas pera q̃ os imigos soubessem q̃ era chegado z q̃ os nã temia. E vẽdo q̃ bo nã cometião/ tornou se a Palurte cõ a enchẽte dagoa z cõ a vazante se tornou ao vao/ z assi se reuezaua de dia z de noyte nas vazãtes z eẽchẽtes cõ muytas calmas z chuvas z cõ outros muytos trabalhos q̃ passou cõ os seus em hũmes z vinte tres dias despois q̃ se mudou do passo de Cãbalão. E em quanto lhe el rey de Calicut nã deu combate fez grande destruyção na terra: z nisto foy auisado que el rey de Calicut bo auia de cõ-

bater no passo de Balurte e q bo se
nhoz de Repeli tinha a dianteira cõ
quinze mil homẽs. E assi fez ele mo
stra da armada hũa tarde vespera
do dia em que se auia de dar bo cõ-
bate / e tirou toda a artelharía / e
dauão os inimigos suas coquiada / e
e Duarte pacheco mādou fazer ho
mesmo aos Portuguezes : e man-
dou arrasar a pōta da ilha Darraul
porq os inimigos não assentassẽ an-
tre ho aruozedo algũ tiro secreto
com q lbe fizessem dāno / e mandou
dar cabos dũa carauela a outra pe-
ra fazer dous bordos se lbe com-
prisse : e toda a noyte fez cõ os seus
grandes alegrias. E antemãba
chegarão do vao Simão dandrade
e Christouão Iusarte , porq ficaua
seguro cõ a maré que enchia. E des-
pois de todos comerem, lbes disse.
Bem sabeis companheiros q el rey
de Calicut vem oje sobre nos deter-
minado de nos entrar , ou por este
passo / ou polo do vao : eu pela expe-
riência que de vos tenho não lbe hey
medo. E sobre tudo com a confiãça
na misericordia de nosso senhoz que
por sua piedade nos não ha de ne-
gar sua ajuda / onde importa tanto
pera sua gloria, por cuja honrra pe-
lejamõs principalmente : e despois
pola del Rey nosso señoz. E deueis
õ crer q assi como nos ajudou semp
nos ajudará agora e tẽde por final
disso ser oje baixa mar ao meo dia
ate cujo termo não podẽ os inimigos
cometer ho vao, e por a força õ sua
peleja ser ate estas horas se ate elas
lbe defendemos este passo como es-
pero : eu vos dou por seguro o vao.
E pera nos defendermos não vos

ponhão temor seus feros / pois sa-
beis bẽ onde chegão : e lembrenõs
q o que ategora tendes feyto pola
misericordia õ nosso senhoz (ele seja
louuado) be hũa cousa tamanha / q
pa muyto mais : e muyto mais gẽ-
te do q somos se pode cõtar por mi-
lagrosa. E pois ho nosso bõ Deos
todo poderoso, vos quis cõ sua aju-
da deixar fazer cousas tãõ milagro-
sas : encomendouos muyto como a
verdadeyros Chriştãos q não quel-
rais perder esta gloria por algũa
pouca da frota q poderẽis oje mais
receber q os outros dias : porq sera
pera acrecentamento da honrra e
fama q ganhastes ategora. Ao que
todos respõderão, q assi ho farião :
e que todos estauão pera ho ajudar
ate morte. E sendo ho dia claro apa-
receo a pōta da ilha cuberta de imi-
gos, pera darẽ dali combate com al-
gũas bombardas q tinhãõ assenta-
das em estancias de terra, q os em-
parasse da nossa artelharía. E dali
começarão logo de cõbater muyto
rijo : e nisto appareceo a frota, q era
de. ccl. nauios. E por vir ainda lõje
e os inimigos aptarẽ de terra / se me-
teo Duarte pacheco nos bateis / e
a força de remo remeteo a ela : e sem-
temer os muytos tiros q lbe tira-
uão saltou nela cõ os nossos : de que
os inimigos pola misericordia de nos-
so señoz ouuerão tamambo medo q
se recolherão detras das suas estã-
cias / õ de os nossos estenerão pele-
jãdo coeles, ate q a frota chegou p-
to q se tornarão a recolher. E vẽdo
Duarte pacheco doze paraos q vi-
nhãõ desmādados diãte, foy pa os
cometer : e por se eles õ crẽ / e nã ou

farê de passar auãte, os não pode aferrar: e por ja chegar toda a frota recolheose ás carauelas: deixãdo arrombados dous paraos. E recolhi dos mãdou abaixar todos os seus, porque os não matassem os tiros dos inimigos q̃ erão muyto bastos: e chegarão se logo cozenta paraos encadeados muyto perto das carauelas que as querião aferrar. E nisto mandou Duarte pacheco dar ás trôbetas, e os nossos se levantarão cõ hũa grande grita desparando toda sua artelbaria q̃ desencadeou logo algũs dos paraos. E por isso ho senhor de Repelim mandou ajutar coeles outros: e os tiros erão tantos dambas as partes q̃ nbũa das frotas se enxergaua cõ fumo ainda q̃ dos inimigos morrião boa soma como erão muytos: ho senhor de Repelim os fez passar auante / que q̃si chegauão as carauelas. E dãdo as por aferradas, cessarão de tirar cõ a artelbaria / e então se acêdeo a peleja mais braua q̃ dâtes: e as frechas / e setas / e lanças / e paos tostados erão em tanta auondança / q̃ faziã lombra nos nauios: e erão os gritos e brados tantos, q̃ parecia fundirse ho mundo. E durou a peleja hũ bõ pedaço sem se inclinar a victoria a nbũa parte: em q̃ os nossos soffrerão trabalho immenso. Por q̃ como os inimigos erão sem cõto / como hũs cansauão entrauão outros de refresco. E q̃ os nossos nã podião fazer, e de cada vez lbes era necessario terem nouas forças: no q̃ se pode crer sem duuida / q̃ nosso senhor supria ali com sua misericordia: e assim ho dizia Duarte pacheco aos seus

trazendolhe a memoria o q̃ tĩnhão feyto, e o que lhe prometerão de fazer naqla batalha. E assi ho fazião eles: e arrombarão / e meterão no fundo tantos paraos, e matarão tantos dos inimigos, que ja cõ medo nã querião pelejar, nem por mais promessas q̃ lbe ho senhor de Repelim fazia: a quẽ el rey de Calicut, que estaua de terra combatendo os nossos, mãdaua dizer muyto a miude que apertasse com as carauelas / e as aferrasse. Mas nem por isso a gente ho queria fazer / tamanbo era ho medo que auia dos nossos. E q̃ vendo ho senhor de Repelim quis entrar ho passo pera cõtetar el rey: ao que eles resistirão muyto rijo / posto que com afrõta grandissima: porque os imĩgos apertauão muyto por entrar: e como os paraos yã muyto fechados, fez a nossa artelbaria muyto grande destroço neles / e nos inimigos. E as carauelas tam bem receberão muyto dãno, que todas forão passadas / e as arrombadas espedaçadas, e feridos muytos dos nossos. Mas quis nosso senhor, que ho fizerão tão esforçadamente / q̃ estes do mar se afastarão / e os que estauão em terra deixarão logo a ponta com muyto dãno que receberão. E vendo el rey de Calicut que ho combate dos paraos cessaua / mandou dizer ao senhor de Repelim que mal compria coeleo q̃ lhe prometera de aferrar as carauelas / ou entrar ho passo: e que ho via muyto afastado delas / e que seu irmão seria ja perto do vao: e ele estaua lonse de ir laa. E coesterecado tornou ho senhor de Repelim

lim a apertar com as caravelas: e começou de chamar os seus: de que ho seguirão algũs que os outros auão medo: e com aqueles fez tanto como dantes. E estando Duarte pacheco nesta fadiga, chegou Landagorá / e disselhe da parte del rey de Cochim, que Hambeadarim ya ao vao com grossa gente: e que não tardasse: porque el rey de Calicut lhe auia dir nas costas. E vêdo do ele q̃ ainda era muyta agoa por vazar / mandoulhe dizer / que se nã agastasse: que bem sabia ho tempo a que auia dacudir. Partido este mellegeiro chegou logo outro com ho mesmo recado a Duarte pacheco que respondeo que os deixasse: porque nã era aquele ho dia del rey de Calicut / nem era tempo de perder ponto / que se a venturaria nisso muyto: e que não era ainda desembaraçado dos paraós. E posto que Hambeadarim chegasse ao vao / nã ho auia de poder passar / por auer muyta agoa por vazar: que ele sabia quando auia dir. E como ja se chegaua a vazãte da maré / foyse el rey de Calicut com a gẽte q̃ tinha pera ajudar a seu irmão a entrar ho vao: e com sua ida os inimigos se afastarão de todo / e se forão. E deixando Duarte pacheco este passo seguro, partio se pera ho vao: onde auia de fazer pouca detença / por ali durar pouco a vazante da maré. E chegãdo lá foy baixa mar de todo / e a gẽte de Hambeadarim começaua de chegar e leuaua algũs berços e carretados: Duarte pacheco pos a proa neles / e entrou pelo vao ate dar em seco tirando cõ a artelharía

e espingardaria, e almagẽ de setas / e arremessos com que fez neles tanto dãno, q̃ se deteuirão sem passar mais auãte. E como eles erã muytos / os nossos não podião errar tiro: e os inimigos não acertauão nhũ: porq̃ todos dauão nas padeffadas dos bateis. Enisto chegou a força da gente de Hambeadarim, q̃ erã doze mil homens / e hũs cometerão de trar ho vao, outros carregauão sobre os bateis que não nadauão. E foy hũa braua peleja sobre chegarẽ a eles: e os tiros e arremessos erã muytos das duas as partes: q̃ certo não se pode contar quão medonha cousa era ver os bateis q̃ se não podião bolir / e os nossos dentro cercados de tantos inimigos / q̃ não trabalhauão por outra cousa se nã por chegar a eles. E como Deos milagrosamente os tinha / q̃ ho não podião fazer / antes muytos se retirauão / e outros se tinhão quedos / caindo muytos mortos, e feridos, que era a agoa de cor de sangue. E isto duraria hũa grande hora: e no cabo dela começarão os bateis de nadar. Os nossos que ho entenderão apertarã tão riço cõ os inimigos q̃ lhes fizerão deixar ho vao / e acolherãse a terra muyto cõtra võtade de Hambeadarim, ja q̃ neste tẽpo chegou gẽte de refresco, q̃ lhe el rey mandaua. E coela tornou a entrar ho vao / e tão aluorçado que não atẽtou pola maré que crecia. E Duarte pacheco polo e ganar mostrãdo q̃ lhe auia medo se retirou bẽpera de tro do vao, sã tirar sua artelharía: e cõ a gẽte abaixada. Os inimigos dãdo grãdes gritas entrarã apos ele

com a goa pela cinta: e vendo os ele
bem metidos virou sobreles as bõ-
bardadas, e ferindo e matando al-
gũs os fez fugir. E mór dâno lhes
fizera, se os deixara entrar mais de-
tro. E não os deixou porq̃a gēte de
Cochi começaua ja de sayr ao vao.
E não quis q̃ cuydassem que ho aju-
daão/ nem menos quis que ho aju-
dassem no começo: porq̃ trabalha-
ua por lhes mostrar que os seus
abastauão pera desbaratar os iní-
gos sē sua ajuda. E recolhidos os
inimigos a terra, que seria a horas
de vespera / fez lhe tanto dâno que
se meterão bē pelo sertão: e assi nes-
ta peleja como na de Balurte lhe
não matarão nhũ dos seus: e dos
inígos não se pode saber ho nume-
ro dos mortos, se não q̃ forão muy-
tos e perderão muytos paraõs. E
el rey d Calicut ficou tão agastado,
e triste por ho senhor de Repeli não
aferrar as carauelas, nē seu irmão
entrar ho vao, que lhes disse a am-
bos palauras muyto injuriosas.

Capit. lxxlii. De como algũs q̃
erão da parte del rey de Calicut
se passarão pera el rey de Cochi.



Desbaratados os iní-
gos / e chea a maré
no vao tornou-se Du-
arte pacheco aas ca-
raueas / que achou
em paz. E el rey de
Cochim lhe mandou preguntar
como lhe ya / e aos seus: e ele lhe
respondeo que bem, e que assi lhe
iria sempre / se soubesse que se auia
por seruido do que tinha feyto. E

cida esta batalha, ho Mãgate e seu
irmão que estauão na ilha de Uaipe
perderão de todo a esperãça que el
rey de Calicut ouuesse vitoria. E tē
do mandado parte de sua gente a el
rey de Cochim se forão parele com
a outra / com que Duarte pacheco
não folgou nada / porque se não fia-
ua deles pola deslealdade q̃ tinhão
cometida a el rey de Cochim ho an-
no passado: e por lhe não quererem
acodir com sua gente no começo da
quela guerra sendo seus vassallos:
porē dissimulou isto. Ao outro dia
que el rey ho foy ver levando os cō-
sigo e todos ho abraçarão despois,
e oulhauão como espantados do
que tinha feyto contra el rey de Ca-
licut. E entendendoos ele disselhes
que se não espantassem / porque ain-
da tornaria a fazer o que tinha fey-
to / e que não ouuessem por muyto
desbaratar a el rey de Calicut / por
que a outros mōres reys desbara-
taria com aquela gente. E os senho-
res responderão que senão espanta-
uão de desbaratar a el rey de Cali-
cut / se não de como ousara de ho co-
meter: ao q̃ ele disse que assi fizera el
rey grande doudice nisso. E passa-
das antres outras muytas pala-
uras de muyta honrra de Duarte
pacheco / offrecerãselhe ho Mãga-
te e outros senhores por seruidores
del Rey de Portugal: e despois se
tornarão pera Cochi / a q̃ logo foy
noua q̃ no arrayal del rey de Cali-
cut sobreuiera hũa supita doença:
que como hum homem adoecia
morria logo, e aquele que mais
duraua não passaua de dous ou
tres dias, e erão muyto poucos

os q̃ durauão tanto, z a doença era como peste: se não que nã nação leuações: z morrião cada dia duzentos homens: z por isso se foy a mór parte da gēte do arrayal, porque a doença durou muytos dias/ z foy coufa de milagre que não morrião se não no arrayal del rey de Calicut q̃ com elles greys z senhores que bo ajudauão se afastou bũ pouco do corpo da gente porq̃ se lhe nã pegaf se este mal. E assi este cue é quãto durou, que sem duuida parece que foy praga mãdada por nosso senhor pera que os nossos tenessem treguas: z descansassem/ porque cessarão os inimigos da guerra em quãto durou esta doença: z os de Cochim estauão coela muyto ledos. E neste tēpo forão ter a Cochim muytas naos dos mouros que hĩ morauão: que por seu mandado yão de Charamãdel inuernar a outras partes: porque não ouuesse em Cochim mãtimentos: z se despouasse. E parece que nosso senhor não quis que isto ouuesse effeyto z deu tempo nas naos com quelhes foy forçado arribar a Cochim, z ali inuernarão ē quelhes pesou/ z venderão os mãtimentos que trazião com que a terra foy muyto abastada.

Capit. lxxv. Como el rey de Calicut em pessoa combateo bo passo do vao.



Das estas prosperidades del rey de Cochim forão logo sabidas por el rey de Calicut q̃ lhe a crecetarão mais a magoa q̃ tinha d̃ ver quão molho era.

E descõfiando de seus capitães fazerem coufa boa, quis meter coeles sua pessoa pa êtrar bo vao: z esquecido de q̃ntas injurias dissiera aos Bramenes/ preguntoulhes q̃l seria bõ dia pera este cometimēto. E eles lhe disserão q̃ os pagodes estauão muyto menencoritos dele por as injurias q̃ lhes dissiera: z q̃ em pēdēça lhe mãdauão q̃ fizesse bũ turcol no lugar da peleja: z q̃ aneria vitoria. z q̃ desse a batalha a bũã quita feyras feys ou sete de Mayo. Do q̃ logo Duarte pacheco foy auisado por suas espias/ z mandou fazer padessadas nouas: z arrombadas, z muyta soma de dados de ferro pera meter ê rocas de fogo com q̃ tirassem aos imigos z z assi muytos paos tostados agudos pera arremessos/ z muytas estacas dareca de pontas agudas z sotis, pera meter no vao pera os imigos se estrepārē nelas: porq̃ todos yão descalços/ z ja tinba metidos abrolhos de ferro: z por serê curtos acrauauãse na areia. E feyto isto tornou se ga as caraue-las, ôde deixou repoular sua gēte ate a mea noyte. E despois de comerê deixando em seu lugar a Pero rafaél, partiõse pa bo vao nos bateis: z chegou la bũã quinta feira sete de Mayo bũã hora ante manhaã dando suas gritas, z fazēdo suas festas costumadas por efforçar os de Cochim: z porq̃ soubessem os de Calicut q̃ era chegado, z achou trezentos faires na estacada, q̃ lhe disserão/ q̃ ao dia dantes despois de ele ido: se forã dali muytos faires do Mangate: o q̃ lhe pareceo treyção z mandou bo dizer por bũ faires ao

príncipe de Cochí, z q se viesse logo pa a estacada, porq ele estaua ja no vao esperádo por el rey de Calicut q seria coele em amanhecêdo. Mas este Raire não deu bo recado ao príncipe, se não a tēpo q nã aproueitou. Em amanhecendo começou da so mar ho exercito dos imigoss q vinha repartido por esta maneyra: yã diante trinta tiros d'artelbaria / z logo ho príncipe Hambeadarim cō bū escoadrão de dez mil homēs / os dous mil frecheiros, z trinta espingardeiros: detras dele ho senhor de Repeli cō outra tanta gēte: z nas costas el rey de Calicut com quinze mil homēs, z obra de q̃tro cētos cō machados pera cortarē a estacada. E Duarte pacheco nã tinha mais q corēta homēs em ābos os batels: z ē cada bū q̃tro berços / por em bē prouidos d' munções. Os imigoss q acōpanhauão a artelbaria, q era bū bō corpo de gēte: em chegando começarā logo d' tirar aos nossos. O q vêdo Duarte pacheco foy se a eles tirādo sua artelbaria com que lbes fez deixar a praya z recolberse ao palmar ficando algūs mortos. E dali esteuerão bū pedaço jugādo as bōbardadas ate q chegou todo ho corpo dos imigoss / q cobrião toda a terra. Hambeadarim q tinha a dianteira mandou logo cometer os nossos cō grande furia / z eles bo fizerão t̃r: assi cō a artelbaria, como cō as rocas de fogo q lbe lançauão, z os dados matarão muytos: z vêdoos os imigoss saltar ficauā muy espātados, z cuydauão q erão feyticos, z porq a agoa vazaua muyto rijo recolheose Duarte pacheco pe-

ra bo alto por não ficar ē seco / z mādou a Chriistouão iusarte q tomasse a boca do vao z a defendesse, porq a não tomassem os imigoss / que cada vez apertauão mais pera entrar: z entrarão muytos / z sobre isto foy būa muyto crua z espantosa peleja / z forão tantos mortos z feridos dos imigoss / q se teuerão por mais que Hambeadarim lbes bradaua q passassem auāte / z era a pressa tamanha dos nossos em se defēder pelo grande aperto em q esteuerão que não ouuio: q lbe disserão algūs que os Raires de Cochí erão fugidos da estacada / z a deixarão só. E nisto se auiuou mais a peleja, porq chegou el rey de Calicut, q Duarte pacheco conheceo por a bandeira / z sombreiro q leuaua / z mandou tirar cō bū berço ao lugar ôde parecia com tenção de ho matar, z não foy morto por se ele baquear do andor em q bo leuauão / z ho pelouro matou dous homēs juto dele, z como ele isto vio afastouse logo dali / com que os seus se aluorçarão tanto que se meterão deroldão ao vao, z com a furia que leuauão se encruarão muytos nas estacas sem até tar por isso: z cayão būs por cima dos outros / z embaraçaranse de maneyra que esteuerão quedos / z teuerão os nossos tempo de os matar com setadas z espingardadas / mas nem por isso deixauão de cobrir a agoa z a terra tantos erão. E nisto os dos machados derão na estacada (sem os nossos atentarem com acupação que tinbão) z como a acharā sem goarda por serē fugidos os de Cochim começarão

de a cortar: e entrarão logo alguns frecheiros dando grandes gritas, e tirarão aos nossos que ficarão cercados de todas as partes: de q̃ os combatião fortemente. Duarte pacheco q̃ vio a estacada entrada esteue em grãdes duuidas/ porq̃ se lhe acodisse e trauião os inimigos bo vao e dãdo lhe nas costas bo tomarião as mãos/ e selhenão acodia entrarião por ela todos e irião destruyr Cochí sem lho poder defender. E por derradeyro determinou daco-dir á estacada, por que nela se poderia melhor emparar dos inimigos e offendelos/ que do batel. E dizêdo isto aos seus, reineteo a ela desparando sua artelharía em roda uia/ e tirando cõ as rocas de fogo/ e com outros arteficios, e arremessos, e entra polos inimigos que yão pera a estacada/ e tolheolhes q̃ não passassem auante matando algũs. E andãdo nisto quasi que ficou em seco por ser muyta agoa vazia. E logo Mãbeadarim carregou sobre ele com dezaseys mil homens/ e dando grandes gritas chegarão tanto ao batel que lhe lançauão mão dos remos/ e a barafunda era tamanha q̃ parecia que se fundia bo mundo/ e as frechadas dos inimigos e arremessos erãtão bastos q̃ matauão a eles mesmos/ e os nossos se defendiã com grande efforço de detras de suas arrombadas/ e por isso os não podiã entrar/ por em afogauã nos por serem tantos. E desta vez esteuerão quasi perdidos selhe nossosenhor não acodira cõ sua misericordia, porq̃ tĩbã rachado hũ traueffam: e desseytas q̃si todas a ar-

rôbadas/ e gastadas as munições q̃ durou a peleja mais tempo do q̃ Duarte pacheco cuydou. E estãdo nesta afronta chega a maré q̃ se não via cõ a grãde reuolta: e pola falta q̃ tĩba de munições, e se reformar da gente por ter ferida muyta lhe foy forçado chegar á boca do vao onde esperaua dachar tudo por deixar dito a Pero rafaél quelho mãdasse/ e leuou trabalho grãdissimo em sayr donde estaua/ que nũca bo batel pode virar cõ os inimigos que bo tĩhão cercado/ e cercado deles sayo com a popa por diante/ e alli foy ate chegar a Christouão iusarte, q̃ tambẽ teue assaz de fadiga em defende a boca do vao/ e matou cõ os seus muyto grãde soma dos inimigos. E achando aqui o que ya buscar, refezse de tudo cõ Christouão iusarte: e leuoubo consigo por não ser necessario defender mais a boca do vao por amor da enchête dagoa q̃ ho fazia despejar dos inimigos, e bo melino fizerão outros q̃ estauão na estacada polos apertarem muyto cõ a artelharía, e muytos forão mortos, hũs de feridas/ outros de fogados: e os nossos os seguirão ate a banda de Porquã onde estaua el rey de Calicut muyto enuegonhado pelo que dissera a seu irmão e ao senhor de Rapelim e não fazia mais q̃ eles: e apertados os inimigos dos nossos fugirão todos. E indo el rey fugindo pela borda dũ palmar defrõte das carauelas: mãdoube Pero rafaél tirar com hũa bombardã grossa, q̃ lhe matou dũ tiro treze homens e hũ deles daua bo betel a el rey, e matoubo tãto

perto dele q̃ ho encheo de sangue: z elrey se baqueou do âdor cō medo/ ficando lbe na peleja morta gēte sem conto, sem dos nossos morrer nhũ, durando ela de pola manhaã ate ho meo dia. E quando el Rey dō Banuel de Portugal soube despois esta vitoria por amor da lealdade q̃ elrey de Cochi vsou cō os nossos na guerra passada z nesta, z do seruiço que lbe fez lbe deu seyscentos cruzados de tença de juro/ q̃ se lbe pagão cō grande solēnidade: z ho padreão desta tença lbe leuou despois dom Francisco dalmeida primeyro visorey da Índia como direy no segundo liuro.

Capit. lxxvj. Do que Duarte pacheco disse ao príncipe de Cochi sobre a treyção q̃ lbe foy feyta.

Despois que elrey de Calicut fugio/ partiose Duarte pacheco pera as carauelas sem querer falar ao príncipe d Cochim por amor da treyção q̃ lbe fizera os seus Aiares em deixar a estacada: z pareceo lbe que ele fora em consentimento disso pois não viera a tēpo: z mandando lbe ele pedir q̃ lbe falasse a bordo da goa/ lbe mandou dizer q̃ não podia por leuar sua gēte cansada, z q̃ pola manhaã lbe ounera de falar quando lbe mādou dizer q̃ elrey de Calicut ya pelejar coele no vao: z pois não fora nã tinha mais q̃ falar q̃ deixar. lbe Cochi seguro delrey d Calicut z coisto mandou remar riso: z tirar bôbardadas, z dar gritas. E parecendo ao príncipe aqla resposta aspera:

z de quē estaua agrauado dele/ tornou lbe a mādár pedir q̃ lbe falasse/ z ele de importunado lbe foy falar: queixandose ho príncipe de sua resposta/ lbe pregūtou q̃ culpa lbe daua. E ele lbe disse, z quelbe parecia q̃ aquilo fora treyção do Mangate z de seus parētes: z por em que não crese que lbe podia empecer: por q̃ a descōfiança q̃ tinha dele z dos seus lbe faria fazer suas cousas com melhor recado, z quē tão mal goardaua sua terra q̃ leuemēte a perderia/ z se aquilo fora trato que pouco ganhara em se ele perder / z se ho não era que nã podia desculpar os seus de fracos/ ainda q̃ ser a gente fraca, ou esforçada lbe vinha do capitão. Ao príncipe vierão as lagrimas aos olhos cō aspereza destas palavras: z disse q̃ lbe não desse culpa no q̃ dizia/ por q̃ a não tinha/ nē crese dele o que dizia, por q̃ seu recado lbe não fora dado mais cedo/ nem soubera q̃ elrey de Calicut auia dir ao vao, z q̃ ho não julgasse por homem de tratos/ z mais pera quē tantas vezes se auenturaua a morte por amor delrey de Cochim / que se lbe mais cedo fora dado seu recado, mais cedo fora: z coisto disse outras cousas com q̃ Duarte pacheco perdeu a sospetta q̃ tinha z ficarão amigos. E Duarte pacheco se foy pera as carauelas ôde elrey de Cochim ho foy ver saindo ele em terra a recebelo: z elrey ho abraçou cō muyto amor, z a todos os nossos: z assim mandou q̃ o fizessẽ os señores q̃ yão coele. E q̃rêdo elrey desculpar ho príncipe da culpa que lbe deu/ disse lbe q̃ não soubera que elrey de Calicut a

uia de ir ao vao se nã quando ele mãdara chamar bo príncipe que fora ja tarde: e que não vira os Brame- nes: porque m lhe mãdara dizer da vinda del rey de Calicut. Duarte pacheco lhe disse, que ele quísera es- cusar de falar naquilo, mas q pois vñhã a proposito que lhe diria o q entendia: que era não lhe serem bo Mangate / nem seus parentes tão leays como ele cuydaua, e que se ho eles nã forão dãtes / como ho auiaõ de ser querendo sua amizade mais por confragimento de temor q por amor: e que era certo q eles fizerão que os Brame- nes lhe dessem seu re- cadopoís mandarão ir a tal tempo a sua gente da estacada: e por a cul- pa que sabião que tñhãõ ho não fo- rão ver / e pois não tñha necessida- de deles pera que os queria em Co- chim, que os deixasse ir pera el rey de Calicut: porque lá se temeria de- les menos que em Cochim. E que tam- bem os seus Maires ho deixarã ja duas vezes que não sabia q aquí- lo era. que selhes mãdaua hũa cou- sa perante ele: e outra em secreto q ho desenganasse. e que isto lhe não dizia por necessidade q teuesse dos seus: mas porque não conbecessem os inimigos quão fracos erão. El rey de Cochim ficou muyto triste do que lhe Duarte pacheco disse: e disculpou selhe tanto que ele ficou satisfeito: e outra vez tornou el rey a mandar aos seus que lhe obede- cessem como a ele mesmo.

Capit. lxxvii. De como el rey de Calicut mãdou deitar peçonba nos mantímẽtos que os nossos auiaõ de comprar.



O rey d Calicut fi- cou muyto espan- tado de ver tantos mortos dũ só tiro: e teue por grande marauilha escapar dali viuo: e porem ficou muyto cor- rido de não fazer mais que os ou- tros indo ele em pessoa, e polo enco- bzir tornaua a culpa aos brame- nes e feyticeyros que lhe conselbarão q desse a batalha: e disselles que erã muyto grandes mintirosos, que ca- da día ho enganauão, e que os não auia mais de crer, que se ho assi fize- ra da primeyza vez q ho enganarão / que não recebera tanta perda como recebeo. E assi disse muytas inju- rias aos Maires: e estaua tão men- corio que parecia doudo. Os reys que ali estauão lhe disserão que não tñha rezão de os culpar de fracos: porque não ouuera outros homẽs que lhe resistirão se não os frangues que erã feyticeiros e com feyticos podião tanto. Ao que ho senhor de Repelim tam- bem quis ajudar. E el rey lhe disse q se eles erão pera tão pouco como lhe nã aferrara as ca- ravelas cõ tão grossa armada como leuaua: e que lhe matara tãta gẽte / e pois q lhes não entrara ho vao: di- zẽdo lhe muytas vezes q se calasse q não fizesse tão pouco do q era tão- to, q se não podia vencer cõ tantos mi- lhares de homẽs / q nã posesse a cul- pa de serẽ os seus vécidos aos fey- ticos se não a seu pouco esforço: do q ele ficou grandemẽte euer gonha- do e dissimulou, e cõselhou lhe que mãdasse deitar peçonba na agoa d q se presumisse q os nossos podião beber: e assi os mantímẽtos q lhe vẽ

deffêz q̃ mādasse Maires a Cochî, q̃ mataffê secretamête dos nossos os mais q̃ podessem, z por esta maneyra os apouquentaria pois não podia por outra. E este conselho mandou logo el rey q̃ se posesse em obra: z ouuera daver efeyto se não fora por Charcanda hū Mairê que fora criado do príncipe Maramuhim q̃ ho descobrio a Duarte pacheco, q̃ mādou logo q̃ sopena de morte se nã tomassen bũa agoa pa os nossos se nã ê fôte q̃ cada vez se abrisse de novo, porq̃ na terra auia tanta agoa q̃ abastaua pera isso. E pera os mātimentos ordenou dous homêns q̃ os não comprassem sem primeyro tomar a salua quem lhos vendesse. E pera os Maires que auião de matar os nossos proueo el rey de Cochim como era necessario/ assificalão os ardis del rey de Calicut todos atalhados, a que despois que ho soube foy aconselhado pelos mouros que mādasse queimar Cochim secretamente/ z que mandasse combater jūtamente a nao z as carauelas, z que mādasse leuar cobras de capelo em panelas pera que as deitassem nas carauelas z mordessem aos nossos, z quando pelejassem mandasse deitar pelo ar pós peçonhêtos que os cegassem: z que tornasse a combater ho passo do vao, z leuasse alifantes armados pera trastornarê os basteis/ z que não podia ser que coísto nã de barataffe os nossos: o que ele creio que seria assi. E começando de se perceber pa isso, foy dito a el rey de Cochim, onde se leuantou grande rumor com ho medo que a gente ouue coestas nouas: z el rey foy ver

Duarte pacheco z lho disse: do que se ele rio dizendo q̃ tudo aquilo erão feros del rey de Calicut que fazia sempre pera ver se lhe auião medo/ z em fim auia de fazer tão pouco como ateli. Porque ele tinba ordenada bũa cousa que se el rey viesse ho auia de prender, z tomar lhe os alifantes / z matar lhe quanta gente trouuesse. E que ja ho fizera / selhe lembrara mais cedo: por isso que se não agastasse/ z que se tornasse a Cochim, z que lhe mandaſse quantas cadeas/ z amarras de naos lá ouuesse / porque lhe erão necessarias pera o que auia de fazer. Do que el rey foy muyto ledo: z logo lhas mādou. E Duarte pacheco fingio que queria fazer hū grande edificio / z dous dias não consentio que nhū de Cochim fosse ao vao. E neste tēpo mandou abzir á borda dagoa grandes couas z altas: z traueſsar nelas grandes vigas. O que vendo os de Cochim/ crerão o q̃ lhes dizia: z perderão ho medo que tñhão/ z desejaũão que viesse el rey de Calicut: a que forão as nouas de todas estas cousas, z do que Duarte pacheco dizia. O que os seus crerão/ z ouuerão tamanho medo que por nhũa maneyra quiserão ir coele ao vao nem menos pelejar com as carauelas. E nã fez tão pouco quādo os pode persuadir que fossem pelejar com a nao de Duarte pacheco: o que ele sabendo mandou recado a Diogo pereira: z que fizesse como homem, que lhenão auia dacodir: porque se temia, que mandar el rey de Calicut sobre a nao/ era trato. E Diogo pereira lhe respõdeo/

que perdesse o cuydado, q̃ ele lhe da-
ria boa cōta dela, e assi ho fez: posto
q̃ pelejarão coele oytēta paraōs: de
q̃ alagou dous / e arrombou tres: e
matādolhe muyta gēte os fez fugir.
E estes se forão a bũa ilha q̃ está bi-
perto, q̃ se chama a terra dos cinco cai-
mais: e refazendose de gēte forãse a
outra ilha del rey de Cochī / q̃ está
q̃si defronte da nossa fortaleza / e sal-
tarã nela muytos dos imigos, e po-
serãlhe fogo. E os moradores q̃ erã
gente baixa e não pelejauão fugirã
logo / lançãdose ao mar pela outra
bãda da ilha: e forãse a nado pera a
nossa fortaleza. E Lourenço more-
no q̃dísiera ir sobre os imigos / mas
ho feytoz não quis / dizendo q̃ erã
muytos / e q̃ ele ao mais q̃ podia le-
uar dos nossos seriã quinze: e q̃ yã
ē grãderisco, q̃ melhor acodiria Du-
arte pacheco. E mandoulho dizer:
e q̃rêdo ele lá ir / soube q̃ os imigos
erão idos: e por isso não foy.

Cap. lxxviij. De como ho capitã
mór Duarte pacheco pelejou cō
cincoenta e dous paraōs dos im-
igos.



Depois disto estãdo Du-
arte pacheco hũ domingo
sentando na sua carauela
q̃ viera de vigiar aquella
noyte, como fazia as outras, disse-
lhe hũ homẽ que estaua no topo do
masto, q̃ pola bãda d̃ Repeli vinhã
dezoito paraōs de Calicut. E sa-
bendo que não erã mais disse aos
seus: Ea filhos / vos outros estais
pera dar nestes paraōs. Bem sey q̃
estais cansados do trabalho desta
noyte e hoje: porẽ estes samos para-
ōs q̃ queimarã a ilha de Cochī, eles

sã poucos e recolhẽse, e agora pas-
sa de meo dia: se dermos neles, espe-
ro q̃ nosso senboznos ajude / e q̃ os
leuemos na mão. Todos disserão q̃
estauão prestes. E deixando recado
a Pero rafael que lhe socorresse na
sua carauela se fosse necessario, e bar-
couse nos batels / e mandou a dous
paraōs d̃ Cochī q̃ bi estauão que se
adiantassẽ, por q̃ erã mais remeiros
pera q̃ lhe fizessẽ deter os imigos: q̃
vendo ir os nossos contreles amai-
narão / e tomarão os remos / e dei-
xaranse ir pareles. E chegãdo aos
nossos a meo rio, sairão supitamẽte
detras de hũa ponta de zafey s pa-
raōs, e apos eles dezoito: e feytos
cō os primeyros em tres esq̃drões,
poserãse a tiro d̃ bõbarda hũs dos
outros. Duarte pacheco q̃ vio tan-
tos peloulhe d̃ os ter cometido por
quã singelo ya, q̃ não leuaua mais q̃
cozenta e quatro dos nossos: e co-
mo já nã auia outro remedio deter-
minou de os aferrar: e esforçãdo os
seus pos a proa e os primeyros / e
tirãdolhe as bõbardadas arrõbou
dous. Iho q̃ vendo os imigos tene-
ranse / e os nossos lhe derã hũa grã
de grita: e remetendo a dous q̃ yã
diante pera os aferrar, sentirã nas
costas hũ dos outros esq̃drões / q̃
apertauão coele as bõbardadas. E
por isso Duarte pacheco virou a es-
tes cō ho seu batel: e poêdo a popa
na do outro deixouho / pera q̃ pele-
jasse com os dous q̃ ya aferrar. De
que ho estrouarão os imigos que
sobreuierão: e poserãse hũs com
os outros as bombardadas / e os
nossos ficarão cercados deles: po-
rem estauão mais seguros dos rĩ-

ros que os inimigos / por amor das
padeffadas que tinbã : e meterãlbe
quatro paraos no fundo / e em ou-
tro arrebetou bũ tiro , e matoulbe
ho bõbardeiro / e outros dous bo
mẽs , e os outros se lãçarã logo ao
mar e fugirão pera terra a nado. E
os nossos tomarão ho paraó , e ou-
tros fugirão , indo os nossos apos
eles as bõbardadas : e alcançando
jũto cõ terra chegarãse tão perto , q̃
jugauão as lançadas , tẽdo os imi-
gos as popas dos paraós e terra.
E os nossos os desbaratarão logo ,
senã sobreuierão por terra muytos
ẽ sua ajuda : e cõ tudo aferrarãnos.
E os primeyros q̃ saltarão e bũ pa-
raó dos inimigos forã / João gomez
bojardo , e Riculao hires / e cõ ou-
tros q̃ saltarão logo fizerã recolher
os inimigos a popa do paraó / onde
se defenderão bũ pouco : e assi neste
paraó como em outros foy a peleja
muy grande. E dos inimigos bũs pe-
lejaũão , outros se lançauão ao mar
e fugião pera terra : e por deradey-
ro assi ho fizerã todos cõ medo dos
nossos / que fizerão este dia cousas
marauilhosas. E segũdo se depois
soube / nunca os inimigos teuerã por
tamanho feyto nbũ de quantos os
nossos fizerã nesta guerra como este :
nem ouue ate este tẽpo outro q̃ lbe
tanto quebrasse os corações , porq̃
afora serem vencidos morrerã muy-
tos : e dos nossos ficarão algũs fe-
ridos. Desbaratados os inimigos /
os nossos tomarão quatro paraós
que nã poderão levar mais / e acha-
rão neles muytas armas / e treze
bombardas , as quatro delas eram
muyto boas , e bũã era de metal , q̃

tiraua ferro coado , e mais furioso
q̃ hũ falcão. E partido Duarte pa-
checo tornarão os inimigos a meterse
nos paraós , e seguirãno as bõbar-
dadas , mas nã q̃ lbe chegassẽ. E ele
os leuou assiate as carauelas. E di-
xãdoos bĩ , tornou sobre os inimigos
as bõbardadas / e arrõbou algũs
deles , e os outros fugirão sẽ os po-
der alcãçar. E tornãdose vto da bã-
da d' Repeli grãde multidã dos imi-
gos q̃ acodiã aos paraós. E da bã-
da de Cochi estaua el rey coesses se-
nhores q̃ ho ajudauão : q̃ indo visi-
tar Duarte pacheco chegou defron-
te das carauelas a tẽpo q̃ ya de lar-
go pelejar cõ os paraós / e por isso
vto a peleja / e fez grãde festa cõ a vi-
toria dos nossos. E conbecẽdo Du-
arte pacheco q̃ el rey de Cochi esta-
ua e terra / mãdou logo q̃ fizessẽ as
carauelas prestes / pera ho festejar e
cõ a artelbaria. E foyse logo parele
que ho recebeo bradando cõ todos
os seus / Portugal / Portugal. E
Duarte pacheco cõ os nossos / Co-
chin / Cochi. E apos isto saluã as
carauelas cõ a artelbaria : e Duar-
te pacheco saltou e terra , e el rey ho
leuou nos braços cõ grãde alegria :
e os outros senhores ho abraçarã
despois : e esteuẽro falando no que
lbe acontecera cõ os inimigos. E crẽ-
do el rey q̃ fora pelejar cõ os paraós
cõ os ter vistõ todos disselbe / q̃ se
posera e grãde risco : e ele nã lbe q̃rẽ
do dizer como fora / lbe disse q̃ cada
vez q̃ se achasse cõ outros tãtos pele-
jaria cõ eles : e q̃ cometeria por seu
seruiço outros mōres feytos que a
quele : e offreceolhe a presa dos pa-
raós que tomara , q̃ el rey nã quis :

saluo quatro bombardas, e outras muytas armas: e fez Duarte pacheco perantele noue caualeiros: e dizêdo-lhe el rey, como cada dia se yã parele muytos daqueles que lhe forão reueis, que ajudauão a el rey de Calicut: ele ho ouisou que se não fiasse deles.

Cap. lxxix. De como os inimigos entrarã na ilha de Cochim, e forã desbaratados per certos poleãs.



Uyto triste ficou el rey de Calicut pelo desbarato do seus paraõs, e por as bõbardas q̃ perdeu: e disse sobre isso muytas palauras magoadas. E por não anoiar os mouros não disistio da guerra, q̃ temia irê-se de Calicut / e perder toda sua renda. E os mouros lhe conselharã q̃ mandasse meter naos grandes pelo rio de Cranganor: que yater ao de Repeli / por onde yão ao passo de Palurte: e como as naos erã muyto mais altas que as carauelas podelas yão aferrar. E el rey ho quisera fazer, mas não poder ser / por nã poderem as naos chegar ao passo por hũs bayos que estauã no caminbo e tornar anse. E vendo os mouros isto conselharão a el rey, q̃ mandasse cõbater ho vao pelo príncipe, e pelo senhor de Repelim tantas vezes que cansassem os nossos / e os tomasse: e isto se determinou. Do que sendo Duarte pacheco auísado / foy amanbecer ao vao / leuando com os bateis os quatro paraõs que tomara, e posse da bãda da terra de Porquã / onde falo a espe-

rar os inimigos como costumaua / por em eles não vierão: Porque sabendo ho príncipe, e ho senhor de Repelim como a nossa armada estaua acrecentada, ouuerão medo de serẽ desbaratados, e não quiserão ir. E porque não andassem em delongas de pelejas, determinarão de entrar na ilha de Cochim por outro passo que se chamaua o d̃ Palinbar hũa legoa a baixo do vao que era muyto estreito: e era tão forte com vasa muyto alta / e espinheyros muyto grosos e bastos, que parecia q̃ era impossíuel poder entrar gente por ele. E por isso ho mais do tempo estaua sem goarda: e tambem porque nunca os inimigos fizerão inclinaçã de entrar por ele: e como ho príncipe e ho senhor de Repelim sabião q̃ estaua mal goardado, quiserão prouar de entrar por ele: e mandaram ir diante muyta gente baixa / cõ machados / enxadas / e cestos, pera fazerem caminbo aos Maires: e como o passo estaua sem goarda logo foy feyto, e os Maires começarão de entrar / e forão dar com muytos poleãs, que são trabalhadores / gente muyto ciuil antre os Malabares. E como virão entrar os inimigos, e não virão quem lho defendesse: de fenderão eles: e apilidarão logo a terra dando suas coquiladas / aque acodirão hũs com enxadas / outros com paos feytiços e pedras, porq̃ não podẽ ter outras armas: e hũs de ca / outros dela fizerão hũ bom corpo de gente / e derão nos inimigos / ainda que erã Maires / que lhe defendia a sua ley so pena d̃ morte, que se nã tocassem coeles. Porq̃

rem os Haíres que ficão çujos: e
 tanto crem isto, que ainda aquí com
 medo de se çujarê, vêdo remeter os
 poleas a eles fugirão. E como os
 dianteiros derão nos traseiros des-
 barataranse, e fugirá tão desatina-
 dos que cayão bús por cima dos ou-
 tros, e os poleas tomando as ar-
 mas a muytos que matarão/as pã-
 cadas matauã coelas outros: e assi
 os desbaratarão e lançarã fora da
 ilha: e os outros que estauã por en-
 trar nela não ousarão de passar auã-
 te/ crêdo que andaua ali Duarte pa-
 checo. E assi se forão desbaratados
 ho príncipe/ e ho senhor de Repelã,
 com muyta gente morta/ por se os
 seus Haíres não quererê tocar com
 os poleas de Cochim. E sabêdo na
 fortaleza d'ista peleja acodiolhe Lou-
 renço moreno cõ algũs dos nossos,
 e ja nã achou que fazer, que era ho
 feyto acabado, que se fez tão prestes
 quem a gente que mandou el rey
 de Cochim em socorro não achou q
 fazer: mas posse em goarda daquele
 passo. Os poleas despois que des-
 baratarão os inimigos atauiarãse
 per mandado de Lourêço moreno,
 dos paos e armas dos mortos: e
 forão dar conta a Duarte pacheco
 do que tinhão feyto, que nunca sou-
 be da ida dos inimigos a Malinbar/
 se não a tempo q nã podia socorrer.
 Porque pera ir por agóa aua baí-
 xos por onde os seus bateis não po-
 dião nadar. E quando vio os pole-
 as que cbegauão a ele, levantonse a
 recebelos / crendo que fossem Haí-
 res. Candagoza que estaua com ele
 lhe disse, que se não alenantasse por
 que erão os poleas que desbarata-

rão os inimigos. E ele folgou muyto
 cõ sua vinda, e fez lhe muyto gafa-
 lhado/ e mādouos assentar/ ainda
 que Candagoza nã quísera/ e man-
 dauaos levantar, e ele não quis/ di-
 zendo q rezã era que se fizesse hõrra
 a homẽs que a també souberão ga-
 nhar: e pois fizerã hũ feyto tã hõr-
 rado que ja não auião de ser poleas,
 senão Haíres/ e que assi ho aua de
 pedir a el rey. Elago Candagoza lhe
 disse que el rey ho não auia d' fazer/
 porq nã podia: porẽm Duarte pa-
 checo os mandou todos assentar e
 rol/ pera pedir a el rey de Cochim
 que os fizesse Haíres/ e assi lho pe-
 dio. Do que se el rey escusou, dízẽdo
 que era seu costume não poderê ser
 Haíres, senão os que nacião Haíres:
 que se ho podera fazer ho fizera de
 muyto boa vontade/ que bem via q
 ho merecião: mas que os Haíres se
 levantarião contrelle/ porq tinhã
 por preuilegio antigo, que não po-
 desse ser Haíre quẽ ho nã era de seu
 nascimento. E insistio tanto Duar-
 te pacheco com el rey que lhe fizesse
 Haíres os poleas/ que lhe disse que
 pois lhos não queria fazer, que bus-
 caria quẽ lhos fizesse. E el rey disse
 q se ouuesse rey na Índia que o qui-
 sesse fazer, q ele o faria. E vêdo Du-
 arte pacheco q não podia ser / con-
 tentouse que el rey desse preuilegio
 a estes poleas, e aos seus descēden-
 tes, q podessem passar pelos cami-
 nhos, posto q passassem os Haíres/
 sem terẽ por isso pena/ e q podessem
 trazer armas/ e que fossem livres
 de todo tributo. E coísto que ouue
 se acresentou ho amor que lhe tinhã
 os de Cochim.

Capit. lxxx. De hũa treyção que hũ mouro de Cochim quísera fazer ao capitão mor Duarte pacheco.



O rey de Calicut q̃ desejava muyto da uer as treze bõbardas que lhe os nossos tomarão, cõcertouse cõ hũ mouro d' Cochim chamado camalamacar mercador rico e honrrado q̃ lhas ounesse. Ele se offreceo a isso, por querer grande mala Duarte pacheco / como todos os outros de Cochim ho querião, posto que dissimulauão. E pera auer as bombardas ordenou hũa treyção / q̃ ou as auia da uer, ou se auia Duarte pacheco d' perder: e começou de a ordir, cõ lhe fazer saber por el rey de Cochim que tinha cem babares de pimenta pera vender na nossa feytoria: e por se temer dos nossos que estauão nos passos do vao e Palurte, lhe era necessaria hũa bādeyza que leuasse arnozada em hũ tone, onde tinha ebarcada a pimeta, pera que vêdoba os nossos honã salteassem. Duarte pacheco deu a bādeyza, e disse q̃ se fosse necessario que ele iria pelo tone: o mouro disse que abastaua a bandeyra / porq̃ ele não se temia tanto dos inimigos como dos nossos sem seu sinal. E esta palaura pareceo mal a Duarte pacheco, porq̃ conhecia bo mouro por roim: e porq̃ el rey era o correto: e não especulou bem. E como bo mouro teue a bandeyza mādou dizer a el rey d' Calicut que este nesse toda sua frota detras da pōta de Repelim, e que vendo ir pelo rio

abaixo hũ tone com hũa bandeyza branca que tinha hũa cruz vermelha / saísse a ele dez ou doze paraos e q̃ ho tomassẽ, pa q̃ Duarte pacheco lhe fosse acodir cõ os bateis, a q̃ lo go sair ia toda a armada / e q̃ ho tomariã: e quando não, que pelo tone q̃ tinha feyto crer que ya carregado de pimenta aueria as treze bombardas. E estado el rey d' Calicut muyto ledo cõ este ardil, hũ dia pela manhaã passou bo tone: e por amor da bandeyza que leuaua deixou Duarte pacheco passar / se não quando indo hũ pedaço das carauelas vio sair a ele dez ou doze paraos. E vendo isto acodiolhe com os bateis / e paraos / e hũ caturem que ya Pedro rafael. E indo ao longo da terra vio vir contrelle hũ homẽ correndo, e acenandolhe que esperasse: bo que ele fez / posto q̃ neste instante os inimigos tomarão bo tone. E chegando bo homẽ que era hũ Panical a boz da dagoa / disse a Duarte pacheco, que não passasse auante: porque detras da ponta de Repelim estauão cento e oytenta paraos d' Calicut: e porque bo Panical e outros Nafres que hi estauão não cuydassẽ q̃ ele auia medo aos inimigos, disse que bem sabia que estauão ali / mas que não auia de sofrer tomarẽ assy bo tone. E dizendo isto pos a proa nos q̃ ho tomarão, e fez que os ya demãdar. E mandou a Pedro rafael que fosse descobrir a ponta, e se visse os inimigos que tirasse hũ tiro, e virasse logo: e se não que arnozasse hũa bādeyza. E ele virou logo, tirando hũ tiro porque vio os inimigos: e eles sairão apos ele, vendo que erão descu

bertos: e tirauanlhe muytas bombardadas. E Duarte pacheco lhe acodio logo / tirando do seu batel e dos outros. E sobre recolher Pero rafael foy hũ aspero jogo de bombardadas: e os inimigos apertauão os nossos muyto riço, e cõ muyto trabalho se ajutou Pero rafael cõ eles: e logo Duarte pacheco se recolheo pera as carauelas com as popas por diante, e as proas nos inimigos por lhes poder tirar cõ a artelharía. E eles trabalhauão quanto podião por lhe chegar sem temor da nossa artelharía: e as vezes chegauã a bote o lãça, e assi foy cõ muyta afrõta ate chegar as carauelas õde se recolheo cõ outra muyto mayor, e todos os seus: porq̃ como os inimigos yão tã pegados coeles, passarã os nossos muy grãde perigo: e os inimigos ficarã tão perto das carauelas como nũca esteuerã / e tudo foy pera mõi seu mal, q̃ como elas começarão de jugar cõ a artelharía fizeramos afastar com algũs paraõs arrobados, em q̃ lhe matarão algũ gente: e os nossos lhe dauã grandes apupadas, fazendo escarnio de quã pouco fizeram. E indose ja os inimigos, Duarte pacheco foy apos eles nos bateis / tirandolhe bõbardas cõ magoadõ do tone que vira tomar / que cuydaua que ya carregado de pimenta / como lhe dissera çamalamacar. Do que aquele dia atarde o defenganou ho mesmo Panical q̃ lhe dera ho auiso da armada del rey de Calicut: e disselhe a verdade do trato de çamalamacar / e a cilada q̃ lhe tinha armada cõ ho tone / e disselhe mais que se não fiasse de nũ

mouro de Cochim, porque todos erã seus inimigos. E por estes auisos lhe fez Duarte pacheco merce: e ao outro dia estando ele em terra, foy çamalamacar ao passo com outros mouros / e mostrouse muyto triste pela perda do seu tone. Dizendo q̃ ya carregado de pimenta Duarte pacheco lhe disse q̃ nã se agastasse, porque tudo faria por ele nã perder sua pimenta. E ele respondo q̃ se cometessẽ el rey de Calicut cõ os paraõs e bõbardas q̃ lhe tomarão q̃ poderia ser que daria a pimenta a troco. Ao q̃ Duarte pacheco disse / que pera tão pouca pimenta lhe parecia muyto grãde preço ho das bõbardas e paraõs / e porẽ que tudo faria por ele ser satisfeyto, e q̃ fossẽ ver as bõbardas: e isto dizia indose coeles pera os bateis. e chegando a eles disselhe que etrasse no seu pera ir ver as bõbardas que estauão nas carauelas. E ele cõ medo sem saber de quenão quísera entrar: mas Duarte pacheco ho fez entrar por força: ao que os outros fugirão pera Cochim. E chegado Duarte pacheco a sua carauela cõ çamalamacar, mandouho açoutar / e depois picar com hũ caniuete / dizendolhe q̃ como lhe tenesse dado muytos tormentos ho auia logo de mandar enforçar, pola treyção que lhe quísera fazer, e contoulhe como a soubera, picado ho sempre cõ ho caniuete: cõ ho que ho mouro pagou bem ho q̃ tinha feyto. E estando pera ho enforçar foy dito a Duarte pacheco da parte del rey de Cochim que lhe pedia quenão fizesse nada ate ele ir, que ja ya õ caminho: porque lhe ya

muyto em se fazer assi. E a causa delte recado lhe chegar tão cedo, foy acharêno no caminho os mouros que fugirão/que ya visitar Duarte pacheco: de quê se lhe queixarão/ dizêdo que leuaua çamalamacar às carauelas pera bo matar / prometê dolbe se tal fosse de se irem todos ô Cochim. E como este era hum dos grandes medos que el rey tinha na quella guerra pola falta de mâtimêtos que auer ia mandou este recado tão depressa, e Duarte pacheco por amor dele não mandou enforçar çamalamacar / posto q̃ lhe pesou muyto se ho não ter feyto: e ate q̃ el rey veio bo atormentou fortemente que nhũ cabelo lhe deixou na barba. E chegado el rey cõtoulhe toda a treyção que ordenara pedindolhe muyto quel bo deixasse enforçar: o q̃ ele não quis conceder pela rezão que disse/ pedindolhe por isso muytos perdões/ e certificandolhe que leuara tanto gosto como ele em ser enforcado, porque ho merecia: e vendo Duarte pacheco isto lho deu. E el rey ho leuou consigo a Cochim reprimendolho muyto do q̃ fizera.

Capit. lxxxi. De como hũ mouro inuentou a el rey de Calicut bũs castelos de madeira/ com que podessem aferrar as nossas carauelas.



Endo el rey de Calicut quão pouco lhe a proueitauão seus ardis. e que cõ quanto poder tinba não podia fazer que tendo os nossos tão

pouco deixassem bo passo / quissera leuantar bo arrayal/ e irle se não fora pelos mouros que bo reprenderão disso, e assi esses reys e senhores que estauão coele: e quasi q̃ bo deteuêro por força/ com lhe affirmarê que Duarte pacheco não podia estar ali muyto: e q̃ como se fosse entraria bo passo / e tomaria Cochim. E el rey estaua ja tão quebrado dos espiritos, que posto que via que aquilo não auia de ser/ deixaua se ir com o que lhe dizia. E sabêdo Duarte pacheco o que disserão a el rey de sua partida, per a que seoubesse quão de vagar estaua / mandou fazer bũas casas em bũa ponta que entrava muyto no rio: e mandou abzir bũa caua pera que ficasse em ilha/ porq̃ bo não podessem entrar pola banda da terra firme. E na ponta da ponta mandou fazer hum bastião muyto forte de terra / e de madeira cercado ô caua, em que mādou poer dous falcões com que va rejaua bo rio: e ali junto tinha sua armada, em q̃ say a muytas vezes aos paraós dos inimigos/ que por lhe fazerem sobrançaria se lhe mostrauão: e quando lhe fugião os ya buscar por esses rios / e esteiros: e fazialhes tanto dano que os inimigos não ousauão da parecer se não muytos: e por em poucas vezes por estarem ja muytos cansados e quebrados de verê tâtas victorias aos nossos, e eles não poderê alcançar nhũa. E por isso lhe não sayão se nã quando lho el rey mādaua: o que nã esperauão da primeyra. E costa fraqueza dos inimigos tinbão os nossos tẽpo de fazer e sua terras muy-

to grande destruyção cō ferro z fogo. Com que andauão os moradores tão espantados que nã ousauão de dormir nos lugares, porque os nossos os salteauão de noyte: z yão se dormir ao campo/ por estare mais seguros: z tinbã tamanbo medo que yão clamar a el rey de Calicut que lhes valesse/ z que acabasse de destruyr os nossos, ou fizesse paz co eles: porque ja não podião sofrer as fadigas daquela guerra: z se não q̃ lhes seria forçado irẽ buscar outra terra em que morassem. E coisto estava muyto triste, z nã se sabia dar acõselho porque se queria falar na paz, a ameaçauão os mouros/ que se irião de Calicut: o que ele temia muyto pola rēda que nisso perdia: z doutra parte via perder sua terra com que perdia seu estado. E sem se poder determinar estava em grande agonia, z ela ho pos em talestremo que determinou de querer paz com Duarte pacheco, z tão secretamente que se não soubesse se não despois de feyta. E a ninguem deu entã conta de seu pensamento se não adous mouros mercatores de Cochim, de que hũ auia nome Chirina marear / z bo outro Amalle marear. E estes instruidos por ele dissimuladamente disserão a Duarte pacheco antre outras cousas que se ele quisesse paz com el rey de Calicut, q̃ nã faria mais guerra a Cochim, z que logo se iria cō toda sua gente. E isto dizião dando a entender que el rey de Calicut não sabia nada disso/ senão que se ele quisesse negociarião aquilo com el rey polo servir. E ele que bem entendia sua

roindade, lhes respondeo muy secamente: que não podia crer que hum rey tão poderoso z tão rico como se cuydaua no Malabar q̃ era el rey de Calicut/ estando tão acõpanhado de reys z grandes senhores, z d tanta gēte de guerra. quisesse fazer paz cō quẽ não tinba mais q̃ setẽta z quatro companheiros, nẽ quisesse deixar por seu medo o que tinba começado: z pois eles erão tamanhos seus seruidores como sabia q̃ não dissessem cousa de que ele receberia tamanha vergonha, nem lhe deuão dacõselhar que desistisse da guerra como sabia que lha cõselbauão que não desistisse: porq̃ a ele não lhe daua nada dela, nem queria paz ainda que el rey quisesse, se nã seguito ate entrar em Calicut: o que soubessem certo que auia de fazer ainda que se el rey fosse, z que eles assi lho fossem dizer: porque lhe prometia que se não fora por el rey de Cochim q̃ lhe dera a paga dos tratos em que andauão/ z que se fossem logo/ porque lhe não daua nada de serem quão ricos erão. E que eles fizerão mais riço que de vagar/ z teuerão em muyto irense sem outra pena: z não ousando de ir a Calicut mandarão dizer isto a el rey: q̃ coesta reposta desesperou d poder fazer paz, z não quis falar nela. E nestes dias tornou ao arrayal a doença q̃ se aleuātara os dias passados, z tornou a matar muyta gente, z cō medo dela fugia tambem muyta: z este ueho arrayal em risco de se leuatar de todo. Poem os mouros mandarão trazer de Cananoz z de Termapatão seys mil z quatrocentos

homens os mais deles frecheiros / e alguns espingardeiros: e assim refizerão a frota com cozenza para os / que trazia cada bũa duas bombardas, e ainda depois veio muita gente. E porque com tudo isto entendião os mouros que el rey tinha vontade de desistir da guerra por quão mal lhe y a nela / acharão bũa envenção pera que podessem aferrar as nossas carauelas. Esta deu bũa mouro de Repelim chamado Logealle / que andara por muitas partes do mundo / onde vira muitas cousas: e por isso, e por ter bõ natural era o muy sôtil engenbo. Este fez bũa castelo de madeira sobre dous paraços / lançando duas vigas da proa e popa dũ, a proa e popa do outro, e de tamanho comprimêto camanha auia de ser a largura do castelo que foy feyto em quadra. E antre estas duas vigas yão outras tão jũtas que fazião bũa sobrado: e de cada quadra auia bũa andaina de vigas daltura dũa lança ou pouco menos / encaixadas as cabeças e conchas de madeira / e pregadas com grãdes pernos de ferro: e nos corpos das vigas auia tres ordẽs de furos fechos dos com barões de ferro / que ao parecer era cousa muy forte. E neste castelo podião ir ate cozenza homens com alguns tiros d'artelharía / e por amor dos paraços sobre que era fundado podia ir polo rio e aferrar as carauelas por sua altura: de que el rey ficou muyto ledo quando ho viu / e fez muyto grande merce a Logealle. E por a vitola daquele castelo mandou fazer ainda sete pera que coelles aferrassem os seus as nossas ca-

raueles: o que tinha por muyto certo que auia de ser assi.

Capit. lxxxij. Do ardil que inuentou Duarte pacheco pera que lhe não abalroassem as carauelas cõos Castelos.



Estes castelos foy logo Duarte pacheco auisado per suas espías: e mais que auia os inimigos de fazer ballas de fogo pera queimarem as carauelas: e quando as não podessem queimar as aferrarião com os castelos. E quando ouuindo a gente de Cochim bo creio logo, e foy toda muytozuada de medo: e cõo que lhe os mouros fazião, dãdolhe por certo bo desbarato dos nossos, e que auião os inimigos de tomar Cochim aluorazandose pera se irem. Do que el rey de Cochim foy assaz triste / e mais tão desconfiado que lhe parecia que com aqueles castelos auião os nossos de ser desbaratados. E dissimulando isto por amor dos seus / mandaualles polos esforçar / que fossem perguntar a Duarte pacheco se esperaua poder resistir a el rey de Calicut: o que eles fazião assi pera verem o que ele dizia / como pera saberem de que maneyra estaua. E ele lhes dizia / que por que lhe perguntauão aquillo: pois el rey de Calicut ia fora com outros medos camanhos como aqueles e leuara a cabeça quebrada / que assi seria então, e que se pãtana muyto domẽs que sabião tambẽ quão couardos erã os de Calicut crerẽ logo qualquer

medo que lhes fazião: e que esperas-
sem ho fim daquelle combate porq̃
auia de ser coimo ho dos outros. E
que quando não, que ainda terião
tempo pera se salvar: e com quanto
eles vião que ele dizia bẽ era ho seu
medo tamanho/ que senã atreuião
a esperar: e como que nã tinbão ou-
uido lhe preguntauão de nouo, se a-
uia de esperar el rey d Calicut. E im-
portunarãono d maneyra cõ estas
pregũtas, que dagastado espancon-
tres deles, dizẽdo que se lhes dizia
hũa cousa, e sabião por experiencia
do passado q̃ lhes falaua verdade/
porque ho nã crião. E pera os ma-
is espantar, mãdou perante todos
meter no chão hũ pao muyto alto,
e agudo/ que antre os Malabares
se chamaua caluete/ ẽ que matã por
justiça a mais ciuel gente da terra:
e espetãnos nele. E porque matão
assi nele a gente ciuel, se dizem a hũ
Maire. Maire caluete tẽno pola ma-
yor injuria que se lhe pode fazer. E
posto assi aquele caluete, jurou de es-
petar nele el rey de Calicut se lhe
desse combate: porque dizia que ja
tinha achado hũ ardil pera ho prẽ-
der logo: e mandou a todos os seus
que por desprezo del rey de Calicut
dissesem com grande grita çamori
caluete: e eles começarão a dizer as-
si muytas vezes. O que a gente de
Cochim teue por tamanha ousadia
como tinbão, que era esperar em os
nossos ho combate: e forão perden-
do parte do medo q̃ dantes tinbão:
e dizião que auião de esperar ho dia
em que se desse ho cõbate. E como
foy aruorado ho caluete/ yão a ve-
lo todos os de Cochim: e antreles

forão ho Abangate, e outros muy-
tos senhores q̃ erão vindos noua-
mente em fauor del rey de Cochim,
crendo q̃ os nossos auião de ser des-
baratados: e arrependiãose de terẽ
deixado el rey de Calicut: e nbũ de-
les não podia crer q̃ Duarte pache-
co mandasse meter aquele caluete
por desprezo del rey de Calicut. E
pera saberẽ aquilo certo ho forão
ver/ e differãlhe o que se dizia em
Cochim que daquela vez auião as
carauelas de ser aferradas: por isso
que visse bem o que lhe compria. E
ele q̃ entẽdia a tenção com que lhe a-
quilo dizia/ respõdeolhes/ que ho
q̃ lhe cumpria pera segurança de Co-
chim eranão deixar aquele passo/ e
se isso nã fora que no passo de Cam-
balão agardara ele ho seu rey d Ca-
licut pera ho não deixar passar. E
se cuydaão que auia com os seus
tamanho medo del rey de Calicut
como eles auião/ que estauão nisso
muyto ẽganados: porque não auia
cousa em toda a Índia que lho fizes-
se: por isso não temia ho lião del rey
de Calicut, nem fazia estima dele nẽ
de seus feros: e se eles ousassem des-
perar sua vinda ali ho virião desba-
ratar com toda sua armada. E cres-
sem que se ele ho fosse aferrar em pes-
soa/ ou se posesse em parte onde lhe
ele podesse cbegar/ que ho auia de
prender/ e despois metelo naquelle
caluete que vião: porq̃ pera isso ho
mandara levantar. E isto dizia cõ
hũ aspetto tão menẽcorio/ que eles
ouuerão medo que lhes fizesse algũ
mal/ e por isso quizerão dissimular
coele/ dizẽdo q̃ não crião eles que el
rey de Calicut ho podesse desbara-

rar: mas que bo auisauão como seruidores del rey de Portugal. E ele lhes disse q se forão seruidores del Rey de Portugal/ como dizião q não ouuerão de mandar a sua gente que se fosse da estacada/ auendolhe el rey de Calicut de dar batalha: e que auião dallassegar a gente de Cochim do aluoroço em que andaua/ e mostrar selbe muyto esforçados: e não irem com blocos a ele e aos seus/ que não erão fracos de coraçaõ, que por medo fizessem o q eles fizerão bo anno passado: e que se bo não entendião que tornassem despois do combate, e lho declararã: e que bo deixassem entender no que lhe releuaua mais. E eles se forão sem responder palaura/ de medo q auião dele. E com quanto de dissimulaua que não tinba em conta os castelos del rey de Calicut/ eles lhe dauão assaz de trabalho no espirito que receaua muyto de bo aferrarê/ por amor da muyto pouca gente q tinba. E pera que lhe não podessem aferrar suas carauelas, mandou fazer hum canço de mastos de naos chapados com muytas chapas de ferro: e era de largura do comprimento dos mastos, e de oyto braças de comprido: e estava por proa das carauelas afastado obra dū tiro de pedra, amarrado com seys ancoras, tres a montante e tres a jusante pera que esteneisse mais firme, e porque ficassem as carauelas tão altas como erão os castelos inuentou Pero rafaél būs chapiteos feitos de meos mastos, q estauão impinados e pregados nas amuradas das carauelas/ em cujos mas-

tos çarrauão os sobrados dos chapiteos / que erão tamanhos que podião bem espaçofamete pelejar seys ou sete homens em cada bũ. E tendo isto feyto a vespera do dia que aua de ser bo combate/ bo foy el rey de Cochim visitar. E ele bo recebeu com os seus foliando e cantando pera que se alegrasse/ que bem entẽdia pelo que conbecia dele quã triste andaua, e quão cheo de medo. E com todas estas festas não se pode alegrar/ antes lhe vierão as lagrimas aos olhos com piedade dos nossos q dana todos por mortos: e abraçando com muyto galalbado a Duarte pacheco / bo fez tambem abraçar a esses senbores q yão coele. E isto com hũ geito de ser aquella a derradeyza vez q se auião de ver. E despois se apartou coele / e com algũs dos nossos: e como homem fora desi lhe disse. El rey de Calicut tem muyto grãde poder, e nos muyto pouco: e eu não tenho nbũa esperança de defender Cochim, nẽ menos os meus: e coisto estão pera fugir como fores desbaratado. E pois eu estou perdido, rogote que te salues em quanto tẽs tempo, por que despois não sey se bo auera. E como que se lhe dera bũ nõ na garganta não pode mais falar. Do que se mostrando Duarte pacheco muyto agastado/ lhe respondeo quasi cõ ira, dizendo. Que fraqueza he a q conbeces em mim pera me dizeres que me ponha em saluo? Que aqui e em qualquer parte que estẽ/ estou muyto seguro, não somente de me defender del rey de Calicut mas de bo desbaratar por mais poderoso

q̄ venha. Não me dizias tu todos estes dias, q̄ os pelejava polos Portugueses? Pois como duuidas q̄ ho não faça agora? Eu espero nele q̄ a menbaã me vejas poer naq̄le caluete elrey de Calicut. E nisto não tenbo eu duuida, se me ele esperar/nê tu a deues de ter se quiseres cuidar nas vitórias que nos nosso senhor tem dadas tantas vezes/ tendo me elrey de Calicut a mesma auãtagem que me agora tem. E isto de ues de crer/ e não o que te dizem os mouros de Cochim, q̄ todos nos querem mal: nem os aluoroços que fazem os Haíres que hão medo de qualquer cousa: pelete muyto do q̄ me tês dito, e tornate pera Cochim, e tem a gente que se não va, e deixa-me coeste passo/ que eu te darey boa conta dele. Elrey por não lhe dar paixão se mostrou muyto esforçado com aquelas palauras q̄ lhe respõdeo: e tornou se pera Cochim/ onde também por esforçar sua gente se mostrou ir muyto esforçado/ e confiado em os nossos defenderem ho passo, segundo ho esforço q̄ achara em Duarte pacheco: e affirmoulhe por sem duuida/ que ho defendêrião e colsto assellegou os Haíres e toda a gente de Cochim do aluoroço que trazião pera fugir, crendo que auião os nossos de ser desbaratados. E ainda sobristo atentarão os mouros de os fazer fugir, poendo lhe grandes medos, mas nunca poderão.

Capit. lxxliij. De como elrey de Calicut deu combate aos nossos com os castelos, e de como foy desbaratado.

Partido elrey d Cochim/ Duarte pacheco se foy pera a sua caravela dissimulâdo o discôretamêto q̄ lhe ficou d ver elrey tã fraco de coraçãõ: o q̄ podia ser causa de despouoar Cochim, de q̄ ele tinba grãde receo. E querendo ceiar cõ os seus chegou Lourenço moreno cõ esses da feytoria, com q̄ costumaua de ir: porq̄ como disse nunca errou nãua batalha das q̄ os inimigos derã aos nossos. Acabada a cea repousarão todos ate a mea noyte/ e cõfessados e ausolutos pelo vigairo/ Duarte pacheco lhes disse. Senhores e amigos meus/ muyto alegre estou de ver q̄ vos lembra ho principal, q̄ he a alma: porq̄ sou certo q̄ coesta lēbrança tera nosso senhor curado de vos dar vitória de vossos inimigos, não somete por satisfação de vosso trabalho/ como por exaltação de sua fé catholica. E pera q̄ salua elrey de Cochim/ e os seus que nosso seño he Deus verdadeyro/ e poderoso sobre os poderosos: e nãdesconfiẽdo q̄ lhes eu prometo em seu nome/ assi como ontẽ desconfiãua da vitória q̄ lhe prometia: q̄ bẽ vistes quã triste e descôfiado partio/ q̄ de nos ter por perdidos me dizia q̄ me possesse êsaluo. E nunca enreguey nele tamanho medo/ nê nos seus tã grãde desmayo. E isto lhes faz terẽ ho poder delrey d Calicut por mayor do q̄ he q̄ posto q̄ fosse tamanho como eles cuidã muyto mayor sem cõparaçãõ he ho d nosso senhor: e vos bem ho vistes nos socorros passados que nos mandou. E assi espero que seja agora: e coesta confiança venceremos a nossos

inimigos: sustentaremos a honrra q̃ temos ganhada/que daqui por dia te crecera tanto que ficaremos no mundo por espelbo de valentia. E coisto tão temidos na India/ que nem elrey de Calicut, nê outro nhũ nos ousara de cometer/ assi que ganhando bõrra seguraremos repouso pera os trabalhos que temos. E acabando responderão todos que sem a vitoria nã querião vida. E estando nisto que seria duas horas depois d̃ mea noyte começarão de ouuir algũas bõbardadas que tira ua a frota de Calicut: começãdo da balar: e el rey ya por terra acompanhado de passante de trinta mil homens com seus tiros de câpo como costumaua: e muyto confiado/ que auia de desbaratar os nossos/ e coisto dobrada soberba da que tinha. E ya diante bo senhor de Repelim com algũa gente que auia de fazer algũs valos na ponta Barraul pera emparar dos inimigos no combate e trazia grande vozeria de gritas/ e tangeres. Duarte pacheco se foy logo a terra muy caladamẽte e pos se na ponta pera onde os inimigos yão: a que defendeo que não fizessẽ os valos: e sobristo matará os nossos algũs. E sabendo elrey de Calicut que Duarte pacheco ho fora esperar mandou aos seus cõ grande menẽcoria que lho tomassem viuo pera se vingar dele á sua võtade. E sobristo ouue grande peleja e morrerão muytos dos inimigos: que nem ho prenderão nem poderão fazer os valos. E começando damanhecer que era dia Dacensam appareceo a outra frota q̃ vinha perto,

e nisto recolbeose Duarte pacheco aos bateis, e porẽ com muyta fadiga por a grãde multidão de inimigos que carregou sobre os nossos q̃ todos se embarcarão sem falecer nhũ ficando dos inimigos muytos mortos e feridos. E despejada a ponta poserãse os inimigos nela e começarão de combater os nossos com a artelharía/ a que eles tambem acudirão com a sua fazendolhe muyto grande dãno/ porque todos os tiros empregauão nos inimigos que estauão descubertos: e eles emparados e por isso lhe não fazia a artelharía nhũ mal. E que vendo elrey de Calicut, mandou recado aos da frota que fizessem remar rijo/ e acodissem a desapressalo dos nossos. E chegãdo aa frota vinha cousa muyto medonha/ porque diante yão as balsas de fogo ardẽdo: e apos elas cento e dez paraõs cheos de gente/ e d'artelharía/ e muytos deles encaçados e detras cẽ captures da mesma maneyra/ e oy tentatões de coria larga, cada bũ cõ trinta homens de peleja: e sem os tiros/ e por goarda de tudo os oyto castelos que ficarão pegados com a põta por não ser ainda de todo a decente da marẽ. Os inimigos yão fazendo grãdes alaridos de gritas/ e tangeres dãdo os nossos por tomados/ e coisto tirauão tantas bombardadas q̃ era cousa despãto. As balsas q̃ yão diante chegarão aos canicos q̃ esta uão por proa das carauelas: e por isso lhe não poderão chegar pera as que y marẽ, e nã somẽte elas mas nhũs dos nauios da frota/ de q̃ todos os q̃ poderã caber na diãteira se

pegarão com ho canço: e dali combatião os nossos/ que sem duvida forão daquela vez aferrados se bo canço não fora. Com este impeto q̃ foy muyto grãde durou a peleja hũ pedaço ate que a maré comêçou de decer: e neste tẽpo receberão os imĩgos muyto dãno: assi de paraós arrombados e metidos no fundo, como de muyta gente morta e ferida/ e decendo a maré alargarãse os castelos da ponta / e ajudando os cõ cabos/ porque os alauão forãse de reytos pera as carauelas no mayor yão cozena homẽs de peleja / e em dous meãos trinta e cinco em cada hũ: e nos outros trinta todos frecheiros e espingardeiros / e a fora isso leuauão bombardas: e yão postos em ala, e tão medonhos que erã pera lhe auer medo hũa grossa armada quãto mais duas carauelas e dous bateis. E este foy hũ dia em que nosso senhor mostrou bem que tinha de goardar os nossos: porque nẽ a vista de tantos e tão soberbos artificios pera os combatearem / nẽ hũa tamanha frota e tã poderosa/ nem a medonha grita dos imĩgos/ nẽ bo brauo estrondo da artelbaria os fizerão espantar. E chegãdo bo mayor dos castelos junto com bo canço disparou sua artelbaria nas carauelas. Duarte pacheco lhe mãdou tirar com bo seu camelo q̃ lhe deu em cheyo mas não lhes fez nhũ dãno/ nem menos com outro tiro com quelhe logo tirarão: de que ficou tão triste/ q̃ leuãtou os olhos pera bo ceo dize do. Senhor não me acóimes meus peccados e tal tẽpo. E isto tao alto q̃ alguns lho ouuĩrẽ.

Neste tẽpo chegarão os outros castelos/ e poseranse a par deste: e cõ sua chegada se auuiou bo combate muyto rijo de todas as partes, e forão as frechas tão bastas q̃ fazião sombra: e algũas vezes nã parecia ceo nem terra/ com a fumaça da artelbaria. Duarte pacheco tornou a mandar eirar ao castelo mayor com bo camelo: e como dos tiros passados lhe tinhão abalados os fechos que erão delgados acabarão o que bzar, e leuou hũ lanço de vigas cõ algũs homẽs mortos: ao q̃ os nossos derão grande grita. E Duarte pacheco posto em giolhos deu graças a nosso senhor: e tornãdo bo camelo a tirar outro tiro, leuou lhe outro lanço de vigas cõ muytos mortos e feridos. E carregãdo mais a artelbaria foy todo desfeito e pouco espaço/ e os imĩgos se afastarão coele: porẽ os outros se deixarão estar pelejando muyto fortemẽte: e assi eles como os nossos leuarã este dia mõi trabalho q̃ em todas as pelejas passadas. E por derradeyro os nossos fizerão tanto dãno nos castelos/ e meterão no fundo, e arrõbarão tantos parrós que não ho podẽdo os imĩgos sofrer se afastarão do cõbate e forãse: e seria hora de vespera q̃ tanto durou começando pola manhaã. E dos imĩgos morrerão muytos segundo se viu nos corpos q̃ ficarão sobre a agoa: e dos nossos não morrerão nhũs/ nẽ forã feridos mais q̃ algũs q̃ ficarão escallaurados dũ tiro grosso que deu na proa da capitaina, e passouha e bo pelouro deu per ãtre muytos q̃ ali estauão e nã lhe fez nhũ mal. E vẽdo

Quarte pacheco q̃os inimigos se yā
foy ap̃os des nos batels, e para os
esbombar deandoos: e deu nos que
estauão na ponta Darraul cō drey
e por força das bōbardas os fez fu-
gir, ficando mortos trezētos e vin-
te homens. E sey to isto se tomou pe-
ra as carauelas, yōde aq̃la tarde ho
foy ver ho príncipe de Cochim da
parte delrey q̃se lhe mandou discul-
par de ho não poder ir ver por sua
pessoa. E ele lhe mandou dizer que
lhe não auia de receber nhũa discul-
pa: ate não saber q̃ nã estava triste:
e q̃ lhe pedia q̃ dale por diante cresce
melhor: e deos: porq̃ia ho dia dos
castelos era passado: e ele estava no
passo como dantes cō sua gēte muy-
to prestes pera o ferulr. E neste mel-
modia ho forã tãbẽ vísitar algũs
senhores: e os q̃ ajudauão elrey de
Cochi onde autã muyto grande ale-
gria por esta vitória. E assi ho forã
ver muytos mōuros mercadores q̃
lhe leuauão grãdes presentes cuidã-
do q̃ ganhauão sua amizade, e fazia-
o todos muyto galbado rogãdo-
lhes q̃ fossem leais a elrey d Cochi
porq̃ coisso seria seu amigo. E ao ou-
tro dia pola manhaã ho foy ver el-
rey de Cochĩ e fizerão abes grãde
festa: e despois desta vitória perde-
rão os de Cochĩ bo medo delrey d
Calicut e bo não tñhã em cōta.

Cap. lxxxiij. De como elrey de
Calicut quisera desbaratar com
bũ ardil ho capitão mōr Duarte
pacheco.



Uyto espantado ficou el-
rey de Calicut de nã po-
derẽ os seus castelos aser-
rar as carauelas. E auẽ-

do por impossivel poderẽle aserrar
nẽo desbaratar Duarte pacheco, qui-
sera desistir da guerra e irse pa Cal-
icut se os mōuros nã forão: e assi
os dous Italianos milaneses que
lhes derã bũ ardil pera desbaratar
Duarte pacheco: e este foy q̃ ho cō-
bate se deu noyte, e como era de noy-
te e maritão os seus ho passo sem os
Portugueses os verẽ: q̃ tãbẽ por
ser de noyte nã se auia de defender
tambẽ como o dia. E parecẽdo isto
bẽ a drey e a todos os do cōselho:
foy acordado q̃ se desse de noyte ho
cōbate por terra somete: e q̃ ho pri-
ncepe Rãbeadarim, e ho senhor de
Repellim cō corenta mil homens co-
meçartão ho cōbate, e em começã-
do certos Rãres que terião sobre
palmeiras acenderião fogo: a cujo
fumaça odiria elrey de Calicut com
boresto de sua gente com cincoenta
mil homens e cometeria dẽtrar po-
lo passo acima donde estava Duarte
pacheco: q̃ ocupado cō a peleja do
príncipe ho nã veria, e assi entraria
na ilha de Cochĩ: e a tomaria o q̃
ouuer a deser: se nosso senhor nã ata-
lhara q̃ ordenou q̃ foubessem isto as
espias delrey de Cochĩ que andauã
no arrayal delrey de Calicut: e de-
las ho soube elrey de Cochĩ que ho
mãdou dizer secretamẽte a Duarte
pacheco por Lourenço moreno / q̃
ficou coele pera ser na peleja q̃ auia
deser na noyte seguinte: pera o que
logo Duarte pacheco se percebeo,
e comẽdãdose mui duotamẽte a nos-
so señoẽ e d todos os outros porq̃ se
lhes aparelhaua grãde pigo nẽ Du-
arte pacheco teue por tamanho ho
cōbate dos castelos como aq̃le por
ser de noyte em q̃ nã podia ver tã-

bẽ como de dia / e via se ẽ grande a frota. E cõ tudo como confiana ẽ nosso senhor achou cõ sua ajuda bũ ardil pera desfazer ho del rey de Calicut: e foy cõtraminalhe ho final do fogo q lbe auiaõ de fazer / e mãdarlhe fazer outro mais cedo pera q a sua gẽte sembaraçasse cõ a do príncipe / e qreria Deos q coeste ẽbaraço nã faria nada: pera o q em anoytecẽdo mãdou poer bũs faires em bũas palmeiras a q deu auiso do q auiaõ de fazer / e mãdou espías pa q lbe dessẽ recado de quãdo ho príncipe d Calicut abalasse pa ho vao / q ho fizerão assi. E ẽ ho príncipe e ho senhor de Repelim qrendo cbegar ao vao mãdou ele fazer ho final do fogo. E os q estauão cõ el rey d Calicut como tinhão ho tẽto no fogo q auia de ser sobre as palmeiras em ho vẽdo disserãno a el rey, q muyto apressado cuydãdo q tardaua abalou logo: e como ainda a gente do príncipe nã era cbegada ao vao e nã esperana a del rey se nã despois de comẽçarẽ a peleja no vao / ẽ a sintindo cuydou q era gẽte del rey de Cochim q lbe saya dalgũa cilada ẽ q estaua, e ajudou os a ẽganar / nã auer nbũa deferẽça antrehũs e os outros / nẽ na cor / nẽ nas armas / nẽ nos traços. E cuydãdo q fossem inimigos virão a eles offendendoos muy rijo cõ suas armas: o q visto pelos del rey cuydarão tambẽ que os do príncipe ẽrão inimigos q lbe sayão de cilada, poense ẽ defensam sobre q tranarão bũa braua peleja q durou ate pola manhaã em que mozerão muytos dãbas as partes. E Duarte pacheco q ouuia ho arroido q fa-

zião e nã os via cometer ho vao estaua muyto espantado do q aquillo seria, e per dous homes q mandou a isso soubeo q erapelo q com todos deu muytos lououres a nosso seño: e vio claramẽte a merce grãdissima q lbe fizera em os llurar de perderẽ Cochim q perderão sem duuida se ouuera effeyto a determinação del rey. E rompẽdo a alua foy se a terra nos bateis e paraõs, e desparando primeyro sua artelbaria nos inimigos / desembarcou e deu neles q ja fugião cõ medo dele e do desastre q lbes acõtecera / q em amanhecẽdo conhecerão ho engano q teuerão e fugirão muy espãtados. E Duarte pacheco achou muytos mortos no cãpo e cõ grande prazer se recolheo às carauelas e coele recebeo a el rey de Cochim q logo ho foy ver / q ficou pasmado do q acõtecera a el rey de Calicut: e disse q nunca conhecera claramẽte q deos peleja polos Portugueses se nã ẽtão mẽte teuera por certo q ho auia de liurar del rey de Calicut se nã ẽtão: e mandou fazer grande festa ẽ Cochim.

Cap. lxxxv. Dũ ardil com q el rey de Calicut quísera matar ho capitão mór Duarte pacheco.



Muyto espãtado ficou el rey de Calicut de x quã milagroso desuio deu nosso senhor pera os nossos nã serẽ desbarados como ele cuidaua, q nũca teue por tão certo de ho serẽ como daquela vez: e ẽtão desesperou de todo de ho serẽ: e por isso assentou consigo de disistir da guerra se os mouros fossem disso contentes, e tambem os reys e se-

nhozes que ho ajudanão: e juntos hús e outros lhes disse. Bê vedes quão pouco nos aproueita nollo poder cōtra os frangues: e quão pouco nos fundem quantos ardis inuētamos pera os desbaratar: e bem vistes quão desulado sayo este derredeyro do que cuydauamos: que parece q̃ Deos ho ordenou assi pera que escapassem de nossa furia: no que he de crer q̃ os fauorece pola pouca justiça q̃ temos nesta guerra o que nos mostrou no começo: e se tu fora bê conselhado não a proseguita mais como os não desbaratamos no primeyro combate. E q̃reis ver como deos os fauorece e pelesaja por eles a fora as muyto grãdes vitórias que tem alcançado de nos: e os muytos dānos q̃ nos tem feyto: q̃ não ha poder na Índia que le nos podera tanto defender segūdo estamos poderosos: e estes q̃ não tē poder nem sam nada em nossa cōparação: defendense e offendēnos como q̃ forão mais q̃ nos: e recēnos cō festas nas pelepas como q̃ fossemos os poucos e eles os muytos, e a terra fosse sua e nos os estrājelros: pois q̃ he isto se não q̃ Deos os fauorece, e peleja por eles, e segūdo estão vitoriosos e ho credito q̃ tem alcançado no Malabar hey medo q̃ nos fação daqui alevantar e nos destruição de todo, e não sera muyto porque ho inuerno venle e os rios crecē, e eles correnos todos. E está certo q̃ se proseguimos a guerra q̃ hão aqui de chegar: e q̃ nos hão de fazer recolher cō muyto dāno e deshonrra: e pois não somos poderosos pera os desbaratarmos por guerra parece q̃ deuemos q̃rer paz

coeles e fazer deles amigos. E bo primeyro a q̃ pregūtou seu parecer foy a seu irmão q̃ agastado del rey não tomar seu conselbo no começo daquela guerra lho nã quísera dar, e importunado dele lhe deu seu parecer: dizendo q̃ receaua q̃ Duarte pacheco não quílesse sua amizade, e peralha offrecer: e ele engeitarlha seria tamanba deshonrra como ser tantas vezes desbaratado como fora: e pois com a amizade não podia ganhar tanto como perderia engeitandose lhe que lha não deula de pedir se não deixar se pera ho capitão mōr que fosse de Portugal no anno seguinte: q̃ vendo quão pouco lhe aproueitaua a guerra e como não sabia como lhe iria nela folgaria cō a paz. E sobristo por q̃ não parecesse q̃ fugia cō medo q̃ se deixasse estar e não se fosse se não quando parecesse q̃ se yapor amor do inuerno. E despois de ido, e que parecesse q̃ pola necessidade do tempo se fora, bê poderia falar na paz e poderia ser que Duarte pacheco a quílesse temeroso de se mudar sua boa vêtura: e perahoprouocar a querer amizade q̃ lhenã desse mais cōbate: e pois lhe não serulão de mais q̃ de perder sua gente. Este conselbo de Hambeadarim foy reprouado pelos reys e senhores: e polos mouros principal mēte q̃ disserão q̃ el rey não se deuia deir: nē por mōr inuerno q̃ fizesse: nē por mais gēte q̃ perdesse: e q̃ auia d̃ dar tātos cōbates aos nossos ate q̃ os tomasse, e não somēte auião de procurar a destruyção daqueles: mas tambeem a dos que estauão em Cananoz e Coulão: a cujos reys deula logo de mādare homens de cre

dito com cartas em que affirmasse que aerrara os nossos com os castelos e os matara a todos e tomara as carauelas / por isso que matasse todos os nossos que lá estauão como lhe tinhão prometido. E posto que a elrey pareceo melhor bo conselho de seu irmão que este / tomou bo por amor dos mouros que recea ua trense de Calicut: e logo ele e os mouros escreuerã aos reys de Couilão e de Canano: o que se assentou no conselho, mas não selhe deu fé por outra noua como esta que lá fora ser falsa: e com tudo por induzimento dos mouros que morauão nestes dous lugares forão os nossos postos em afronta / e não ousaõ desfayr das feytorias. E Couilão foy morto hũ ás cutiladas e os outros não / porque foy recado certo de Calicut que mandarão os gẽtios que os nossos erã viuos e bo que fizerão. Pelo que foy respondido a elrey de Calicut que nã auiaõ de matar os nossos em quanto os do passo não fossem desbaratados que os desbaratassem e então comprirão coeles. O que sabido pelo senhor de Repelim e pelos mouros a pertarão logo cõ elrey de Calicut que os combatesse. O que ele quise-ra escusar por estar muyto quebrado dos espiritos / mas não pode: e mandãdo dar ho combate per mar e por terra succedeo lhe como dâtes, e por isso mais por importunação dos mouros q por sua vôtade deu ê pessoa outro cõbate cõ os castelos e cõ muyto mais gẽte e mais nauios q da outra vez: e durou ho combate mais espaço: e tambẽ foy des-

baratado e recebeo mór perda que dâtes. E coesta victoria dos nossos ficarão os de Cochim seguros de todo dos inimigos, e assi elrey que foy visitar Duarte pacheco em bũ andor: e com mais estado do que tinha despois que começou a guerra o q logo foy sabido no arrayal dos inimigos / e esses reys e senhores q estauão cõ elrey de Calicut lhe disserão que senão auia de sofrer / que estando ele tão poderoso de gente, elrey de Cochim bo teuesse em tão pouca cõta que se desse por liure dele. Ao que elrey de Calicut respondeu que elrey de Cochim tinha rezão de fazer o que fazia pois ele estãdo tão poderoso podia tão pouco q bo não desbarataua, que se eles sintião o que dizião que pelejassem cõ os nossos porque ele se lançaua de mais entender na guerra / porque tinha por sem duuida q de cada vez auia de receber mór dãno, e parece que de muyto agastado mandou a todos que bo deixassem só, e assi esteue hũ grande pedaço muyto cuydoso: e despois disso mandou a algũs Haíres em que tinha cõfiança que se fossem dissimuladamente a Cochim / e trabalhassem por matar Duarte pacheco / e quaisquer outros dos nossos: e como os Haíres sam bomẽs que não tem mais segredo na cousa que em quãto a cuydão logo se isto rompeo / de maneyra q ho soube Duarte pacheco / que logo teue mais recado ê si: e nos nossos do que dantes tinha, e pera auer os Haíres que bo vinbão matar fez duas quadrilhas de Haíres d Cochim de q se muito fiaua bũ

que andasse ao longo do vao e outra ao longo do rio que per quartos vigiaua de noyte, e de dia os que yão e vinbão. E durando allí esta goarda soube que era sua espia hum Raire de Cochim da casta dos leros, e trazia consigo algũs Raires não conhecidos q̃ parecião de Calicut o que sabido por ele fez de maneyra que logo lhos prenderão a todos: e trazendolhos mandou os açoutar muy brauamente perante os outros Raires de Cochim, e despois mandou que os enforcassem. O que vendo os de Cochim lhe pedirão q̃ lhe desse outra pena pois erão Raires: e que lhe não fizesse tamanha injuria. E não querendo ele se não q̃ os enforcassem, lhe disserão os seus capitães que ho não deuia de mandar, e que lhe lembrasse quanta perda e trabalho passara el rey de Cochim por defender os nossos: e que finteria muyto enforcarem aqueles Raires pois os prendera em sua terra, porque era tomar lhe a justiça: e mostraua aos senhores de fora que estauão com ele que era rey emprestado: e pois lhe tiuera sempre grãde acatamento que ho nã deuia desacatar no cabo. O que pareceo bẽ a Duarte pacheco, e agardeceolhes muyto este conselho: e logo mādou polos Raires que mandara enforçar, de que dous estauão ja meos mortos, e com os outros os mandou a el rey de Cochim: e lhe mandou dizer como lhe merecião a morte, e a causa porque os não mandara enforçar. O que el rey estimou, porque lhos derão perãte muytos senhores de fora, e algũs mouros

de Cochim / que por vituperarem el rey dizião que os nossos erão os que mādauão: e não ele. E dali por diante teue Duarte Pacheco tal auiso: que ho ardil del rey de Calicut não ouue effeyto.

Capit. lxxxvi. De como el rey de Calicut se meteo em hũ pagode: e despois se tornou a sayr.



Sendo ja na fim de Junho, que ho inuerno ya em crecimẽto pareceo a Duarte pacheco que por essa causa nã podia el rey de Calicut estar ali muyto, e por isso determinou de dar nele ao leuãtar do arrayal, porque a experiẽcia que tinha dos inimigos das victorias passadas, lhe fazia crer q̃ lhe faria muyto dãno. E estando pera desencadear os mastos e poerse a pique, foy auisado que el rey de Calicut mādaua reformar os castelos e fazer mayor armada pera ho combater. Esta fama lãçou el rey, por que bem lhe parecia pelo que tinha visto Duarte pacheco que auia de dar nele ao leuantar do arrayal que determinaua de leuantar e irse: e isto tão secretamente que ninguẽ ho sabia se não Hambeadarim: e pola rezão que digo fazia mostra de querer combater ho passo de Palurte: e ho do vao tudo juntamente, por que occupado Duarte pacheco e os defeder ambos se podesse ele ir a seu saluo. E hũ sabado a tarde vespera de sam João em q̃ dizião que auia de ser ho combate, mostrou se a ar-

mada dos inimigos como costuma
na. Duarte pacheco esteue esperan-
do toda a noyte que ho auião de cõ-
bater, e em amanhecêdo não ouuio
nhũ final de combate. Estando sus-
penso no que seria, soube pelos Bra-
menes que el rey de Calicut leuan-
tara ho arrayal e se fora a Repeli, e
que já lá seria: do que ele ficou muy-
tomagoado / e no mesmo dia sayo
em Repelim e pelejou com muyta
gente dos inimigos, em q fez muy-
ta destruyção: e tornando se ao pas-
so ficou ainda nele algũs dias pera
mais segurança de Cochim, q auia
medo que el rey de Calicut tornas-
se se fosse logo. Do que el rey esta-
ua bem fora / antes ya tão corrido
do pouco que fizera, e tão triste e
descontente do mundo, que como
passou ho rio de Repelim, apartou
se com os reys e senhores que ho a-
cõpanhauão, e disselles chorando.
¶ A tão enuergonhado homẽ co-
mo eu estou / pequena vergonha se-
ra deitar estas lagrimas, que a ma-
goa de minha desauentura me arrã-
ca do coração que de muyto afadi-
gado (porque ho não podera fazer e
pubrico) q'r ir de labafar onde ho nĩ
guẽ veja. Outra dor tenho també
a fora a de minha desbõrra, que he
não vos poder pagar a obrigação
em que vos sou / que hey por tama-
nha que se me visse liure dela ficaria
mais contente que de tornar a to-
mar Cochim. E pois Deos não quis
que ho tornasse a ganhar e me pos-
se em tamanha desbõrra / não qre-
ra ele que eu mais viua em abito
de rey, antes por enmenda de meus
peccados quero acabar meus dias

em hũ turcol: ou viuer assi ate deos
tirar ho odio q mostrara nesta guer-
ra q me tinha. Deje por diante po-
deis fazer o que quizerdes: e de mi-
nha terra e gente o q vos compzir.
Não vos offreço minha pessoa, por
que homẽ tão desaueturado como
eu não ho deueis de querer em vossa
cõpanhia. E coisto acabou, e eles
ho quizerão consolar / mas não po-
derão / nem tiralo daquela determi-
nação, e foy se meter em hũ turcol
com algũs Bramenes que leuou cõ-
figo. E sabendo sua mãy como ali
estaua, lhe mandou dizer que ela nã
estaua menos triste que ela / e q por
seu ençarramento auia grande re-
uolta em Calicut / e erão idos muy-
tos mercadores / e outros estauão
pera se ir, nem auia nhũs mantimẽ-
tos, porque os não trazião com me-
do dos nossos: e pois acertara tão
malem tomar guerra coeles (do q
lhe a ela pesara muyto) que não de-
uia de tornar a Calicut ate não co-
brar ho credito que tinha perdido:
e prosseguisse a guerra com os nos-
sos / e se perdesse nela de todo: ou vẽ-
cesse. Coeste recado ficou el rey mu-
to mais agastado: e mandou logo
chamar seu irmão, e encomendou-
lhe ho regimento do reyno / mas
despois sayo do turcol e tornou a
ser rey.

¶ Cap. lxxxviij. De como muytos
daqles reys e senhores que aju-
dauão a el rey de Calicut pedirã
paz a Duarte pacheco.



¶ Queles reys e senhores
que ajudauão a el rey de
Calicut, despois que se
ele meteo no turcol se de

teuerão algũs dias em Repelim/esperando se se arrependeria do que tinha feyto: e vendo que não cada bũ se foy pera suas terras: porque como os mais as tinbão ao longo dagoa/ e ela começaua de crescer cõ bo inuerno/ ouuerão medo q̃ Duarte pacheco êtrasse pelos rios e lbas destruisse: e perdêdo a esperança de lbas poderê defender quiserão procurar dauer sua amizade. E tomãdo por intercessor a el rey de Cochĩ q̃ por sua boa condição ho quis ser, sem lhe lembrar ho mal que lhe fizerao/ e mādoulhes seguro pera que podessem ir a Cochĩ/ donde ya coelles a Duarte pacheco e lhe rogaua que os recebesse em sua amizade: o que ele fez por amor dele. E outros reys e senhores quenão poderão ir mandarão seus embaixadores a fazer estas pazes, assi tambẽ muytos mercadores mouros moradores e Calicut pera poderem tratar se forão pera Cochim de morada com licença: e outros se forão pera Cananor, e outros pera Couilão: de modo q̃ Calicut se despejava cada dia. E por a passajem dos mouros pera Cochim se deixaua Duarte pacheco estar no passo, e porque andauão muytos paraõs de Calicut pelos rios pera os goardar com que pelesjou algũas vezes: e lhe fez muyto dano/ e assi em terra de Repelim e q̃ sayo a tomar vacas/ e nestas saydas pelesjou com muytos inimigos em q̃ fez grande destruyção. E hũ dia toparão certos dos nossos com algũs tones dos inimigos que estauão em hũa alagoa, e tirandoos de la e leuãdoos pera ho rio ouuerão

com os inimigos hũa brana peleja: em q̃ forão mortos muytos e dos nossos nhũs. E despõis disto logo ho senhor de Repelim fez amizade com Duarte pacheco, e se vio code e acodio com muyta pimenta que a uia em sua terra.

Capit. lxxxviii. Das armas q̃ el rey de Cochim deu ao capitão mór Duarte pacheco.



Stando assi Duarte pacheco no passo foy ter coele hũa noyte por dentro dos rios Ruy daraujo escriuão da feytoria de Couilão que lhe dísse da parte do feytoz como ele e os outros nossos que estauão na feytoria ficauão cercados de muyta gente per mādado dos regedores de Couilão/ que primeyro que os mandasse sem cercar lhe tomarã por força toda a pimenta que tinbão em Couilão/ e em Caycouilão/ e matarão sobriſso hũ dos nossos. E tudo isto por induzimento dos mouros da terra/ per amor do recado que lhe fora de Calicut que os nossos erão desbaratados. E porque ainda era necessario estar ali Duarte pacheco oyto dias se não partic logo e mādou a Ruy daraujo que esperasse. E nesta detenção lhe leuarão hũ dia algũs dos nossos tres Raires de Calicut que ho espiauão pera ho matar. Do que el rey de Cochĩ foy auisado: e porque lhe pareceo que Duarte pacheco leuaría gosto em os mandar enforçar por ho caso ser

para isso / e por amor dele ho deixaria de fazer e hos mandaria: em sabendo que hos leuauão lhe mādou dizer, que lhe pedia muyto que fizesse deles o que lhe bem parecesse por que leuaria nisso muyto gosto, que não queria outro senão ho seu. E conhecendo Duarte pacheco que el rey de Cochim fazia aquilo por lhe dar contentamento / por em q̃ não goardaua seus costumes / mādou lhe os Haíres / dizendo que nunca Deos quisesse que ele por sua causa deixasse de goardar seus costumes / que não dizia ele mandar lhe aq̃les tres Haíres / mas que se quisesse lhe iria por outros a Calicut: porque tudo merecia ho seruiço que tinha feyto a el rey d̃ Portugal. E isto estimou el rey tanto como defender lhe Cochim: e por estas cortesias e outras de que Duarte pacheco vsou sempre com el rey / e ho muyto acatamento que lhe sempre teue como q̃ esteuera em sua liberdade lhe tinha ele grande amor. E auendo se de todo por seguro se foy hũ dia ao vao a rogar a Duarte pacheco que não leuasse mais má vida / e que se fosse para Cochim que ja estava seguro del rey de Calicut, e por isso se foy Duarte pacheco aos tres dias de Julho / auendo tres meses e meo q̃ ali estava sofrendo com os q̃ estauão coe tanto trabalho como nũca soffreo em nũ cerco dos mais apertados que forão no mundo, e fazendo tãtas façanhas como nũca outros nhũs fizerão, assi gregos como latinos né barbaros. E dando muyto louuores a nosso senhor pola muyta finada merce que lhe fez em

lhe dar tantas e tão sobre naturais victorias se foy a Cochim, onde lhe el rey com todos os moradores lhe fez ho mais festejado recebimẽto q̃ pode e dahi ho acompanhou ate a nossa fortaleza. E vendo el rey quanto Duarte pacheco fizera em sua defensão lhe pedia muyto perdão de lho não poder satisfazer como desejaua por causa de sua pobreza / e dahi lhe grãdesoma despeciaria / que ele não quis tomar por saber quanta necessidade el rey tinha / e disse: lhe que ho trabalho que leuara por defender sua terra não fora por outro interesse mais que por desejar de ho servir / porque conhecia sua bondade e tamanho amigo era del Rey de Portugal seu senhor e de seus vassallos. E vendo el rey q̃ lhe não queria tomar nada, acrescentou lhe sua honrra com lhe dar dom e armas como rey que era / para testemunho de suas façanhas: porque soube quanto se estas duas cousas estimauão antre os Portugueses, e a carta das armas vi eu em publica forma com ho blasão delas q̃ foy tirada da lingua Malabar em que a fez Chericada hũ escriuão da fazenda del rey de Cochim, e tirou ha em lingua em Portugues Aluaro vaz escriuão que era naquele tempo da feytoria de Cochim sendo lingua hũ Teixeira lingua da feytoria e ho mesmo Chericada escriuão da fazenda. E eu vi esta carta assinada por el rey de Cochim e dizia.

¶ Terama maratiquel vnirramacoul trimum: parti rey de Cochim senhor de Uaiptim, e Barraul / e Charauaipil, e Marengate. Brame

ne mór/mediante os deoses tiuerẽ pagode. Aos que esta minba carta virem faço saber que no ãno de mil e quinhentos e quatro, pela conta dos Chistãos nomes de Março/ elrey de Calicut veo sobre minba terra com toda a força e poder do Malabar com soberba indiuída cõ tra vontade dos deoses pera me destruir minba terra e gente / por eu acolher e fauorecer os Portugueses que a meu porto arribarão, e lhe dar carrega pera suas naos/ polo qual respeito os mais dos reys e senhores do Malabar me forão cõtrairos, e veo acompanhado de cinco reys de sua valia que erão/ elrey de Tanoz/ elrey de Curloz, elrey de Lotogão, elrey de Sepur, e ele çamozim rey de Calicut cõ muytos Hambeadaris / e Calmais, e senhores de terras com muy grossa gente, no qual tempo eu não tinha nhũ socorro somẽte ho dos deoses, por cuja graça e vontade me ficou bũa pequena armada dos Portugueses: da qual era capitão Duarte pacheco pereyra fidalgo da casa del Rey de Portugal meu senhor e irmão/ e com sua armada e gente soffreo ho dito Duarte pacheco muy grandes afrontas e perigos em muytos combates e pelejas que ouue com elrey de Calicut em passos e vaos de Cochim que lhe elz defendeo porque não entrasse em minba terra: e sete vezes foy cercado e combatido por elrey d Calicut e pessoa e por esses reys e senhores que coelecrão/ por terra e por os rios cõ grãdes frotas de nauios de remo: em os quaes combates e pelejas ou

as vezes ho vierão combater com oyto castelos de madeira armados nagoa sobre dous nauios rasos: cada castelo cõ bombardas grossas e muytos archeiros e espingardeyros/ cõ toda outrã frota de nauios deremo com muyta gẽte e artelbaria em hũs passos que ele por mim tinha no rio de Cochim: e ho dito Duarte pacheco cõ os seus ho desbaraton, e lhe ferio e matou muyta gente: e ouue dele a victoria em todos os combates e pelejas que coeleouue, e cõ seus capitães e gente/ e tres mezes e meo esteue em guerra com elrey de Calicut nos passos de Cambalão/ e Barraul/ e Malurte soffrendo muy grandes afrontas fauorecendo meu partido: ajudando me a foster minba terra com mais risco de se perder a iuyzo d todos/ que de me poder socorrer nem saluarle assi mesino / e por vontade e ajuda dos deoses fez ho dito Duarte pacheco tanto dãno a elrey de Calicut nesta guerra que ho não pode soffrer e lhe conueo aleuantarse com seu arrayal e irse cõ esses reys e senhores que ho ajudauão que estauão ja muy desbaratados e mingoados de credito, e tnhão perdidamuyta gente assi morta como ferida/ em a qual guerra me ho dito Duarte pacheco tem feytos muy grandes e assinados seruiços: e no começo dela ele me prometeo de ir receber elrey de Calicut ao caminho no passo d Cambalão: e assi ho fez poendose em risco de se perder. E coisso e com as cousas que fez, he seguron minba terra, as quizes coufas Duarte pacheco fez cõ sua gẽte

e alguma pouca minba de que lhe ti-
nha dado carregos / e muytas delas
fezem minba presença, que eu man-
dey todas escrever por pessoas au-
tenticas / porque forão muy gran-
des segundo sua pouca força e ho
grande poder del rey de Calicut: e
a juyzo d todos os Malabares ma-
is parecção suas cousas serẽ feytas
por mão e fauor dos deoses / q por
rezão nem força humano: e porq eu
fuy muy bem socorrido e ajudado
por ho dito Duarte pacheco e sua
gente / e me tem feytos muy gran-
des e assinados seruiços nesta guer-
ra / e defedeo a el rey de Calicut os
passos / e vaos e entradas de Co-
chim / e me ajudou a defender mi-
nha terra que estava em condiçãõ de
perder se ele não fora / o q lhe não
posso negar que forão seus feytos
muy notorios e geraes em toda a
India, nêl he posso pagar seus grã-
des seruiços como eles merecẽ não
querendo ele de mim tomar nada.
Eu Yterama maratinquel vnirra-
marcoul trinumpati rey de Cochi
de meu proprio moto e liure vonta-
de, e poder absoluto: por memoria e
final de seus feytos, e das afrotas
que por mim passou nesta guerra /
e por honrra de sua pessoa, e dos q
dele decenderem lhe dou ho dom q
soube que os Portugueses tem por
honrra / que ele se possa chamar dõ
Duarte pacheco, e todos os q dele
decenderem: e assilhe dou por insi-
nias e sinais de seus feytos e hõrra
que nisso ganhou hũ escudo verme-
lho por final do muyto sangue que
derramou dos de Calicut nesta
guerra / e dentro nele lhe dou cinco

coroas douras em quina por cinco
reys que nela desbaratou. E a bor-
dadura deste escudo lhe dou branca
com ondas azueis / e nela oytos cas-
telos verdes de madeyra armados
nagoa sobre dous naulos rasos ca-
da castelo / por duas vezes que ho
combaterão cõ estes oytos castelos
e dambas os desbaratou: e dou lhe
sete bandeiras de põta ao derredor
deste escudo / tres vermelhas e du-
as brancas / e duas azueis por sete
combates que lhe el rey de Calicut
deu por sua pessoa, e em todos sete
ho desbaratou / e por sete badeiras
que lhe tomou / das mesmas cores
e feyção que abaixo irão: e dou lhe
hũ elmo de prata aberto goarneci-
do douro e ho paquife douro e ver-
melho / e por timbre hũ castelo do
mesmo teor com hũa bandeira ver-
melha de ponta nele: as quais insi-
nias e armas ele podera trazer mes-
turadas com as armas d sua linha-
gem, ou sem elas / ou como ele qui-
ser cõ a dita bordadura ou sem ela,
como lhe melhor parecer que eu de
meu proprio moto e liure vontade,
e poder absoluto lhe dou como di-
to tenbo cõ ho dom a ele e a todos
os q dele decenderem por muy grã-
des e assinados seruiços que me tẽ
feytos como acima he declarado: e
pera sua goarda e minba lembrança
lhe mandey ser feyta esta carta
por mi assinada. Chericanda escri-
uão de sua fazêda a fez em Cochim,
e foy terladada por mi Alvaro vaz
escriuão da dita feytozia de Cochi
e assinada por el rey de Cochi. Fe-
ta e Cochi aos dous dias do mes
d agosto de mil e ccccclij. años.

Capit. lxxix. De como ho capitão mór Duarte Pacheco foy socorrer ao feytor de Coulaõ.



Sabido Duarte pacheco a necessidade que auia dir socorrer ao feytor de Coulaõ esperou ate q ho tempo não fosse tão verde como era: e pera ir mais seguro foy na sua nao e deixou as carauelas em Cochim pera q goardassem bo porto de Cochim, e deixou por capitão mór Pero rafael, e quis nõsso senhor que afastado de terra achou bo mar brado e chegou sem perigo a Coulaõ: e com sua chegada ficarã os mouros muyto tristes por terem algũs lançadas ao mar cinco naos que carregauão cõ grande pressa porque se partissem antes que ho capitão mór chegasse, q bem lhes parecia que auia de ir na entrada do verão, mas não tão cedo porq repousaria da guerra passada: e muitos se forão logo com medo. Os da cidade decercarão logo os nossos, e todos amigos forã receber ho capitão mór ao mar: e leuarã lhe muyto refresco, assi os da cidade como os mouros: que ele cecebeo muyto bẽ dissimulando o que tinbão feyto por não aluozocar a terra. E disse lhes que era ali vindo pera fazer tudo o que lhe comprisse e goardar a amizade e paz que estaua assentada antreles: e el Rey de Portugal seu senhor. E porque bũa das condições do cõtrato da amizade fora que se não leuasse pera fora nhũa especiaria ate q ho nõsso feytor não

comprasse a de que teuelle necessidade de pa carregação das nossas naos, que ele não aua de consentir que esta cõdição se quebrasse por ser muyto principal atre todas as outras: e por isto nã auia nhũa nao de sayr do porto sem as mandar buscar pũ meyo se leuauão especiaria. E que os mouros sofrerão muyto contra sua võtade, por em consentirão polo medo que lhe auião: e por ele mostrar aos mouros que tinha cõprimeto coeles mandou rogar aos senhores das naos que estauã no porto que não comprassem nhũa especiaria se nã pera comer: e lhe dessem a que tinhão carregada: porque de toda tinha necessidade pera as nossas naos que esperaua q erão muitas. E isto das naos serem muitas lhes dizia pera lhes quebrar os espiritos: e mandou lhes q logo descarregassem a especiaria e a entregassem ao nõsso feytor. E que os mouros ouuerão por muyto graue couisa e não ho querião fazer e por isto se detinhão: o que ele vendo: e temendo que a tardança era pera se fazerẽ fortes: mandou logo atraueessar a sua nao diante das proas das cinco q estauão começadas de carregar e mandou fazer prestes os seus pera pelejarem: mãdando aos senhores das naos que logo descarregassem a especiaria. E porq na praya andaua muita gente e setemeo que fosse socorrer as naos: mandou lá bo seu batel bem artilhado que ho defendesse e nele ya Ruy daraujo: assi pera isto: como pera êtrar nas naos e as fazer descarregar: porq ja os senhores delas cõ medo ho consen-

tião. E descarregadas as naos / mã
dou dizer aos regedores da cidade,
porque parecesse que tinha coeles
complimento que não ouvessem por
mal o que fizera aos mouros / porq̃
mais lhe merecião pola afronta em
que poseraõ os nossos que estauão
na feytoria: e que se ausassem que
não deixassem sayr do porto nũa
nao sem lho primeyro fazerẽ saber
pera as mandar buscar / se não que
soubessem certo que as mãdaria to
mar pera el rey seu senhor, o que lhe
eles prometerão. E com tudo ele es
teue aquella noyte em vigia sobre as
naos / e com bo seu batel ao longo
da praya, pera que nũa gente da
terra fosse às naos: e assi esteue al
gũs dias que bo tempo não deu lu
gar pera sair ao mar, e com sua licen
ça sayrão do porto tres naos dos
mouros bũa, e bũa, e coesta diligẽ
cia ouue muyta especiaria: e també
porque os mouros de Calicut co
mo bo virão no porto fugirão com
medo. E sendo bo tempo brando ja
na entrada de Setembro / sayose pe
ra fora da barra a vigiar q̃ não pas
lasse nũa nao com especiaria / e to
mou algũas que mandou descarre
gar: o que os mouros, e assi os da ci
dade auião por muyto grãde fugel
ção. E entendendo ele isto / porque
não se posessem coele em algũ estre
mo com que faria pouco proueito
na fazenda del rey seu senhor: deu li
cença aos mouros e aos regedores
da cidade que pera Chozamandel le
uassecada nao certos fardos de pi
menta e mais não. Do que eles fo
rão muy contentes, e lho agar dece
rão muyto. E auẽdo ainda os mou

ros si o pòz opressam, quixerão por
manha deitalo dali / deitando fama
que estauão em Coulão homens de
bũa nao de Calicut muyto rica que
ficaua em bũa pequena ilha ao mar
de Coulão porque indo em sua bus
ca carregassem e se fossem. E querẽ
do ele ir buscala foy ausado do ar
dil dos mouros / e por os acolher
na empresa mostrando que ya bus
car a nao / foyse a Caicoulão que be
perto: e tornãdo achou na costa du
as naos de mouros que se partião
carregadas e tomouas. E vẽdo os
mouros que lhe não aproueitara a
quele ardil buscarão outro, que fize
rão hũ patamar dissimulado q̃ ya
de Calicut: e dizia atre outras cou
sas que se armauão em Calicut vin
te naos pera irem sobrele: e isto se
teue por tão certo que crendobo ho
feytoz lhe mandou recado, e també
algũs mouros seus amigos que bo
forão ver lho affirmarão por muy
to certo. E ele lhes respondeo que
viesses com suas naos quando quĩ
sessem que ali ho auião dachar on
de esperaua d as desbaratar. E dali
por diante ho mais do tempo anda
ua delargo e de dia surgia, e de noy
te andaua á vela, bũa volta ao mar
outra a terra por lhe não escapar ne
nũa nao como não escapaua. E an
dando assi bũa madrugada tomou
hũ barco que saya de Coulão pera
ir a bũa nao que ele deixara ir e no
barco tomou algũs mouros de Ca
licut, e conbecendo que erão de lá:
porque lhe pareceo que poderiã ser
culpados na morte daquelle homẽ
nosso da feytoria que fora morto às
cutiladas mandaua que os enfor

cassem: o q se ouuera de fazer se lhe os regedores da cidade não manda-
rão pedir que sobresteuesse ate lhe
fazerem certo como os mouros nã
erão de Calicut se não naturais de
Coulão: e assi ho prouarão, e por is-
to escaparã. E despois disto tomou
duas naos e roubou as, e assi como
vigiaua e Coulão assi ho fazia. Pe-
ro rafaél em Cochim, e por isso ou-
ne aquele anno a mais fermosa car-
rega pera as nossas naos, que nũca
despois ouue: o que se fez cõ muyto
trabalho e perigo / assi do capitão
mór como dos seus.

Capit. xc. De como Lopo soarez
partio pera a India por capitão
mór da armada que foy no anno
de mil e quinhētos e q̃tro.



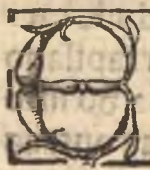
Este anno de mil e
quinhētos e quatro
sabēdo el rey d̃ Por-
tugal como el rey de
Calicut ficaua de
guerra com os nos-
sos, mādou em seu fauor hũa arma-
da de doze naos grossas / e deu a ca-
pitania mór delas a hũ fidalgo cha-
mado Lopo soarez, que em tempo
del rey dom João ho segundo fora
capitão na Abina. E os capitães de
sta armada forão Pero d̃ mēdoça,
Aloncel courinho / Tristão da silua /
Lopo mendez de vasconcelos Lopo
dabreu / Felipe de crasto, Alonso
lopez da costa, Pedrafõso dagniar
Alasco da silueira, Alasco carualho,
Pero d̃nins d̃ Setunel todos fidal-
gos e caualeyros / e que forão por
capitães naquela viagē da India: e

todos leuamão consigo boa gēte de
peleja e bẽ armada. E despachado
separtio de Lisboa a vinte dous di-
as d̃abril do mesmo anno: e conti-
nuando sua viagem aos dous dias
de Mayo foy na parajem do cabo
verde: e fazendo aqui ajuntar os ca-
pitães, mestres e pilotos da arma-
dalhes fez hũa fala, trazēdolhes aa
memoria quão tarde partirão de
Portugal: e por isso tinhão neces-
sidade de terem grande diligēcia e
não fazerem os desmanchos que se
ate li fizerão / e todos por mao reca-
do / assi como foy dar hũa nao pola
capitalna / e outras duas por ou-
tras: no que se correra grãde perigo
e assi não seguirem algũs de noyte
ho seu forol / e hũs yão diante ou-
tros ficauão atras: e algũs a bal-
rauento por onde se poderião per-
der hũs dos outros: e por atalhar
a isso, e pera bõ regimento da arma-
da fez hũa postura escrita pelo seu
escriuão, e assina da por ele e por os
outros capitães q̃ todas as naos se
guissem de noyte seu forol / ficando
de tras da sua nao: e q̃ em nã hũa nao
ouuesse de noyte outro fogo se não
a candeia da bitacora / e dētro na ca-
mara do capitão, e q̃ vigiassem os
mestres e os pilotos, e teuesse grã-
de tento que hũa nao não desse por
outra, e que lhe respondessem quã-
do fizesse final, e que ho saluassem
de dia / e não passassem diante dele
de noyte, e quem fizesse ho contrai-
ropagasse dez cruzados e fosse pre-
so ate a India sem vencer soldo. E
por q̃ algũs mestres e pilotos erã ne-
grigētes e por sua culpa dauã hũas
naos pelas outras mandou os mu-

dar das em que yão opera ontras. E coesta diligência que fez foy dali por diante a armada em boa ordem e não se fez nũ mao recado. E indo assi no mes de Junho que se fazião na volta do cabo de boa Esperança sobreuolhe hum dia hum muy forte temporal de vento com que toda a frota correu dous dias e hũa noyte arnozeseca com muyto grãde perigo de se perderẽ: e era a çarração tamanha que mais parecia noyte que dia. E passados estes dous dias virão sinais de terra que pareceo a todos que serião perto dela: e por essa causa era a çarração tamanha / q̃ depois de verẽ estes sinais foy muyto mayor. E por isso mandou Lopo soarez q̃ a cada relógio tirasse na sua nao duas bõbardadas a que as outras respondessem: por que se não perdessem hũas das outras. E acabada esta tormenta / aebouse menos a nao de Lopo mendez / que vendo Lopo soarez que não parecia seguio seu caminho. E logo a poucos dias deu hũa nao tamanha pancada em outra que a brio tanto pela roda que se via dentro muyto bem, e entroulbe tanta agoa de roldão que se yaa ao fundo. Lopo soarez arribou logo sobrela e chegou tão perto que podião ouvir ho esforço que dava aa gente dizendo que trabalhassem por tomar a agoa sem medo de se perderem: porque ele lhes acodiria como acodio com gente que mandou no seu batel, posto que ho mar andava grosso e corria ho batel risco de se perder. E coisto trabalhou tanto a gente da nao / que quando

anoyteceo acabou de tomar a metade da agoa: e pera se tomar a outra que ficava / mandou Lopo soarez que naquela nao se fizesse bo forol, e os capitães a seguissem pera lhe acodirem se teuesse necessidade. E abonaçando ho tempo ao outro dia a agoa foy tomada de todo com hũs couros que pregarão e blearão. Passado este perigo sem mais lhe acontecer cousa que de contar seja, chegou a Moçambique e dia de Santiago, onde ho reque lhe fez grande recebimento / e lhe mandou muytos mantimentos / e lhe deu a carta de Pero dataide que lhe deixou antes q̃ morresse, como ja disse. E sabendo per ela a guerra del rey de Calicut com os nossos / concertada a nao que tirou a monte se partio pera Belinde ho primeyro de agosto. E chegando ao seu porto el rey ho mandou visitar por Adebucar hũ mouro muyto bonrrado / porquẽ lhe mandou os dezaseys nossos que es caparão da nao de Pero dataide. E passados dous dias partio se caminho da India e chegou a Anjadiva, onde achou Antonio de saldanha e Ruy Lourenço que hi invernarão como disse atras / q̃ quando virão tamanha frota cuydarão que era de rumes.

Capítulo. xcj. Como ho capitão mór Lopo soarez chegou a Cannanor e se vio com el rey.



Stando aqui Lopo soarez veo bi ter Lopo mendez de valconcelos que se perdera de sua conserua

cō tpo, e depois de vindo se partio pera Cananor, onde chegou ho pñ. meyo do desetebro: e ali soube do feytor a guerra delrey d Calicut: e como ele cō os outros nossos q̃ esta uã em Cananor, se virão p̃ muytas vezes e perigo de morte. E ao outro dia depois q̃ chegou foy a terra pa se ver cō elrey de Cananor: e forão coele todos os capitães da frota e seus batéis vestidos d festa cō os q̃ os acompanhauão / e os bateis em bandeirados e artilhados. Ho de Lopo soarez ya toldado e alcatifado / e ele assentado em hũa cadeira despalcas de veludo carmesim com almofadas do mesmo aos pés: leuaua hũ gibão de cetim decores feyto em enxadrez / e hũas calças desta maneyra, hũs çapatos d veludo negro com muytas pōtas douro miudas / e hum barrete cō outras grossas: hũa roupa francesa de veludo negro apertada com hũ cinto de fio douro / com hũ punhal e bracamarte douro / e hũ collar de tres voltas feyto dalcátruzes esmaltados, e nele hũ apito douro esmaltado. Leuaua dous pajes vestidos como ele / e seys trombetas com bandeiras de seda / leuaua hũs orgãos que lhe yão tangendo em hum esquite junto do seu batel / e nele hum presente pera el rey de Cananor q̃ lhe mandaua el rey de Portugal. Seys colchões d olanda / dous Trauesseiros enfronhados com suas almofadas, tudo laurado douro: dous cubertores de veludo carmesim / e ho decima quartapísado de tres tiras de bozcado: a do meo de largura dũ palmo / e as outras

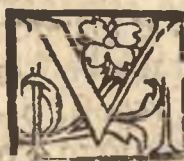
d tres dedos: hũ leyto dourado cō cortinas de cetim carmesim com a forcadura de fio douro. E quando Lopo soarez se desamarrou das naos desparou toda a artelbaria e depois tocarão as trombetas e atabales, e em acabãdo começarão os orgãos que forão tangendo ate chegarem a terra onde auia grande multidão de mouros e de gentios que sayão a ver Lopo soarez que desembarcado se meteo em hũ çarame q̃ pera isso estava feyto junto do mar: e nele foy armado bo leyto e feyta a cama, e junto coele hũ estrado em q̃ se ho capitão mór assentou. El rey de Cananor quando veio leuaua diante tres alifantes armados como pera pelejarem, e detras hũ esquadrã de tres mil haïres despadas / e escudos, e lanças: e outro de dous mil frecheiros. E detras destes ya el rey em hũ andor muyto rico. E chegando ao çarame desparou toda a nossa artelbaria. Lopo soarez recebeu el rey a porta do çarame: e depois dese abraçarem / lhe apresentou a cama: em que se el rey logo lançou / e ele se assentou no estrado, e all esteuerão falando por espaço de duas horas. E neste tempo hũ seu lebré quisera filhar hũ dos alifâtes: e porq̃ ho tinhão preso daua saltos e huyuos q̃ não auia quẽ se ouuisse, nẽ quẽ ho teuesse: o q̃ foy causa de se el rey e Lopo soarez deterẽ menos do q̃ se ouuerão de deter. Depois desta vista cō el rey chegou hũ mouro de Calicut cō quẽ vinha hũ moço Portugues que leuaua a Lopo soarez hũa carta dos nossos q̃ ficarão catiuos do tẽpo de Pedralua

rez/em que dizião que el rey de Calicut ficara tão quebrado da guerra que tenera com Duarte pacheco q se metera no turcol d'auozrecido do mundo: e que muytos mouros desesperados de terem trato em Calicut se forã mozar a outras partes: e por isso auia em Calicut grande fome. Pelo que el rey de Calicut e ho príncipe e seus regedores/ e assi todos os moradores d Calicut desejauão de ter paz cõ os nossos. E determinando ja de a mãdar pedir, derão licença aos nossos q estauão catiuos que lhe escreuessem aquella carta que lhe escriuião: assi pera lha rem, como pera lhe pedir que os tirasse de cativeiro. E ele vista esta carta/ quizer responder a ela pelo mouro e que ficara ho moço: mas ele não quis/ dizêdo que de necessidade auia de tornar cõ ho mouro: por que lhe derão licença pera levar a carta com condição q nã tornando que cortassem as cabeças aos nossos que ficauão em Calicut/ a que Lopo soarez mandou dizer de palavra/ que quando fosse pera Cochí surgiria ho mais perto que podesse de Calicut/ e que fugissem eles de noyte pera a frota, ou a nado/ ou em almadias: e isto porq soube do mesmo moço que os catiuos andauão sem ferros pela cidade cõ dous haíres q os goardauão/ e de noyte dormião em hũ çarame. E despois disto partio se pera Calicut/ onde chegou hũ sabado sete de Setembro. E como surgio foy a ele ho moço que lhe leuara a carta a Cananoz e foy coele hũ mouro criado de Cojebequim que lhe leuou hum presen

te dos regedores de Calicut. De cuja parte lhe disse/ que se quisesse dar seguro a Cojebequim que iria falar coele sobre ho concerto de paz. A que ele respõdeo que não auia de tomar ho presente, nẽ outra coisa algũa ate a paz não ser feyta/ e quanto a Cojebequim que lhe poderia ir falar seguramente como seruidor del Rey de Portugal. E mandou dizer aos nossos que trabalhassem por fugir. Sabida esta resposta pelos regedores, mandarão logo Cojebequim q leuasse a Lopo soarez dous dos nossos que estauão catiuos, crendo que coisso ho prouocaria a fazer paz/ pedindolhe que esperasse quatro dias que el rey poderia tardar/ porque ja erão a chamarlo/ e que sabião que faria quanto ele quisesse. E ele respondeo/ que não auia d fazer coisa algũa ate lhe primeyro não entregarem os dous Italianos que se lançarão em Calicut: e que lendo lhe entregues faria o que fosse bem. E não lhe mandou nhũ recado sobre os catiuos/ porque tinha pera si que poderiam fugir: mas não poderão, porque sabendo os Italianos como Lopo soarez os pedia/ conselharão aos regedores q teuessem grande guarda sobre os catiuos: porque polos auer faria ele a paz com as condições que el rey quisesse, porque erão muyto estimados antre os nossos: e que os não auia de deixar por nhũ preço. E crendo os regedores isto/ esfriarão de falar mais na paz, e serão os catiuos em tal recado que não poderão fugir. E ficarão assi ate ho tẽpo do visorey dõ Frâncisco

dalmeida que fugirão algũs: e os outros morrerão de doença.

Capit. xcii. Da destruição que bo capitão mór Lopo soarez fez em Calicut: e de como chegou a Cochim.



Mendo Lopo soarez q̃ os regedores não tomamão nũa concussam coele: e desesperado de auer os catiuos / quis se vingar em esbombardear a cidade hũ dia e meo / em que fez nela muyto grande destruição, que derribou bo çaramedelrey e parte dũa miez quita e outras muytas casas, e matou muyta gẽte q̃ acodio á praya: de q̃ ele estaua perto com sete naos das mais pequenas da frota / e pegados com terra todos os bateis artilhados. Feyto isto partio se pera Cochim, onde chegou hũ sabado quatorze de Setembro: e este dia esteu no mar / e foy visitado dos nolfos. E ao outro dia desembarcou na nossa fortaleza da mesma maneira que desembarcou em Cananoz. Elrey de Cochim bo estaua esperãdo á porta da fortaleza: e dali bo recebeu com grande festa. E depois de se abraçarem se tomarão pelas mãos / e se forão a hũa sala: em que estaua feyto hũ estrado real cõ hũa cadeira de spaldas. E porque elrey se assentou no estrado segundo seu costume / q̃ he assentar se no chão: mādou Lopo soarez afastar a cadeira pera fora do estrado: e assentou se nela: o que lhe foy tachado per to

dos, e differão que se ouuera dassen tar no estrado com elrey: a quem ele deu hũa carta delrey de Portugal de muytos agardeçimẽtos do que fizera por amor de seus vassallos: ofrecendose lhe muyto por essa causa: e elrey disse que de tudo era pago: no que Duarte pacheco fizera por ele. E ao outro dia lhe mandou Lopo soarez hũa boa soma de dinheiros que lhe elrey de Portugal mandaua / porque sabia que estaua pobre. E depois disto mādou a Pero demendoça, e a Gasco carualho q̃ fossem darmada as suas naos a goardar aquella costa ate a de Calicut pera que tomassem as naos dos mouros que saysem com a especiaria. E assi mandou Afonso lopez da costa, Pedro afonso daguiar, Lionel continbo / e Ruy dabreu q̃ fossem carregar a Couilão por saber que antia la especiaria em auondança. E mādou a Tristão da silua q̃ fosse a Cranganor por dentro dos rios cõ quatro bateis armados pera pelejar cõ algũs paraõs de Calicut que andauão darmada: e Tristão da silua esbombardeou algũs: e assi algũs Alares que lhe sayzão em algũas pontas: e sem chegar a Cranganor tomou hũ zainbuco de Calicut carregado de pimenta com que se tornou a Cochim, onde carregou com os outros capitães que carregarão muy pacificamente: e foy a especiaria tanta que sobejou muyta.

Capit. xciii. De como Duarte pacheco se partio de Couilão pera Cochim.



Duarte pacheco queãda-
ua na costa de Coulaõ co-
mo la vio os capitães / z
q̃ era chgado capitão
mór: por q̃ não tinha mais q̃ fazer /
partio se pera Cochim a vite dous
Doutubro: z indopoz seu caminho
ouue vista de hũa nao muyto ala-
mar, a que deu caça todo aquele dia
z parte da noyte, que selhe acolheo
a Coulaõ, onde auêdo fala dela sou-
be que era de nossos amigos / z que
vinha de Choramandel / z q̃ detras
vinhão tres naos de Calicut: pelo
que foy logo em sua busca / z perlõ-
gou aquela noyte a costa cõ bo ter-
renho. E em amanhecendo que ya
na volta do mar ouue vista de hũa
vela que lhe fugio tanto q̃ a não po-
de alcançar se não tarde perto da co-
sta, onde pelejou coela hũ pedaço /
porque trazia muyta gẽte z defen-
dia se: z por derradeyro amainou /
não se atreuen do a defender. Rendi-
da a nao, que os nossos a entrarão,
mandou Duarte pacheco alijar de-
la algũa da gente em terra: z a ou-
tra mandou meter na sua nao presa
em ferros. E sabendo que esta nao
era hũa das tres de Calicut que ele
ya buscar / metêdo nela dos nossos
que a goardassem a leuou consigo, z
as outras duas. E sendo tanto auã-
te como Comorim, deu lhe hũa to-
uoadã com que se ouuera de perder:
z passada dela surgio na costa hũa
legoa de terra z ali esteue aq̃la noy-
te em quelhe fugirão anado trinta
monros / de que tomarão doze com
bo batel: z despois viſſo andou do-
ze dias as voltas esperando pelas
naos. E vendo que não vinhão, nẽ

achãdo novas delas, leuou a nao q̃
trazia a Coulaõ. E despois de a en-
tregar ao feytoz com toda a fazêda
que era muyta / se foy pera Cochim.

Capit. xciiij. De como ho capi-
tão mór Lopo soarez pelejou em
Cranganor com hũa armada de
Calicut.



Acabadas de carregar
as naos que carregauã
em Cochim: z chegadas
as que carregarão fora,
pos Lopo soarez em conselho se da-
ria em Cranganor por quanto era
da parte del rey de Calicut, que ja
estaua em Calicut fora do turcol: z
estaua ho seu capitão mór do mar
com oytêta paraós / z cinco naos:
z em terra Nambeadarim com boa
soma de gente. E auia noua q̃ como
se Lopo soarez partisse pera Por-
tugal que auia el rey de Calicut de
tornar a prosseguir a guerra. E acor-
dado per todos os capitães q̃ des-
sem em Cranganor, partio de Co-
chim hũa noyte com quinze bateis
z vinte cinco paraós de Cochim to-
dos artilhados / z apadessados: z
hũa carauela em que irião passante
de mil dos nossos, z mil flaires: z
ante manhaã chegou a Maliporto
q̃ não pode mais andar por os bai-
xos do rio: z os bateis erã pesados
por amor das padessadas z artelha-
ria. E ali foy ter coele ho príncipe
com oytocentos flaires, z hũs per
terra, z outros p̃ mar partirão pa-
Cranganor. Odestaua ho capitã mór
do mar d Calicut d duas naos no-
uas: z tinha as ecadeadas z artilha

das e bastecidas de muyta gēte de guerra/os mais deles frecheiros: e detras destas naos, e das libargas estauão os paraós tambem cō muyta gente: e tinba consigo dous filhos valentes homēes. Chegada a nossa frota começou o lugar a artelhar a dūa parte e doutra: e Tristão da silua/ Afonso da costa, Vasco carualho/ Pedrafôso da guiar, e Antonio de faldanha que yão na dianteira abalroarão com as duas naos sobre o que pelejarão hū pouco. Entradas as naos forão despejadas/ morrendo primeyro ho seu capitão mōr / e seus dous filhos q̃ pelejarão muyto valentemēte/ e outros muytos: porque aqui foy toda a força da peleja/ q̃ nos paraós e quem os outros capitães cometerão ouue pouco que fazer, que logo que virão as naos entradas se desbaratarão. Desbaratados os inimigos do mar / mandou Lopo soarez que desembarcassem os nossos: e desembarcarão primeyro os cinco capitães que digo q̃ leuauão a dianteira / a que Hambeadarim quis resistir com algūs Maitres que tinba com quē os nossos pelejarão com tanto esforço que os fizeram fugir indo a pos eles / e poserão fogo a algūs casas/ que todo ho lugar estaua despejado dos mouros / e dos gentios/ que bem souberão como yão sobre eles. E tambem Hambeadarim e sua gente assi como fugirão da praya vazarão logo fora. Duarte pacheco/ e o feytor Diogo fernãdez correa desembarcarão por outro cabo cō os outros capitães/ e começarão de queimar. E Lopo

soarez ficaua na praya tendo a gēte que se não desmandasse. Os Christãos da cidade que estauão escondidos pelas casas como virã que lbe punhão ho fogo sayrão donde estauão bradando aos nossos q̃ os não matassem/ que erão Christãos. E algūs se forão logo a Lopo soarez a pedir lbe por amor de nosso senhor que mandasse cessar ho fogo por se não queimarem algūs igrejas de nossa senhora, e dos apostolos que auia na cidade: e as casas tambem que estauão de mestura com as dos gētios/ e dos mouros. E por seu rogo mādou ele que fizessem cessar ho fogo. E assi se fez / mas com tudo erã ia queimadas muytas casas/ que por serem feytas de madeira arderão logo. E apagado ho fogo forão roubadas as casas dos mouros que forão muytas e despois queimadas, e assi cinco naos e os paraós. E Lopo soarez quiserá tr pelejar com Hambeadarim que estaua hiperto/ e indo ele lbe fugio e por isso se tornou: e feytos algūs cauleyros se foy pera a nossa fortaleza/ onde el rey de Cochim ho foy visitar.

Capit. xciiiij. De como el rey de Tanor pedio paz ao capitão mōr Lopo soarez.



Dahi a dous ou tres dias chegou hū embaixador del rey de Tanor rey do Malabar e vezinho delrey de Calicut / que lbe disse da sua parte que seria vassalo

del Rey de Portugal selbe desse a-
juda contra el rey de Calicut q̄ lhe
fazia guerra: e que lha deua de dar
por que sabendo ele que el rey de Ca-
licut ya em socorro de Cranganor
se posera em cilada com quatro mil
haires, e lhe matara dous mil, e ho
desbaratará: pelo que el rey de Cali-
cut não podera socorrer a Cranga-
nor. E logo Lopo soarez o recebeu
por vassallo del rey de Portugal: e
mandou Pero rafael em sua ajuda
que foy na sua carauela cō cẽ Por-
tugueses/que pelejarão tambem q̄
desbaratarão el rey de Calicut/ e
lhe matarão muyta gente: do que fi-
cou mais abatido que com as vito-
rias de Duarte pacheco por ser cō
seu vezinbo/ q̄ foy causa de lhe os
outros perderem bo medo/ e se le-
uantarem contrelle / e por isso os
mouros de Calicut e de Cranganor
desconfiarão de poderem tratar pe-
ra Beca q̄ muytos determinarão
de se tornar pera suas terras/ pera
o q̄ carregarão de zafetenaos gros-
sas em Pandarane.

Capi. xcv. De como bo capitão
mór Lopo soarez pelejou com os
mouros em Pandarane.



Degado bo tẽpo de
Lopo soarez se par-
tir pa Portugal dei-
xou pera segurança
de Cochĩ hũa arma-
da de duas carauelas
e hũa nao, de que ficou por capitão
mór hũ fidalgo que auia nome Ma-
nuel telez de vascõcelos, e por seus
capitães Pero rafael/ e Diogo pi-

rez. E deficar este Manuel telez e
não Duarte pacheco pereyra, pe-
sou muyto a el rey de Cochĩ/ e se
não conhecera Lopo soarez por tão
seco de condição sempre lhe pediria
que ficara Duarte pacheco por ca-
pitão mór/ e rogo ulhe a ele que lho
rogasse: do que Duarte pacheco se
escusou. E conbendo el rey a causa
por que bo fazia, não quis apertar
coele que bo fizesse: e não tẽdo nada
que lhe dar offreceolhe grande so-
ma de pimenta que lhe ele não quis
tomar por que sabia a necessidade q̄
tinha dela: e deixando grãde soada
de em el rey de Cochĩ e em todos
os seus se foy embarcar, e partiose
com Lopo soarez que por roim pi-
lotagem escolreo bo porto de Pa-
nane que quísera tomar pera se ver
com el rey de Lano. E dali por diã
te mādou a Pero rafael e a Diogo
pirez que fossem diante da frota vi-
giando bo mar: e sendo eles tanto
auante como Pandarane ao longo
de terra/ sayzãlhe do porto dez pa-
raos de mouros da cõpanhia das
dezafetenaos que disse: e de cuyda-
rem que Lopo soarez nã ousaria de
pelejar coeles por irẽ as suas naos
carregadas, lhe começará de tirar
com a artelbaria dãdo grandes grĩ-
tas. Lopo soarez e os outros capi-
tães q̄ yão alamar ouuindo as bõ-
bardadas arribarão a terra/ e che-
garão tão perto que virão as dezase-
te naos que carregauão. E sabẽdo
Lopo soarez que erão de mouros,
assentou em conselho de pelejar coe-
las nas carauelas e nos bateis da
armada que erão quinze: porque as
naos por irem carregadas não po-

poderião chegar a terra onde as outras estauão: e mais q̃ em chegãdo a elas as aferrassem: e porq̃ os mouros erã muytos e os poderião tratar mal em os aferrãdo possessem logo fogo. Embarcados todos forão contra as naos que estauão de dentro dũ arrecife pegadas bũas com as outras e as popas e terra, e os lemes atrauessados nas proas e tĩnhão boa soma d'artelharia / e muyta gente a mais dela branca / e estes frecheiros: e na boca do arrecife estaua bũa estancia com dous tiros pera defender a entrada. E querendo Lopo soarez entrar no arrecife, vio que a dauão as carauelas largas de terra por não auer ṽeto e os bateis yão a remos, pelo q̃ tornou pera as rebocar com ho batel em q̃ ya. E os outros capitães posto que ho virão não quizerão tornar e passarão auante fazendo apertar ho remo: porq̃ os pelouros chouião da parte dos mouros e as frechas erã sem conto. E como os bateis erão rasos, e as naos altas ficauão os Portugueses em descuberto e recebião muyto dãno. E com tudo rōperão per antre toda aquella multidão de tiros: e entrando no arrecife bradando por Santiago forão aferrar as naos: e ho primeyro capitão que aferrou foy Tristão da silua. E como a gente da nao era muyta de rãlbe tantas frechadas / pedradas e zagunchadas que ho fizeram desferrar, e foy aferrar com outra em que por não auer tanta gẽte entrou logo cō os seus a pesar dos mouros que lho quizerão defender, de q̃ forão mortos algũs e os outros lan-

çarãse ao mar. E Tristão da silua aferrando coesta aferrou Afonso lopez da costa com outra que parecia a capitaina / de que era capitão hũ turco / e assi os que estauão coele q̃ erão muytos. E ao aferrar foy a pedrada / e lançada tanta que era coula despanto: e foy acerto que antes dos nossos chegarẽ a ela tirarãlbe os inimigos com bũ tiro do cões, e com a força do couce que deu defez hũ pedaço da amurada da nao: e abriose hũ grande portal, em que os inimigos não atentarão por acodirem á proa da nao. E ficando ho nosso batel ao longo dela daquella parte donde estaua ho portal, entrarão os nossos por ele. E os primeyros que entrarão forão ho mestre D'afonso lopez / e hũ Aluaro lopez criado del Rey, que agora he escrivão da camara de Santarem / e assi outros de que não pude saber os nomes: que todos juntos com outros que despois entrarão pelejarão cō os inimigos: e matando muytos fizeram meter hũs debaixo de cuberta / e outros saltar na agoa: de que se afogarão a mōz parte / por que leuauão sayas de malba. Juntamẽte com estes capitães aferrou Pedrafonso daguiar cō outra nao de bũabãda, e Lionel coutinho da outra: e assi Duarte pacheco / Vasco carualho, Antonio de saldanha, e Ruy lourenço, e todos ho fizeram muy esforçadamente. E assi como tomauão a nao / assi lhe punhão logo ho fogo que se ateou nelas com muyta furia. E que fez grande espãto nos inimigos / e desmayarão de maneyra que os mais se lançarão ao mar.

E andando msto chegou Lopo soa-
rez com as carauelas: e entrado no
arrecife, q as deixou da toa bñ dos
tiros de terra deu logo com bñ pe-
louro pola carauela de Pero rafael
e matou lbe tres homens, e ferio lbe
dez. E por falta do vento a leuou a
agoa que enchia: e deu coela na gor-
ja de bñ naodas que estauão por
aferrar/que tinha muyta gente. E
como a nao era mais alta que ela, e
a tinha debaixo da proa, em que os
inimigos carregarão/tratauão muy-
to malos nossos. E outra bombar-
dada matou ho mestre a Diogo pi-
rez que ya governando a carauela:
e deixando de governar antes que
lbe acodissem ao leme foy dar sobre
bñs penedos, em q foy ate a bata-
lha ser acabada. E vedo Lopo soa-
rez ho perigo em q Pero rafael estaua,
mãdou q lbe acodissem: e assi ho fi-
zerão entrado na carauela que esta-
ua chea de mouros: e os nossos ho
fizerão tambeem que os fizerão des-
pejar: por em os da carauela ficarão
todos feridos. E entretão todas
as naos dos inimigos forão quei-
madas, e aquela por derradeyro e
que ardeo muyta fazeda que estaua
ja carregada. E porque em terra a-
uia muyta gente q se ajuntava quã-
to podia e dos nossos estauão muy-
tos feridos/ sayose Lopo soarez cõ
os seus capitães e foyse ás naos:
onde achou que forão dos nossos
mortos vinte cinco/ e feridos ceto
e vinte sete: por e a vitoria foy muy-
to grande, porque a fora arderẽ as
naos com muyta riqueza q tinbão.
foubese por mouros de Cananoz q
forão mortos naquela peleja duas

mil almas. E coeste destroço ficou
el rey de Calicut tão destroçado/ q
dahi a bõs dias se não pode restau-
rar/ porque perdeu ali muyto, e os
mouros se forão todos de Calicut:
pelo que aua tamanha fome que se
despouoaua a cidade.

Capt. xcvi. De como ho capitão
mór Lopo soarez chegou a Lis-
boa/ e da muyto grande honrra
que el rey dom Manuel fez a Du-
arte pacheco.



O outro dia que foy
oprimeyro de Janey-
ro se partio Lopo soa-
rez pera Cananoz pe-
ra se abarrotarem as
naos: e chegado soube do feytoz q
sua vitoria fora muyto sentida dos
mouros, e ficarão coela tão quebra-
dos que aũa por seguros os nossos
que ficauão na Índia: porque segun-
do a soberba que ate que fora a vi-
toria vira nos mouros de Cananoz
sempre lbe parecera q auião de ho-
matar, e aos que estauão em sua cõ-
panhia: e ho mesmo lbe disse el rey
de Cananoz. E auêdose Lopo soa-
rez de partir, antes de sua partida
fez bñ fala a Manuel telez e aos q
ficauão coele sobre o q auião de fa-
zer: trazendolhes á memoria a Du-
arte pacheco: e não lbe quis deixar
mais armada do que deixou Fran-
cisco dalbuquerque e cẽ homens de
peleja. Por em não ouue na Índia
guerra despois de sua partida/ por
el rey de Calicut ficar como disse. E
partido de Cananoz pera Portu-
gal/ chegou a Belinde ho primey-

ro de feuerreyro, onde sem ele faye em terra Antonio de Saldanha foy aa cidade por muytas e muyricas presas que hi deixara/que fez no cabo de Boardafum quando passou pera a Índia, e daqui foy ter Lopo soarez a Quiloa pera arrecadar as parias do rey dela/ que elenã quis dar. E dali partio a dez de feuerreyro, e sem lbe acontecer cousa que de contar seja chegou a Lisboa a vinte e dous de Junho de mil e quinhentos e ~~cinco~~ cinco annos, com mais duas naos das que leuara quando par. io pera a Índia e todas carregadas de muytas e muy grossas riquezas/ pelo quelbe el rey dō Manuel fez muyta bõrra, e assi a Duarte pacheco sabendo o que fizera na Índia/ com que lbe sostene as feytorias que la tinha/ e bo credito de seu poder. E porque todos souberam sem seruiços tão assinados/ logo a

bũa quinta feyrã despois da chegada do capitão mór mandou fazer bũa solene procissão como em dia de corpo de Deos: em q foy da See atebe mosteiro de sam Domingos, levando cõsigo a Duarte pacheco. E pregou dom Diogo ortiz bispo de Giseu e disse por ordem todas as cousas que Duarte pacheco fez na guerra contra el ey de Licut. E não somente se fez isto em Lisboa, mas no Algarue/ e em todas as cidades e vilas notauels de Portugal: e isto por mādado del Rey e ele creueo todo ao Papaper dō João sutil, bispo que então era de çafim q leuou as cartas, e assi bo creueo a muytos reys da Christdade pera q fossem la sabidas façanhas tão notauels. O que senão acha q nũ rey nestes reynos fizesse por vassallo.

LAUS DEO.

Foy impreso este pri-

MEIRO LIVRO DA HISTORIA DA

India em a muyto nobre & leal cidade de Coim-

bra, por loão da Barreyra impressor del rey

na mesma vniuersidade. Acabouse aos

vinte dias do mes de Iulho. De

M. D. LIII,